

# ROBIN

*Autor de Coma e Vetor*

# COOK



# CEGO



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# ROBIN COOK

## CEGO



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

A cocaína disparou dentro da veia antecubital de Duncan Andrews, em um bolo concentrado, após ter sido impulsionada pelo êmbolo de uma seringa. Alarmes químicos soaram no mesmo instante. Várias células sanguíneas e enzimas do plasma reconheceram as moléculas da cocaína como sendo parte de uma família de compostos chamados alcalóides, que são produzidos por plantas e incluem substâncias ativas no psiquismo como a cafeína, a morfina, a estricnina e a nicotina.

Em uma desesperada, porém vã, tentativa de proteger o corpo contra essa súbita invasão, enzimas do plasma chamadas de colesterases atacaram a cocaína decompondo as moléculas estranhas em fragmentos fisiologicamente inertes. Mas a dose de cocaína foi esmagadora. Em poucos segundos a cocaína corria pelo lado direito do coração, se espalhando pelos pulmões para depois sair para o corpo de Duncan.

Os efeitos farmacológicos da droga começaram quase no mesmo instante. Algumas das moléculas de cocaína caíram nas artérias coronárias e começaram a contraí-las e a reduzir o fluxo de sangue no coração. Ao mesmo tempo, a cocaína começou a se espalhar para fora das artérias coronárias, entrando no fluido extracelular e banhando as fibras do músculo do aplicado coração. O composto estranho começou a interromper ali o movimento dos *bons* de sódio através das membranas das células cardíacas, uma parte crítica da função contráctil do músculo do coração. O resultado foi que começou a diminuir a condutividade e contratilidade cardíacas.

Ao mesmo tempo, as moléculas da cocaína abriram-se em leque por todo o cérebro, tendo chegado à cabeça através das artérias da carótida. Como faca cortando manteiga, a cocaína penetrou a barreira de sangue do cérebro. Uma vez dentro dele, banhou suas indefesas células, coagulando-se em espaços chamados sinapses, através dos quais as células nervosas se comunicam.

Dentro das sinapses, a cocaína começou a manifestar seus efeitos mais perversos. Tornou-se uma imitadora. Por uma tendência irônica de destino químico, uma porção exterior da molécula da

cocaína foi erroneamente reconhecida pelas células nervosas como neurotransmissor, adrenalina, nor-adrenalina ou dopamina. Como chaves mestras, as moléculas de cocaína se introduziram nas bombas moleculares responsáveis pela absorção desses neurotransmissores, fechando-as e levando as bombas a uma súbita paragem.

O resultado era previsível. Como a reabsorção dos neurotransmissores estava bloqueada, foi preservado o efeito estimulante dos neurotransmissores. E a estimulação causou a libertação de mais neurotransmissores em uma espiral ascendente de excitação geral teriam voltado ao repouso e à serenidade, começaram um frenético incêndio.

Pouco a pouco o cérebro transbordou de atividade; em especial, os centros do prazer incrustados fundo, abaixo do córtex cerebral. Ali a dopamina era o principal neurotransmissor. Com uma perversa predileção, a cocaína bloqueou as bombas de dopamina, e subiu muito a concentração de dopamina. Circuitos de células nervosas divinamente ligadas para assegurar a sobrevivência da espécie se enroscaram de excitação e encheram trilhas aferentes, correndo para cima em direção ao córtex com mensagens extasiadas.

Mas os centros do prazer não eram as únicas áreas do cérebro de Duncan a ser afetadas, eram apenas algumas das primeiras. Em pouco tempo, o lado mais obscuro da invasão da cocaína começou a fazer seu efeito. Filogeneticamente mais velhos, centros mais caudais do cérebro que envolvem funções como a coordenação muscular e a regulação da respiração começaram a ser afetados. A área termorreguladora também começou a ser estimulada, assim como a parte do cérebro responsável pela ação do vômito.

Desse modo, tudo não estava bem. Em meio à agitação de impulsos agradáveis, uma sinistra condição estava em formação. Uma nuvem escura se formava no horizonte, vaticinando uma terrível tormenta neurológica. A cocaína estava prestes a revelar sua verdade da morte disfarçada numa aura de prazer falaz.

# PRÓLOGO

A mente de Duncan Andrews corria como um trem descontrolado.

Um momento atrás ele havia estado num estupor grogue, drogado. Sua vertigem e letargia se evaporaram em segundos, como uma gota de água que cai numa panela chiante. Uma golfada de alegria e energia o consumiu, fazendo com que de repente ele se sentasse e tentasse fazer qualquer coisa. Num arrebatamento de nova clareza, ele compreendeu que era infinitamente mais forte e inteligente do que jamais percebera. Mas, no mesmo instante em que começava a saborear essa cascata de pensamentos eufóricos e essa visão iluminada de suas capacidades, começou a se sentir esmagado por intensas ondas de prazer, que podia definir apenas como puro êxtase. Teria gritado de alegria se pelo menos sua boca pudesse formar as palavras adequadas. Mas não conseguia falar. Pensamentos e sentimentos reverberavam em sua mente, num movimento rápido demais para serem vocalizados. Qualquer medo ou dúvida, que sentira alguns minutos atrás, dissolveu-se nesse novo arroubo e deleite.

Mas, como seu torpor, o prazer teve vida curta. O jubiloso sorriso que se formara no rosto de Duncan contorceu-se, transformando-se numa careta de terror e pânico. Uma voz gritou, dizendo que as pessoas que ele temia estavam retornando. Seus olhos percorreram o quarto. Ele não viu ninguém; no entanto, a voz continuava a gritar sua mensagem. Olhou rápido por cima do ombro, em direção à cozinha que estava vazia. Girando a cabeça, olhou corredor abaixo para o quarto de dormir. Não havia ninguém por lá, mas a voz continuava. Agora ela sussurrava um vaticínio mais lúgubre: ele ia morrer.

– Quem é você? – gritou Duncan. Pôs as mãos nas orelhas como que para bloquear o som. – Onde você está? Como entrou aqui?

Mais uma vez seus olhos vasculharam o quarto. A voz não respondeu. Duncan não sabia que ela vinha de dentro de sua

cabeça.

Duncan esforçou-se para ficar de pé. Ficou surpreso ao perceber que estivera no chão da sala de estar. Quando se levantou, o ombro bateu contra a mesa de centro. A seringa que pouco antes estava em seu braço caiu com um estrondo no chão. Duncan olhou fixo para a seringa, com ódio e arrependimento; em seguida, estendeu o braço para pegá-la e esmagá-la entre os dedos.

A mão de Duncan parou pouco antes da seringa. Seus olhos se arregalaram, confusão misturada com um novo medo. Sem nenhum aviso prévio, ele pôde sentir a inconfundível comichão de centenas de insetos se arrastando na pele de seu braço. Duncan esqueceu a seringa e estendeu as mãos com as palmas para cima. Podia sentir os escaravelhos contorcendo-se nos antebraços, mas, não importava com que atenção ele procurasse os insetos, não conseguia vê-los. Sua pele parecia perfeitamente clara. Em seguida, a comichão espalhou-se para as pernas.

– Ahhhhh! – gritou.

Tentou esfregar os braços, achando que os insetos eram pequenos demais para serem vistos, mas a comichão só fez piorar. Com um arrepio de medo profundo, ocorreu-lhe que os organismos tinham de estar debaixo da pele. Tinham invadido seu corpo de alguma forma.

Usando as unhas, Duncan começou a arranhar os braços em frenética tentativa para permitir que os insetos escapassem. Eles o estavam comendo por dentro. Desesperado, ele coçou com mais força, enfiando as unhas na pele até arrancar sangue. A dor foi intensa, mas a comichão dos insetos era pior.

Apesar do terror dos insetos, Duncan parou de se coçar ao tomar consciência de um novo sintoma. Ao levantar a mão ensangüentada, notou que estava tremendo. Baixou o olhar e viu que todo o seu corpo tremia e os tremores estavam piorando. Durante um breve instante pensou em discar 911 para pedir ajuda. Mas, enquanto o pensamento atravessava sua mente, Duncan notou outra coisa. Ele estava quente. Não, estava escaldante.

– Meu Deus! – conseguiu dizer ao perceber que jorrava suor em seu rosto.

Levou a mão trêmula à testa: estava pegando fogo. Tentou desabotoar a camisa, mas as mãos trêmulas não conseguiram. Impaciente e desesperado abriu a camisa, rasgando-a. Botões voaram em todas as direções. Fez o mesmo com as calças, atirando-as no chão. Mas de nada adiantou; vestido apenas de cueca, Duncan sentia um calor sufocante. A seguir, sem nenhum momento de aviso, ele tossiu, engasgou-se e vomitou em uma torrente vigorosa, manchando a parede, abaixo da litografia assinada por Dali.

Duncan foi cambaleando em direção ao banheiro. Por pura força de vontade, enfiou o corpo trêmulo debaixo do chuveiro e abriu a torneira de água fria a toda força. Com a respiração entrecortada, ficou parado debaixo da cascata de água fria.

O alívio de Duncan foi breve. Sem querer, um grito de lamento escapou de seus lábios e sua respiração ficou pesada enquanto uma dor lancinante trespassava o lado esquerdo de seu peito e descia rasgando pelo interior do braço esquerdo. Por intuição, Duncan sabia que estava tendo um ataque cardíaco.

Duncan agarrou o peito com a mão direita. O sangue de seus braços arranhados misturava-se com a água do chuveiro e descia girando no ralo. Meio caindo e meio cambaleando, Duncan projetou-se para fora do banheiro e se dirigiu à porta do apartamento. Não importava que estivesse quase nu, ele precisava de ar. Seu cérebro escaldante estava prestes a explodir. Usando sua reserva final de força, agarrou a maçaneta da porta da frente e abriu-a com um puxão.

– Duncan! – Sara Wetherbee gritou.

Não podia estar mais assustada. Sua mão estava parada a centímetros de distância da porta de Duncan. Estava prestes a bater na porta quando Duncan abriu-a e ficou diante dela. Só estava vestido com a encharcada cueca.

– Meu Deus! – Sara gritou. – O que aconteceu com você?

Duncan não reconheceu a namorada que tinha há dois anos e meio. O que ele precisava era de ar. A dor esmagadora de seu peito se espalhou pelos pulmões. Era como se ele estivesse recebendo



repetidas punhaladas. Lançou-se para a frente às cegas, estendendo a mão para tirar Sara do caminho.

– Duncan! – Sara gritou de novo ao notar a quase nudez dele, os arranhões ensangüentados em seus braços, os olhos frenéticos e dilatados e a careta de dor em seu rosto. Recusando-se a ser empurrada para o lado, Sara agarrou-lhe os ombros e dominou-o: – Qual é o problema? Aonde você vai?

Duncan hesitou. Durante um breve momento, a voz de Sara penetrou sua demência. Duncan abriu a boca, como se estivesse prestes a falar. Mas não saíram palavras. Em vez disso, ele soltou um queixume que terminou num arquejo, enquanto seus tremores se fundiam em solavancos espasmódicos e os olhos desapareciam dentro da cabeça. Em uma inconsciência misericordiosa, Duncan sucumbiu nos braços de Sara.

A princípio Sara lutou em vão para manter Duncan de pé. Mas não conseguiu sustentá-lo, principalmente porque os solavancos de Duncan se tornavam cada vez mais violentos. Com a maior delicadeza possível, Sara deixou que o corpo contorcido de Duncan caísse na soleira, a metade do corpo no hall de entrada. Quase no mesmo momento em que tocou no chão, as costas de Duncan se arquearam e seus solavancos fundiram-se em pontadas rítmicas de um ataque de epilepsia.

– Socorro! – gritou Sara, olhando de um lado a outro do hall de entrada.

Ninguém apareceu, como ela devia esperar. A não ser o barulho que Duncan estava fazendo, a única coisa que ela conseguia ouvir era a batida da percussão de um aparelho de som das proximidades.

Desesperada para obter ajuda, Sara conseguiu passar por cima do corpo convulsivo e incontinente de Duncan. Uma rápida olhadela na boca ensangüentada e espumante de Duncan deixou-a estarrecida e amedrontada. Ela queria desesperadamente ajudar, mas não sabia o que fazer, a não ser telefonar pedindo uma ambulância. Com o dedo trêmulo, Sara discou 911 no telefone da sala de estar de Duncan. Enquanto esperava, impaciente, que a ligação se completasse, podia ouvir a cabeça de Duncan dar

repetidas batidas no chão de madeira de lei. A única coisa que ela podia fazer era estremecer a cada terrível barulho e rezar para o socorro chegar rápido.

Sara afastou as mãos do rosto e conferiu o relógio. Eram quase três da manhã. Havia mais de três horas que ela estava sentada no mesmo assento de vinil da sala de espera do Hospital Geral de Manhattan. Pela enésima vez, ela examinou a sala abarrotada de gente, que cheirava a fumaça de cigarro, suor, álcool e madeira úmida. Havia um enorme aviso bem defronte a ela, onde estava escrito: PROIBIDO FUMAR, mas a comunicação era ignorada por todos.

Os feridos se misturavam com seus acompanhantes. Havia crianças e bebês que engatinhavam e choravam, bêbados machucados e outros com uma toalha enrolada num dedo cortado ou queixo golpeado. A maioria mantinha o olhar vazio para a frente, acostumada com os obviamente doentes; outros até sentiam dor. Um sujeito muito bem vestido abraçava sua acompanhante também muito bem vestida. Poucos minutos antes, ele tivera uma acalorada discussão com uma enfermeira da triagem de tamanho intimidador, que não se perturbava com suas ameaças de chamar o advogado, caso sua acompanhante não fosse atendida de imediato. No final, resignado, ele também passou a olhar vazio para uma distância média.

Sara tornou a fechar os olhos e ainda assim pôde sentir seu pulso martelando nas têmporas. Estava obcecada com a imagem vívida da convulsão de Duncan na soleira do apartamento. Sabia que jamais iria banir a visão de sua mente, o que quer que tivesse acontecido naquela noite.

Após telefonar para a ambulância e dar o endereço, Sara retornara para o lado de Duncan. Em algum lugar do fundo de sua mente, Sara lembrou-se que devia colocar alguma coisa na boca de uma pessoa em convulsão para impedi-la de morder a própria língua. Contudo, por mais que tentasse, não foi capaz de separar os dentes trincados de Duncan. No final, a convulsão de Duncan cessou, pouco antes da chegada da ambulância. A princípio Sara ficou aliviada, mas depois notou com alarme renovado que ele não

estava respirando. Enxugou a espuma e um pouco de sangue da boca de Duncan e tentou fazer a respiração boca a boca, mas viu-se lutando contra a náusea. Nesse momento haviam aparecido alguns dos vizinhos de Duncan. Para alívio de Sara, um deles disse ter sido do Corpo Médico da Marinha e graciosamente assumiu a tentativa de ressuscitação cardiopulmonar até a chegada do socorro médico. Sara não podia imaginar o que acontecera com Duncan. Apenas uma hora antes ele telefonara e pedira-lhe para passar lá. Achou que a voz dele soara um pouco tensa e estranha, mas ainda assim não estava nem um pouco preparada para o estado dele quando chegou. Estremeceu de novo quando o viu parado diante dela no vão da porta, mãos e braços ensangüentados e os olhos dilatados e selvagens. Era como se ele tivesse enlouquecido.

A última vez que Sara viu Duncan foi depois que chegaram ao Hospital Geral de Manhattan. Os paramédicos permitiram que ela viajasse na ambulância. Durante toda a corrida de levantar os cabelos, eles mantiveram as tentativas de salvamento. A última vez que viu Duncan foi quando o conduziram através de um par de portas giratórias brancas, desaparecendo no recesso interior da unidade de emergência. Sara ainda pôde ver o médico ajoelhando-se em cima da maca, para continuar as compressões no peito, quando a porta fechou-se.

– Sara Wetherbee? – perguntou uma voz, despertando Sara de seu devaneio.

– Sim? – disse Sara, levantando a vista.

Um jovem médico, que ostentava a pesada sombra das cinco da manhã e um jaleco branco um tanto salpicado de sangue, materializou-se diante dela.

– Sou o Dr. Murray – disse ele. – Quer ter a bondade de me acompanhar? Gostaria de conversar com você por alguns momentos.

– Claro – disse Sara, nervosa.

Pôs-se de pé e puxou a bolsa mais para o alto do ombro. Apressou-se atrás do Dr. Murray, que girara nos calcanhares quase um instante antes de ela ter uma oportunidade para responder. As mesmas portas brancas que devoraram Duncan três horas antes, fecharam-se atrás dela. O Dr. Murray se deteve ao entrar e girou

para encará-la. Sara olhou ansiosa para os olhos do médico, que estava exausto. Ela queria ver algum brilho de esperança; mas não havia nenhum.

– Suponho que seja a namorada do Sr. Andrews – disse o Dr. Murray. Até sua voz soava cansada. Sara assentiu com um movimento de cabeça.

– Em geral, conversamos com a família primeiro – disse o Dr. Murray. – Mas sei que você veio com o paciente e ficou esperando. Sinto muito por ter levado tanto tempo para voltar a você, mas várias vítimas de arma de fogo chegaram logo depois do Sr. Andrews.

– Compreendo – disse Sara. – Como está Duncan? – Precisava perguntar, embora não tivesse certeza de querer saber.

– Não muito bem – explicou o Dr. Murray. – Pode ter certeza de que os paramédicos tentaram de tudo. Mas receio que Duncan iria falecer de qualquer modo. Infelizmente, ele chegou morto. Sinto muito.

Sara olhou fixo para os olhos do Dr. Murray. Queria ver um vislumbre da mesma dor que jorrava dentro dela. Mas a única coisa que viu foi fadiga. A aparente falta de sentimento dele ajudou-a a manter a própria compostura.

– O que aconteceu? – perguntou quase num sussurro.

– Temos noventa por cento de certeza de que a causa imediata foi um enfarte agudo do miocárdio, ou seja, ataque do coração – disse o Dr. Murray, claro que se sentindo mais confortável com seu jargão médico. – Mas parece que a causa próxima foi toxicidade de droga ou overdose. Ainda não sabemos qual o nível sanguíneo dele. Isto leva um pouco mais de tempo.

– Drogas? – disse Sara, descrente. – Que tipo de droga?

– Cocaína – replicou o Dr. Murray. – Os paramédicos trouxeram até a agulha que ele usou.

– Eu nunca soube que Duncan usava cocaína – declarou Sara. – Ele dizia que não usava drogas.

– As pessoas sempre mentem sobre sexo e drogas – retrucou o Dr. Murray. – E, no caso da cocaína, às vezes basta uma vez. As pessoas não percebem o quanto essa coisa pode ser mortal. Sua

popularidade tranqüilizou as pessoas, levando-as a ter um falso senso de segurança. Seja como for, temos que entrar em contato com a família. Você sabe o número do telefone?

Atordoada com a morte de Duncan e a revelação sobre seu aparente uso de cocaína, Sara recitou o número de telefone dos Andrews num tom monótono e entorpecido. O fato de ela pensar em drogas permitia evitar pensar na morte. Sara perguntou-se quanto tempo Duncan estivera metido com cocaína. Tudo era tão difícil de entender. Ela pensava que o conhecia muito bem.

# 1

## **NOVEMBRO, SEGUNDA-FEIRA, 6 e 45, CIDADE DE NOVA YORK**

O alarme do velho despertador Westclox nunca deixava de arrancar Laurie Montgomery das profundezas do abençoado sono. Apesar de possuir o relógio desde o primeiro ano da faculdade, Laurie nunca se acostumara com seu terrível estardalhaço. O barulho sempre a despertou com um sobressalto e ela sempre investia contra a maldita engenhoca como se sua vida dependesse do fato de desligar o alarme com a maior rapidez humanamente possível.

Aquela manhã chuvosa de novembro não foi nenhuma exceção. Ao recolocar o relógio no peitoril da janela, ela podia sentir o coração batendo forte. Era o jorro de adrenalina que tornava o episódio diário tão eficaz. Mesmo que pudesse voltar para a cama, jamais conseguiria voltar a dormir. E era a mesma coisa para Tom, o gato malhado de frenética cor amarelo-castanha, de um ano e meio de idade, que ao ouvir o barulho do alarme fugiu para as profundezas do armário.

Resignada com o início de um novo dia, Laurie levantou-se, agitou os dedos dos pés, enfiando-os em chinelos de pele de carneiro e ligou a tevê no noticiário matinal local. Seu apartamento era pequeno, um quarto e sala na Rua 19, entre a Primeira e a Segunda Avenidas, num prédio de seis andares.

Os aposentos dela situavam-se no quinto andar, nos fundos. Suas duas janelas davam para um prédio super povoado com quintal coberto de vegetação. Na minúscula cozinha, Laurie ligou a máquina de fazer café. Preparara a máquina na noite anterior, com café e a quantidade certa de água. Com o café iniciado, ela andou até o banheiro e se olhou no espelho.

– Ufa! – exclamou enquanto virava o rosto de lado a lado, vendo os danos causados por outra noite sem sono suficiente.

Seus olhos estavam inchados e vermelhos. Laurie não era uma pessoa matinal. Era uma comprovada criatura noturna e, com frequência, lia até altas horas. Adorava ler, tanto um pesado texto de patologia ou um *best seller* popular. Quando se tratava de ficção, seu interesse era geral. Suas prateleiras estavam abarrotadas de tudo, de novelas policiais a sagas românticas, história, ciência geral e até psicologia.

Na noite anterior tinha sido um romance de assassinato e ela lera até terminar o livro. Quando apagou a luz, não teve coragem de olhar as horas. Como de costume, pela manhã Laurie jurou que nunca mais ficaria acordada até tarde.

No chuveiro, sua mente começou a clarear o bastante para começar a repassar os problemas que teria de resolver nesse dia. Nesse momento, estava no seu quinto mês como médica-legista-assistente no Departamento de Medicina Legal da cidade de Nova York. No fim de semana anterior Laurie ficara de plantão, o que significara ter trabalhado sábado e domingo. Realizara seis autópsias: três num dia e três no dia seguinte. Alguns desses casos precisavam de um acompanhamento antes de poderem ser liberados e Laurie começou uma relação mental do que devia fazer.

Laurie saiu do chuveiro e secou-se rapidamente. Uma coisa pela qual se sentia grata era o fato de que esse dia seria um "dia burocrático" para ela, no sentido de que não lhe caberia nenhuma autópsia adicional. Em vez disso, teria tempo para fazer o momento; esperava material a respeito de cerca de vinte casos, que seria enviado pelo laboratório, pelos investigadores do Departamento de Medicina Legal, pelos hospitais locais ou por médicos locais e também pela polícia. Era essa avalanche de trabalhos de escrita que vivia ameaçando esmagá-la.

Laurie voltou à cozinha e preparou o café. Em seguida, levando sua caneca, retirou-se para o banheiro a fim de fazer a maquiagem e secar o cabelo com o aparelho. Seu cabelo sempre levava o maior tempo. Era grosso e comprido e de uma cor castanho-avermelhada pintado com *henna* uma vez por mês. Laurie orgulhava-se de seu cabelo. Achava que era seu melhor traço. A mãe sempre a incentivava a cortá-lo, mas Laurie gostava de mantê-

lo com o comprimento abaixo do ombro e de usá-lo com uma fita, ou penteado para o topo da cabeça. Quanto à maquiagem, Laurie sempre fora adepta da teoria do “quanto menos, melhor”. Um pouco de delineador para realçar os olhos verde-azulados, alguns traços com um lápis de sobrancelha para definir suas sobrancelhas de cor louro-avermelhada clara, uma leve aplicação de rímel e estava quase pronta. Um salpico de *blush* e batom completava a rotina. Satisfeita, pegou a caneca e retirou-se para o quarto de dormir.

Nesse momento estava no ar o Good Morning America. Laurie ficou ouvindo com meio ouvido enquanto vestia as roupas que separara na noite anterior. A medicina legal ainda era em grande parte um mundo masculino, mas isto só fazia com que Laurie desejasse enfatizar sua feminilidade com o vestido. Deslizou para dentro de uma saia verde, com blusa de gola olímpica combinando com a saia. Ficou contente ao se olhar no espelho.

Ainda não havia usado esse traje particular antes. De alguma forma, a roupa fazia com que parecesse mais alta do que o verdadeiro 1,65 metros de altura, e até mais magra de que os 52 quilos de peso.

Tendo bebido o café, tomado um iogurte e colocado comida ressecada de gato na tigela de Tom, Laurie se esforçou para meter-se na capa de chuva. Em seguida, pegou a bolsa, o almoço também preparado na noite anterior e a pasta de documentos. Saiu do apartamento. Precisou de alguns momentos para trancar a coleção de fechaduras da porta, uma herança do antigo dono do apartamento.

Laurie girou em direção ao elevador e apertou o botão de descida. Como se fosse uma deixa, no momento em que o velho elevador começou sua lamurienta subida, Laurie ouviu o clique da fechadura de Debra Engler. Girou a cabeça e observou a porta do apartamento da frente abrir-se um pouco, enquanto a corrente de segurança era puxada. Os olhos injetados de sangue de Debra a examinaram. Acima dos olhos havia uma madeixa de cabelo grisalho ondulado.

Laurie respondeu com um olhar agressivo para o olho intrometido. Era como se Debra pairasse atrás de sua porta, com



qualquer barulho que houvesse no corredor. A repetida intrusão dava nos nervos de Laurie. Parecia uma violação de sua privacidade, apesar de o corredor ser uma área comum.

– É melhor levar um guarda-chuva – Debra disse com sua voz gutural de fumante.

O fato de Debra ter razão só serviu para insuflar a irritação de Laurie. De fato, ela esquecera o guarda-chuva. Sem dar a Debra qualquer impressão de agradecimento, a fim de que sua irritante vigilância não fosse encorajada, Laurie retornou à porta de seu apartamento e repassou a complicada seqüência de abrir as fechaduras.

Cinco minutos depois, quando entrou no elevador, notou que os olhos injetados de sangue de Debra ainda vigiavam com toda atenção.

Enquanto o elevador descia devagar, a irritação de Laurie foi se dissipando. Seus pensamentos se voltaram para o caso que mais a preocupara durante o fim de semana: o garoto de doze anos atingido no peito por uma bola de *softball*.

– A vida não é justa – Laurie murmurou entre dentes ao pensar na morte prematura do garoto.

As mortes de crianças eram tão difíceis de se compreender. Ela pensara que de alguma forma a faculdade de medicina a acostumaria com essa falta de sentido, mas não foi assim. Assim como a residência em patologia também não acostumou. E agora que estava na medicina legal, essas mortes eram muito mais difíceis de serem aceitas. E havia tantas delas! Até o momento do acidente, a vítima da bola de *softball* tinha sido uma criança saudável, transbordando de saúde e vitalidade. Laurie ainda podia ver o pequeno corpo em cima da mesa de autópsia; uma imagem de saúde, em sono ostensivo. No entanto, Laurie teve que pegar o bisturi e estripá-lo como a um peixe.

Laurie engoliu em seco, várias vezes, enquanto o elevador parava com uma pancada. Casos como esse pequeno garoto faziam com que ela questionasse sua escolha de carreira. Laurie perguntava-se se não deveria ter ido para a pediatria, onde poderia

lidar com crianças vivas. O campo da medicina que ela escolhera podia ser bem sinistro.

Laurie, a contragosto, sentiu-se agradecida pela admoestação de Debra, ao ver o tipo de dia que fazia. O vento soprava em lufadas fortes e a chuva prevista já começara. A visão da rua naquele dia particular fez Laurie questionar sua escolha de locação, bem como sua carreira. A rua cheia de lixo não era uma visão bonita. Talvez ela devesse ter ido para uma cidade mais nova e mais linda ou para uma cidade de eterno verão como Miami. Abriu o guarda-chuva, curvou-se contra o vento e arrastou-se em direção à Primeira Avenida.

Enquanto caminhava, Laurie pensou nas ironias de sua escolha de carreira. Havia escolhido a patologia por uma série de razões. Em primeiro lugar, porque pensara que o horário previsível tornaria fácil combinar a medicina com a formação de uma família. Laurie considerava os pais, mas eles realmente não contavam. Na verdade, nem sequer tinham um relacionamento expressivo. Laurie jamais pensara chegar aos 32 anos sem filhos, muito menos permanecer solteira.

Um táxi pequeno, dirigido por um motorista cuja nacionalidade dificilmente poderia imaginar, levou-a à esquina da Primeira Avenida com a Rua 30. Laurie ficou chocada por ter conseguido o táxi. Em circunstâncias normais, a combinação da chuva com a hora do *rush* significaria a inexistência de táxis. Naquela manhã, no entanto, uma pessoa saía do táxi no exato momento em que chegou à Primeira Avenida. No entanto, mesmo que ela não tivesse conseguido um táxi, não seria nenhuma desgraça. Essa era uma das vantagens de se morar apenas a onze quarteirões do trabalho. Às vezes, ela percorria a pé as duas direções.

Após pagar a corrida, Laurie começou a subir os degraus da frente do prédio do Departamento de Medicina Legal da cidade de Nova York. O prédio de seis andares ficava ofuscado pelo resto do Centro Médico da Universidade de Nova York e o complexo do Hospital Bellevue. A fachada fora construída com tijolo de brilho azulado, janelas de alumínio e batentes de porta de um desenho moderno sem atrativos.

Em geral, Laurie não prestava a menor atenção ao prédio, mas nessa segunda-feira especial e chuvosa de novembro o edifício foi tão pouco poupado de sua inspeção crítica quanto à carreira e a rua de Laurie. O lugar era deprimente, teve que admitir. Estava sacudindo a cabeça, perguntando-se se um arquiteto teria podido sentir um verdadeiro prazer com sua obra, quando notou que o salão de entrada estava abarrotado. A porta da frente era mantida aberta com um suporte apesar do frio da manhã e podia-se ver a fumaça de cigarro saindo languidamente pela frente.

Curiosa, Laurie meteu-se na multidão, abrindo caminho com certa dificuldade em direção à sala de identificação. Marlene Wilson, a recepcionista de sempre, estava, era evidente, esmagada por pelo menos doze pessoas pressionadas contra sua escrivaninha, que a assediavam com perguntas. Os meios de comunicação haviam invadido o prédio por completo, com câmaras, gravadores, jogos de fios de tevê e holofotes. Era evidente que havia acontecido alguma coisa fora do normal.

Após uma breve pantomima para obter a atenção de Marlene, Laurie conseguiu enfiar-se à força na área interna. Teve uma leve sensação de alívio quando a porta fechada extinguiu o murmúrio das vozes e a corrosiva fumaça de cigarro.

Laurie fez uma pausa para dar uma olhadela na sala pardacenta, para onde eram levados membros da família para identificar os mortos. Laurie teve uma leve surpresa ao descobrir que estava vazia. Com toda a agitação na área externa, ela pensara que veria pessoas na sala de identificação. Encolheu os ombros e prosseguiu caminho em direção ao gabinete de identificação.

A primeira pessoa com quem Laurie se confrontou foi Vinnie Amendola, um dos técnicos funerários. Esquecido do pandemônio na área de recepção, Vinnie tomava café numa xícara de plástico enquanto examinava o caderno esportivo do New York Post. Seus pés estavam apoiados no canto de uma das escrivaninhas cinzentas de metal. Como de costume, antes das oito da manhã, Vinnie era a única pessoa na sala. Seu trabalho era fazer café. No gabinete de identificação, uma sala que servia para uma série de funções,

inclusive como sala de reuniões informais das manhãs, havia uma enorme cafeteira do tipo comercial.

– Mas que droga está acontecendo? – perguntou Laurie enquanto pegava a tabela de autópsias do dia.

Apesar de não estar indicada para nenhuma autópsia, Laurie sempre tinha a curiosidade de saber que casos haviam chegado. Vinnie baixou o jornal.

– Encrenca – disse ele.

– Que tipo de encrenca? – perguntou Laurie.

Pelo vão da porta que dava para a sala de comunicações, pôde ver que as duas secretárias do turno diurno estavam ocupadas com seus telefones. Os telefonemas que aguardavam piscavam nos painéis diante delas. Laurie se serviu de uma xícara de café.

– Mais um caso de “assassinato de vestibulando” – explicou Vinnie. – Ao que parece, uma adolescente foi estrangulada pelo namorado. Sexo e drogas. Sabe, garotos ricos. Aconteceu perto da taberna On The Green. Com toda a excitação que aquele primeiro caso provocou alguns anos atrás, os meios de comunicação já estavam aqui no momento em que o corpo chegou.

Laurie estalou a língua.

– Que coisa terrível para todos. Uma vida perdida e uma vida arruinada. – Laurie acrescentou açúcar e um pouco de creme no café. – Quem está tratando do caso?

– O Dr. Plodgett – disse Vinnie. – Foi chamado pelo médico de plantão e obrigado a ir até o local. Isso foi por volta das três da manhã.

Laurie suspirou.

– Oh, garoto... – murmurou.

Sentia pena de Paul. Com toda a probabilidade, tratar de tal caso seria estressante para ele, já que era quase tão inexperiente quanto ela própria. Fazia pouco mais de um ano que era médico-legista-assistente. Laurie estava ali havia quatro meses e meio.

– Onde está Paul agora? Lá em cima, em seu gabinete?

– Não – disse Vinnie. – Está fazendo a autópsia.

– Já? – estranhou Laurie. – Por que essa pressa?

– Não entendo – disse Vinnie. – Mas os sujeitos que saíram do terceiro turno me disseram que Bingham entrou por volta das seis. Paul deve ter telefonado para ele.

– Esse caso fica mais intrigante a cada minuto que passa – disse Laurie.

O Dr. Harold Bingham, de 58 anos de idade, era o médico-legista-chefe da cidade de Nova York, posição esta que o tornava uma figura poderosa no mundo da medicina legal.

– Acho que vou dar uma chegada na “cova” para ver o que está acontecendo.

– Se eu fosse você, tomaria cuidado – alertou Vinnie, esforçando-se para dobrar o jornal. – Eu mesmo estava pensando em ir lá, mas dizem que Bingham está de péssimo humor. Não que isto seja tão fora do normal.

Ao sair da sala, Laurie fez um aceno de cabeça para Vinnie. Para evitar a multidão de repórteres na área da recepção, pegou o caminho longo para os elevadores, atravessando a sala de comunicações. As secretárias estavam ocupadas demais para dizer olá. Laurie acenou para um dos detetives de polícia designados para o gabinete de medicina legal, que estava sentado em seu aconchegante gabinete fora da sala de comunicações. Ele também estava ao telefone.

Após atravessar uma outra porta, Laurie deu uma olhada em cada um dos gabinetes dos investigadores de medicina legal, para dar bom-dia, mas ninguém havia chegado. Nos elevadores principais, apertou o botão para subir e, como sempre, teve de esperar enquanto a velha máquina respondia devagar. Olhando o corredor à sua direita, Laurie pôde ver a multidão de repórteres fervilhando na área da recepção. Laurie sentiu pena de Marlene Wilson.

Enquanto subia para seu gabinete no quinto andar, Laurie pensou no significado da presença prematura de Bingham, não apenas no departamento, mas também na sala de autópsia. Ambos os acontecimentos eram raros e excitaram sua curiosidade. Como a colega de gabinete, a Dra. Riva Mehta, ainda não havia chegado, Laurie passou apenas alguns minutos no gabinete. Guardou a pasta

de documentos, bolsa e almoço no arquivo, depois vestiu a roupa verde de trabalho. Como não iria fazer nenhuma autópsia, não se deu ao trabalho de vestir a costumeira segunda camada de roupa protetora impermeável.

Laurie voltou ao elevador e desceu ao subsolo, onde estava situada a morgue. Não era um subsolo no verdadeiro sentido, porque na verdade ficava ao nível da rua, no lado do prédio que dava para a Rua 30. O desembarcadouro de carga da Rua 30 era a rota através da qual os corpos chegavam e saíam da morgue. No vestiário que poucas vezes era usado como tal, já que Laurie preferia trocar de roupa no gabinete, ela obteve coberturas de sapato, guarda-pó, máscara e capuz. Vestida assim, como se estivesse prestes a fazer uma cirurgia, ela atravessou a porta que dava para a sala de autópsia.

A "cova", como era chamada carinhosamente, era uma sala de tamanho médio, de cerca de quinze metros de comprimento e nove de largura. No passado fora considerada como ótimo equipamento, mas já não era mais. Assim como muitos outros órgãos da cidade, sua manutenção e modernização muito necessárias careciam de falta de recursos. As oito mesas de aço inoxidável eram velhas e manchadas por incontáveis necropsias. Balanças antiquadas e guarnecidas de molas pairavam sobre cada mesa. Uma série de bacias, retortas, negatoscópios, antigos armários com a frente de vidro e encanamento exposto alinhavam-se nas paredes. Não havia nenhuma janela.

Apenas uma mesa estava em uso: a segunda ao fundo, à direita de Laurie. Quando a porta fechou-se às costas de Laurie, os três médicos com bata, máscara e capuz, agrupados em volta da mesa, levantaram a cabeça para fitá-la durante alguns momentos antes de retornar à sua horrível tarefa. O corpo nu de uma adolescente, cor de marfim, estava estendido em cima da mesa. Ela era iluminada por um único grupo de lâmpadas fluorescentes de cor branco azulada, situado bem acima da mesa. A cena horripilante era piorada pelo barulho de redemoinho da água que escorria pelo ralo aos pés da mesa.

Laurie sentiu a forte intuição de que deveria girar nos calcanhares e ir embora, mas lutou contra a sensação. Em vez disso, caminhou em direção ao grupo. Conhecendo as pessoas tão bem como conhecia, identificou cada uma delas apesar de suas coberturas, que incluíam óculos de proteção, além das máscaras. Bingham estava no lado oposto da mesa, de frente para Laurie. Era um homem atarracado e de baixa estatura, com feições grossas e um nariz bulboso.

– Mas que droga, Paul! – vociferou Bingham. – É a primeira vez que você faz uma dissecação de pescoço? Tenho marcada uma conferência de imprensa e você fica remexendo como um estudante de medicina do primeiro ano. Dê-me esse bisturi!

Bingham arrancou o instrumento da mão de Paul, em seguida inclinou-se sobre o corpo. Um raio de luz brilhou no fio do aço inoxidável.

Laurie avançou até a mesa. Ficou à direita de Paul. Ao sentir a presença dela, ele girou a cabeça e seus olhos se encontraram durante um instante. Laurie poderia dizer que ele já estava perturbado. Tentou projetar um pouco de apoio através do olhar, mas Paul desviou a cabeça. Laurie deu uma olhada no técnico da morgue, que evitou olhar em sua direção. A atmosfera estava explosiva.

Laurie baixou os olhos e observou o que Bingham estava fazendo. O pescoço da paciente fora aberto com uma incisão um tanto ou quanto antiquada, que ia da ponta do queixo até a parte superior do esterno. A pele fora arrancada e jogada para o lado como quem abria uma blusa de gola alta. Bingham estava no processo de libertar os músculos em volta da cartilagem da tireóide e do osso hióide. Laurie pôde ver a evidência de trauma pré-morte com hemorragia nos tecidos.

– O que ainda não compreendo – vociferou Bingham sem levantar a vista de seu trabalho – é por que você não ensacou as mãos no local do crime. Poderia ter a bondade de me dizer?

Os olhos de Laurie tornaram a encontrar os de Paul. No mesmo instante, ela ficou sabendo que ele não tinha desculpa. Desejou poder ajudá-lo, mas não via como. Laurie afastou-se da

mesa por compartilhar do desconforto de seu colega. Apesar de ter feito o esforço de se vestir para ficar observando, Laurie saiu da sala de autópsia. A tensão era demais e não valia a pena permanecer. Ela não queria piorar a situação para Paul, formando mais platéia para Bingham.

Após retirar a camada exterior de roupa protetora, Laurie retornou ao andar de cima, sentou-se à sua escrivaninha e pôs-se a trabalhar. A primeira ordem de trabalho era completar o que pudesse nas três autópsias que havia feito no domingo. O primeiro caso tinha sido o garoto de doze anos. O segundo era, sem dúvida nenhuma, uma overdose de heroína, mas ela recapitulou os fatos.

Parafernália de drogas fora encontrada com a vítima, que era um conhecido viciado em heroína. Na autópsia, seus braços apresentaram múltiplos locais de injeção intravenosa, antigos e novos. Ele tinha uma tatuagem no antebraço direito: "Nascido para Perder". Internamente apresentava os sinais costumeiros de morte por asfixia, com um espumoso edema pulmonar. Apesar do fato de ainda estarem pendentes exames microscópicos e laboratoriais, Laurie se sentia confortável com sua conclusão de que a causa da morte fora overdose de droga e que o modo da morte fora acidental.

O terceiro caso estava longe de ser claro. Uma mulher, operadora de vôo, de 24 anos, havia sido descoberta em casa, com robe de banho, ao que parecia prostrada no corredor diante do banheiro. Fora encontrada pela colega de quarto. Era saudável e voltara para casa no dia anterior, depois de uma viagem a Los Angeles. Não era conhecida como usuária da droga. Laurie tinha feito a autópsia, mas nada encontrara. Todas as suas descobertas eram completamente normais. Preocupada com o caso, Laurie mandou um dos investigadores médicos localizar o ginecologista da mulher. Laurie falara com o sujeito e fora assegurada de que a saúde da mulher era perfeita. Ele a tinha visto alguns meses antes. Como havia tido um caso semelhante pouco tempo antes, Laurie deu instruções ao investigador médico para ir ao apartamento da vítima e trazer qualquer aparelho elétrico pessoal que fosse encontrado no banheiro. Na escrivaninha de Laurie havia uma caixa de papelão, com um bilhete do investigador médico, dizendo que o



conteúdo era tudo que ele pôde encontrar. Usando a unha do polegar, Laurie rompeu a fita que selava a caixa, levantou as abas e olhou o interior. A caixa continha um secador de cabelo e um ferro de frisar. Laurie retirou os dois aparelhos da caixa e colocou-os em cima da mesa. Retirou da gaveta inferior à direita da escrivaninha, um aparelho para testes elétricos chamado voltamperímetro.

Examinando primeiro o secador de cabelo, Laurie testou a resistência elétrica entre os pinos da tomada e o secador. Em ambos os casos, a leitura indicou *ohms* infinitos ou nenhum fluxo de corrente. Laurie testou o ferro de frisar cabelo, pensando que talvez estivesse de novo no caminho errado. Para surpresa dela, o resultado foi positivo. Entre os pinos e a carcaça do ferro de frisar, o voltamperímetro registrou zero *ohm*, o que significava fluxo livre de corrente. Laurie pegou algumas ferramentas básicas na escrivaninha, inclusive uma chave de fenda e um par de alicates, abriu o ferro de frisar e, no mesmo instante, encontrou o fio desencapado que fazia contato com o estojo metálico do aparelho. Agora ficou claro para Laurie que a pobre operadora de vôo tinha sido vítima de eletrocussão de baixa voltagem. Como era o caso com frequência, a vítima recebeu o choque, mas teve tempo para guardar o aparelho e sair do banheiro, antes de sucumbir a uma arritmia cardíaca fatal. A causa da morte foi a eletrocussão e o modo da morte foi acidental. Com o ferro de frisar "autopsiado" em cima da escrivaninha, Laurie pegou sua máquina fotográfica e arrumou as peças para mostrar a conexão aberrante. Em seguida, levantou-se para fotografar de cima para baixo. Ao olhar através do visor, Laurie se sentiu contente com o caso. Não pôde reprimir um sorriso de modéstia, sabendo como seu trabalho era diferente do que as pessoas supunham. Ela não solucionara o mistério da morte prematura da pobre mulher, mas, com toda probabilidade, salvara outra pessoa do mesmo destino. O telefone tocou antes que Laurie pudesse tirar a foto do ferro de frisar cabelo. A campainha do telefone assustou-a por causa do grau de sua concentração. Com uma irritação pouco velada, ela atendeu. Era a telefonista que perguntava a Laurie se ela se importaria em atender uma chamada

de um médico do Hospital Geral de Manhattan. Ela acrescentou que o médico havia pedido para falar com o chefe.

– Então por que fazer a ligação para mim? – perguntou Laurie.

– O chefe está preso na sala de autópsia e não consigo encontrar o Dr. Washington. Alguém disse que ele saiu para conversar com os repórteres. De modo que comecei a discar os números dos outros médicos. Você foi a primeira a responder.

– Ponha ele na linha – disse Laurie com resignação.

Desabou na cadeira da escrivaninha. Tinha confiança de que seria uma conversa curta. Se alguém desejava falar com o chefe, sem dúvida não ficaria satisfeito em conversar com a pessoa mais baixa na hierarquia. Laurie se apresentou depois que a ligação foi completada. Enfatizou que era um dos assistentes dos médicos-legistas e não o chefe.

– Sou o Dr. Murray – disse o outro. – Sou médico-residente. Precisava conversar com alguém sobre uma overdose e toxicidade de droga de um que chegou morto hoje de manhã.

– O que você gostaria de saber? – perguntou Laurie.

As mortes por drogas eram um fenômeno diário no departamento de medicina legal. A atenção de Laurie voltou em parte para o ferro de frisar cabelo. Tinha uma idéia melhor para a foto.

– O nome do paciente é Duncan Andrews – disse o Dr. Murray. – do sexo masculino, indivíduo da raça branca, de trinta e cinco anos de idade. Chegou sem nenhuma atividade cardíaca, sem respiração espontânea e com a temperatura do corpo que registramos como sendo de cinquenta graus.

– Nossa! – disse Laurie em tom sereno. Prendendo o telefone na dobra do pescoço, ela rearrumou as peças do ferro de frisar cabelo.

– Havia evidência maciça de atividade de ataque cardíaco – explicou o Dr. Murray. – De forma que fizemos um eletroencefalograma. O resultado foi sem relevos. O laboratório informou um nível de cocaína no soro de vinte microgramas por milímetro.

– Puxa! – exclamou Laurie com uma rápida risada de assombro. O Dr. Murray captara sua atenção. – Um nível alto como o diabo. Qual foi a via de ingestão, oral? Ele era um dessas “mulas” que tentam contrabandear a droga, engolindo preservativos cheios de cocaína?

– Acho difícil – disse o Dr. Murray também com uma risada rápida. – O cara era uma espécie de jovem brilhante de Wall Street. Não, não foi oral. Foi intravenosa.

Laurie engoliu em seco, enquanto lutava para manter submersas velhas lembranças indesejadas. De repente, sua garganta ficou seca.

– Também havia heroína no meio? – perguntou ela. Nos anos sessenta era muito popular uma mistura de heroína com cocaína, chamada *speedball*.

– Nada de heroína – disse o Dr. Murray. – Só cocaína, mas, como é óbvio, foi uma dose de derrubar. Se a temperatura dele era de cinquenta graus quando o tiramos, só Deus sabe a quanto ela chegou.

– Bem, isto soa bem direto – comentou Laurie. – Qual é a questão? Se você está se perguntando se se trata de um caso de medicina legal, posso garantir que é.

– Não, sabemos que é um caso de medicina legal – disse o Dr. Murray. – Não é esse o problema. É mais complicado. O sujeito foi encontrado pela namorada, que o acompanhou até aqui. Mas depois chegou a família também. E devo dizer que a família dele é bem relacionada, se é que sabe o que quero dizer. Em todo caso, as enfermeiras descobriram que o Sr. Duncan Andrews tinha um cartão de doação de órgãos na carteira de dinheiro e chamaram o coordenador da doação de órgãos. Sem saber que o caso era para a medicina legal, o coordenador do departamento de doação de órgãos perguntou à família se permitia a retirada dos olhos, já que eram os únicos tecidos, fora os ossos, que ainda podiam ser utilizados. Entenda que não damos muita atenção aos cartões de doação de órgãos, a não ser que a família concorde. Mas essa família concordou. Disseram que sem dúvida desejavam respeitar os desejos do falecido. Pessoalmente, penso que isto tem a ver com a

vontade deles de acreditar que o filho morreu de causas naturais. Mas, seja como for, queremos checar com vocês a questão policial antes de fazermos alguma coisa.

– A família concordou mesmo? – perguntou Laurie.

– Estou dizendo que foram enfáticos – disse o Dr. Murray. – Segundo a namorada, ela e o falecido haviam conversado sobre o problema de falta de órgãos para transplante em várias ocasiões e foram juntos ao Depósito de órgãos de Manhattan para se alistar em resposta ao apelo que o Depósito fez na tevê, no ano passado.

– O Sr. Duncan Andrews deve ter tomado uma dose de cocaína – especulou Laurie. – Havia algum bilhete de suicida?

– Nenhum bilhete de suicida – disse o Dr. Murray. – O sujeito tampouco estava deprimido, pelo menos de acordo com a namorada.

– Esta parece ser uma circunstância bastante singular – replicou Laurie. – De minha parte, acho que o fato de respeitarmos o pedido da família não afetaria a autópsia. Mas não estou autorizada a tomar tal decisão política. O que posso fazer é descobrir as autoridades competentes e telefonar para você em seguida.

– Eu ficaria grato – disse o Dr. Murray. – Se é para fazer algo, temos que fazer antes que seja tarde.

Laurie pendurou o fone no gancho e, com um certo grau de relutância, abandonou o ferro de frisar desmontado e retornou à morgue. Enfiou a cabeça pela porta, sem vestir as camadas costumeiras de roupa. Pôde ver, no mesmo instante, que Bingham havia saído.

– O chefe deixou você realizar a autópsia sozinho? – gritou Laurie para Paul.

Paul virou-se para encará-la.

– Graças a Deus pelos pequenos privilégios – disse, a voz um pouco abafada pela máscara. – Por sorte, ele foi obrigado a subir para a conferência de imprensa que havia marcado. Imagino que ele pensa que sou capaz de suturar o corpo.

– Ora, sem essa, Paul – disse Laurie para encorajar o outro. – Lembre-se de que Bingham trata todo mundo como incompetente na mesa de autópsia.

– Tentarei manter isto em mente – disse Paul sem convicção.

Laurie deixou a porta fechar-se. Usou a escada aos fundos da morgue para subir ao primeiro andar. Não fazia sentido esperar o elevador para subir apenas um lance de escada.

O corredor do primeiro andar estava apinhado de gente dos meios de comunicação e a única coisa que Laurie pôde fazer foi ir até a porta dupla que levava à sala de conferência. Pôde ver, por cima das cabeças dos repórteres, a cabeça calva e brilhante de Bingham refletindo a berrante iluminação das câmaras de tevê. A platéia fazia perguntas a ele, que transpirava copiosamente. No mesmo instante, Laurie percebeu que não poderia discutir o problema do Geral de Manhattan com ele. Laurie pôs-se na ponta dos pés e esquadrinhou a sala abarrotada à procura do Dr. Calvin Washington, o subchefe dos médicos-legistas. Como se tratava de um negro de dois metros de altura e 113 quilos, em geral era fácil descobri-lo no meio da multidão. Afinal, Laurie localizou-o parado próximo à porta que dava da sala de conferência para o gabinete do chefe. Laurie pôde aproximar-se de Calvin por trás, saindo na área principal da recepção e depois atravessando o gabinete do chefe.

Quando alcançou-o, hesitou. O Dr. Washington tinha um temperamento explosivo. Com seu físico e humor, ele intimidava a maioria das pessoas, inclusive Laurie.

Laurie tomou coragem e deu-lhe um tapinha no braço. No mesmo instante, ele girou nos calcanhares. Seus olhos negros examinaram Laurie. Uma coisa era evidente, ele não estava contente.

– O que é? – perguntou ele num sussurro forçado.

– Eu poderia lhe falar por um momento? – perguntou Laurie. – Há uma questão de política em relação a um caso ocorrido no Geral de Manhattan.

Calvin sacudiu a cabeça em sinal afirmativo, após olhar de soslaio para o suado chefe. Deu um passo para trás de Laurie e fechou a porta da sala de conferência. Ele sacudiu a cabeça.

– Esse “assassinato de vestibulando II” já está irritando. Meu Deus, como odeio a mídia! Eles não estão atrás da verdade, seja ela o que for. Não passam de um bando de cães fofos, e o pobre

Harold está tentando justificar por que as mãos não foram ensacadas no local do crime. Que circo!

– E por que as mãos não foram ensacadas? – quis saber Laurie.

– Porque o médico de plantão não pensou nisso – disse Calvin com enfado. – E no momento em que Plodgett chegou lá, o corpo já estava no furgão.

– Como foi que o médico de plantão permitiu que o corpo fosse removido antes da chegada de Paul? – perguntou Laurie.

– Como vou saber?! – explodiu Calvin. – O caso todo é uma bagunça só. É uma cagada depois de outra.

Laurie se encolheu.

– Odeio abordar esse assunto, mas notei um outro problema potencial lá embaixo.

– Oh, e o que foi? – perguntou Calvin.

– O que imagino ser as roupas da vítima estavam numa sacola de plástico em um dos tampos de mostrador.

– Droga! – vociferou Calvin.

Foi até o telefone de Bingham e discou o número da cova. Assim que o telefonema foi atendido, ele gritou que alguém acabaria em cima da mesa de autópsia se as roupas da vítima do assassinato de vestibulando II estivessem numa sacola de plástico.

Calvin jogou o auscultador no gancho sem esperar pela resposta. Em seguida, fitou Laurie como se a mensageira fosse responsável pelas más notícias.

– Imagino que um fungo não iria destruir qualquer prova com tanta rapidez – sugeriu Laurie.

– A questão não é bem essa – vociferou Calvin. – Não estamos na roça. Mancadas como esta não devem ser toleradas, em especial quando o público está olhando. Parece que esse caso está azarado. Bem, qual é o problema no Geral de Manhattan?

Laurie contou a Calvin a história de Duncan Andrews do modo mais sucinto possível e também o pedido do médico-assistente. Ela enfatizou que o desejo da família era respeitar a vontade do falecido de ser doador.

– Se tivéssemos uma legislação decente sobre medicina legal neste estado, isto nem sequer viria à baila – grunhiu Calvin. – Acho que devemos respeitar o desejo da família. Diga ao médico que nesse tipo de circunstância ele deve tirar os olhos, mas depois de fotografá-los. Ele também deve retirar amostras vítreas do interior dos olhos para a Toxicologia.

– Avisarei agora mesmo – disse Laurie. – Obrigada.

Calvin acenou, ausente. Já estava reabrindo a porta da sala de conferência. Laurie retornou pela área da secretaria do chefe e fez com que Marlene a retirasse pela porta que dava para o saguão principal. Foi obrigada a avançar contornando o pessoal dos meios de comunicação, pisando em cabos de força dos holofotes de tevê. A conferência de imprensa de Bingham ainda estava em andamento. Laurie apertou o botão de subir do elevador.

– Ahhhh! – protestou Laurie em resposta ao soco propositado nas costelas.

Ela girou nos calcanhares para castigar a pessoa que a socara. Esperava ver um colega, mas não era. Diante dela estava um estranho com trinta e poucos anos. Usava uma capa impermeável aberta na frente; a gravata estava frouxa no colarinho. Seu rosto ostentava um sorriso infantil.

– Laurie? – disse ele.

De repente, Laurie reconheceu-o. Era Bob Talbot, um repórter do Daily News que Laurie conhecia desde a época da faculdade. Havia algum tempo que ela não o via e, fora do contexto, precisou de alguns momentos para reconhecê-lo. Laurie sorriu, apesar de sua irritação.

– Por onde tem andado? – perguntou Bob. – Há séculos que não vejo você.

– Acho que tenho sido um pouco anti-social nos últimos tempos – admitiu Laurie. – Um bocado de trabalho, além do fato de eu ter começado a estudar para a junta de medicina legal.

– Você conhece a expressão “só trabalho sem diversão” – disse Bob.

Laurie confirmou com um aceno de cabeça e tentou sorrir. O elevador chegou, Laurie entrou e manteve a porta aberta com a

mão.

– O que você acha desse novo “assassinato de vestibulando II”? – perguntou Bob. – Sem dúvida, está causando o maior alvoroço.

– Está fadado a causar – disse Laurie. – É material feito por encomenda para os tablóides. Além disso, parece que já estamos encrencados. Imagino que o caso é rememorativo do que aconteceu com o primeiro. Um pouco rememorativo demais para meus colegas.

– Do que vocês estão falando? – quis saber Bob.

– Para começar, as mãos da vítima não foram ensacadas – disse Laurie. – Você não ouviu o que Bingham estava dizendo?

– Ouvi sim, mas ele disse que isso não tinha importância.

– Mas importa sim – disse Laurie. – Além disso, as roupas da vítima acabaram numa sacola de plástico. O que é uma imbecilidade. A umidade fomenta o crescimento de microorganismos, que podem afetar a prova. Esta é outra mancada. Infelizmente, o médico-legista incumbido do caso é um dos nossos técnicos juniores. Deveria ser alguém com muito mais experiência.

– Mas parece que o namorado já confessou – disse Bob. – Tudo isso não é acadêmico?

Laurie encolheu os ombros.

– No momento em que começar o julgamento ele poderia ter uma chance de ouro. Não há dúvida de que seu advogado terá. Então, vai depender da prova, a não ser que haja uma testemunha e, nesse tipo de caso, raras vezes há uma testemunha.

– Talvez você esteja certa – disse Bob com um aceno de cabeça. – Vamos ver. Enquanto isso é melhor eu voltar para a conferência de imprensa. Que tal jantarmos durante a semana?

– Talvez – disse Laurie. – Não quero ser chata, mas tenho que estudar se quiser passar no exame. Por que você não me telefona para conversarmos sobre isso?

Bob acenou com a cabeça enquanto Laurie deixava a porta do elevador se fechar. Ela apertou o número cinco. De volta ao seu gabinete, telefonou para o Dr. Murray no Geral de Manhattan e contou o que o Dr. Washington dissera.



– Obrigado por ter tido esse trabalho – disse o Dr. Murray quando Laurie terminou. – é bom ter algumas diretrizes a seguir nesse tipo de circunstância.

– Mas trate de tirar boas fotos – aconselhou Laurie. – Se não tirar, talvez mude essa política.

– Não precisa se preocupar – disse o Dr. Murray. – Temos um departamento de fotografia próprio. A coisa vai ser feita de modo profissional.

Laurie desligou o telefone e voltou a ocupar-se com o ferro de frisar cabelo. Tirou meia dúzia de fotos de ângulos variados e em condições variadas de iluminação. Com o ferro de frisar fora do caminho, voltou sua atenção para o único caso que restava do domingo, e que para ela era o mais perturbador: o garoto de doze anos. Laurie levantou-se da escrivaninha, retornou ao primeiro andar e visitou Cheryl Myers, uma das investigadoras-médicas. Explicou que precisava de mais testemunhas oculares do episódio em que o garoto foi atingido pela bola de *softball*. Sem nenhuma descoberta positiva na autópsia, ela iria precisar de relatos pessoais para consolidar seu diagnóstico de *commotio cordis*, ou seja, morte provocada por um golpe no peito. Cheryl prometeu começar diretamente a investigação. Retornando ao quinto andar, Laurie foi à Histologia para ver se podia apressar os *slides* do garoto. Por saber que a família estava muito perturbada, ela estava ansiosa para pôr um fim na tragédia. Achava que as famílias pareciam chegar a uma espécie de aceitação, depois que conheciam a verdade. A aura de incerteza em relação a uma morte de causa desconhecida tornava a dor mais difícil.

Enquanto estava na Histologia, Laurie pegou *slides* prontos de casos que autopsiara na semana anterior. Com esses *slides* na mão, Laurie desceu vários lances de escada e pegou relatórios na Toxicologia e na Sorologia. Levou tudo de volta a seu gabinete e despejou todo o material em cima da escrivaninha. A seguir, pôs-se a trabalhar. Com exceção de uma rápida pausa para o almoço, Laurie passou o resto do dia repassando os *slides* da Histologia, cotejando os relatórios do laboratório, fazendo chamadas telefônicas e completando o maior número possível de fichas. O que excitava

sua ansiedade era saber que no dia seguinte seria incumbida de pelo menos dois e talvez até quatro novos casos para autopsiar. Se não mantivesse em dia o trabalho de escrita, se atolaria. Nunca havia um momento de ócio no departamento-chefe da Medicina Legal da cidade de Nova York, já que ele tratava de quinze a vinte mil casos por ano. Isto se traduzia em cerca de oito mil autópsias. Cada dia, a média do departamento era de dois homicídios e duas overdoses de droga.

Às quatro da tarde, Laurie estava começando a diminuir a velocidade. O volume de seu trabalho e a intensidade deste cobraram seu tributo. Quando o telefone tocou pela centésima vez, Laurie atendeu com voz cansada. Ao perceber que era a Sra. Sanford, a secretária do Dr. Bingham, Laurie empertigou-se na cadeira por reflexo. Não era todos os dias que recebia um telefonema do chefe.

– O Dr. Bingham quer vê-la no gabinete dele se for conveniente para você – disse a Sra. Sanford.

– Descerei agora mesmo – respondeu Laurie, sorrindo da frase da Sra. Sanford “se for conveniente”.

Como conhecia o Dr. Bingham, era provável que ela fosse a tradução da Sra. Sanford de: “*Faça a Dra. Montgomery descer aqui agora mesmo!*” No trajeto, Laurie tentou em vão imaginar por que razão o Dr. Bingham queria vê-la, mas não tinha a menor idéia.

– Pode entrar diretamente – disse a Sra. Sanford, olhando para Laurie por cima da armação dos óculos de leitura e sorrindo.

– Feche a porta! – ordenou Bingham assim que Laurie entrou em seu gabinete. Estava sentado atrás de sua maciça escrivaninha. – Sente-se.

Laurie fez o que ele mandou. O tom de raiva de Bingham foi o primeiro aviso do que estava por vir. No mesmo instante, Laurie percebeu que não estava ali para receber elogios. Ficou observando enquanto Bingham tirava os óculos de armação metálica e os colocava sobre o borrador. Seus dedos grossos manipularam os óculos com surpreendente agilidade.

Laurie examinou o rosto de Bingham. Os olhos azuis-acinzentados dele pareciam frios. Ela mal podia distinguir a teia de

finos vasos capilares espalhados na ponta do nariz do médico.

– Você sabia que temos um departamento de relações públicas? – o Dr. Bingham começou a dizer; seu tom de voz era sarcástico, furioso.

– Sim, claro – respondeu Laurie quando Bingham fez uma pausa.

– Neste caso deve saber também que a Sra. Donnatello é responsável por qualquer informação a ser dada aos meios de comunicação e ao público.

Laurie concordou com um aceno de cabeça.

– E você também deve ter consciência de que, com exceção de minha pessoa, todo pessoal deste departamento deve manter para si mesmo suas opiniões pessoais referentes às questões de medicina legal.

Laurie não respondeu. Ainda não sabia a que ponto aquela conversa iria chegar. De repente, Bingham saltou fora da cadeira e começou a andar de um lado para o outro na área atrás da escrivaninha.

– O que não tenho certeza de que você aprecia – continuou ele – é o fato de que ser médico-legista implica importantes responsabilidades sociais e políticas. – Parou de andar de um lado para o outro e olhou na direção de Laurie. – Você entende o que estou dizendo?

– Acredito que sim – disse Laurie, mas ainda havia alguma parte importante da conversa que lhe escapava. Ela não tinha a menor idéia do que precipitara aquela diatribe.

– “Acredito que sim” não é adequado! – bufou Bingham.

Parou de andar de um lado para o outro e reclinou – se sobre a escrivaninha, olhando fixo para Laurie. Mais do que qualquer outra coisa, Laurie desejava permanecer composta. Não queria parecer emocional. Desprezava situações como aquela. A confrontação não era um de seus pontos fortes.

– Além disso – disse Bingham brusca e asperamente – não serão permitidas rupturas nas regras pertencentes à informação privilegiada. Isto está claro?

– Está – respondeu Laurie fazendo força para reprimir as lágrimas indesejadas. Não estava triste ou enraivecida, apenas perturbada. Com a quantidade de trabalho que vinha tendo nos últimos tempos, não achava que merecesse aquela crítica feroz. – Posso perguntar o por quê de tudo isso?

– Mas com toda certeza – disse Bingham. – Por volta do final de minha conferência de imprensa sobre o assassinato no Central Park, um dos repórteres levantou-se e começou a fazer uma pergunta com o comentário declarado por você em pessoa, dizendo que o caso estava sendo tratado de maneira inadequada por este departamento. Você disse ou não disse isto para um repórter?

Laurie encolheu-se no assento. Tentou responder ao olhar fixo de Bingham, mas foi obrigada a desviar o olhar. Sentiu um acúmulo de embaraço, culpa, raiva e ressentimento. Estava chocada com o fato de Bob ter tido tão pouca sensibilidade e muito menos respeito por sua confidência. Reencontrou a voz e disse:

– Mencionei qualquer coisa nesse sentido.

– Foi o que pensei – disse Bingham em tom presunçoso. – Eu sabia que o repórter não teria coragem de inventar uma coisa dessas. Bem, considere-se advertida, Dra. Montgomery. Isso é tudo.

Laurie saiu tropeçando do gabinete do chefe. Humilhada, ela nem ao menos ousou trocar olhares com a Sra. Sanford, a fim de não perder o controle das lágrimas que estava reprimindo.

Esperando não encontrar alguém, Laurie subiu pela escada, correndo a toda velocidade, não se dando ao trabalho de esperar pelo elevador. Sentiu uma gratidão especial pelo fato de que, ao que tudo indicava, seu colega de gabinete ainda se encontrar na sala de autópsia. Laurie fechou a porta atrás de si e sentou-se à escrivaninha.

Sentia-se esmagada, como se todos os meses de trabalho duro não significassem coisa alguma por causa de uma insensata indiscrição. Com súbita decisão, Laurie tirou o telefone do gancho. Queria telefonar para Bob Talbot e dizer o que pensava dele. Mas hesitou e em seguida soltou o telefone. No momento não tinha forças para outra confrontação. Em vez de ligar, respirou fundo e soltou o ar devagar. Tentou voltar ao trabalho, mas não conseguiu

concentrar-se. Então, abriu a pasta de documentos e jogou dentro dela algumas das fichas incompletas. Após recolher seus outros pertences, Laurie tomou o elevador para ir ao subsolo e saiu pelo desembarcadouro de carga da morgue na Rua 30. Não queria correr o risco de topar com alguém na área de recepção. Condizente com seu humor, ainda chovia enquanto ela caminhava para o sul na Primeira Avenida. Antes de mais nada, a cidade parecia pior do que pela manhã, com um manto de gases de escapamento suspenso entre os prédios alinhados na rua. Laurie manteve-se de cabeça baixa para evitar as poças de óleo, as bostas e os olhares dos sem-teto.

Até mesmo o prédio de seu apartamento parecia mais sujo do que de costume e, enquanto esperava pelo elevador, Laurie deu-se conta do cheiro de uma centena de cebolas fritas e comidas gordurosas. Ao saltar no quinto andar, olhou fixo para os olhos injetados de sangue de Debra Engler, desafiando-a a dizer alguma coisa. Uma vez dentro de seu apartamento, bateu a porta com força suficiente para inclinar um quadro emoldurado de Klimt, que conseguira no Metropolitan. Nem mesmo o animado Tom conseguiu elevar seu humor, esfregando-se de um lado ao outro nas canelas de Laurie, enquanto ela pendurava o casaco e guardava o guarda-chuva no estreito closet do vestíbulo de entrada. Em seguida, foi para a sala de estar e desabou na poltrona.

Recusando-se a ser ignorado, Tom saltou nas costas da poltrona e ronronou diretamente no ouvido direito de Laurie. Como isto não funcionou, o gato começou a dar repetidas patadas no ombro de Laurie. No final, Laurie respondeu estendendo o braço e levando o gato para seu colo, onde começou a acariciá-lo, ausente. Enquanto a chuva batia em sua janela como grãos de areia, Laurie lamentou a própria vida. Pela segunda vez nesse dia, ela pensou no fato de não ser casada. As críticas da mãe pareceram mais merecidas do que de costume. Mais uma vez, Laurie perguntou-se se fizera a escolha certa de carreira. E como seria dali a dez anos?

Podia ver-se presa no mesmo atoleiro da solitária vida diária, lutando para manter-se em dia no trabalho de escrita associado com as autópsias; ou iria assumir tarefas mais administrativas como

Bingham? Com uma sensação de choque, Laurie percebeu pela primeira vez que não tinha a menor vontade de ser chefe. Até aquele momento, ela havia tentado se destacar, fosse no colégio ou na escola de medicina, e aspirar a ser chefe se ajustaria a esse modelo. Para Laurie, sobressair-se tinha sido uma espécie de rebeldia, uma tentativa de fazer com que o pai, o grande cardiocirurgião, enfim a reconhecesse. Mas isto nunca deu certo. No que dizia respeito a seu pai, Laurie sabia que jamais conseguiria substituir o irmão mais velho, que morrera cedo, aos dezenove anos.

Laurie suspirou. Não era de seu estilo ficar deprimida, e o fato de estar a deprimia ainda mais. Jamais havia imaginado que era tão sensível à crítica. Talvez fosse infeliz, não percebendo isto devido à sua carga de trabalho.

Laurie notou que a luz vermelha da secretária eletrônica estava piscando. A princípio ela ignorou, porém, quanto mais escura ficava a sala, com mais insistência o aparelho piscava. Após observar a luz durante outros dez minutos, a curiosidade levou vantagem sobre ela, que ouviu a fita. A chamada era de sua mãe, Dorothy Montgomery, que pedia para telefonar tão logo chegasse em casa.

– Oh, genial! – disse Laurie em voz alta.

Ficou pensando se devia telefonar, por conhecer a capacidade que a mãe tinha de lhe irritar os nervos na melhor das circunstâncias. Não se sentia preparada para mais uma dose de negativismo da mãe e de conselhos não solicitados, naquele exato momento. Laurie ouviu a mensagem uma segunda vez e, após convencer-se de que falara com autêntica preocupação, fez a chamada. Dorothy atendeu no primeiro toque do telefone.

– Graças a Deus que você telefonou – disse ela, ofegante. – Não sei o que faria se você não tivesse telefonado. Eu estava pensando em enviar um telegrama. Vamos dar um jantar amanhã à noite e quero que você venha. Vamos ter uma pessoa aqui, que quero que você conheça.

– Mamãe! – disse Laurie exasperada. – Não sei ao certo se estou preparada para um jantar. Tive um péssimo dia.

– Que absurdo! – exclamou Dorothy. – Muito mais motivo para sair desse seu pavoroso apartamento. Você passará momentos

maravilhosos. Vai ser bom para você. A pessoa que quero que você conheça é o Dr. Jordan Scheffield. É um oftalmologista maravilhoso, conhecido no mundo inteiro. Foi seu pai quem me disse. E o melhor de tudo, faz pouco tempo que ele se separou de uma mulher terrível.

– Não estou interessada em marcar um encontro com um desconhecido – disse Laurie com irritação. Não podia acreditar que sua mãe não apenas não atentara para seu estado mental, mas também queria arranjar um encontro entre ela e um oftalmologista divorciado.

– Já é tempo de você conhecer alguém adequado – disse Dorothy. – Nunca entendi o que você viu nesse tal de Mackenzie. Esse garoto é um desordeiro indolente e uma péssima influência para você. Fiquei contente porque enfim você rompeu com ele para sempre.

Laurie revirou os olhos. A mãe estava numa forma rara, nesse dia. Apesar de haver uma certa verdade no que ela dizia, Laurie não estava gostando de escutar isto naquele momento. Desde o colégio, Laurie saía de vez em quando com Sean. Desde o começo, o relacionamento dos dois foi hesitante. E, embora ele não fosse exatamente um desordeiro, tinha uma certa atração de fora-da-lei para ela, com sua motocicleta e mau comportamento. Houve época que a personalidade “artística” dele excitava Laurie. Naquele tempo, ela chegou a ser rebelde ao ponto de experimentar drogas com ele em várias ocasiões. Mas Laurie esperava que esse último rompimento fosse o derradeiro.

– Esteja aqui às sete e meia – disse Dorothy. – E quero que você esteja vestida com uma roupa atraente, como aquele conjunto de lã que lhe dei de aniversário em outubro. E seu cabelo, prenda-o no alto. Eu adoraria conversar mais tempo, mas tenho muito que fazer. Vejo você amanhã, querida. Tchau.

Laurie afastou o telefone da orelha e olhou para ele no aposento escuro, com descrença. A mãe desligara o telefone na cara dela. Laurie ficou sem saber se devia xingar, rir ou chorar. Recolocou o telefone no gancho. No fim, deu uma risada. Não havia dúvida de que sua mãe era uma personalidade. Quando repassou a conversa

na mente, Laurie não conseguiu acreditar que ela tivesse acontecido. Era como se ela e a mãe falassem em diferentes comprimentos de onda.

Laurie saiu andando pelo apartamento, apagando as luzes e depois fechando as cortinas. Protegida contra o mundo, ela soltou os cabelos e desfez-se das roupas. Por uma razão qualquer, sentiu-se melhor. A conversa maluca com a mãe chocou-a, tirando-a dos pensamentos depressivos. Ao entrar no chuveiro, Laurie admitiu para si mesma que tinha a tendência a ser mais emocional, em situações profissionais, do que gostaria. Esta percepção irritou-a. Ela não se importava em se vestir com feminilidade, mas não desejava fazer com que acreditassem que era uma mulher frágil, instável. Tentaria ser mais profissional no futuro. Também percebeu o erro que cometera ao confiar em Bob. Deveria se assegurar de manter suas opiniões para si mesma, em especial no que dizia respeito à imprensa. Teve sorte de não ser despedida por Bingham.

Parada sob o jorro de água, Laurie pensou em fazer uma salada para depois estudar um pouco para a prova de medicina legal. Em seguida, pensou no jantar do dia seguinte na casa dos pais. Embora sua reação inicial tenha sido esmagadoramente negativa, Laurie começou a mudar de idéia. Talvez o jantar fosse uma pausa interessante em sua rotina. Então, ela perguntou-se o quão intolerável seria o oftalmologista recém-divorciado. Também se perguntou pela idade dele.



## 2

### **SEGUNDA-FEIRA, 21 e 40, QUEENS, CIDADE DE NOVA YORK**

– Tenho que fazer alguma coisa – disse Tony Ruggerio. Estava irrequieto e se mexia ao lado do passageiro do banco da frente do Lincoln Town Car preto de Angelo Facciolo. – Há quatro noites que estamos sentados aqui, na frente do armazém de D’Agostino. Não posso suportar isto sem fazer nada.

Seus olhos esquadrinharam nervosamente a cena da rua que brilhava de chuva à sua frente. O carro estava estacionado perto de um hidrante na Roosevelt Avenue. Angelo girou a cabeça devagar de um lado a outro. Seus olhos de pálpebras grandes observaram aquele “garoto” de aparência jovial aos 24 anos de idade que haviam impingido a ele. O nervosismo e a impulsividade de Tony bastavam para submeter à prova a paciência de Angelo. Ele achava que o garoto, apelidado de “o animal”, era um risco na sua linha de trabalho e disse isto a Cerino. Mas a coisa não teve nenhuma importância. Foi o mesmo que Angelo ter conversado com uma parede. Cerino disse que a vantagem do garoto era o fato de ele não ter medo de coisa alguma; era selvagem e ambicioso, não tinha escrúpulos e pouca consciência. Cerino disse que precisava de mais gente como Tony. Angelo não teve certeza.

Tony era baixo com seu 1,70 metros, mas magro e resistente. O que faltava de intimidação com a altura tentava compensar com músculos. Fazia exercícios regulares na academia American, em Jackson Heights. Dizia para Angelo que tomava suplementos com proteínas e, de vez em quando, esteróides. As feições de Tony eram redondas, da etnia do sul da Itália, e seu cabelo era negro, brilhante e grosso. Tinha o nariz um tanto achatado e anguloso para a direita, graças ao pugilismo amador.

Crescera em Woodside e não chegara a completar o curso secundário, onde teve brigas freqüentes por causa de sua estatura,

assim como da irmã, Mary, que era, segundo o vernáculo dele, um “avião”. Ele sempre fora protetor em relação à irmã, por achar que, em se tratando de mulheres, todos os homens tinham os mesmos objetivos que ele.

– Não posso ficar sentado aqui por mais tempo – disse Tony. – Tenho que sair do carro. – Estendeu o braço para a maçaneta da porta.

Angelo pôs a mão no braço de Tony.

– Relaxe! – disse Angelo com um tom de ameaça na voz suficiente para dominar Tony.

De certa maneira, Cerino estivera certo ao formar essa dupla. Angelo, o “almofadinha”, fazia um excelente contraste com o impetuoso Tony. Parecia mais velho que seus 34 anos. Enquanto Tony era baixo, Angelo era alto e macilento, as feições bem definidas e parecidas com uma machadinha. Se Tony era sensível em relação à sua altura, Angelo o era em relação à pele. Seu rosto ostentava as cicatrizes de um caso de catapora quase fatal aos seis anos de idade e de uma severa acne, dos 13 aos 21 anos. Onde Tony era selvagem e impulsivo, Angelo era cauteloso e calculista: um sociopata de aparência calma, cujo caráter tinha sido moldado por uma série infinita de asilos para crianças à espera de adoção e uma restrição final de um tempo duro numa prisão de segurança máxima. Os dois eram muito vaidosos quando se tratava de seus guarda-roupas. No entanto, Tony nunca atingiu o manequim que desejava; seus ternos, não importava o quanto fossem caros, sempre se ajustavam mal em seu corpo de músculos desproporcionais. Por outro lado, no que dizia respeito à elegância de alfaiate, Angelo dava até mesmo ao Garboso John Gotti uma recompensa por suas despesas. Ele não era espalhafatoso, apenas meticuloso. Usava apenas ternos, camisas, gravatas e sapatos Brioni. Assim como a formação de músculos de Tony era uma resposta à sua baixa estatura, a fastidiosa roupa de Angelo era uma resposta à aparência de sua pele, assunto sobre o qual ele não tolerava nenhuma referência.

Tony recostou-se no assento e olhou de soslaio na direção de Angelo, uma das poucas pessoas que temia, respeitava e até

invejava. Angelo era bem relacionado, um homem que vencera pelo próprio esforço e cuja reputação era lendária.

– Paulie me contou que Frankie DePasquale iria aparecer neste armazém – disse Angelo. – De modo que, se for preciso, passaremos o próximo mês esperando aqui.

– Cristo! – resmungou Tony.

Em vez de sair do carro, pegou o paletó largo e retirou a Beretta Bantam calibre 25. Soltou o pino provido de mola na coronha, deslizou o pente para fora e contou as balas, como se um dos oito projéteis pudesse ter desaparecido desde a última vez que os contara, meia hora antes. Quando Tony apertou o gatilho da arma descarregada, Angelo revirou os olhos.

– Afaste essa arma – advertiu. – Qual é o problema com você?

– Está bem, está bem! – disse Tony, enfiando o pente na arma e recolocando a pistola no coldre do ombro. – Fica frio, ok? – Olhou para Angelo, que respondeu com um olhar fixo durante alguns momentos. Tony levantou as mãos. Conhecia Angelo muito bem para saber que ele estava irritado. – A arma já está afastada. Pode relaxar.

Angelo não disse nada. Voltou a olhar para a entrada do D'Agostino, observando as pessoas que entravam e saíam. Tony soltou um suspiro pesado.

– Tem sido um mês esquisito desde que os filhos da mãe atiraram ácido no rosto de Paulie. Talvez os vagabundos tenham se separado, escapulido da cidade; é o que eu teria feito. No dia seguinte daria o pinote daqui. Iria para a Flórida ou para a costa. Talvez estejamos sentados aqui para coisa nenhuma. Já pensou nisso?

– Frankie foi visto – disse Angelo. – Ele foi visto aqui no D'Agostino.

– Então, como aconteceu? – perguntou Tony. – Para começo de conversa, como se aproximaram de Cerino?

– Não foi complicado – revelou Angelo. – Vinnie Dominick pediu a reunião com Cerino. A coisa seria sem armas. Todo mundo foi obrigado a deixar sua arma no carro. Chegamos a usar um detector de metal, que Cerino pegou no Aeroporto Kennedy. Quando

Terry Manso começou a servir o café, ele atirou uma xícara de ácido no rosto de Paul. A razão para sabermos que Frankie estava envolvido foi porque ele chegou com Manso.

– Como foi que Frankie escapou? – perguntou Tony.

– As luzes se apagaram no momento em que Paulie recebeu o ácido – disse Angelo. – Depois o lugar enlouqueceu com os gritos de Paulie e todo mundo mergulhando para se proteger na escuridão. Eu estava junto à janela da frente. Joguei uma cadeira nela e mergulhei para o lado de fora. Foi então que vi Manso sair pela porta da frente. Frankie já estava entrando num carro. Tudo aconteceu tão rápido que poucas pessoas poderiam reagir.

– Como conseguiu pegar Manso? – quis saber Tony.

– Foi uma corrida – disse Angelo. – Manso perdeu. Meu carro estava bem diante do restaurante, com minha arma no assento da frente, onde eu poderia pegá-la rápido, caso alguma coisa saísse errada. Dei dois tiros enquanto Manso tentava entrar em seu carro. Não chegou a conseguir. As duas balas atingiram as costas dele.

– Quantas pessoas estavam envolvidas na coisa? – perguntou Tony.

Ele ficara curioso em relação ao episódio do ácido desde que ouvira falar dele, mas receava trazer o assunto à baila.

– Do jeito que imagino a coisa, pelo menos mais duas pessoas além de Manso e DePasquale – disse Angelo. – Uma das razões para querermos conversar com Frankie é para sabermos com certeza.

– Meu Deus, isso funde a minha cuca – disse Tony, sacudindo a cabeça. – Não consigo imaginar quanto o pessoal de Lucia prometeu pagar por essa espécie de cartada.

– Ninguém sabe ao certo – replicou Angelo. – Na verdade, dizem que os bandidos fizeram por sua conta, achando que o pessoal de Lucia os recompensaria pelos disparos. Mas, pelo que podemos dizer, o pessoal de Lucia nem chegou a agradecer.

– Que desrespeito... – murmurou Tony. – Logo no rosto. Cristo!

– Isto me faz lembrar – disse Angelo – você pegou o conjunto de ácidos?

– Peguei, claro. Está na velha maleta de médico do Dr. Travino, no assento traseiro.

– Ótimo. Paulie vai gostar disso. Foi um belo toque.

Tony se espreguiçou. Ficou quieto durante um minuto. Depois pigarreou.

– O que você acha de eu sair do carro só por um segundo? Gostaria de fazer uma série de flexões. Meus ombros estão tensos.

Angelo praguejou aos sussurros e disse a Tony que ficar com ele no carro era o mesmo que ficar trancado com um garoto de dois anos.

– Desculpe – disse Tony com as sobrancelhas arqueadas. – Estou acostumado com mais atividade do que isto. – Juntou as mãos e fez uma série de exercícios isométricos. No meio de uma dessas manobras, ele parou e olhou fixo pela janela lateral. – Puta de merda, não é o próprio Frankie DePasquale que está vindo em nossa direção? – Tony estava excitado.

Angelo inclinou-se para a frente a fim de poder ver além do corpo de Tony.

– Com certeza se parece com ele.

– Até que enfim! – exclamou Tony, enquanto tentava a sacar a arma e levar a mão à maçaneta do carro.

Então, sentiu a mão de Angelo em seu braço. Olhou surpreso para seu mentor.

– Ainda não – disse Angelo. – Precisamos ter certeza de que o garoto está sozinho. Não podemos estragar isto. Talvez seja nossa única chance e Paulie não quer mais encrenca.

Como um impaciente cão de caça que se contém com dificuldade diante de alguma presa levantada, Tony ficou observando enquanto Frankie DePasquale desaparecia no armazém abarrotado de gente. Para sua surpresa, Angelo deu a partida no carro.

– Aonde você vai? – perguntou.

– Só vou recuar um pouco – explicou Angelo. – Parece que Frankie está sozinho. Vamos pegá-lo quando ele sair.

Angelo recuou, formando um ângulo com o meio-fio junto a uma parada de ônibus. E deixou o motor funcionando, enquanto os dois esperavam. Vinte minutos depois, Frankie saiu da loja com pacotes nos dois braços. Angelo e Tony observavam enquanto ele caminhava na direção deles.

– Ele parece um adolescente – disse Angelo.

– E é. Tem dezoito anos. Estudava na turma de minha irmã antes de começar a vagabundear com as pessoas erradas, quando saiu da escola.

– Agora! – disse Angelo.

Num movimento rápido, Angelo e Tony saíram do carro e se confrontaram com o surpreso Frankie DePasquale. Frankie ficou de olhos arregalados e seu queixo caiu.

– Olá, Frankie – disse Angelo com calma. – Precisamos ter uma conversa.

Frankie respondeu deixando cair os artigos de armazém. As sacolas se rasgaram ao atingirem a calçada molhada e uma grande quantidade de latas de massa de tomate rolou para a sarjeta. Frankie girou e saiu correndo.

Tony alcançou-o num lampejo. Agarrou-o com um movimento bruto pelas costas, derrubando-o no chão com um soco. Manteve-o caído e revistou-o rápido, descobrindo um pequeno revólver. Tony enfiou a arma no bolso, em seguida virou o aterrorizado garoto. De perto, Frankie parecia ter menos de dezoito anos. Na verdade, parecia que ainda não fazia a barba.

– Não me machuque – suplicou Frankie.

– Cale a boca! – grunhiu Tony.

O garoto era um porre. Era repugnante. Angelo aproximou o carro do meio-fio perto deles. Saltou fora do veículo com o motor em funcionamento. Alguns pedestres detiveram-se atrás de seus guarda-chuvas para se embasbacarem com o espetáculo. Angelo passou entre eles.

– Muito bem, circulando – ordenou Angelo. – Somos polícias.

Angelo ostentou uma velha insígnia do Departamento de Polícia, que mantinha no bolso para esse tipo de ocasião. Não fazia a menor diferença o fato de estar escrito Ozone Park, sendo que no momento eles se encontravam em Woodside. Era a forma e o brilho do metal que causavam o efeito desejado. A pequena multidão começou a se dispersar.

– Eles não são polícias – berrou Frankie.

Tony respondeu à explosão de Frankie encostando sua Beretta Bantan no lado da cabeça de Frankie.

– Garoto, mais uma palavra e você vira história.

– Para o carro – ordenou Angelo.

Com Angelo de um lado e Tony do outro, Frankie foi apoiado e arrastado para o carro. Abriram a porta traseira, pressionaram a cabeça dele para baixo e empurraram-no para dentro do carro. Tony entrou depois dele. Angelo correu em volta do carro e se precipitou no assento do motorista. Com os pneus cantando, eles se dirigiram para oeste na Roosevelt Avenue.

– Por que vocês estão fazendo isso? – perguntou Frankie.

– Não fiz nada com vocês, caras.

– Cale o bico – disse Angelo do banco da frente.

Ele vinha mantendo o olho no espelho retrovisor. Se houvesse algum sinal de encrenca, ele pegaria o Queens Boulevard. Mas estava tudo calmo, de modo que continuou em frente. A Roosevelt tornou-se Greenpoint e Angelo começou a relaxar.

– Muito bem, vagabundo – continuou Angelo olhando no retrovisor. – Hora de conversar.

Podia apenas ver Frankie se encolhendo no canto, mantendo-se o mais longe possível de Tony. Tony segurava a arma com a mão esquerda, enquanto o braço ficava pendurado nas costas do assento. Os olhos de Tony nunca se desgrudavam de Frankie.

– Sobre o que você quer conversar? – perguntou Frankie.

– O trabalho que você e Manso fizeram em Paulie Cerino – disse Angelo. – Tenho certeza de que você adivinhou que trabalhamos para o Sr. Cerino.

Os olhos de Frankie voavam do rosto de Tony para a arma deste, em seguida subiam para a imagem de Angelo no retrovisor. Estava aterrorizado.

– Não fui eu que fiz – disse. – Eu só estava lá. Foi idéia de Manso. Eles me forçaram a ir junto. Eu não queria fazer, mas eles ameaçaram minha mãe.

– Quem são eles? – perguntou Angelo.

– Estou falando de Terry Manso – disse Frankie. – Ele era o único.

Tony bateu com o cano da arma em pleno rosto de Frankie. Frankie gritou e pressionou as palmas das mãos contra o rosto. Um fio de sangue gotejou entre seus dedos.

– O que você pensa que somos? Estúpidos? – zombou Tony.

– Não o machuque ainda – avisou Angelo. – Talvez ele coopere.

– Por favor, não me machuque mais – suplicou Frankie entre soluços.

Tony xingou com desdém e forçou o cano da pistola entre os dedos de Frankie, encostando-o em sua boca.

– Seu cérebro vai ficar todo espalhado no interior deste carro se não se apressar e parar de nos sacanear.

– Quem mais estava metido na coisa? – Angelo tornou a perguntar.

Tony tirou o cano da pistola para que Frankie pudesse falar.

– Foi apenas Manso – soluçou Frankie. – E ele me forçou a ir junto.

Angelo sacudiu a cabeça com desagrado.

– É óbvio que você não está cooperando, Frankie. Lembre-se das luzes. No exato momento em que Manso atirou o ácido, as luzes se apagaram. Não foi uma coincidência. Quem apagou as luzes? E o carro? Quem estava dirigindo o carro?

– Não sei de nada sobre as luzes – soluçou Frankie. – Não me lembro quem estava dirigindo. Era alguém que não conheço. Alguém que Manso conseguiu.

Angelo sacudiu a cabeça, contrariado. Nada mais era fácil. Odiava esse tipo de trabalho sujo. Nutrira vagas esperanças de que Frankie soltasse a língua no momento em que entrassem no carro. Era óbvio que não era este o caso.

Angelo olhou pelo retrovisor e captou um relance do rosto de Tony sob o bruxulear de luzes das lâmpadas da rua. Tony ostentava um de seus sorrisos de contentamento, que dizia a Angelo que ele estava desfrutando daqueles momentos. Até mesmo Angelo pensou que, em algumas ocasiões, Tony conseguia ser assustador.

Quando chegaram à área do píer Greenpoint, no Brooklyn, Angelo virou à direita na Franklin, depois à esquerda na Java. A área



estava em ruínas, em especial quanto mais perto se chegava da água. Estabelecimentos comerciais abandonados alinhavam-se na rua. Há uns cem anos, a região era uma florescente zona portuária, mas isto mudara muito tempo antes, salvo no caso de algumas empresas isoladas, como as instalações industriais da Pepsi-Cola na direção de Newton Creek.

No beco sem saída onde a Java Street terminava junto ao East River, Angelo entrou por um portão de corrente. Um cartaz sobre o portão informava: COMPANHIA AMERICANA DE FRUTA FRESCA. O carro começou a vibrar sobre a superfície áspera das pedras arredondadas, mas Angelo não diminuiu a velocidade. Ele estacionou no ponto em que não podia continuar rodando de carro.

– Todo mundo para fora! – ordenou Angelo.

Estavam estacionados à sombra de um gigantesco empório construído sobre o píer, que se estendia para a frente, quase cem metros sobre o East River. Do outro lado do rio estava o vulto monumental da cintilante silhueta dos edifícios de Manhattan. Tony saiu carregando a bolsinha preta de Doc Travino e fez sinal para Frankie sair também. Angelo destrancou uma porta superior do empório, puxou-a para cima e fez sinal para Frankie entrar. Frankie hesitou na soleira escura.

– Já contei tudo que sei. O que vocês querem de mim?

Tony deu um empurrão em Frankie, jogando o garoto aos tropeções para a frente. O clique do interruptor ecoou no empório cavernoso, quando Angelo o acionou, ativando as lâmpadas a vapor de mercúrio. A princípio, as lâmpadas apenas irradiaram um pequeno brilho, mas à medida que caminhavam pelo píer arrastando um relutante Frankie, a luz foi ficando cada vez mais forte. Pouco tempo depois, conseguiam iluminar as imensas pilhas de bananas verdes que lotavam o empório.

– Por favor – gemeu Frankie, mas Angelo e Tony o ignoraram.

Caminharam até o fim do píer, destrancaram uma porta com painéis. Angelo encontrou o interruptor que ligava uma única lâmpada suspensa por um simples fio. A sala continha uma velha escrivaninha de metal sem gavetas, algumas cadeiras e um enorme buraco no chão. Abaixo do chão, as águas do East River mais

pareciam óleo do que água, enquanto giravam em volta das estacas do píer, fluindo com a maré.

– Estou dizendo a verdade – lamuriou-se Frankie. – Foi Manso que fez tudo. Fui forçado a ir junto. Não sei mais nada!

– Claro, Frankie – disse Angelo. Virou-se para Tony e acrescentou: – Amarre-o numa das cadeiras.

Tony colocou a sacola de Doc Travino em cima da escrivaninha e abriu-a. Retirou de dentro da sacola um pedaço de corda de varal. Em seguida, com um sorriso depravado, disse a Frankie para sentar-se numa das cadeiras de madeira. Frankie fez o que lhe mandaram fazer. Enquanto Tony o amarrava, Angelo acendeu um cigarro. Tony deu alguns puxões na corda para testar os nós. Satisfeito, levantou-se e acenou para Angelo.

– Mais uma vez, Frankie – disse Angelo. – Quem mais está envolvido na brincadeira do ácido? Quem, além de você e Manso?

– Ninguém – soluçou Frankie. – Estou dizendo a verdade.

Num gesto zombeteiro, Angelo soltou a fumaça do cigarro no rosto de Frankie. Olhou para Tony e disse:

– Hora do soro da verdade.

Tony retirou da bolsa de Doc Travino uma pequena garrafa de vidro e um colírio, depois entregou ambos a Angelo. Angelo desatarraxou a tampa e, com todo cuidado, cheirou o conteúdo. Quando sentiu a exalação, jogou a cabeça para trás num movimento rápido.

– Nossa, que coisa poderosa! – piscou algumas vezes e enxugou lágrimas nos cantos dos olhos. – Alguma chance de você querer mudar sua história? – perguntou Angelo com calma, após aproximar-se de Frankie.

– Estou dizendo a verdade – insistiu Frankie.

Angelo olhou para Tony.

– Puxe a cabeça dele para trás.

Tony agarrou um punhado de cabelos do garoto bem acima da testa e puxou a cabeça de Frankie para trás.

– Diga uma coisa, Frankie – disse Angelo ao reclinar-se sobre o rosto de Frankie virado para cima. – Já ouviu falar na expressão “olho por olho, dente por dente”?

Só então Frankie percebeu o que estava acontecendo. Mas apesar de suas tentativas para fechar os olhos, Angelo conseguiu esvaziar o frasco de colírio na pálpebra inferior direita de Frankie. Um leve barulho de borrifos, como o de água caindo numa panela quente, precedeu um grito agudo de arrebentar os tímpanos quando o ácido sulfúrico corroeu os delicados tecidos do olho de Frankie. Angelo olhou de soslaio para Tony e notou que o sorriso deste se dilatara, transformando-se num riso largo. Angelo perguntou-se aonde chegaria o mundo com essa nova geração. O garoto Tony estava tendo um baile. Para Angelo, aquilo não era diversão, era negócio. Nada mais do que isso.

Angelo colocou o frasco de ácido sulfúrico na escrivaninha e deu mais algumas tragadas no cigarro. Quando os gritos de Frankie se abafaram, tornando-se soluços sufocados, Angelo inclinou-se em sua direção e perguntou com calma se Frankie queria mudar a história.

– Fale comigo! – ordenou Angelo ao achar que Frankie o estava ignorando.

– Estou dizendo a verdade – Frankie conseguiu dizer.

– Pelo amor de Deus! – murmurou Angelo enquanto se voltava para o ácido. E falou para Tony por sobre o ombro: – Puxe a cabeça dele de novo para trás.

– Espere! – grasnou Frankie. – Não me machuque mais. Vou contar o que você quiser saber.

Angelo colocou o ácido de volta na escrivaninha e virou-se para Frankie. Olhou para a torrente de lágrimas que saía dos olhos fechados do garoto, sobretudo do olho em que ele despejara o ácido.

– Tudo bem, Frankie – começou Angelo. – Quem está envolvido?

– Vocês têm que dar alguma coisa para meu olho – gemeu Frankie. – Está me matando.

– Vamos cuidar disso assim que você nos contar o que queremos saber – disse Angelo. – Vamos lá, Frankie. Estou perdendo a paciência.

– Bruno Marchese e Jimmy Lanso – murmurou Frankie.

Angelo olhou para Tony. Tony acenou com a cabeça.

– Já ouvi falar de Bruno – disse ele. – um garoto do local.

– Onde poderemos encontrar esses caras se quisermos conversar com eles? – perguntou Angelo.

– Rua 55, número 3.822, apartamento 1 – disse Frankie. – Bem perto do Northern Boulevard.

Angelo pegou um pedaço de papel e anotou o endereço.

– De quem foi a idéia? – perguntou.

– Foi de Manso – soluçou Frankie. – Eu estava dizendo a verdade sobre isto. A idéia dele era que, se fizéssemos a coisa, todos nos tornaríamos soldados de Lucia, parte do círculo interno. Mas eu não queria fazer. Eles me obrigaram a ir junto.

– Frankie, por que você não podia nos contar isso no carro? – perguntou Angelo. – Você nos teria poupado de um bocado de encrenca e teria sofrido menos.

– Temia que os outros me matassem, se descobrissem que falei – disse Frankie.

– Quer dizer então que você estava mais preocupado com seus amigos do que conosco? – perguntou Angelo enquanto andava para trás de Frankie. Foi o bastante para magoar os sentimentos de Angelo. – É curioso. Mas não importa. Agora você não vai precisar se preocupar com seus amigos, porque vamos cuidar de você.

– Vocês precisam dar alguma coisa para o meu olho – disse Frankie.

– Claro – replicou Angelo.

Com um movimento suave, e sem um segundo de hesitação, Angelo sacou a pistola automática Walther TPH e atirou na nuca de Frankie, pouco acima do pescoço. A cabeça de Frankie foi jogada para a frente, depois tombou sobre o peito.

A brusquidão do ato final surpreendeu Tony, que estremeceu e deu um passo para trás, prevendo uma rajada de sangue. Mas não houve tal sangramento.

– Por que você não me deixou fazer isto? – queixou-se ele.

– Cale a boca e desamarre o cara – disse Angelo. – Não estamos aqui para nos divertir. Estamos trabalhando, lembra?

Depois que Tony desamarrou Frankie, Angelo ajudou a carregar o corpo flácido até o buraco no chão. Contaram até três e lançaram o cadáver no rio. Angelo ficou observando o tempo suficiente para assegurar-se de que o fluxo da maré levaria o corpo pelo rio de maneira adequada.

– Vamos voltar a Woodside para fazer uma visita social aos outros – disse Angelo.

O endereço dado por Frankie era uma pequena fileira de casas de dois andares, com um apartamento em cada andar. A porta de fora estava trancada, mas tinha um mecanismo acessível a um cartão de crédito. Em poucos minutos eles entraram. Angelo bateu, depois que ambos se posicionaram nos lados da porta do apartamento um. Não houve resposta. Na rua eles tinham visto as luzes acesas.

– Arrombe – ordenou Angelo, acenando em direção da porta.

Tony deu vários passos para trás, depois chutou a porta. O umbral estilhaçou-se ao primeiro pontapé e a porta girou para dentro. Num piscar de olhos, Angelo e Tony entraram no pequeno apartamento, com ambas as mãos segurando armas. O apartamento estava vazio, com exceção de várias garrafas com cerveja até a metade e uma mesa de centro. A tevê estava ligada.

– O que você imagina? – perguntou Tony.

– Eles devem ter se apavorado porque Frankie não voltou – disse Angelo; acendeu um cigarro e pensou durante alguns momentos.

– Que fazemos a seguir? – perguntou Tony.

– Você sabe onde mora a família desse tal de Bruno? – disse Angelo.

– Não, mas posso descobrir.

– Descubra.

### 3

## TERÇA-FEIRA, 7 e 55, MANHATTAN

Era uma manhã estupenda quando Laurie Montgomery abandonou o apartamento e seguiu para norte, na Primeira Avenida, em direção à Rua 13. A própria cidade de Nova Iorque conseguia apresentar um aspecto aprazível, após dois dias consecutivos de chuva intensa. A temperatura baixara e constituía uma advertência desagradável do aproximar do Inverno. Mas fazia sol e soprava vento suficiente para dispersar o fumo dos escapes dos veículos.

Os passos dela aceleravam-se à medida que se aproximava do local de trabalho e esboçou um sorriso ao pensar em como se sentia diferente naquela manhã, em comparação com a véspera, quando regressara a casa. A reprimenda de Bingham fora contundente, mas merecida, pois ela procedera mal. No lugar dele não estaria menos irritada.

Quando começava a subir os degraus da entrada, perguntou-se que novidades lhe traria o novo dia. Um dos aspectos do seu trabalho que mais apreciava era a imprevisibilidade. Sabia apenas que estava escalada para "autopsiar". Não fazia a menor idéia da natureza dos casos que lhe caberiam e do gênero de enigmas intelectuais que se lhe deparariam. Praticamente, cada vez que tinha de fazer uma autópsia surgia algo que nunca vira e até de que jamais ouvira falar. Na verdade, tratava-se de uma profissão que significava descoberta contínua.

Naquela manhã, a área da recepção achava-se relativamente calma, embora ainda estivessem presentes alguns representantes dos media, em busca de mais elementos sobre o homicídio no Central Park, que, na véspera, merecera honras de primeira página nos matutinos locais.

Acabava de transpor a porta interior, quando estacou ao avistar Bob Talbot sentado num sofá a conversar com outro repórter. Após um momento de hesitação, dirigiu-se para lá.

– Preciso falar contigo, Bob. – Laurie voltou-se para o outro homem. – Desculpe a interrupção.

O interpelado levantou-se com prontidão e afastou-se com ela. Laurie estava intrigada com a atitude dele, pois esperava vê-lo embaraçado.

– Ver-te dois dias seguidos deve ser um recorde. É um prazer a que me habituaria sem dificuldade.

Laurie entrou diretamente no assunto:

– Custa a crer que não tivesses mais respeito pela minha confiança. O que te disse ontem se destinava apenas aos teus ouvidos.

– Lastimo profundamente. – Ele parecia, na verdade, abalado com a reprimenda. – Não sabia que o assunto era confidencial. Pelo menos, não disseste nada.

– Podias ter calculado – volveu ela, dominada por cólera surda. – Não é difícil imaginar o que semelhante revelação contém de pernicioso para a minha posição aqui dentro.

– Desculpa – volveu Bob. – Não torna a acontecer.

– Não tenhas a mínima dúvida a esse respeito.

Laurie encaminhou-se para o interior do edifício, ignorando Bob, que a chamava. Não obstante, a irritação atenuara-se. No fundo, dissera a verdade, na véspera, e ponderou que talvez se devesse sentir mais desconfortável com os aspectos social e político mencionados por Bingham do que com Bob. Um dos atrativos da patologia, em geral, e da medicina legal, em particular, consistia em que ela e os colegas tentavam enfrentar a verdade, e a idéia do compromisso, independentemente do motivo, desagradava-lhe. Esperava que nunca lhe fosse necessário ter de optar entre os seus escrúpulos e a politização de uma situação.

Depois de Marlene Wilson lhe abrir a porta por meio do fecho automático, seguiu diretamente para o Departamento de Identificação onde, como habitualmente, Vinnie Amendola tomava café e lia a seção desportiva do jornal. Se a data deste não fosse a do próprio dia, Laurie quase juraria que ele nunca saía dali. Se percebeu a presença dela, não o deixou transparecer. Riva Mehta, com a qual partilhava o gabinete, também estava presente. Era uma

indiana magra, de tez cor de azeitona e voz suave. Na véspera não se tinham visto uma única vez.

– Parece que hoje é o teu dia de sorte – observou Riva, com uma expressão maliciosa.

– Como assim? – perguntou Laurie, vendo que a colega também tomava café antes de recolher ao gabinete, pois era o seu dia de se ocupar exclusivamente da papelada.

Vinnie soltou uma risada seca, sem levantar os olhos do jornal.

– Tens um flutuador de homicídio – explicou a indiana.

“Flutuador” era um corpo que permanecera na água durante um certo período. Em geral, ninguém desejava esses casos, porque os cadáveres se apresentavam com freqüência em avançado estado de decomposição.

Laurie leu a escala que Calvin elaborara naquela manhã, em que figuravam as autópsias do dia e a quem competiam. A seguir ao nome dela, havia duas overdoses de drogas e um homicídio FAF, iniciais que correspondiam a ferimento com arma de fogo.

– O corpo foi pescado do East River, esta manhã – acrescentou Riva. – Um agente da segurança atento viu-o passar diante da doca da Rua Sul.

– Estupendo – articulou Laurie, secamente.

– Podia ser pior – interpôs Vinnie. – Não havia muito tempo que estava na água. Apenas um par de horas.

Ela inclinou a cabeça, aliviada. Aquilo significava que, provavelmente, não teria de se ocupar do caso na sala de decomposição. Em situações daquela natureza, preocupava-a mais o isolamento que o cheiro. Preferia achar-se envolvida nas coisas relacionadas com o outro pessoal. Havia ajuda mútua considerável na sala principal de autópsias e acontecia por vezes aprender tanto com casos dos outros como com os seus. Leu o nome da vítima e a idade:

– Frank DePasquale e tinha apenas dezoito anos. Coitado... E, à semelhança da maioria desses homicídios, o caso provavelmente nunca será solucionado.

– É o mais certo – concordou Vinnie, voltando a página do jornal.



Laurie deu os bons-dias a Paul Plodgett, quando ele surgiu à entrada, e perguntou-lhe como se desenrolava o seu famoso caso.

– Nem queiras saber – murmurou ele, que apresentava olheiras profundas. – É um autêntico pesadelo.

Laurie encheu uma chávena de café e pegou nas três pastas de cartolina referentes aos seus casos do dia. Cada uma continha uma folha de trabalho, uma certidão de óbito parcialmente preenchida, um inventário de registos médico-legais, duas folhas para anotações sobre a autópsia, a transcrição da comunicação da morte como fora recebida pelo respectivo departamento, uma identificação completa, um relatório de investigação, uma folha para o resultado da autópsia e um talão do laboratório sobre a análise de anticorpos.

Quando esquadrinhava todo o material, reparou nos nomes de Louis Herrera e Duncan Andrews e recordou-se deste último, da véspera.

– Esse é o caso de que você me falou ontem – esclareceu uma voz por cima do seu ombro, e ela viu-se perante os olhos negros e perscrutadores de Calvin Washington, que se aproximara em silêncio e pousava o dedo no nome citado. – Quando vi de quem se tratava, calculei que desejaria ficar com ele.

– Não vejo inconveniente.

Cada praticante de autópsias tinha a sua maneira pessoal de proceder. Alguns pegavam no material e seguiam diretamente para a “cova”. Laurie, porém, tinha um *modus operandi* diferente. Gostava de levar toda a papelada para o gabinete, a fim de planejar o seu dia tão racionalmente quanto possível. Com a chávena numa das mãos, a pasta na outra e os elementos sobre os três casos debaixo do braço, encaminhou-se para o elevador. Passava pela área das comunicações, quando o sargento Murphy, um dos polícias normalmente de serviço no Departamento de Autópsias, a chamou e emergiu do cubículo, destinado às autoridades, com um segundo homem a acompanhá-lo.

– Quero apresentar-lhe o tenente – detetive Lou Soldano, doutora Montgomery – disse o primeiro, um irlandês rubicundo e

comunicativo. – É um dos ases do Departamento de Homicídios da Central.

– Muito gosto em conhecê-la, doutora.

O detetive, um homem moreno, bem apessoado, de estatura mediana e olhos brilhantes, estendeu a mão. O cabelo estava cortado curto, num estilo que parecia apropriado à sua constituição física musculosa.

– Igualmente – replicou Laurie. – Não é muito vulgar vermos um polícia nestas paragens – observou, um pouco enervada com o olhar insistente do interlocutor.

– Não nos deixam sair da jaula com freqüência – explicou Lou. – Passo a maior parte do tempo grudado à secretária. Apesar disso, gosto de arejar um pouco, de vez em quando, em especial tratando-se de determinados casos.

– Bem, espero que a visita lhe seja proveitosa. – E ela fez menção de se afastar.

– Um momento, por favor. Disseram-me que tinha a seu cargo a autópsia de Frank DePasquale, e gostaria de assistir. Já pedi autorização ao doutor Washington.

– Como queira... se conseguir tolerar o ambiente.

– Presenciei algumas, pelo que não prevejo qualquer problema.

– Ótimo.

Seguiu-se uma pausa embaraçosa, até que apercebeu e que o homem aguardava instruções.

– Dirija-me ao meu gabinete, para analisar previamente a papelada, como faço sempre. Quer vir?

– Com o maior prazer.

No elevador, observou Soldano mais atentamente. Era atlético, de expressão inteligente e um ar de certo desmazelo que lhe recordou Colombo, detetive da TV celebrizado por Peter Falk. O vinco das calças há muito que desaparecera e, apesar de serem apenas pouco mais das oito horas da manhã, apresentava uma barba a precisando ser escanhoada.

Como se lhe adivinhasse o pensamento, ele pousou os dedos nas faces e declarou:

– Devo ter um aspecto horrível, mas estou a pé desde as quatro e meia da madrugada, quando o corpo de DePasquale deu à costa, por assim dizer, e não tive oportunidade de me barbear. Espero que o fato não a contrarie muito. De qualquer modo, não pretendo candidatar-me a um segundo Don Johnson, do “Miami Vice”.

– Não tinha reparado – mentiu Laurie. – Mas porque está um tenente-detetive tão interessado numa vítima de homicídio de dezoito anos? Existe alguma coisa de especial neste caso que eu deva saber?

– Digamos que se trata mais de uma questão pessoal. Antes de ser promovido a tenente e transferido para a Brigada de Homicídios, trabalhei no Departamento do Crime Organizado durante seis anos. DePasquale abarca as duas áreas. Era um jovem rufião relacionado com a família de criminosos Lucia. Apesar de ter apenas dezoito anos, o seu cadastro é tão longo como o meu braço.

O elevador deteve-se no quarto piso e ela fez sinal para saírem.

– Como decerto já deduziu – continuou ele, enquanto seguiam pelo corredor – a morte do rapaz foi obviamente uma execução.

– Foi? – estranhou Laurie, para a qual ainda nada era óbvio.

– Em absoluto. Verificará que foi atingido à queima-roupa por uma bala de pequeno calibre na base do crânio. É o método habitual. Assim, o derramamento de sangue fica reduzido ao mínimo.

Entraram no gabinete, onde ela apresentou o detetive a Riva, já debruçada intensamente sobre o trabalho. Laurie aproximou uma cadeira da sua secretária para Lou e sentaram-se ambos.

– Suponho que está ao corrente desses casos de execuções entre *gangsters*?

– Não tenho bem certeza – alegou, evasivamente, pois o treino na escola médica ensinara-a a mostrar-se reticente em face de uma pergunta direta, e não desejava incutir a impressão de inexperiência na matéria.

– Costumam resultar de atritos entre organizações rivais – prosseguiu o tenente. – Neste caso, seria entre as famílias Lucia e Vaccarro, os atores mais importantes no cenário da área de Queens,

com os respectivos interesses a cargo de patrões de nível médio: Vinnie Dominick e Paul Cerino. Penso que este último contribuiu para o passamento prematuro do infelizmente Frank DePasquale e, nessa eventualidade, nada me agradaria mais do que lançar-lhe a luva com provas substanciais. Andei no seu encalço ao longo dos seis anos em que trabalhei no Crime Organizado, mas nunca consegui obter o mínimo elemento comprometedor. Assim, se agora pudesse ligá-lo a um delito capital, como a morte desse rapaz, seria estupendo.

– O que coloca o fardo sobre os nossos ombros – comentou Laurie, abrindo a pasta referente a DePasquale.

– Se a doutora ou o seu laboratório obtivessem alguma coisa de aproveitável, ficar-lhe-ia eternamente grato. Necessitamos de um ponto de partida palpável. O problema com os tipos como o Cerino é que mantêm tantas camadas estanques entre eles e todos os crimes cometidos em seu nome que raramente conseguimos que uma acusação se solidifique.

– Que maçada! – exclamou subitamente, pois analisava o conteúdo da pasta de DePasquale, ao mesmo tempo em que escutava o detetive.

– Há alguma novidade?

– Não o radiografaram. – Levantou o telefone e ligou à morgue. – Precisamos de uma radiografia antes de iniciar a autópsia. Infelizmente isto vai atrasar as coisas. Tenho de me ocupar primeiro de um dos outros dois casos. Lamento.

Como única resposta, Lou encolheu os ombros com resignação.

Ela indicou ao técnico que atendeu que radiografasse Frank DePasquale o mais depressa possível, e ele prometeu envidar os maiores esforços nesse sentido. No momento em que Laurie desligava, Calvin Washington surgiu à entrada.

– Temos um problema de que se deve inteirar.

– De que se trata? – perguntou Laurie, levantando-se. Vendo que o recém-chegado olhava Lou com curiosidade, acrescentou: – Creio que já conhece o tenente Soldano.

– Sim, com certeza. – Os dois homens apertaram a mão e o detetive conservou-se igualmente de pé. – Sentem-se! – Calvin

virou-se de novo para Laurie. – Quero preveni-la de que já começamos a ser pressionados pelo gabinete do major sobre o caso de Duncan Andrews. Parece que este tinha ligações políticas poderosas. Por conseguinte, convém que colaboremos. Procure uma causa natural da morte, para que a questão da droga passe para segundo plano. A família prefere essa hipótese.

Laurie olhou-o, na expectativa de o ver sorrir subitamente e declarar que pretendia divertir-se à sua custa, porém a expressão dele não se alterou.

– Receio não compreender – acabou ela por articular.

– Creio que fui bem claro – retorquiu Calvin, com indícios de uma explosão iminente.

– Quer que minta?

– De modo algum, doutora Montgomery! Será necessário que trace um diagrama? Peço-lhe apenas que explore essa possibilidade na medida do possível. Descubra algo do gênero de uma plaqueta coronária, um aneurisma, seja o que for. E não se mostre tão surpreendida ou chocada. A política desempenha um papel importante neste departamento e quanto mais depressa se compenetrar disso melhor para si.

Com estas palavras ominosas, rodou nos calcanhares e desapareceu com a brusquidão com que surgira.

Lou assobiou em surdina e sentou-se.

– É dos duros.

Laurie meneava a cabeça, como se não acreditasse no que ouvira, e voltou-se para Riva, que não interrompera o trabalho.

– Ouviste isto?

– Também me aconteceu, uma ocasião – replicou a indiana, sem erguer os olhos. – Só que o meu caso dizia respeito a um suicídio.

Laurie sentou-se com um suspiro de desalento e volveu o olhar para Lou, do outro lado da secretária.

– Não sei se estou disposta a sacrificar a integridade e a ética por causa da política.

– Acho que não foi isso que o doutor Washington lhe pediu para fazer.

– Não? – retorquiu, corando. – Lamento, mas penso o contrário.

– Não pretendo ensinar o padre-nosso ao vigário, mas, segundo a minha interpretação, ele quer que realce qualquer causa natural, potencial da morte, que detectar. O resto pode ficar a cargo da respectiva interpretação. Por razões fora do meu conhecimento, é importante neste caso. No fundo, trata-se do mundo real contra o da simulação.

– Bem, você parece muito *blasé* no que toca a atamancar os pormenores. Em patologia, devemos lidar com a verdade.

– Ora, ora! Que é a verdade? Há tonalidades cinzentas em quase tudo da vida, e porque não na morte? As linhas mestras do meu trabalho baseiam-se na justiça. É um ideal e eu conservo-o sempre em mente. Mas se pensa que a política não desempenha por vezes um papel predominante no modo como a justiça é aplicada, ilude-se a si própria. Existe sempre um hiato entre ela e a lei. Bem vinda ao mundo real.

– Seja como for, não me agrada – asseverou, recordando-se das suas preocupações sobre o compromisso, quando chegara ao local de trabalho, meia hora antes.

– Não precisa gostar. Aliás, são poucos os que gostam.

Abriu a pasta referente a Duncan Andrews e folheou os documentos até que se lhe deparou o relatório da investigadora. Depois de ler uns momentos, ergueu os olhos e declarou:

– Começo a entender o panorama. O extinto era uma espécie de mágico das finanças, vice-presidente de uma firma bancária de investimento, apenas com trinta e cinco anos. E, como se isso não bastasse, diz aqui que o pai concorre a senador dos Estados Unidos.

– Não pode haver nada de mais político que isso.

Assentiu com um movimento de cabeça e continuou a ler o relatório. Quando chegou à seção sobre quem identificara a vítima, deparou-se com o nome de Sara Wetherbee. No espaço destinado à relação entre ela e a testemunha figurava o termo “namorada”.

Abanou a cabeça. A descoberta de uma pessoa amada vitimada por excesso de consumo de drogas evocava-lhe ressonâncias hediondas. Ato contínuo, as suas reflexões recuaram

dezessete anos, quando tinha quinze e freqüentava a Escola Langley. Recordava-se bem do dia ensolarado como se tivesse sido na véspera. Decorria o outono e as árvores do Central Park constituíam um manto de cor. Virara à esquerda na Rua 84 e entrara no maciço edifício de apartamentos dos pais, no lado oeste da Avenida do Parque.

– Cheguei! – anunciou, largando a pasta com os livros em cima da mesa do átrio. Não obteve resposta. O único som consistia no produzido pelo tráfego, em que predominava o inevitável buzinar dos táxis. – Não tem ninguém? – volveu, e ouviu a sua própria voz ecoar ao longo dos corredores.

Surpreendida por encontrar o apartamento deserto, impeliu a porta da copa para a cozinha. Nem Holly, a empregada, se achava visível. De repente, porém, Laurie lembrou-se de que era sexta-feira, o seu dia de folga.

– Shelly! – bradou.

Esperava encontrar em casa o irmão mais velho, que viera da universidade para passar o fim-de-semana prolongado, devido ao Dia de Colombo, com a família. Espreitou para o escritório, igualmente deserto, e viu o televisor ligado, com o som cortado.

Por um momento, Laurie fixou o olhar na transmissão de um acontecimento desportivo qualquer, estranhando que o aparelho não tivesse sido desligado. Convencida de que havia alguém em casa, retomou as pesquisas, sem conseguir explicar a razão pela qual os vários aposentos vazios lhe causavam apreensão. Passou a caminhar mais depressa, com o pressentimento de uma urgência secreta.

Deteve-se diante da porta do quarto de Shelly e hesitou. Por fim, aventurou-se a bater. Não houve resposta e insistiu. Em seguida, pousou a mão no puxador e abriu-a.

O irmão encontrava-se estendido no chão. Tinha o rosto branco como o marfim e deslizava um fio de sangue do nariz. Em torno do braço, via-se um garrote de borracha e, no solo, a uns quinze centímetros da mão entreaberta, uma seringa de que ela se recordava da véspera. Em cima da pequena secretária, achava-se uma sacola de plástico. Laurie imaginou o que continha devido ao

que ele então lhe revelara. Só podia ser a “bola rápida” que se vangloriara de possuir: uma mistura de cocaína e heroína.

Algumas horas mais tarde suportou a pior confrontação da sua vida. A poucos centímetros do seu nariz, encontrava-se o rosto irado do pai, de olhos protuberantes e faces rubras, fora de si de indignação. Os polegares afundavam-se nos seus braços, que imobilizava, enquanto a mãe, um pouco atrás, chorava convulsivamente.

– Sabias que o teu irmão consumia drogas? – rugiu ele. – Vá! Responde! – A pressão dos dedos acentuou-se.

– Sim – balbuciou Laurie. – Sabia, sabia!

– Por que não nos disseste? Se falasses, ele ainda estaria vivo!

– Não podia.

– Por quê? Explica por quê?

– Por que... – Fez uma pausa e revelou: – Porque me obrigou a prometer que não diria nada.

– Pois foi a tua promessa que o matou. Destruiu-o com tanta eficiência como a maldita droga.

Sentiu uma mão segurar-lhe o braço e estremeceu. O sobressalto a fez regressar ao presente e pestanejou várias vezes, como se emergisse de um transe.

– Sente-se mal? – perguntou Lou, que se levantara e lhe pegava no braço.

– Não é nada, obrigada – murmurou Laurie, levemente embaraçada, desprendendo-se da mão dele. – Aonde íamos?

Baixou os olhos para os documentos na sua frente e tentou determinar o que suscitara as penosas reminiscências. Como se tivesse sido no dia anterior, recordou-se da angústia do conflito de responsabilidade, fraternal ou filial, e da terrível sensação de culpa por ter optado pela primeira.

– Em que pensava? – insistiu o tenente. – Parecia a quilômetros daqui.

– No fato da vítima ter sido encontrada pela namorada – explicou Laurie, voltando a concentrar-se no nome de Sara Wetherbee, pouco disposta a partilhar o seu passado com o interlocutor. Apesar dos anos decorridos, ainda sentia relutância em



evocar o trágico episódio com os amigos e, sobretudo, com um estranho. – Foi sem dúvida uma experiência horrível para a pobre mulher.

– Infelizmente as vítimas de homicídio são, na maioria das vezes, encontradas pelos entes mais íntimos.

– Deve ter sido um choque penoso – volveu, compadecida de Sara Wetherbee. – Devo reconhecer que o caso de Duncan Andrews não corresponde aos de overdose usuais.

– Com cocaína – salientou ele, com um encolher de ombros – duvido que haja um cenário usual. Quando a droga registrou uma escalada de consumo, nos anos setenta, passaram a ocorrer mortes em todos os níveis da sociedade: de atletas e artistas a executivos, estudantes universitários e rufiões em geral. É um flagelo muito democrático. Um grande nivelador, se quiser.

– Aqui, no Departamento de Autópsias, lidamos majoritariamente com o espectro mais baixo do consumidor. No entanto, de um modo geral, creio que tem razão.

Laurie esboçou um sorriso, impressionada com a forma de raciocinar e reagir do detetive.

– Quais são os seus dados biográficos, antes de entrar para a polícia?

– Não compreendo.

– Frequentou a universidade?

– Sem dúvida! Que espécie de pergunta é essa?

– Desculpe. Não sabia que se tratava de um tema sensível.

– E eu não pretendi ser impertinente. Às vezes, embaraça-me revelar onde estudei. Andei num estabelecimento público e não numa torre de marfim das altas esferas. E você?

– Na Universidade Wesleyan, em Connecticut. Alguma vez a ouviu mencionar?

– Com certeza. Julga que todos os funcionários da polícia são uns ignorantes? Universidade Wesleyan? Eu devia ter calculado. Como diz o outro, "*vocês, moças de Nova Iorque, vivem num mundo elevado*".

– Como soube que eu era de Nova Iorque?

– Pelo sotaque, doutora. É tão indelével como o meu, do Parque Rego, em Long Island.

– Compreendo.

Laurie detestava admitir que era um livro aberto a esse ponto, e perguntou-se que mais poderia aquele homem determinar a seu respeito, com a prática de investigador que possuía. Considerou, pois, conveniente mudar de assunto.

– O local onde uma pessoa estuda interessa menos do que as suas atividades lá. Não deve ser sensível quanto ao que frequentou, pois se vê claramente que obteve uma boa educação.

– Isso é fácil de dizer – observou Lou. – Mas, em todo o caso, obrigado pelo cumprimento.

Ela tornou a baixar os olhos para os documentos. Acudia-lhe subitamente uma leve sensação de culpa acerca dos seus antecedentes privilegiados: escola secundária particular, Universidade Wesleyan e Escola Médica da Colúmbia. Ao mesmo tempo, acalentava a esperança de não se ter mostrado, ou parecido, paternalista.

– Deixe-me dar uma olhadela ao terceiro caso. Louis Herrera, de vinte e oito anos, desempregado, encontrado numa vala nas traseiras de uma mercearia. – Ergueu os olhos. – Provavelmente, morreu numa casa de consumo de crack, e praticamente deitaram-no fora. É um exemplo típico de overdose. Mais uma vida desperdiçada.

– Em alguns aspectos, talvez mais trágica que a do tipo rico. Suponho que dispunha de muito menos opções na vida.

Laurie inclinou a cabeça em aquiescência. A perspectiva de Lou era reconfortante. Pegou no telefone e ligou à investigadora Cheryl Meyers, para lhe pedir que reunisse todos os registros médicos possíveis sobre Duncan Andrews, esclarecendo que esperava descobrir algum problema médico susceptível de se relacionar com a sua patologia. Em seguida, pousou o telefone e voltou-se para o detetive.

– Não o posso evitar, mas tenho a impressão de que cometo uma irregularidade. – Levantou-se e começou a recolher os documentos.

– Não comete – assegurou-lhe ele. – De qualquer modo, porque não espera até dispor de toda a informação, incluindo a autópsia? Será então a altura de se preocupar. É muito possível que tudo se resolva da melhor maneira.

– É um bom conselho. Vamos lá para baixo começar a trabalhar.

Normalmente, Laurie vestia o equipamento no gabinete, mas a presença de Lou fez com que optasse por utilizar o vestiário. Quando emergiram do elevador na cave, indicou-lhe a seção dos homens e entrou na das mulheres. Cinco minutos mais tarde, reuniam-se no corredor. Ela enfiara a bata vulgar, depois uma camada impermeável e, por cima de tudo, um largo avental e o habitual capuz na cabeça. A máscara pendia-lhe do pescoço. Por seu turno, Lou envergara apenas a bata, com capuz, e já tinha a máscara posta.

– Parece um dos médicos da casa – comentou Laurie, observando-o para se certificar de que usava o equipamento apropriado.

– Tenho a impressão de que vou realizar uma intervenção cirúrgica, em vez de assistir a uma autópsia. Não vesti tudo isto nas ocasiões anteriores. Tem a certeza de que a máscara é indispensável?

– Na sala de autópsias todos a usam por causa da *sida* e outros problemas infecciosos, que tornaram o regulamento mais rigoroso. Se não a pusesse, o doutor Washington corria consigo.

Atravessaram o corredor principal da morgue, passando diante da larga porta de aço de acesso ao longo banco de compartimentos refrigerados individuais, que formavam um enorme U.

– Não haja dúvida de que impera uma atmosfera sinistra – reconheceu Lou.

– Uma pessoa acaba por se habituar.

– Parece o cenário de um filme de terror. Quem teria escolhido estes azulejos azuis para as paredes? E o chão de cimento? Porque não existe uma cobertura? Repare na quantidade de manchas.

Laurie deteve-se para contemplar o chão. Embora houvesse sinais inequívocos de que merecia cuidados assíduos da brigada de limpeza, as manchas abundavam.

– Há muito que tencionavam revesti-lo de mosaicos, mas o projeto emperrou na máquina burocrática do município. Pelo menos, foi o que me garantiram.

– E que fazem todos estes caixões aqui? – Lou apontou para uma pilha de caixas de pinho que se prolongava quase até ao teto. – É um admirável toque de requinte.

– São do Campo de Potter. Há muitos corpos não identificados em Nova Iorque. Após a autópsia, conservamo-los na câmara frigorífica durante algumas semanas. Se ninguém os reclama, são cremados a expensas do município.

– Não os podiam guardar noutro lugar? – argumentou ele. – Parece um armazém de revenda.

– Que eu saiba, não. Acho que nunca pensei nisso, talvez por estar habituada a vê-los aqui.

Laurie entrou na sala de autópsias e manteve a porta aberta para que Lou a seguisse. Ao contrário da manhã anterior, as oito mesas estavam ocupadas por cadáveres, cada um com um rótulo pendente do dedo grande do pé. Em cinco delas, os trabalhos já haviam principiado.

– Ora, ora, a doutora Montgomery vai começar a trabalhar antes do meio-dia! – proferiu um dos médicos.

– Há quem goste de testar a água antes de mergulhar na piscina – replicou Laurie.

– A sua mesa é a seis – indicou um dos técnicos, que lavava um pedaço de intestino numa bacia.

Ela volveu os olhos para Lou, que se detivera à entrada, e viu-o engolir em seco. Embora tivesse afirmado que assistira a autópsias, suspeitava de que achava a operação tipo “linha de montagem” um pouco opressiva. E o odor intenso que predominava também não ajudava nada.

– Pode sair quando quiser – preveniu-o.

– Não, estou bem – asseverou ele, erguendo a mão. Se você agüenta, eu também.

Laurie dirigiu-se para a mesa seis e Lou seguiu-a. Vinnie Amendola, devidamente equipado, aproximou-se e informou:

– Hoje trabalhamos juntos, doutora Montgomery.

– Muito bem. Se for buscar tudo o que necessitamos, começaremos já.

Assentiu com um movimento de cabeça e encaminhou-se para os armários dos instrumentos. Ela colocou a papelada num lugar de acesso fácil e olhou o corpo de Duncan Andrews.

– Um exemplar bem apessoado.

– Não sabia que os médicos pensavam nesses termos – observou Lou. – Julgava que colocavam a alavanca em ponto morto, ou algo do gênero.

– Muito raramente.

O corpo pálido de Duncan jazia em aparente repouso na mesa de aço. Tinha as pálpebras cerradas, e a única coisa que lhe afetava o aspecto geral, à parte a lividez, eram as escoriações nos braços. Laurie apontou-as e explicou:

– Estas marcas profundas são provavelmente o resultado daquilo a que se chama formigueiro. Uma alucinação táctil de pulgas ou percevejos na pele ou debaixo dela. Vêem-se na intoxicação de cocaína ou anfetaminas.

– Não consigo compreender por que motivo as pessoas tomam drogas – declarou o detetive, meneando a cabeça. – É uma coisa que excede a minha capacidade de entendimento.

– Fazem-no por prazer. Infelizmente, as drogas como a cocaína atingem partes do cérebro que se desenvolveram durante a evolução. Se quisermos que a guerra aos estupefacientes triunfe, o fato deles proporcionarem prazer deve ser admitido e não ignorado.

– Por que será que tenho a sensação de que não aprecia muito a campanha do “Limite-se a Dizer Que Não”?

– Porque não a aprecio mesmo. Acho-a estúpida. Ou, pelo menos, de vistas curtas. Duvido que os políticos que conceberam esse esquema façam a menor idéia do que representa crescer na sociedade de hoje, em especial no caso dos jovens urbanos. As drogas assediam-nos e quando as experimentam e descobrem que proporcionam prazer concluem que os altos poderes mentem sobre as suas facetas negativas e perigosas.

– Já experimentou alguma?

– A cocaína, por exemplo.

– Sério?

– Admira-se?

– Talvez, até certo ponto.

– Por quê?

– Não sei. – Encolheu os ombros. – Penso que não tem aspecto disso.

– Acho que, neste momento, o aspecto dele é mais convincente que o meu – disse Laurie, com uma breve risada, apontando para Andrews. – Mas aposto que, quando vivia, também não o tinha. Sim, experimentei drogas, na universidade. Apesar do que aconteceu ao meu irmão, ou, talvez, em virtude disso.

– Que lhe aconteceu?

Dirigiu de novo o olhar para o corpo de Duncan Andrews. Não tencionara introduzir Shelly na conversa. O comentário escapara-lhe, como se falasse com alguém da sua intimidade.

– Sucumbiu a uma overdose? – insistiu Lou.

Os olhos dela transferiram-se do corpo sem vida para o detetive, consciente de que não podia mentir.

– Exato – assentiu. – Mas não quero falar disso.

– Compreendo. Não era minha intenção intrometer-me em assuntos privados.

Voltou-se mais uma vez para Andrews e, por um instante, imaginou que era o corpo do irmão que jazia naquela mesa fria. Foi com alívio que viu Vinnie reaparecer, com luvas, frascos de espécimes, preservativos, rótulos e uma série de instrumentos. Ela ansiava por começar a trabalhar e ignorar as penosas reminiscências.

– Vamos a isto – disse Vinnie, começando a colar os rótulos nos frascos.

Laurie pegou nas luvas e calçou-as, após o que pôs os óculos protetores e iniciou o meticuloso exame exterior ao corpo de Andrews. Depois de observar a cabeça, fez sinal a Lou para que se colocasse do outro lado da mesa e, afastando o cabelo do cadáver com a mão enluvada, apontou para numerosas escoriações.

– Aposto que teve pelo menos uma convulsão. Vejamos a língua. – Afastou as mandíbulas e expôs lacerações em vários

lugares. – É o que eu pensava. Verifiquemos agora a quantidade de cocaína que consumia. – Muniu-se de uma pequena lanterna elétrica e um espéculo nasal e examinou o nariz. – Não há perfurações. Parece normal. Acho que não cheirava muito.

Endireitou-se e notou que a atenção de Lou se concentrava numa mesa próxima, onde serravam o topo do crânio. Os seus olhares cruzaram-se e ela perguntou:

– Como se sente?

– Não sei bem. Costuma fazer isto todas as manhãs?

– Em média, três ou quatro vezes por semana. Quer ir lá para fora por uns minutos? Posso avisá-lo, quando nos ocuparmos do DePasquale.

– Não, estou bem. Vamos para a frente com isso. Que se segue?

– Em regra, examino os olhos.

Laurie fitou-o com ansiedade, pois a última coisa que desejava era que desmaiasse e batesse com a cabeça no chão de cimento, como acontecera, numa ocasião, a um visitante.

– Continue. Garanto-lhe que estou bem.

Encolheu os ombros e pousou o polegar e o indicador nas órbitas de Duncan, a fim de afastar as pálpebras.

O detetive abafou uma exclamação e desviou a vista. Por um momento, ela própria ficou impressionada. Os olhos tinham desaparecido! As cavidades avermelhadas achavam-se preenchidas com uma espécie de buchas de gaze cor-de-rosa, o que proporcionava ao cadáver uma aparência tétrica.

– Está bem! – resmungou Lou. – Armou-me uma ratoeira e apanhou-me. – Virou-se de novo para Laurie, a qual percebeu de que a área facial visível entre a máscara e o capuz se tornara lívida. – Deixe-me adivinhar: trata-se de uma espécie de iniciação para o novato nestas andanças.

– Desculpe. – Ela soltou uma breve risada nervosa. – Tinha esquecido de que haviam retirado os olhos. Palavra de honra. A família insistiu em que fosse respeitado o desejo do falecido de ser doador dos órgãos. Se os olhos forem colhidos dentro de doze horas, podem utilizar-se, desde que não existam contra-indicações.

Em certos casos, o prazo pode ser mais longo, uma vez que o corpo permaneça na câmara frigorífica.

– Não me importo de ser o alvo de uma brincadeira.

– Não foi qualquer espécie de brincadeira – reiterou. – Creia que lamento o sucedido. Bem, vejamos se conseguimos descobrir o local da injeção. – Imprimiu uma rotação à mão direita de Duncan, para poder examinar a superfície palmar, enquanto Vinnie fazia o mesmo à outra.

– Cá está! – exclamou, indicando uma minúscula perfuração sobre uma das veias diante da área do cotovelo.

– Não sabia que a cocaína podia ser introduzida diretamente no sistema circulatório – observou Lou.

– Pode injetar-se, aspirar-se ou recorrer praticamente a qualquer outro meio concebível.

Ao mesmo tempo, Laurie recordava a noite anterior ao dia em que encontrara Shelly morto no quarto. Ele acabava de chegar de Yale e ela procurara-o, ansiosa por se inteirar do que acontecera na universidade. O estojo Dopp encontrava-se em cima da cama.

– Que é isto? – perguntou, pegando numa embalagem de preservativos.

– Dá cá isso! – bradou o irmão, irritado por vê-la encontrar aquilo no seu estojo de barbear.

Laurie soltou uma gargalhada divertida quando ele os arrancou da sua mão e, enquanto abria a gaveta da cômoda para guardá-los, debruçou-se sobre o estojo para ver que mais continha de interessante. No entanto, o que se lhe deparou era mais preocupante do que interessante. Segurando-a com as pontas dos dedos, como se fosse um objeto peçonhento, extraiu uma seringa de dez centímetros cúbicos, cuja agulha tornaria a ver no dia seguinte.

– Que é isto? – voltou a perguntar. Ele aproximou-se e tentou tirar-la, porém, a irmã esquivou-se. – Obtiveste-a do consultório do pai, hem?

– Dá-ma, ou vês-te em apuros – insistiu Shelly, encostando-a à parede.

Laurie segurou a seringa com ambas as mãos atrás das costas. Criara-se na cidade de Nova Iorque, pelo que sabia para o que um



adolescente queria um objeto daqueles.

– Picas-te?

Por fim, ele dominou-a e recuperou a seringa, que guardou junto dos preservativos. Em seguida, voltou-se para a irmã, que não se movera.

– Tentei uma ou duas vezes – admitiu. – Chama-se “bola rápida”. Muitos colegas o fazem. Não tem nada de especial, mas não digas aos nossos pais, de contrário nunca mais te falo. Entendes? Nunca mais.

O breve devaneio de Laurie foi interrompido pela voz retumbante de Calvin Washington.

– Que raio se está a passar aqui? Por que é que nem sequer principiou? Venho indagar se descobriu alguma coisa em que possamos pendurar os nossos chapéus e ainda não foi além da estaca zero. Ande-me para a frente com isso!

Ela entrou imediatamente em atividade e completou o exame externo, notando apenas, além do que já descobrira, algumas escoriações equimóticas nos braços de Duncan. Em seguida, pegou um bisturi e praticou com eficiência a tradicional incisão em forma de Y desde as extremidades dos ombros até a região púbica. Auxiliada por Vinnie, atuava rápida e silenciosamente, removendo o esterno e expondo os órgãos internos.

Lou, que se esforçava por não estorvar as operações, aproveitou uma pausa, durante a qual Vinnie se ocupava da organização dos frascos de espécimes, para dizer:

– Desculpe se lhe atrasei os trabalhos.

– Não se preocupe com isso. Quando passarmos ao corpo do DePasquale, fornecerei explicações mais pormenorizadas. Para já, quero livrar-me do Andrews, pois se o doutor Calvin se enfurece, então é que estamos feitos.

– Compreendo. Quer que eu saia?

– De modo algum. Basta que não se melindre, se o ignorar por alguns minutos.

Depois de inspecionar todos os órgãos internos, Laurie utilizou várias seringas para recolher diferentes fluidos destinados a testes toxicológicos. Ela e Vinnie atuavam com meticulosidade e particular

atenção, para que cada espécime fosse introduzido no frasco apropriado. Depois, começou a retirar os órgãos, um a um. Consagrou a mais parte do tempo ao coração, até que conseguiu finalmente extraí-lo.

Enquanto Vinnie levava o estômago e os intestinos para a bacia de lavagem, Laurie concentrou-se no coração, do qual retirou numerosas amostras para exame microscópico posterior. A seguir, procedeu do mesmo modo em relação a alguns outros órgãos. Entretanto, Vinnie reapareceu e, sem necessitar que lho indicassem, começou a afastar o couro cabeludo. Depois de inspecionar o crânio, Laurie fez-lhe sinal para que se servisse do serrote vibratório para cortá-lo de forma circular acima das orelhas.

Lou conservou-se a uma distância prudente, quando ela extraiu o cérebro e o depositou num recipiente que Vinnie segurava, após o que se muniu de uma faca de lâmina alongada, similar à dos talhantes, e principiou a cortá-lo, como se não passasse de uma peça de carne. Tratava-se de um dueto eficiente e bem ensaiado que exigia poucas palavras.

Meia hora mais tarde, Laurie conduziu Lou para fora da sala de autópsias e, depois de se desembaraçarem dos aventais e batas, dirigiram-se ao refeitório no primeiro piso, para tomarem café. Dispunham de cerca de quinze minutos, enquanto Vinnie retirava os restos mortais de Duncan e “montava” o caso seguinte: Frank DePasquale.

– Obrigado, mas acho que não comerei nada nos dias mais próximos – disse o detetive quando ela apontou para uma das várias máquinas de venda de sanduíches.

Sentaram-se a uma mesa de fórmica perto do forno de microondas, no meio de umas quinze pessoas que conversavam animadamente.

Vendo que algumas fumavam, Lou puxou um maço de Marlboro e uma carteira de fósforos e acendeu um cigarro. No entanto, retirou-o da boca ao ver a expressão de Laurie.

- Posso fumar?
- Se lhe apetece muito...
- É só um.

– Bem, o exame geral ao Duncan Andrews não revelou qualquer patologia. E, aqui para nós, duvido que tenha mais sorte com a histologia.

– Não pode inventar sintomas. Em último caso, deposite o problema nas mãos do doutor Calvin e ele que decida o que há a fazer. É o seu dever, como uma das altas patentes da casa.

– Quem efetua a autópsia tem de assinar a certidão de óbito. Veremos o que consigo.

– Fiquei impressionado com o modo como utilizou a faca...

– Obrigada pelo elogio – agradeceu ela, secamente. – Porque será que antevejo um “mas” iminente?

– Estou apenas surpreendido por ver que uma mulher atraente como você escolheu este tipo de trabalho.

Fechou os olhos e exalou um suspiro de exasperação.

– É uma observação assaz machista – replicou, olhando-o com intensidade. – Infelizmente, corrói o elogio anterior. “*Que faz uma moça jeitosa como você num antro destes?*” é o que quer dizer na sua?

– Alto lá – protestou Lou. – Não era essa a minha intenção.

– Aludir à minha aparência e capacidade profissional e relacionar uma com a outra faz com que resulte um comentário negativo acerca de ambas. – Laurie levou a chávena aos lábios, consciente de que o interlocutor se achava embaraçado. – Não pretendo repreendê-lo, mas acredite que estou farta de defender a escolha da minha carreira. E também de ouvir dizer que os meus atributos físicos e sexo têm pouca relação com as funções que exerço.

– O melhor é eu não tornar a abrir a boca.

Olhou o relógio de parede e disse:

– É melhor voltarmos lá para baixo. O Vinnie já deve ter o DePasquale preparado. – Esvaziou a chávena e levantou-se.

Lou apagou o cigarro e seguiu-a. Cinco minutos mais tarde, tornavam a vestir as batas e encontravam-se diante do visor de radiografias, na sala de autópsias, para observarem as de Frank DePasquale. A posição da bala achava-se bem nítida na base do crânio.

– Acertou quanto à localização – disse Laurie. – Alojou-se na parte inferior do cérebro.

– As execuções entre *gangsters* são muito eficientes.

– Acredito. E isto porque uma bala nesse lugar afeta os centros vitais, como a respiração e o palpar do coração.

– Acho que seria a minha maneira preferida de ir desta para melhor – admitiu o detetive.

Ela olhou-o por um momento.

– É uma perspectiva agradável.

Lou encolheu os ombros.

– Na minha profissão, pensa-se nisso com freqüência.

Laurie voltou a concentrar-se nas radiografias.

– Também não se enganou quanto ao pequeno calibre da arma. Vinte e dois ou vinte e cinco, no máximo.

– É o que eles costumam preferir. As de calibre superior provocam muita sujidade.

Encaminharam-se para a mesa seis, onde se encontravam os restos mortais de Frankie. O corpo estava ligeiramente inchado, com o olho direito mais protuberante que o esquerdo.

– Parece ter menos de dezoito anos – comentou ela.

– Eu não lhe dava mais de quinze – concordou Lou.

Laurie pediu a Vinnie que rolasse o corpo, para poderem examinar a nuca. Em seguida, com a mão enluvada, afastou o cabelo molhado e expôs um orifício circular rodeado por uma larga área de abrasão. Depois de tirar algumas medidas e fotografias, rapou o espaço em volta, a fim de deixar o ferimento bem visível.

– Foi obviamente um tiro à queima-roupa – afirmou, apontando para o círculo de pólvora em torno da abertura.

– De que distância?

Refletiu por um momento.

– Oito a dez centímetros.

– Típico – murmurou Lou.

Laurie tirou mais uma série de medidas e fotografias. Depois, com um bisturi limpo, removeu cautelosamente fragmentos de resíduos de pólvora das profundezas do ferimento e transferiu-os

para um dos frascos de amostras, com destino ao exame laboratorial.

– Nunca se sabe o que os químicos nos podem revelar – observou, entregando os frascos a Vinnie.

– Precisamos de um indício útil – disse Lou. – Venha de onde vier.

Quando Vinnie acabou de rotular os frascos, Laurie indicou-lhe que a ajudasse a deitar de novo Frank de costas.

– Que tem o olho direito? – perguntou Lou.

– Não sei. A radiografia não revela que a bala atingiu a órbita, mas nunca se sabe.

A pálpebra tinha uma cor arroxeadada. A conjuntiva inchada erguia-se através da fissura palpebral. Ela levantou a pálpebra com suavidade.

– Safa, que tem mau aspecto! – articulou o detetive.

– O corpo anterior não tinha olhos e o deste parece que foi atropelado por um caminhão. Pode ser pela longa permanência no rio?

– Foi antes da morte – disse Laurie, meneando a cabeça. – Repare nas hemorragias sob a membrana mucosa. Isso significa que o coração funcionava. Ele vivia quando isto ocorreu.

Debruçou-se sobre o cadáver e examinou a córnea. Pela observação do reflexo das luzes do teto na sua superfície, podia determinar que era irregular, além de que apresentava uma textura branco-leitosa. Levantou a pálpebra esquerda e verificou que, em comparação com a outra, a córnea era clara: o olho fixava-se, sem vida, no teto.

– Pode ter sido a bala que fez isso? – perguntou Lou.

– Não creio. Parece mais uma queimadura química, pela maneira como afetou a córnea. Vamos retirar uma amostra para a Toxicologia. Examiná-la-ei minuciosamente, por seções, ao microscópio. Devo confessar que nunca tinha visto nada assim. – Laurie prosseguiu o exame externo e quando chegou aos pulsos apontou-os com o dedo.

– Vê estas escoriações e depressões.

– Vejo. Que significam?

– Penso que o pobre diabo foi atado. Talvez a lesão na vista se deva a alguma forma de tortura.

– Não me admirava, com gente daquela. O que me revolta é que se refugiam no suposto código de ética, quando, na realidade, não passa de um mundo em que os cães se devoram mutuamente. Em resultado disso, todos os ítalo-americanos adquiriram uma reputação indesejável.

Enquanto examinava as mãos e as pernas de Frankie, Laurie perguntou ao detetive o motivo da *vendetta* permanente entre as famílias Vaccarro e Lucia.

– Lutam pelo território. Têm de dormir todos na mesma cama: Queens e comarca de Nassau. Guerreiam-se constantemente para conquistar mais espaço de manobra. Estão em competição direta pelo tráfico de drogas, empréstimos a juros elevadíssimos, clubes de jogo, receptação, redes de extorsão, carros roubados, etc. Passam a vida a brigar e a matar-se uns aos outros, mas, ao mesmo tempo, têm de se suportar. É um mundo difícil de compreender.

– Toda essa atividade ilegal continua ainda hoje?

– Sem dúvida. E o que sabemos a seu respeito não passa da ponta do *iceberg*.

– Como se explica que a polícia não faça nada para lhe pôr termo?

– Tentamos, mas não é fácil – declarou Lou, com um suspiro de resignação. – Precisamos de provas, as quais, como referi antes, são difíceis de conseguir. Os patrões estão isolados e os assassinos são profissionais. Mesmo nos casos em que os encurralamos, têm de ir ao tribunal e não existem garantias de uma condenação. Nós, americanos, preocupamo-nos sempre tanto com a tirania das autoridades que proporcionamos uma situação vantajosa aos vilões da fita.

– Custa a crer que se possa fazer tão pouco.

– Só se consegue alguma coisa com provas irrefutáveis. Tomemos por exemplo aqui o Frank DePasquale. Estou noventa por cento convencido de que o Cerino e o seu bando são os responsáveis pela morte, mas não posso fazer nada sem elementos sólidos.

– Pensava que a polícia tinha informantes.

– Temos, de fato, mas nenhum ao corrente de assuntos comprometedores. As pessoas que, na realidade, nos poderiam ser úteis têm mais medo umas das outras que de nós.

– Bem, esperemos que eu consiga alguma coisa com este caso

– proferiu Laurie, voltando a concentrar-se no corpo de DePasquale.

– O pior é que os cadáveres imersos na água tendem a ser lavados de indícios úteis. Resta-nos a bala, no entanto.

– Aceitarei tudo o que puder fornecer-me – declarou Lou.

Laurie e Vinnie iniciaram a autópsia, e ela ia explicando ao detetive o que faziam. A única diferença entre a de Frank e a de Duncan consistia na maneira como se ocupava do cérebro, mostrando-se agora particularmente interessada em acompanhar a trajetória da bala. Verificou que não se aproximara da vista inchada. Também tinha o cuidado de não tocar no projétil com um instrumento metálico. Assim que o extraiu, depositou-o num saco de plástico, para evitar que se riscasse. Mais tarde, depois de secá-lo, marcou-o na base e fotografou-o antes de selá-lo num pequeno sobrescrito, juntamente com um recibo de propriedade, pronto para ser entregue à polícia: ao sargento Murphy ou aos seus colegas de serviço no estabelecimento.

– Foi uma manhã cheia – admitiu Lou quando abandonavam a sala de autópsias. – Achei-a muito instrutiva, mas creio que vou prescindir do seu terceiro caso.

– Surpreende-me que tolerasse dois – disse Laurie. Detiveram-se à entrada do vestiário e ela acrescentou: – Vou estudar o material microscópico sobre o Frank DePasquale e se obtiver algum elemento de interesse previno-o. Para já, a única coisa que me parece aproveitável é o olho. Em todo o caso, nunca se sabe...

– Bem, foi divertido – reconheceu ele, transferindo o peso do corpo de um pé para o outro.

Laurie olhou-o com certa curiosidade. Tinha a impressão de que ele desejava falar-lhe de algo mais, mas não conseguia decidir-se a fazê-lo.

– Acho que vou tomar mais um café. Quer fazer-me companhia, antes de se retirar?

– É uma boa idéia – assentiu o detetive, sem hesitar. Entraram no refeitório e instalaram-se na mesma mesa da visita anterior. Entretanto, Laurie não compreendia a razão pela qual o confiante Lou se tornara tão hesitante e até embaraçado. Viu-o puxar de um cigarro e acendê-lo, e acabou por perguntar:

– Há muito tempo que fuma?

– Desde os doze anos. No meu bairro era a idade usual.

– Alguma vez pensou em abandonar o vício?

– Com certeza. – Ele soprou o fumo para o lado. – É fácil. Há um ano que o faço todas as semanas. Mas, a sério, gostava de parar de vez. Só que é difícil lá na Central, porque quase toda a gente fuma.

– Lamento que não se nos deparasse um indício útil no corpo do DePasquale.

– É possível que a bala revele alguma coisa. – Deixou o cigarro resvalar para dentro do cinzeiro, quando tentava equilibrá-lo na borda. – O pessoal da Balística dispõe de muitos recursos. Arre! – Retirou a mão repentinamente, pois acabava de queimar o dedo com o cigarro.

– Passa-se alguma coisa? – quis saber ela.

– Não, estou bem – replicou Lou com demasiada prontidão. Efetuou nova tentativa e desta vez conseguiu retirar o cigarro do cinzeiro.

– Parece preocupado.

– É que tenho a cabeça cheia de problemas. Em todo o caso, gostava de lhe fazer uma pergunta. É casada?

Laurie não pôde evitar um sorriso, ao mesmo tempo em que abanava a cabeça.

– Isso não vem nada a propósito.

– Concordo.

– E, em face das circunstâncias, não se pode considerar uma pergunta muito profissional.

– Também estou de acordo com isso.

Conservou-se silenciosa por um momento, como se sustentasse uma mini argumentação consigo própria.

– Não, sou solteira.



– Bem, nesse caso... – Ele fez uma pausa, como se procurasse as palavras adequadas. – Talvez pudéssemos almoçar juntos, um dia destes.

– Sinto-me lisonjeada, tenente Soldano – articulou Laurie, com uma ponta de embaraço. – Mas não costumo misturar a minha vida privada com o trabalho.

– Nem eu.

– E se lhe disser talvez, que vou pensar nisso?

– Aceito essa resposta. – Lou levantou-se com brusquidão e, vendo que ela o imitava, fez-lhe sinal para que voltasse a sentar-se. – Acabe de tomar o café, pois precisa de uns minutos de descontração. Vou lá embaixo despir a bata e raspar-me daqui. Depois, diga qualquer coisa.

Encaminhou-se para a porta e, antes de transpô-la, voltou-se e acenou em despedida. Laurie retribuiu o gesto e imergiu em reflexões. Ele era de fato um pouco como Colombo; inteligente, mas algo desajeitado e desorganizado. Ao mesmo tempo, irradiava um certo encanto e despreziosismo que lhe agradavam. E também parecia solitário.

Por fim, esvaziou a chávena, levantou-se e espreguiçou-se discretamente. Quando abandonava o refeitório, percebeu que Lou também lhe recordava um pouco o seu amigo Sean Mackenzie. Tinha a certeza de que a mãe o consideraria inapropriado para ela, e Laurie perguntou-se se parte do motivo por que se sentia atraída por esse tipo de homens residia no fato de saber que os pais não o aprovavam. Se isso correspondia à verdade, ansiava por fazer uma idéia de quando varreria definitivamente do seu sistema aquela rebeldia.

Premiu o botão de descida do elevador e ocorreu-lhe naquele momento que não aproveitara a pergunta de Lou para se inteirar igualmente do seu estado civil. Prometeu a si própria elucidar-se, se ele lhe telefonasse. Consultou o relógio e verificou que os trabalhos estavam a decorrer de modo satisfatório: faltava-lhe apenas uma autópsia e ainda não era meio-dia.

Laurie consultou o endereço que inscrevera num pedaço de papel e olhou o impressionante prédio de apartamentos na Quinta

Avenida. Situava-se nas proximidades do Central Park e à entrada havia um toldo azul que se prolongava até a beira do passeio. Um porteiro uniformizado mantinha-se na expectativa atrás da porta envidraçada, de ferro forjado. Ao vê-la acercar-se, o homem abriu a porta e perguntou polidamente se lhe podia ser útil.

– Desejava falar com o administrador do prédio.

Ela desabotoou o casaco, enquanto o porteiro se servia de um intercomunicador antiquado. Sentou-se numa poltrona de couro e olhou em volta. O átrio estava decorado com gosto e discrição e havia uma profusão de flores num canteiro revestido de alumínio.

Não lhe era difícil imaginar Duncan Andrews a transpor a entrada com passos firmes, recolher a correspondência do seu receptáculo e dirigir-se para o elevador.

– Perguntou por mim?

Levantou-se e viu-se perante um hispânico de bigode abundante. Cosido à camisa, um pouco acima do bolso do peito, achava-se o nome “Juan”.

– Sou a doutora Montgomery, do Departamento de Patologia Legal.

Com estas palavras, abriu a carteira para revelar o reluzente crachá profissional, parecido com os da polícia.

– Em que a posso servir?

– Gostava de visitar o apartamento de Duncan Andrews. Fui incumbida de autopsiá-lo e pretendia observar o ambiente em que ele vivia.

Mantinha a linguagem deliberadamente oficial. Na realidade, não se sentia à vontade com o que tencionava fazer. Embora muitas jurisdições exigissem que os técnicos de medicina legal visitassem o cenário da morte, não era o caso da de Nova Iorque, que atribuía a missão aos investigadores médicos. No entanto, durante o seu tirocínio em Miami, Laurie adquirira vasta experiência na matéria. Agora, no ambiente nova-iorquino, tinha saudades da informação adicional que essas diligências proporcionavam. Não visitava o apartamento de Duncan por esse motivo, pois não contava descobrir nada de útil. Fazia-o por razões de natureza pessoal. A idéia de um jovem privilegiado pôr termo à vida devido a uns momentos de

prazer induzido pela droga recordava-lhe o irmão. Aquela morte reavivara sentimentos que reprimira ao longo de dezessete anos.

– Encontra-se lá a namorada dele – informou Juan. – Pelo menos, vi-a subir há cerca de meia hora. – Voltou-se para o porteiro e perguntou-lhe se a vira sair, obtendo resposta negativa, pelo que se dirigiu de novo a Laurie. – É o apartamento 7-C. Vou acompanhá-la.

Ela hesitou, pois não esperara que estivesse lá alguém. Não desejava falar com qualquer membro da família de Andrews e muito menos com a namorada. Mas Juan já premiu o botão do elevador, que surgiu pouco depois, e abriu a porta para que Laurie o precedesse. Como se apresentara com caráter oficial, ela reconhecia que não podia mudar repentinamente de atitude.

Juan bateu à porta do 7-C e, como não se abrisse imediatamente, puxou de um chaveiro das dimensões de uma bola de basebol e procurou a chave que lhe interessava. Porém, acudiu alguém quando se preparava para introduzi-la na fechadura. Surgiu uma mulher de estatura aproximada à de Laurie, de cabelo louro anelado, que usava uma camisa folgada por cima de calças tipo jeans manchadas de líxivia. As faces úmidas sugeriam derramamento recente de lágrimas. Juan apresentou Laurie, com as funções que desempenhava no hospital, e afastou-se.

– Não me lembro de vê-la lá – disse Sara.

– Trabalho no departamento de autópsias – esclareceu Laurie.

– Vai autopsiar o Duncan?

– Já o fiz. Queria apenas observar o local onde morreu.

– Com certeza. – Sara desviou-se. – Entre.

Laurie sentia-se extremamente embaraçada, consciente de que perturbava a dor da infortunada mulher, e aguardou que ela fechasse a porta. O apartamento era espaçoso. Do próprio vestíbulo avistava-se uma grande parte do Central Park. Meneou involuntariamente a cabeça ante a insensatez do consumo de drogas por parte de Duncan. Pelo menos, à primeira vista, a sua vida parecia perfeita.

– Ele caiu aqui à entrada. – Sara apontou para o chão, junto da porta, e as lágrimas voltaram a rolar. – Abriu-a no momento em que

me preparava para bater. Parecia que tinha enlouquecido. Pretendia sair praticamente nu.

– Lamento profundamente – murmurou Laurie. – As drogas produzem esse efeito nas pessoas. A cocaína provoca a sensação de calor ardente.

– Eu nem sequer sabia que ele a consumia – soluçou a outra.  
– Se tivesse chegado mais cedo, quando me chamou, talvez nada disso acontecesse. Se eu ficasse na noite de domingo...

– As drogas são um flagelo. Ninguém virá a saber porque ele as tomava. A escolha foi sua. Você não se deve julgar responsável. – Laurie fez uma pausa. – Compreendo como se sente – acabou por acrescentar. – Encontrei o meu irmão em circunstâncias similares.

– Sim? – balbuciou Sara, através das lágrimas.

Laurie aquiesceu com um movimento de cabeça. Era a segunda vez no mesmo dia que divulgava um segredo que não partilhava com ninguém havia dezessete anos. O caso de Duncan Andrews afetara-a de uma maneira que não acontecera com qualquer dos anteriores.

## 4

### TERÇA-FEIRA, 18 e 51, MANHATTAN

– Ora! – exclamou Tony. – Cá estamos à espera, mais uma vez. Esperamos todas as noites. Pensei que ontem, quando finalmente apanhamos o puto, o DePasquale, as coisas começariam a andar para a frente. Mas isso sim! Continuamos à espera, como se não tivesse acontecido nada.

Angelo inclinou-se para a frente, sacudiu a cinza do cigarro no cinzeiro e tornou a endireitar-se, sem se pronunciar. Prometera a si próprio, naquela tarde, ignorar o companheiro. Preferia contemplar a concorrida rua, com pessoas que regressavam do trabalho, levavam os cães a passear ou voltavam da mercearia. O carro achava-se estacionado numa área de carga da Avenida do Parque, entre as Ruas 81 e 82, virado ao norte. Ambos os lados da artéria continham longas filas de elevados prédios de apartamentos, em cujos baixos funcionavam escritórios.

– Vou sair para fazer uns exercícios – anunciou Tony.

– Cala o raio da boca! – retorquiu Angelo, apesar da intenção de não lhe dirigir uma única palavra. – Estudamos a situação ontem à noite. Não sais para fazer exercícios quando estamos à espera de ação. Queres acender um dístico de néon para indicar aos *chuis* que nos encontramos aqui? Temos de passar despercebidos. Vê se metes isto no bestunto.

– Está bem, não te chateies! Não saio, pronto!

Dominando a frustração, soprou o fumo por entre os lábios tensos e passou a tamborilar com nervosismo no volante. Tony conseguia abalar-lhe a serenidade ensinada pela prática.

– Se queremos invadir o gabinete do médico, porque não avançamos de uma vez? – volveu o jovem, após uma pausa. – Não faz sentido estarmos para aqui a perder tempo.

– Aguardamos que a recepcionista apareça, além de que precisamos nos certificar de que o local fica deserto. De resto, ela pode deixar-nos entrar e não queremos arrombar portas.

– Se nos deixar entrar é porque estará presente e o local ocupado por alguém e não deserto. Isto não tem pé nem cabeça.

– Confia em mim. É a melhor maneira de fazer o que pretendemos.

– Ninguém me diz nada. Esta operação é esquisita. A intrusão no gabinete de um médico não faz sentido e reveste-se de grande perigo. Ainda mais do que quando nos introduzimos no Banco de Órgãos de Manhattan. Aí, ao menos, arrecadamos algumas centenas de dólares. Que diabo encontraremos num consultório?

– Se não demorar muito, podemos ver se há dinheiro à nossa disposição – prometeu Angelo. – Talvez até possamos procurar Percodan ou outras drogas similares, se isso te tornar mais contente.

– Parece-me uma forma complicada de obter um punhado de comprimidos.

Soltou uma gargalhada, apesar da irritação que sentia.

– Que pensas do velho Doc Travino? – tornou Tony.

– Achas que faz alguma idéia do que está a dizer?

– Confesso que tenho as minhas dúvidas. Em todo o caso, o Cerino confia nele, que é o que interessa.

– Vá lá. Diz-me porque vamos entrar ali. O Cerino não está bravo com o médico.

– Adora-o. Julga que é o melhor do mundo. Por sinal, reside aí o motivo por que vamos entrar.

– Mas para quê? Explica-me isso, e não volto a abrir a boca.

– Por causa de uns registros do tipo.

– Calculava que era uma insensatez, mas não desse tamanho. Para que queremos os registros do fulano?

– Disseste que te calavas se eu explicasse o que procuramos. Portanto, cala-te! De qualquer modo, não deves fazer tantas perguntas.

– É precisamente disso que me queixo. Ninguém me conta o que se passa. Se estivesse ao corrente, podia fazer mais, ser mais útil. – Vendo que o companheiro tornava a rir, acrescentou: – Talvez não acredites, mas é verdade. Põe-me à prova! Tenho a certeza de que podia apresentar algumas sugestões, mesmo para este trabalho.

– Está tudo a correr bem – assegurou-lhe Angelo. – O planeamento não é um dos teus pontos fortes, como, por exemplo, sovar pessoas.

– Isso é verdade – admitiu Tony. – Não há nada que me agrade tanto. Um golpe bem aplicado, e fica o assunto arrumado. Nada de complicações, como isto de agora.

– Nas próximas semanas haverá espancamentos em número suficiente para te satisfazer.

– Oxalá que sim. Talvez me compensem desta expectativa enervante.

– Aí vem ela. – Angelo apontou para uma mulher robusta que emergia de um dos prédios de apartamentos, entretida a abotoar o casaco vermelho com uma das mãos e a segurar o chapéu na cabeça com a outra. – Vamos a isto. Mas mantém a artilharia oculta e deixa a conversa a meu cargo.

Os dois homens desceram do carro e abordaram a mulher no momento em que se incorporava na fila de uma praça de táxis.

– Senhora Schulman! – chamou Angelo.

Ela voltou-se, porém a expressão desconfiada dissipou-se ao reconhecer quem a chamava.

– Olá, senhor?... – começou, tentando recordar-se do nome dele.

– Facciolo.

– Claro. Como está o senhor Cerino?

– O melhor possível. Vai se habituando à bengala, mas pediu-me que a procurasse. Dispõe de um minuto?

– Acho que sim. De que se trata?

– Bem, é confidencial. Preferia que viesse até ao carro, por um momento. – Angelo gesticulou para o local onde o veículo estava estacionado.

Visivelmente contrariada com o pedido, a senhora Schulman grunhiu algo sobre a necessidade de se encontrar algures sem demora. Ele introduziu a mão na algibeira exterior do casaco e puxou a pistola automática Walther o suficiente para que ela pudesse ver a coronha.

– Receio ver-me obrigado a insistir. Mas não lhe tomaremos muito tempo e depois deixá-la-emos onde desejar.

A senhora Schulman transferiu o olhar para Tony, que sorriu, e declarou com nervosismo:

– Está bem, desde que não demore muito.

– Isso depende de si – advertiu Angelo, voltando a apontar para o carro.

Ela deslizou para o banco da frente, quando Tony abriu a porta com uma mesura cortês antes de se instalar no da retaguarda, enquanto Angelo se sentava atrás do volante.

– Isto tem alguma coisa a ver com o meu marido, o Danny? – quis saber a senhora Schulman.

– O Danny Schulman, de Bayside? – replicou Angelo. – É o seu velhote?

– É.

– Quem é Danny Schulman? – perguntou Tony.

– O dono de uma espelunca chamada Palácio de Cristal, em Bayside – explicou Angelo. – Muitos sicários do Lucia costumam ir para lá.

– Está muito bem relacionado – asseverou a senhora Schulman. – Talvez prefiram conversar com ele.

– Isto não tem nada a ver com o seu marido. Só nos interessa saber se o consultório do médico está deserto.

– Sim, já saíram todos. Fui eu que tranquei a porta, como sempre.

– Ótimo, porque queremos que volte lá. Estamos interessados nuns registros do doutor.

– Que registros?

– Quando estivermos lá dentro, informo-a. Antes, porém, quero preveni-la de que, se decidir cometer alguma imprudência, será a sua última neste mundo. Estou a exprimir-me com clareza suficiente?

– Está – retorquiu ela, recuperando parte da presença de espírito.

– Não se trata de nada de especial – esclareceu Angelo. – Por outras palavras, somos pessoas civilizadas.



– Compreendo.

– Então, vamos. – E abriu a porta do carro.

– Olá, menina Montgomery! – saudou George, um dos porteiros do prédio de apartamentos onde os pais de Laurie viviam.

Conhecia-o naquele lugar desde sempre. Aparentava sessenta anos, mas na realidade tinha setenta e dois e gostava de lhe dizer que fora ele que abrira a porta do táxi no dia em que a mãe regressara do hospital onde a trouxera ao mundo.

Depois de trocar breves palavras com o homem, Laurie subiu ao apartamento. Tantas recordações!... Até o ambiente lhe era familiar. No entanto, o apartamento recordava-lhe, sobretudo aquele dia horrível em que encontrara o irmão sem vida, e quase desejava que os pais se tivessem mudado, após a tragédia, para não ter de evocá-la constantemente.

– Olá, querida! – quase cantarolou a mãe no momento em que lhe abriu a porta e se inclinou para a frente, a fim de oferecer a face.

Cheirava a perfume caro e o cabelo azul-grisalho estava cortado curto, numa variação do estilo pajem que ultimamente aparecia nas capas das revistas femininas com certa freqüência. Dorothy Montgomery era uma mulher vibrante, de pequena estatura, que parecia mais jovem do que os seus sessenta e cinco anos, graças a uma segunda operação plástica.

– Vejo que não trazes o vestido de lã que te ofereci – observou, com um olhar crítico, ao aceitar o casaco da filha.

– Não. – E Laurie fechou os olhos, esperançosa de que a mãe não começasse já a implicar.

– Podias ao menos usar um vestido.

Fez um esforço para não replicar. Escolhera uma blusa de caxemira embelezada com jóias de fantasia e um par de calças de lã, que adquirira através de um catálogo de artigos enviados pelo correio. Uma hora atrás, considerara que se tratava de um dos seus melhores conjuntos. Agora, porém, principiava a acalentar dúvidas.

– Bem, não interessa – prosseguiu Dorothy, depois de pendurar o casaco no cabide. – Vem, para que te apresente aos

outros e, em particular, ao doutor Scheffield, o nosso convidado de honra.

Conduziu a filha à sala, formal, reservada exclusivamente para as recepções daquela natureza, onde se encontravam oito pessoas, cada uma com uma bebida numa das mãos e um canapé na outra. Laurie reconheceu a maioria: quatro casais amigos dos pais desde longa data. Três dos homens eram médicos e o quarto banqueiro. À semelhança da sua própria mãe, as esposas não exerciam qualquer profissão e dedicavam o tempo livre a obras de caridade, tal como Dorothy.

Após breve troca de palavras, esta última levou a filha, através do longo corredor, à biblioteca, onde Sheldon Montgomery mostrava alguns tratados de medicina raros a Jordan Scheffield.

– Apresenta a tua filha ao doutor Scheffield, Sheldon – ordenou Dorothy, interrompendo o marido a meio de uma frase.

Os dois homens ergueram os olhos do livro que Montgomery tinha nas mãos. O olhar de Laurie desviou-se do rosto aristocrático e algo grave do pai para o de Jordan Scheffield e ficou agradavelmente surpreendida, pois esperara que este se parecesse mais com um oftalmologista mais velho, pesado e muito menos atraente. De fato, o homem na sua frente era francamente bem apessoado, de cabelo louro-claro, pele bronzeada, olhos azuis e brilhantes, e feições angulosas. Não só não parecia oftalmologista como nem sequer médico, mas antes um atleta profissional, ainda mais alto que Sheldon Montgomery, o qual media um metro e oitenta e cinco. E, ao contrário deste último, que envergava traje formal de xadrez, usava calça castanha, blazer azul e camisa branca sem gravata.

Enquanto o pai procedia às apresentações, Laurie apertou-lhe a mão, e sentiu-a envolvida por dedos fortes e firmes, ao mesmo tempo em que ele a olhava sem pestanejar e exibia um sorriso agradável. O fato de que Sheldon simpatizava particularmente com Jordan tornou-se em seguida evidente a Laurie, ao vê-lo dar-lhe uma palmada nas costas e insistir em lhe servir mais *scotch* do que costumava esconder quando tinha visitas, após o que se dirigiu ao aposento contíguo e a deixou a sós com Jordan.

– Os seus pais são extremamente hospitaleiros – disse ele.

– Sim, sim, eles gostam de receber. Aguardavam com ansiedade a sua presença esta noite.

– Ainda bem que vim. O seu pai não se cansou de lhe tecer elogios, ao ponto de eu estar empenhadíssimo em conhecê-la.

– Obrigada – agradeceu Laurie, algo surpreendida ao inteirar-se de que o pai falara dela e, ainda por cima, em termos entusiasmados. – Devo confessar que você não corresponde ao que eu esperara.

– Não me diga! E pode saber-se o que era?

– Bem... – Fez uma pausa, levemente embaraçada. – Julgava que parecia um oftalmologista.

Jordan inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada divertida.

– Como se parece um oftalmologista?

Ela experimentou uma sensação de alívio quando o pai regressou com a bebida para Jordan, evitando-lhe o incômodo de uma explicação. Sheldon referiu a este último que desejava mostrar-lhe uns instrumentos cirúrgicos antigos que tinha no escritório e, enquanto o seguia obedientemente, o outro dirigiu um sorriso conspiratório a Laurie.

Jordan tomou a seu cargo a tarefa de suavizar a atmosfera do jantar. Conseguiu mesmo que os amigos dos pais de Laurie mais reservados se tornassem incondicionalmente comunicativos, e as risadas ecoavam na sala pela primeira vez desde longa data.

Sheldon encorajou-o a contar determinados episódios divertidos sobre pacientes famosos. Jordan não se fez rogado e provocou mais algumas saudáveis gargalhadas. Até o dia emocional de Laurie retrocedeu para segundo plano, enquanto escutava peripécias ocorridas com clientes que desfrutavam de popularidade.

A especialidade de Jordan era a parte anterior da vista, em particular a córnea, embora também se dedicasse à cirurgia plástica e mesmo ao ramo da cosmética, tendo tratado celebridades, que variavam desde artistas de cinema a importantes figuras políticas. Salientou que se ocupara de várias entidades estrangeiras e de um ou outro mafioso ocasional.

– Refere-se a membros da Máfia? – perguntou Dorothy, incrédula.

– Exato. *Gangsters* de gema. Por sinal, ainda não há um mês que me apareceu um tal Paul Cerino, sem dúvida ligado ao submundo de Queens.

Laurie, que levava o copo de vinho branco aos lábios, quase se engasgou ao ouvir o nome. O fato de tal coisa acontecer pela segunda vez no mesmo dia sobressaltou-a. Estabeleceu-se silêncio e todos a olharam com apreensão, porém ela conseguiu recompor-se com prontidão e garantir que se sentia perfeitamente bem. Em seguida, perguntou a Jordan a natureza do mal de Paul Cerino.

– Queimaduras de ácido nos olhos. Acho que alguém lho arremessou à cara. Por sorte, teve a inspiração de banhá-los imediatamente com água.

– Ácido? – exclamou Dorothy. – Que horror!

– Não é tão perigoso como um *alcali*, que pode corroer a córnea.

– Mesmo assim, acho horroroso!

– Como estão os olhos a reagir ao tratamento? – perguntou Laurie, que pensava na vista direita de Frank DePasquale e meditava se se trataria do indício pelo qual Lou ansiava.

– O ácido tornou as córneas opacas, mas o fato de ele ter lavado os olhos imediatamente salvou a conjuntiva de danos profundos. Por conseguinte, deve recuperar com os transplantes de córnea que principiariam em breve.

– Não o assusta envolver-se com gente dessa? – inquiriu um dos convidados.

– De modo algum. Precisam de mim e eu posso ser-lhe útil. Não acredito que me molestassem. Na realidade, acho tudo um pouco cômico.

– Como sabe que esse Cerino é um gangster? – quis saber outro.

– Torna-se bem claro. – Jordan esboçou um sorriso. Vai ao consultório com vários guarda-costas, cujos casacos exibem volumes elucidativos.

– O Paul Cerino é um *gangster* muito conhecido – interpôs Laurie. – Trata-se de um dos patrões de nível médio da família Vaccarro, permanentemente em guerra com a organização do Lucia.

– Como sabes tudo isso? – estranhou Dorothy.

– Esta manhã, autopsiei uma vítima de execução de *gangsters*. As autoridades crêem que o homicídio foi o resultado direto dessa *vendetta* e agradar-lhes-ia relacionar a morte com o Paul Cerino.

– Valha-nos Deus! – exclamou a mãe, com uma expressão de desdém. – Pára com isso, Laurie! Falemos de outra coisa.

– Não é o tema mais apropriado para abordar durante o jantar – concordou Sheldon. Virando-se para Jordan, acrescentou: – Desculpe a minha filha, mas desde que abandonou a educação médica e ingressou na patologia perdeu parte da noção de etiqueta.

– Patologia? – repetiu Jordan, voltando-se para Laurie. – Não se referiu a essa sua especialidade.

– Não me perguntou. – Ela sorriu para si própria, consciente de que ele estivera demasiado preocupado em falar dos seus assuntos para se apoquentar com os dos outros. – Na verdade, pertenço ao Departamento de Patologia Legal da Inspeção Médica Principal de Nova Iorque.

– E se falássemos da época corrente no Lincoln Center? – sugeriu Dorothy.

– Não sou muito versado em patologia legal – admitiu Jordan. – Só tivemos duas aulas da matéria na escola médica e, ainda por cima, preveniram-nos de que não figuraria no exame. Adivinhem, pois, o que fiz. – Fingiu que dormia, roncando e deixando a cabeça tombar para o peito.

Sheldon soltou uma gargalhada e disse:

– Nós só tivemos uma e faltei.

– Acho que devíamos mudar de assunto – insistiu Dorothy.

– O problema da Laurie – continuou Sheldon – é não ter enveredado pela cirurgia, onde conviveria com os vivos. Temos uma moça no programa torácico que se pode considerar incrível, tão eficiente e competente como um homem. Ela poderia ter se saído igualmente bem.

Laurie teve de recorrer a toda a força de vontade para não replicar às palavras machistas e insensatas do pai. Ao invés, defendeu calmamente a sua especialidade:

– A patologia legal ocupa-se muito dos vivos, e fá-lo ao falar em nome dos mortos.

Descreveu o episódio do frisador de cabelo e como o conhecimento da causa dessa fatalidade podia salvar potencialmente a vida de outras pessoas. Quando terminou, registrou-se uma pausa desconfortável. Todos baixavam os olhos para os pratos e moviam os dedos sobre os talheres. O próprio Jordan parecia singularmente apreensivo. Por fim, Dorothy quebrou o silêncio anunciando que a sobremesa e o conhaque seriam servidos na sala.

Quando se reuniram no outro compartimento, Laurie sentia-se suficientemente irritada para considerar a hipótese de se retirar. No entanto, antes que pudesse decidir-se, uma empregada que a mãe contratara expressamente para a ocasião aproximou-se com uma bandeja de cálices de conhaque. Ela aceitou um, voltou as costas ao grupo e, com a bebida na mão, encaminhou-se para o escritório.

– Posso fazer-lhe companhia? – perguntou Jordan, que a seguira.

– Com certeza – assentiu Laurie, levemente sobressaltada, pois supunha que ninguém reparara no seu afastamento.

Tentou sorrir e sentou-se numa poltrona, enquanto ele se encostava a um móvel.

– Não pretendi divertir-me à custa da sua especialidade. Na verdade, considero a patologia fascinante.

– Sim?

– Gostei da história do frisador de cabelo. Não sabia que uma pessoa podia ser electrocutada com um utensílio desses, a menos que o deixasse cair na banheira quando tomava banho.

– Podia ter dito isso na altura. – Ela sabia que não estava sendo delicada, mas no momento não se sentia particularmente hospitaleira.

– Tem razão. – Jordan inclinou a cabeça. – Desculpe. Suponho que estava um pouco inibido pelos seus pais. É óbvio que a especialidade que escolheu não goza da sua predileção.

– É assim tão óbvio?

– Penso que sim. Julguei que tinha ouvido mal quando o seu pai emitiu aquele comentário acerca da mulher no programa torácico. E a sua mãe não parava de querer que mudássemos de assunto.

– Gostava que a tivesse ouvido no dia em que anunciei que ia para a patologia legal. Disse mais ou menos o seguinte: "*Que responderei às minhas amigas do clube quando me perguntarem o que fazes?*" Isto lhe proporciona, sem dúvida, uma idéia muito aproximada do que ela pensa. E o meu pai, o cirurgião cardíaco quinta-essência! Considera que qualquer outro tipo de cirurgia se destina aos fracos, tímidos e atrasados.

– Não é um casal fácil de contentar. As coisas não devem ter sido fáceis para si.

– Para lhe dizer a verdade, causei-lhes alguns desgostos ao longo dos anos. Fui uma adolescente rebelde, que saía com jovens duros, andava de motocicleta, recolhia a casa tarde, etc. Talvez treinasse os meus pais a desconfiar de tudo o que faço. Nunca me apoiaram muito. Na realidade, quase me têm ignorado, em especial ele.

– No entanto, atualmente tece-lhe elogios. Praticamente sempre que nos cruzamos nos corredores da cirurgia.

– Essa é nova para mim.

– Alguém quer mais conhaque? – perguntou Sheldon, que acabava de assomar à porta com a garrafa na mão.

Jordan disse que não e Laurie limitou-se a abaixar a cabeça. Sheldon indicou-lhes que "dessem um berro se mudassem de idéia" e desapareceu.

– Basta – articulou ela. – Esta conversa é demasiado séria. Não pretendi estragar o serão.

Com efeito, arrependia-se de lhe ter revelado tantos pormenores, sobretudo porque não costumava fazer confidências a pessoas quase estranhas. Todavia, sentira-se vulnerável ao longo do dia, desde que se ocupara do caso de Duncan Andrews.

– Não estragou nada – assegurou-lhe Jordan. Em seguida, olhou o relógio e continuou: – Está a fazer-se tarde e tenho cirurgia

logo pela manhã. O meu primeiro caso, às sete e meia, é um barão inglês com assento na Câmara dos Lordes.

– Sim? – murmurou Laurie, sem interesse especial.

– Acho que vou recolher-me à base. Teria o maior prazer em lhe dar carona. Isto, claro, se tenciona retirar-se.

– De fato, a carona me convinha. Estou a pensar em sair desde que nos levantamos da mesa.

Após as despedidas apropriadas, durante as quais Dorothy observou à filha que o seu casaco era demasiado leve para a época do ano, Jordan e Laurie retiraram-se e aguardaram o elevador.

– Mães! – desabafou ela, quando a porta se fechou atrás deles.

Enquanto a cabina descia, Jordan começou a referir – se ao desfile de celebridades que ocorreria no seu consultório no dia seguinte, e Laurie não conseguiu determinar se pretendia impressioná-la ou meramente desanuviar-lhe o espírito.

Quando emergiram do prédio para o ar frio de novembro, ele passou a aludir ao aspecto cirúrgico da sua atividade, enquanto ela inclinava ocasionalmente a cabeça, como se lhe prestasse atenção. Na realidade, aguardava que lhe indicasse se tinha o carro estacionado a norte ou a sul. Detiveram-se por um momento diante do edifício, enquanto Jordan explicava de quantos casos cirúrgicos se ocupava por ano.

– Não deve ficar com muito tempo livre – observou Laurie.

– Podia ser pior. No entanto, por minha vontade, trabalharia o dobro. A cirurgia é a minha ocupação favorita, aquilo em que sou melhor.

– Onde tem o carro? – acabou por perguntar, trêmula de frio.

– Ah, desculpe. É aquele. – Ele apontou para uma longa limusine preta, a curta distância do local onde se encontravam, da qual, como em obediência a uma deixa, se apeou um motorista uniformizado, que se apressou a abrir a porta de trás.

– Este é o Thomas – informou Jordan.

Laurie saudou o homem com uma inclinação de cabeça e entrou. O interior do veículo era quase luxuoso, com um telefone celular, ditafone e fax.



– Parece preparado para os negócios ou o prazer.

Ele sorriu, claramente encantado com o seu estilo de vida, e perguntou:

– Para onde?

Laurie indicou o seu endereço, na Rua 19, e o motorista pôs o carro em movimento.

– Nunca imaginei que você tivesse uma limusine – observou ela. Não será um pouco uma extravagância?

– Talvez, um pouco. – Os dentes brancos irrepreensíveis brilharam na penumbra. – Mas esta ostentação tem uma faceta prática. Executo todo o trabalho de expediente de casa para o consultório e vice-versa, assim como entre este último e o hospital. Portanto, até certo ponto, este tipo de viatura produz dividendos.

– É uma maneira interessante de encarar o assunto.

– Não se trata apenas de uma racionalização.

E descreveu outras formas de organização da sua prática profissional para incrementar a produtividade. Enquanto escutava, Laurie não podia deixar de compará-lo com Lou Soldano. Na realidade, dificilmente representariam pólos mais opostos. Um era modesto e o outro de um narcisismo quase arrogante; um provinciano e o outro sofisticado; um reservado, quase tímido, e o outro de um desembaraço algo agressivo. Mas, apesar das divergências, considerava-os atraentes à sua maneira.

Quando a limusine entrou na Rua 19, Jordan pôs termo abrupto ao monólogo e declarou:

– Estou a aborrecê-la com a minha conversa.

– Vê-se que está profundamente empenhado no que faz. É uma coisa que me agrada.

Arqueou as sobrancelhas e os olhos adquiriram um clarão repentino.

– Gostei muito de conhecê-la e lamento não dispormos de mais tempo para conversar. Que diz de jantarmos juntos amanhã?

Ela sorriu. Fora um dia de surpresas, e desde que cortara definitivamente com Sean Mackenzie raramente saía com um homem. Não obstante, achava Jordan interessante, a despeito da sua natureza aparentemente dominadora. Decidiu impulsivamente

que seria divertido conviver um pouco mais com ele, mesmo que os pais o aprovassem.

– É uma ótima idéia.

– Estupendo! Que acha do Le Cirque? Conheço o gerente, que nos dará uma boa mesa. Às oito está bem?

– Perfeitamente – assentiu, embora começasse a hesitar, a partir do momento em que o ouviu mencionar Le Cirque, pois para a primeira saída juntos teria preferido um ambiente menos formal.

– Que raio de horas são? – perguntou Tony. – A pilha do meu relógio deve ter-se esgotado – acrescentou, sacudindo o pulso e em seguida batendo com os dedos no mostrador.

Angelo estendeu o braço e consultou o seu Piaget.

– Onze e onze.

– Não acredito que o Bruno saia. Porque não entramos, para ver se está lá?

– Porque não queremos que a senhora Marchese nos veja. Se tal acontecesse, tínhamos também de liquidá-la, o que não seria justo. O pessoal do Lucia talvez não se preocupasse com isso, mas nós não trabalhamos assim. De resto, olha. Aí vem o rufião. – E apontou para a entrada do pequeno prédio de dois pisos.

Bruno Marchese imergiu na noite trajando um casaco preto, jeans acabadas de engomar e óculos escuros. Deteve-se um momento no topo da meia dúzia de degraus para acender um cigarro, após o que atirou o fósforo para um vaso e desceu em direção ao passeio.

– Olha para aqueles óculos – murmurou Angelo. Deve julgar que é o Jack Nicholson. Palpita-me que vai encontrar-se com alguma tipa. Não devia ter saído de casa. O mal de vocês, jovens, é terem os miolos nos tomates.

– Vamos a ele – urgiu Tony.

– Calma. Deixa-o dobrar a esquina. Apanhamo-lo quando passar debaixo da via férrea.

Cinco minutos mais tarde, tinham Bruno encolhido a um canto do banco de trás, ante o rosto sorridente de Tony. A captura resultara ainda mais fácil do que no caso de Frankie. A única baixa

registrada consistira nos óculos escuros do rapaz, que foram parar na sarjeta.

– Surpreendido? – inquiriu Angelo, depois de rolarem durante alguns minutos, olhando Bruno pelo espelho retrovisor.

– Que significa isto?

– Humm... é dos duros. – Tony soltou uma gargalhada. – Duro e bronco. E se lhe aplicasse uns sopapos, para sacudir o pó?

– Trata-se do incidente com o Cerino – explicou Angelo. – Queremos ouvir a tua versão.

– Não sei de nada – retorquiu Bruno. – É a primeira vez que ouço falar disso.

– É curioso. Um teu amigo disse-nos que estiveste envolvido.

– Quem?

– O Frankie DePasquale.

Angelo viu a expressão do outro alterar-se de terror, e com fortes motivos.

– O Frankie não sabia nada. Desconheço em absoluto o incidente com o Cerino.

– Então, porque te refugiaste em casa da tua mãe?

– Não me refugiei. Fui despejado do meu apartamento e instalei-me lá provisoriamente.

Meneou a cabeça, com uma expressão de resignação simulada. Prosseguiram em direção às instalações da American Fresh Fruit Company sem mais palavras. Uma vez aí, Angelo e Tony conduziram Bruno para o mesmo local onde Frankie fora torturado e morto. Assim que viu a abertura no chão, Bruno perdeu todo o ar de dureza e balbuciou:

– Está bem, amigos. Que pretendem saber?

– Assim é melhor – disse Angelo. – Primeiro, senta. – Fez uma pausa, enquanto o outro obedecia. Em seguida, inclinou-se para ele e indicou: – Então, conta lá. – Acendeu um cigarro e soprou o fumo para o teto.

– Não sei grande coisa. Limitei-me a conduzir o carro. Não entrei. Além disso, fui obrigado.

– Por quem? E tem cautela, porque se tentas mentir vê-te em sérios apuros.

– O Terry Manso. A idéia foi dele. Eu nem sequer suspeitava do que se tratava, até que tudo terminou.

– Além de ti, o Manso e o DePasquale, quem esteve envolvido?

– O Jimmy Lanso.

– E mais?

– Só esses.

– Que fez o Jimmy?

– Entrou mais cedo para localizar o quadro elétrico e poder apagar a luz no momento apropriado.

– Quem ordenou o golpe?

– Já expliquei. Foi tudo idéia do Manso.

Angelo chupou demoradamente o cigarro e inclinou a cabeça para trás, enquanto expelia o fumo e tentava decidir se necessitava de perguntar mais alguma coisa àquele rufião de meia-tigela. Quando chegou à conclusão de que não, volveu o olhar para Tony e acenou afirmativamente.

– Queria pedir-te um favor, Bruno. Preciso que transmitas um recado ao Vinnie Dominick. Posso contar com isso?

– Sem dúvida – assentiu o interpelado, recuperando parte da dureza inicial.

– É o seguinte...

Angelo não completou a frase. O estampido da Bantan de Tony obrigou-o a estremecer. As armas dos outros pareciam sempre mais ruidosas. Como não tinham atado Bruno à cadeira, o corpo dobrou-se para a frente e deslizou para o chão. Ângelo aproximou-se e abanou a cabeça.

– Acho que o Vinnie receberá o recado.

Tony olhou a arma com um misto de admiração e prazer, puxou do lenço e limpou a fuligem do cano.

– Isto é cada vez mais fácil – observou ao companheiro.

Este não replicou. Ao invés, agachou-se junto do cadáver e extraiu-lhe a carteira do bolso interior do casaco. Continha várias notas de cem dólares e algumas de valor mais baixo. Entregou uma das primeiras a Tony e guardou as outras, após o que voltou a colocar a carteira no bolso de Bruno.

– Dá-me uma ajuda – ordenou ao outro.

Arrastaram o corpo para a abertura e lançaram-no ao rio. À semelhança do que se passara com o de Frankie, foi levado rapidamente pela corrente, apenas com uma pausa momentânea quando bateu numa das colunas do cais.

– Apetece-te comer? – perguntou Angelo.

– Estou faminto – admitiu Tony.

– Então, vamos ao Valentinos, na Rua Steinway. Há muito que não como uma pizza.

Minutos depois, Angelo manobrava o carro para inverter a direção e conduzia-o para a saída do cais. No cruzamento da Rua Java com a Avenida Manhattan, virou à esquerda e acelerou.

– É curiosa a facilidade com que se apaga uma pessoa – comentou Tony. – Lembro-me de, em criança, imaginar que era uma coisa do outro mundo. Eu e outras crianças costumávamos esperar que um vizinho saísse de casa só para o admirarmos, pois constava que tinha matado alguém. Considerávamo-lo o nosso herói.

– Que espécie de pizza queres? – perguntou Angelo, ignorando as reminiscências.

– Pepperoni. A primeira vez que liquidei um fulano fiquei tão excitado que perdi o apetite. Até tive pesadelos. Mas agora é um gozo.

– É trabalho – corrigiu secamente. – Quando te convencerás disso?

– Que lista vamos seguir quando acabarmos de comer: a antiga ou a nova?

– A antiga. Primeiro, quero mostrar a nova ao Cerino, para me certificar. Não faria sentido trabalharmos por nossa própria conta.

## 5

### QUARTA-FEIRA, 6 e 45, MANHATTAN

Do ponto em que se encontrava, Laurie via o irmão encaminhar-se para o lago. Movia-se apressadamente, e ela receava que começasse a correr. Calculava que ele estivesse ao corrente do lodo e da sua perigosa profundidade, mas prosseguia em frente como se lhe fosse indiferente.

– Shelly! – chamou.

Ou a ignorou ou era impossível ouvi-la. Tornou a gritar a plenos pulmões, mas continuou a não obter resposta, pelo que começou a correr para lá. Entretanto, o irmão encontrava-se apenas a dois passos do perigoso lodaçal.

– Pára, Shelly! Não te aproximes da água! Afasta-te!

Mas ele prosseguia em frente. Quando Laurie alcançou a margem, já o irmão estava imerso no lodo até a cintura. Virando-se para trás, exclamou:

– Acode-me!

Ela estacou na periferia da área perigosa e estendeu os braços, porém as mãos não conseguiam tocar no irmão. Voltou-se por sua vez e gritou a pedir socorro, mas não havia ninguém à vista. Tornou a olhar Shelly, que se afundara até ao pescoço. Com os olhos dominados pelo terror, abriu a boca e principiou a gritar. Os gritos converteram-se num retinir persistente, que a arrancou do sono. Ainda desesperada por acudir o irmão, estendeu o braço e derrubou o despertador do peitoril da janela. O mesmo movimento atingiu um copo cheio de água, que se derramou sobre o livro que ela lera antes de adormecer. O despertador, o copo e o livro reuniram-se no chão.

O incidente assustou de tal modo o Tom, que saltou em primeiro lugar para cima do toucador, onde fez cair a maior parte dos cosméticos de Laurie, e depois para a cómoda. Com o ruído e a confusão, ela abandonou a cama antes de perceber concretamente do que fazia. Transcorreram alguns segundos antes de o som

persistente do despertador conseguir acordá-la por completo. Abaixou-se para apanhá-lo do chão e desligar o alarme.

Por um momento, conservou-se imóvel no meio dos estragos, para recobrar o alento. Havia anos que não tinha aquele pesadelo, provavelmente desde a universidade, e o efeito era mais preocupante que os destroços à sua volta. Tinha a fronte úmida de transpiração e as palpitações do coração atingiam um ritmo invulgar.

Quando, por fim, se recompôs suficientemente, foi buscar a pá e a vassoura para recolher os fragmentos de vidro dos frascos. A seguir, apanhou os intactos e alinhou-os no toucador, deixando o resto da arrumação para mais tarde.

Encontrou o Tom refugiado debaixo do sofá da sala. Depois de atraí-lo com palavras ternas, conservou-o nos braços por uns momentos, até que o ouviu ronronar.

Cerca de dez minutos mais tarde preparava-se para abrir a torneira do chuveiro, quando soou a campainha da porta.

– Quem será a esta hora? – proferiu entredentes.

Envolveu-se numa toalha, dirigiu-se ao intercomunicador do vestíbulo e perguntou quem era.

– O Thomas – anunciou uma voz em tom algo deferente.

– Qual Thomas?

– O motorista do doutor Scheffield. Venho entregar uma coisa enviada por ele, que não o pode fazer por estar de serviço na cirurgia.

– Desço já.

Enfiou apressadamente uma camisa de meia manga e calças e saiu para o corredor.

– Madrugou, hoje – observou Debra Engler, atrás da porta entreaberta, como de costume.

Laurie emitiu um suspiro de alívio ao ver a cabina do elevador surgir finalmente. Thomas levou dois dedos ao boné quando a viu e disse que esperava não a ter acordado. O que trazia para lhe entregar era uma caixa alongada, branca, atada com uma fita vermelha.

Ela agradeceu e voltou imediatamente para cima. Pousou a caixa na mesa da cozinha, retirou a fita, abriu-a e afastou o papel de

seda. Deparou-se com várias dúzias de rosas vermelhas, encimadas por um bilhete com os dizeres: *"Até logo à noite. Jordan."*

Abafou uma exclamação de assombro. Como nunca fora destinatária de um gesto tão pouco vulgar, não sabia como reagir. Nem sequer sabia se devia ou não aceitar as flores. Mas que podia fazer? Achava-se impossibilitada de devolvê-las. Pegou uma e cheirou-a, ao mesmo tempo em que admirava a intensidade da cor. Embora a oferta a confundisse e fizesse sentir-se desconfortável, via-se forçada a reconhecer que era lisonjeira e romântica.

Foi buscar a jarra maior que possuía, colocou metade das rosas na água e levou-as para a sala. Entretanto, refletia que não lhe custaria habituar-se à presença de flores no apartamento, pois produziam um efeito extremamente aprazível.

Voltou à cozinha, pôs a tampa na caixa e atou-a com a fita vermelha. Se uma dúzia de rosas transmitia tanta vida ao apartamento, era imprevisível o efeito no seu gabinete de trabalho.

– Meu Deus! – exclamou, quando viu as horas; e, dominada pelo pânico, despiu-se e correu para o chuveiro.

Eram oito e meia quando chegou ao edifício da Inspeção Médica Principal, meia hora mais tarde do que o habitual. Com uma sensação de culpa, encaminhou-se diretamente para o Departamento de Identificação, embora, em virtude das rosas, tivesse preferido passar primeiro pelo seu gabinete.

– O doutor Bingham quer falar consigo – comunicou Calvin Washington assim que a viu. – Mas depois volte para aqui a trote, porque temos trabalho até as orelhas.

Laurie pousou a pasta e a caixa das rosas numa secretária desocupada. Sentia-se algo embaraçada por causa das flores, mas se ele percebeu algo não o deixou transparecer. Por conseguinte, retrocedeu e apresentou-se à senhora Sanford.

Tendo bem presente na memória a última visita aos domínios do chefe, achava-se no mínimo apreensiva e, por mais que se esforçasse, não conseguia imaginar o que ele pretendia.

– De momento, está ao telefone – informou a secretária. – É melhor sentar-se. Creio que não terá de esperar muito.



Laurie dirigiu-se para um sofá, mas antes que pudesse sentar-se, a senhora Sanford atendia o intercomunicador. O doutor Bingham ia recebê-la. Encheu os pulmões de ar e entrou no gabinete do chefe, que conservava a cabeça inclinada para a frente. Estava a escrever e não a convidou para se sentar. Por fim, ergueu os olhos. Por uns instantes, observou-a com a expressão acurada do olhar, até que meneou a cabeça e suspirou.

– Depois de meses de trabalho irrepreensível, você parece ter criado uma tendência ímpar para os problemas. Desagrada-lhe a atividade que executa, doutora?

– De modo algum, doutor Bingham. Muito pelo contrário.

– Sente-se.

Uniu as mãos e pousou-as no tampo da secretária, enquanto Laurie se instalava na borda da cadeira em frente.

– Nesse caso, talvez não goste de trabalhar neste departamento –olveu ele, numa inflexão mista de pergunta e afirmação.

– Adoro trabalhar aqui. Porque pensa o contrário?

– Apenas por ser a única explicação que me ocorre para o seu comportamento.

– Não faço a menor idéia da natureza do comportamento a que se refere – replicou ela com firmeza.

– Trata-se da sua visita de ontem à tarde ao apartamento do falecido Duncan Andrews, ao qual, segundo parece, teve acesso mostrando as credenciais oficiais. Esteve lá, ou fui mal informado?

– Estive.

– O doutor Calvin não lhe disse que nos têm pressionado acerca desse caso?

– Ele falou de fato no assunto, mas a única coisa que abordou relacionada com a pressão dizia respeito à causa oficial da morte.

– Isso não foi suficiente para levá-la a concluir que se tratava de um caso sensível e devia revelar a maior discricção possível em todos os aspectos?

Laurie tentava determinar quem se queixara da sua visita. E porquê. Sara Letherbee decerto não fora. Enquanto refletia, percebeu-se de que o doutor Bingham aguardava a sua resposta.

– Não pensei que a minha presença no local pudesse contrariar alguém – acabou por declarar.

– Não pensou, na verdade – retorquiu ele. – Isso é penosamente óbvio. Pode explicar-me porque o fez? O corpo já lá não estava. De resto, você tinha terminado a autópsia. E, para cúmulo, dispomos de investigadores médicos para essas tarefas. Investigadores médicos aos quais recomendamos que não se envolvessem no assunto. Volto, pois, à minha pergunta. Por que o fez?

Ela procurou encontrar uma explicação, sem entrar no campo pessoal, pois não desejava discutir a overdose do irmão com o chefe. Pelo menos, naquele momento.

– Fiz-lhe uma pergunta, doutora Montgomery – lembrou Bingham.

– Não tinha encontrado nada na autópsia – exclamou Laurie, finalmente. – Não havia qualquer patologia. Creio que fui lá impelida pelo desespero, a fim de ver se o lugar em que ele vivia revelava uma alternativa plausível às drogas que obviamente consumia.

– Além de pedir a Cheryl Myers que lhe fornecesse os dados clínicos do homem?

– Exato.

– Em circunstâncias normais, uma iniciativa dessa natureza seria recomendável. No entanto, em virtude das atuais, só serviu para aumentar os problemas deste departamento. O pai, que dispõe de conhecimentos de peso nos círculos políticos, inteirou-se da sua visita ao apartamento e barafustou como se estivéssemos empenhados em comprometer-lhe a campanha para o cargo de senador. E tudo isto por cima do homicídio no Central Park, que já nos deu água pela barba. Não precisamos de mais imbróglios, compreende?

– Sim, senhor.

– Acalentemos ao menos essa esperança. – Bingham tornou a baixar os olhos para os documentos na sua frente.

– Nada mais, doutora Montgomery.

Laurie abandonou o gabinete do chefe e respirou fundo. Nunca estivera tão perto de ser despedida. Duas convocações

desagradáveis aos domínios do temível doutor Bingham noutros tantos dias.

– Limpou a ardósia diante do chefe? – perguntou o doutor Calvin.

– Espero que sim.

–Eu também, porque preciso de si em plena forma. – Estendeu-lhe um maço de pastas de cartolina. – Tem quatro casos hoje. Mais duas overdoses como a de Duncan Andrews e dois flutuadores. Flutuadores recentes, devo salientar. Calculei que, como executou o mesmo gênero de operação ontem, se desembaraçaria mais depressa. Há trabalho que chega e sobeja para toda a gente. Tive de distribuir cinco casos a alguns dos seus colegas, pelo que se deve considerar afortunada.

Laurie folheou o conteúdo das pastas, para se certificar de que não faltava nada. Em seguida, levou-as para o seu gabinete, juntamente com a caixa de rosas e a sua própria pasta. Antes de qualquer outra coisa, dirigiu-se ao laboratório e munuiu-se da maior proveta que encontrou, na qual dispôs as flores e adicionou água. Por último, colocou-as numa prateleira e retrocedeu alguns passos para admirar o efeito. Foi obrigada a esboçar um sorriso ao reconhecer que se achavam pungentemente deslocadas.

Finalmente, sentou-se à secretária e debruçou-se sobre a primeira pasta, mas não foi longe. Acabava de abrir, quando bateram à porta, que se abriu devagar para revelar Lou Soldano.

– Espero não vir incomodá-la muito. Aposto que não estava a contar com a minha visita.

Tinha aspecto de quem passara a noite a pé. Usava o mesmo traje folgado com necessidade urgente de ser engomado e o rosto por barbear.

– Não incomoda nada – assegurou-lhe ela. – Entre.

– Como lhe estão a correr as coisas hoje? – perguntou ele, depois de se sentar e pousar o chapéu nos joelhos.

– Bem, à parte uma escaramuça com o chefe.

– Espero que não fosse por causa da minha vinda de ontem...

– Não gostou de uma diligência a que procedi.

– Vim, porque soube que apareceram mais casos como os do infelizmente Frankie, descobertos no mesmo local e pelo mesmo guarda de segurança. Por conseguinte, encontrava-me no cais da Rua Sul, às cinco da manhã. Hummm! – exclamou subitamente, ao ver a profeta com as rosas. – Aquelas flores não estavam aí ontem.

– Agradam-lhe?

– Muito impressionantes. De um admirador?

– Acho que se lhe pode dar esse nome – admitiu Laurie, após breve hesitação. – Sim, são bonitas. – Lou baixou os olhos para o chapéu e começou a endireitar a aba. – O doutor Washington disse que lhe distribuiu esses casos, e aqui me tem. Importa-se que volte a assistir às autópsias?

– De modo algum, se lhe parece que consegue suportá-las. Tenho muito gosto com a sua companhia.

– Estou quase certo de que uma das mortes se relaciona com a do Frankie – prosseguiu, inclinando-se um pouco para a frente. – Chama-se Bruno Marchese. É da mesma idade e ocupava uma função similar na organização. Inteiramo-nos de tantos pormenores rapidamente porque conservava a carteira no bolso, como aconteceu no outro caso. Tudo indica que o assassino queria que a morte se tornasse conhecida imediatamente, como um *spot* publicitário da televisão. Quando isso se verificou com o Frankie, atribuímos a uma batalha. Deve estar iminente algo de importante, como, por exemplo, uma guerra total entre duas organizações. Se for esse o caso, temos que impedir, pois morrem muitos inocentes em qualquer conflito dessa natureza.

– Este foi morto da mesma maneira? – perguntou ela, enquanto consultava as pastas de cartolina, até chegar à de Bruno.

–Exatamente a mesma. Uma execução típica de *gangsters*. Uma bala na nuca disparada à queima-roupa.

– E com uma arma de pequeno calibre – acrescentou ela, depois de esquadrihar superficialmente os documentos. Levantou o telefone e ligou à morgue. Quando atenderam, perguntou por Vinnie e aguardou um momento. – Voltamos a trabalhar juntos?

– Não a largo em toda a semana.

– Temos dois flutuadores. Bruno Marchese e... – Volveu o olhar para Lou. – Como se chama o outro?

– Não sabemos – informou o detetive. – Ainda não foi identificado.

– Não tinha a carteira?

– Pior do que isso. Faltam a cabeça e as mãos. Esse, não queriam que fosse identificado.

– Estupendo! – proferiu ela, com sarcasmo. – Sem a cabeça, o corpo terá um valor muito limitado. – Tornou a falar para o bocal. – Providencie para que o Bruno Marchese e o homem decapitado sejam radiografados.

– Já se está a tratar disso – referiu Vinnie. – Mas vai demorar um pouco, porque há fila. É uma manhã particularmente agitada. Parece que houve uma espécie de guerra de bandos em Harlem, esta noite, pelo que estamos enterrados em ferimentos de balas até ao pescoço. Outra coisa: o corpo sem cabeça é de uma mulher e não de um homem. Quando aparece cá em baixo?

– Daqui a pouco. Arranje um estojo de pesquisa de violação para a mulher. – Ela cortou a ligação e virou-se de novo para Lou. – Não me tinha dito que um dos flutuadores é uma mulher.

– Não tive oportunidade.

– Bem, não tem importância. Infelizmente, os casos que lhe interessam não serão os primeiros. Lamento.

– Não faz mal. Gosto de vê-la trabalhar.

Deu uma olhadela à pasta da decapitada e, em seguida, a uma das referentes a overdoses, mas o que se lhe deparou nesta última fê-la consultar igualmente a outra.

– É curioso – murmurou, erguendo os olhos. – O doutor Washington disse que estes casos eram idênticos ao de Duncan Andrews, mas não me passou pela cabeça que falasse tão literalmente. Que coincidência...

– São overdoses de cocaína?

– Exato. Mas a coincidência não reside aí. Um é um banqueiro e o outro um editor.

– Que há de extraordinário nisso?

– Refiro-me ao aspecto demográfico. Os três eram profissionais prósperos, jovens e solteiros. Não correspondem minimamente à fauna que costumamos associar às overdoses.

– Tenho de repetir a pergunta: que há de extraordinário nisso? Não são esses indivíduos o gênero de *yuppies* que popularizaram a coca? Onde está a invulgaridade?

– O fato de consumirem cocaína não constitui o aspecto surpreendente – explicou Laurie, pausadamente. – Não sou ingênua. Por detrás do verniz do êxito material pode existir um vício profundamente enraizado. Mas os casos de overdose que nos passam pelas mãos costumam dizer respeito a desiludidos da vida. Nos do *crack*, os viciados pertencem mesmo às camadas mais baixas. Aparecem por vezes indivíduos mais prósperos, mas quando as drogas os matam já perderam tudo: emprego, família, dinheiro, etc. Estes casos recentes não me parecem overdoses típicas. Levam-me a ponderar se a droga não continha algum veneno adicional. – Começou a procurar entre a papelada em cima da secretária. – Onde teria posto aquele artigo do American Journal of Medicine?... Ah, ei-lo!

Pegou a fotocópia de uma folha de jornal e estendeu-a a Lou. A cocaína adquirida na rua costuma ter alguma coisa misturada, em geral açúcar ou estimulantes comuns, mas também, por vezes, substâncias estranhas. Está aí indicada uma série de envenenamentos resultantes de um quilo de cocaína a que juntaram estricnina.

– Nossa... – Ele assobiou em surdina. – Deve proporcionar uma viagem e peras.

– Diga antes uma viagem rápida para a morgue – salientou Laurie. – O fato de ver três casos de overdose atípicos em dois dias faz-me pensar se terão obtido o produto da mesma fonte contaminada.

– É uma possibilidade muito remota – objetou o detetive. – Em especial, dispondo apenas de três casos. E, francamente, mesmo que a sua teoria corresponda à realidade, não estou interessado.

– Como assim? – ela estranhou, quase duvidando do que ouvira.

– Com todos os problemas que afligem a cidade, toda a violência e crimes que ocorrem nas ruas, custa-me sentir particular simpatia por um trio de janotas endinheirados, que não descobrem uma ocupação menos letal para os seus tempos livres do que consumir drogas ilegais. Confesso que me preocupo mais com os pobres diabos que aparecem a flutuar no rio, como essa mulher decapitada.

Antes que pudesse replicar com veemência, o telefone tocou, e surpreendeu-se ao ouvir a voz de Jordan no outro extremo do fio.

– Já estou despachado do primeiro. Correu tudo perfeitamente. Tenho a certeza de que o barão ficará satisfeito.

– Alegra-me sabê-lo – disse Laurie, com um olhar embaraçado a Lou.

– Recebeu as flores?

– Recebi e não me canso de as admirar. Obrigada. São exatamente o que o médico recomendou.

– Boa saída. – Jordan soltou uma risada. – Pensei que constituiriam a maneira apropriada de lhe dar a entender que aguardo com ansiedade o nosso encontro de logo à noite.

– Podem figurar na mesma categoria que a limusine. Um pouco extravagante. Em todo o caso, aprecio o fato de pensar em mim.

– Bem, queria apenas certificar-me. Tenho de voltar para a cirurgia. Até logo às oito.

– Desculpe – disse Lou, quando Laurie pousou o telefone. – Podia ter dito que era uma chamada pessoal e eu aguardaria no corredor.

– É raro receber telefonemas pessoais aqui. Apanhou-me desprevenida.

– Uma dúzia de rosas. Uma limusine. Deve ser um fulano interessante.

– E é. Por sinal disse uma coisa, ontem à noite, que talvez lhe interesse.

– Custa-me a crer – advertiu ele. – Mas sou todo ouvidos.

– Ele é médico e chama-se Jordan Scheffield. Talvez tenha ouvido mencioná-lo, pois desfruta de grande popularidade. Disse-me

que figura na sua clientela o homem pelo qual você está tão interessado: Paul Cerino.

– Sério? – Na verdade, não só deixava transparecer interesse como incredulidade.

– Jordan Scheffield é oftalmologista.

– Um momento. – Ergueu uma das mãos, ao mesmo tempo em que introduzia a outra na algibeira do casaco para puxar uma folha de papel dobrado e uma esferográfica. – Deixe-me tomar nota.

– Escreveu o nome do médico e pediu a Laurie que soletrasse “oftalmologista”.

– É a mesma coisa que optometrista?

– Não. Oftalmologista ocupa-se de cirurgia, assim como de cuidados médicos da vista, enquanto o optometrista se dedica de preferência à correção de problemas de visão, por meio de óculos e lentes de contacto.

– E os oculistas? Fiz sempre uma certa confusão com esses tipos de especialistas.

– Satisfazem as receitas relativas à vista – explicou Laurie. – Tanto dos oftalmologistas como dos optometristas.

– Agora compreendi. Fale-me disso do doutor Scheffield e do Paul Cerino.

– É a parte mais interessante. O Jordan disse que tratava Cerino de queimaduras de ácido nos olhos. Alguém lho atirou à cara, com a intenção óbvia de cegá-lo.

– Interessante, de fato, pois pode esclarecer muitas coisas. Como, por exemplo, as execuções estilo *gangster* de membros do bando do Lucia. E o caso do Frankie? Poderia tratar-se também de ácido?

– Sem dúvida. Embora sejam difíceis de determinar, devido à imersão do corpo no rio, os estragos observados na vista podem perfeitamente dever-se a queimaduras de ácido.

– Pode tentar obter uma declaração formal do laboratório nesse sentido? Seria o início da pista por que ansiamos.

– Far-se-á o possível. No entanto, como referi, a permanência mais ou menos prolongada do corpo na água pode dificultar a



tarefa. Também examinaremos a bala deste último caso. Talvez seja igual à que vitimou o Frankie.

– Há meses que não estava tão entusiasmado – reconheceu Lou. – Vamos ver o que se consegue.

Desceram ao laboratório, onde Laurie procurou o diretor, um toxicólogo chamado John DeVries, alto, magro, de faces encovadas e palidez de acadêmico, o qual usava uma bata, coberta de nódoas, duas medidas abaixo da sua.

Ela procedeu às apresentações e perguntou se os resultados dos exames dos casos da véspera se achavam disponíveis.

– Alguns – assentiu o doutor DeVries. – Tem os números de acesso?

– Com certeza.

– Então, vamos para o meu gabinete. – Uma vez num aposento pouco maior que um cubículo, cheio de livros científicos e montes de jornais médicos, debruçou-se sobre a secretária e premiu algumas teclas de um computador. – Quais são eles?

Laurie indicou-os e ele marcou-os no teclado. O monitor iluminou-se quase imediatamente.

– Havia cocaína no sangue e na urina. E, ao que parece, em concentração elevada. Mas tratava-se apenas de uma cromatografia de camada pouco espessa.

– Alguma substância contaminadora ou outras drogas? – perguntou ela.

– Até agora, não se encontrou nada do gênero. – O toxicólogo endireitou-se. – Mas utilizaremos a cromatografia gasosa e a espectrometria maciça, assim que houver tempo. O trabalho tem apertado constantemente.

– Trata-se de um caso de overdose de cocaína, mas um pouco atípica, porque o falecido não parecia ser um consumidor habitual. E se consumia drogas... embora a família garanta que tal não acontecia..., isso não interferia na sua vida normal. Era um indivíduo bem posicionado nos negócios e cidadão exemplar, ingredientes que não se ligam com a idéia de uma overdose. Por conseguinte, apesar de porventura invulgar, não foi nada de extraordinário. A cocaína pode provocar reações imprevistas. Mas agora apareceram mais dois

casos de perfis similares, com o intervalo de um dia do anterior, e acudiu-me a suspeita de que uma porção de cocaína esteja envenenada com alguma espécie de contaminador. Pode acontecer ser a causa da morte desses consumidores aparentemente ocasionais. Agradecia, pois, que procedessem a análises mais profundas com a brevidade possível. Talvez consigamos salvar algumas vidas.

– Farei o que puder – reiterou. – No entanto, como referi, o trabalho aperta. Há algum outro caso de que deseje elucidar-se?

Laurie indicou o número de acesso de Frank DePasquale e o doutor DeVries tornou a recorrer ao computador.

– Somente resíduos de *canabina* na urina.

– Havia uma amostra de tecido da vista – observou Laurie. – Alguma coisa aí?

– Ainda não foi analisada.

– Essa vista parecia queimada e suspeitamos da presença de ácido. Importa-se de investigar nesse sentido? É importante.

– Conte comigo e com o meu pessoal.

Ela agradeceu as informações e fez sinal a Lou para que a seguisse em direção ao elevador, ao mesmo tempo em que meneava a cabeça.

– Tentar arrancar-lhe elementos é como querer espremer água de uma pedra.

– Pareceu-me exausto – disse o detetive. – Ou talvez deteste a profissão. Uma das duas coisas.

– Alega, na defensiva, que o trabalho abunda. À semelhança de tudo o resto nesta casa, dispõe de fundos limitados, que cada vez dão para menos. Em todo o caso, acalento a esperança de que arranje tempo suficiente para procurar um contaminador nas overdoses que nos interessam. Estou firmemente convencida de que existe. – Laurie consultou o relógio e acrescentou: – Tenho de me despachar. Não posso me dar ao luxo de ter também o doutor Washington atrás de mim. Já basta o doutor Bingham. Se não me acautelo, ainda vou parar nas filas de desempregados.

– De fato, acho-a muito preocupada com essas overdoses – comentou ele, olhando-a com curiosidade.

– Não se engana.

Ela calou-se bruscamente e fixou o olhar no ponteiro indicador dos pisos. As palavras do detetive recordavam-lhe o pesadelo daquela manhã e esperava que ele não aludisse a Shelly. A cabine imobilizou-se diante deles naquele momento e entraram.

Quando chegaram à “cova”, vestiram a bata e passaram à sala de autópsias, que constituía uma colméia de atividade, com todas as mesas ocupadas. Laurie percebeu de que o próprio Calvin Washington trabalhava, na número um. Devia existir um motivo especial para tal, pois não costumava ocupar-se de casos de rotina.

O primeiro trabalho dela já se achava na mesa. Vinnie tomara a liberdade de reunir todos os apetrechos que antevira que necessitaria. O corpo pertencia a um certo Robert Evans, de vinte e nove anos.

Laurie pousou a papelada de que se fizera acompanhar e iniciou o exame externo. Estava quase a meio, quando reparou que Lou não se encontrava do outro lado da mesa, mas um pouco afastado.

– Desculpe se me esqueci da sua presença.

– Compreendo perfeitamente. Continue a trabalhar e não se preocupe comigo. Vejo que têm todos muito que fazer e não quero estorvar.

– Não estorva. Como pretendia assistir, aproxime-se e conserve os olhos bem abertos.

Ele contornou a mesa, tendo o cuidado de ver onde punha os pés; as mãos crispadas atrás das costas. Por fim, baixou os olhos para o corpo de Robert Evans e perguntou:

– Descobriu alguma coisa de interessante?

– O pobre homem entrou em convulsões como o Duncan Andrews. Há as escoriações habituais e graves mordeduras na língua a prová-lo. E existe algo mais. Vê esta marca de picada na fossa antecubital? Recorda-se disto no corpo do Duncan Andrews?

– Muito bem. Era o ponto intravenoso de inoculação da cocaína.

– Exato. Por outras palavras, o senhor Evans consumia-a da mesma maneira que o senhor Andrews.

– E daí?

– Como lhe expliquei ontem, a cocaína pode tomar-se de muitas formas. Cheirando ou, se quisermos empregar a terminologia médica, por meio da insuflação, constitui a via recreativa usual.

– E fumando-a? – argumentou Lou.

– Está a pensar no *crack*. O hidrocloreto de cocaína, um sal, é pouco volátil, pelo que se não pode fumar. Para tal, tem de se converter em *crack*. A questão reside em que, embora a forma corrente da cocaína possa ser injetada, em regra não o é. O fato de se ter utilizado desse modo em ambos os casos revela-se curioso, embora não me ocorra qualquer explicação interessante.

– Não era habitual nos anos sessenta injetá-la?

– Só quando combinada com heroína, sob a forma daquilo a que chamam “bola rápida”.

Laurie fechou os olhos por um momento, respirou fundo e expeliu o ar com um suspiro.

– Não se sente bem?

– Sinto-me.

– Talvez estejamos a assistir ao início de uma nova moda.

– Esperemos que não. Mas se for o caso, é demasiado mortífera para durar muito tempo.

Quinze minutos mais tarde, Lou estremeceu quando a viu cravar o bisturi no peito do corpo de Robert Evans. Apesar de estar morto e não brotar sangue, não conseguia ignorar a circunstância de a aguçada lâmina retalhar tecido humano como se fosse a sua própria pele.

Sem qualquer patologia aparente, Laurie completou rapidamente o aspecto interno da autópsia e, enquanto Vinnie levava o corpo de Evans e trazia o de Bruno Marchese, ela e o detetive foram observar as radiografias deste último e da mulher decapitada.

– A bala tem aproximadamente a mesma localização – disse Laurie, apontando para o ponto brilhante dentro dos contornos do crânio.

– Parece de calibre ligeiramente maior – salientou Lou. – Posso estar enganado, mas não creio que proviesse da mesma arma.

– Se tiver razão ficarei impressionada –olveu ela.

Atuou nos comandos da unidade para surgir a radiografia de todo o corpo, não notou qualquer anormalidade e substituiu-a pela da decapitada.

– Ainda bem que tiramos esta radiografia – acabou por declarar.

– Por que diz isso? – quis saber ele, com o olhar fixo naquilo que, em sua opinião de leigo, não passava de uma série de sombras desfocadas.

– Não vê a anormalidade?

– Confesso que não, e não compreendo como vocês, médicos, conseguem distinguir algum pormenor especial. Uma bala dá bem na vista, mas o resto resume-se a uma espécie de série de manchas.

– Não acredito que não perceba.

– Está bem, sou míope. Por conseguinte, elucide-me.

– A cabeça e as mãos desapareceram!

– Sua espertalhona! – O detetive abafou a gargalhada que lhe acudira, para não atrair as atenções dos que trabalhavam na mesa mais próxima.

– É uma anormalidade, de qualquer modo.

Examinadas as radiografias, regressaram à mesa a tempo de ajudar Vinnie a transferir o corpo de Bruno da mesinha de rodas para a outra. Lou pretendeu colaborar, porém Laurie não o permitiu, porque não calçava luvas. Em seguida, para poupar tempo, principiou a trabalhar com o corpo de bruços.

A entrada da bala não diferia muito da de Frankie, embora o diâmetro desta fosse um pouco maior, o que sugeria que a arma estivesse menos próxima. Após a obtenção de todas as fotografias e amostras apropriadas, ela e Vinnie voltaram o corpo de costas para baixo. A primeira coisa que Laurie fez foi examinar os olhos, mas não apresentavam nada de anormal.

– Depois do que você falou lá em cima, esperava que nos revelassem alguma coisa – observou Lou.

– Também tinha essa esperança – ela admitiu. – Adoraria proporcionar-lhe o indício pelo qual anseia.

– Ainda não está tudo perdido. Se lançaram ácido aos olhos do Paul Cerino e os do Frank DePasquale sofreram a mesma sorte, dispomos pelo menos de um fator comum. Acho que merece a pena deslocar-me a Queens, para trocar impressões com o Paul.

Terminado o exame externo, Laurie aceitou a faca que Vinnie lhe estendia e iniciou o interno. Dada a ausência de patologia, mais uma vez, desenrolou-se com notável rapidez. Em seguida, Vinnie levou o corpo e reapareceu com o do segundo flutuador. Naquele momento, alguém de uma mesa ao lado perguntou:

– De onde veio isso, Laurie? Da Caverna Adormecida?

Quando as risadas se extinguiram, Lou acercou-se de Laurie e murmurou-lhe ao ouvido:

– Foi um comentário grosseiro. Quer que esmurre o fulano?

– Humor negro – observou ela, rindo igualmente. – Está sempre presente na patologia. – Examinou os membros seccionados e o pescoço da mulher e informou: – A mutilação foi efetuada após a morte.

– É uma conclusão reconfortante – concedeu o detetive, sentindo que a sua percentagem de tolerância se esgotava gradualmente.

Ele tinha mais dificuldade em combater a náusea diante daquele corpo desmembrado do que no caso dos anteriores.

– A decapitação e corte das mãos efetuaram-se de uma forma rudimentar – revelou Laurie. – Repare nas marcas irregulares de um serrote nos ossos expostos. É claro que parte deste tecido parece ter sido roída por peixes ou crustáceos.

Lou conseguiu manter a compostura, embora preferisse encontrar-se a quilômetros dali e, entretanto, a náusea acentuava-se.

– O resto do tronco parece normal – acrescentou ela. – Não há indícios de mordeduras humanas.

– Esperava que houvesse? – perguntou Lou, engolindo em seco.

– No caso de violação, são freqüentes. Convém tê-las presentes na mente, de contrário podem passar despercebidas.

– Tentarei não me esquecer disso.

Laurie inspecionou o peito e o abdômen minuciosamente, e a única descoberta digna de menção foi uma cicatriz do lado direito que acompanhava a linha das costelas.

– Isto pode revelar-se importante para a identificação – indicou, apontando-a. – Penso que se deve à extração da vesícula.

– E se o corpo não for identificado?

– Ficaré na câmara frigorífica de entrada durante algumas semanas. Se no final desse período continuarmos sem saber quem é, terminará num dos caixões de pinho que viu no corredor. – Abriu o estojo de pesquisa de violações e dispôs o conteúdo ao lado. – A maior parte disto resultará provavelmente acadêmico, depois de o corpo ter estado imerso no rio, mas merece a pena tentar.

Enquanto extraía as amostras apropriadas, perguntou a Lou se lhe parecia que o caso se relacionava com o de Frank ou Bruno.

– Não estou certo disso, mas tenho as minhas suspeitas. Há várias pessoas, entre as quais mergulhadores da polícia, à procura de cabeças e mãos. Posso, no entanto, garantir-lhe uma coisa: quem liquidou esta mulher não a queria identificada. Atendendo à corrente do rio, o fato de ter sido encontrada nas proximidades do Frankie e do Bruno sugere que a atiraram do mesmo lugar. Por conseguinte, sim, acho que existe uma relação.

– Que probabilidades de encontrar a cabeça e as mãos supõe que existem?

– Poucas. Podem ter ido para o fundo, onde largaram o corpo, ou levadas para outro local.

Laurie concentrou-se na porção interna da autópsia e notou que a vítima sofrera duas intervenções cirúrgicas para extração da vesícula, como supusera, e uma histerectomia. Com três dos seus casos concluídos antes do meio-dia, sentia-se suficientemente satisfeita com o ritmo do trabalho para sugerir a Lou uma visita rápida ao refeitório, para tomarem café. Ela assentiu com prontidão, consciente de que lhe convinha uma bebida fortificante depois da provação daquela manhã. Além disso, não tardaria a ter de regressar ao seu gabinete na polícia, e comunicou jocosamente a Laurie que teria de se ocupar do segundo caso de overdose sem a sua ajuda.

Afinal, em vez de visitarem o refeitório, ela levou o detetive ao Departamento de Identificação, onde havia uma máquina de café. Como se situava no piso imediatamente superior, utilizaram a escada. Laurie sentou-se atrás de uma secretária, enquanto ele se apoiava no canto do móvel. À semelhança da véspera, a atitude de Lou alterou-se subitamente ao preparar-se para sair, tornando-se embaraçado e desajeitado e acabando por verter parte do conteúdo da chávena no peitilho da bata.

– Que maçada... – resmungou, aplicando um guardanapo de papel. – Oxalá não manche.

– Não se preocupe com isso. Estas batas já ostentaram nódoas muito piores que as de café.

– Sim, acho que tem razão.

– Apoquentá-o alguma coisa?

– Por acaso, apoquentá-me – admitiu, fixando o olhar na chávena. – Queria saber se lhe interessa ir comer qualquer coisa comigo esta noite. Conheço um restaurante estupendo na Little Italy, na Rua Mulberry.

– Gostava de lhe fazer uma pergunta. Ontem, quis saber se eu era casada, mas não me elucidou a seu respeito.

– Não sou casado.

– Alguma vez o foi?

– Sim, uma. Estou divorciado há cerca de dois anos e tenho dois filhos: uma menina de sete e um rapaz de cinco.

– Costuma ver os seus filhos?

– Com certeza. Por quem me toma? Pensou que não queria ver os meus próprios filhos? Recebo-os todos os fins-de-semana.

– Não precisa de se pôr na defensiva. Foi apenas curiosidade minha. – Laurie fez uma pausa. – Aconteceu simplesmente que ontem, depois de nos separarmos, reparei que quisera informar-se do meu estado civil sem me revelar o seu.

– Foi mero descuido – asseverou Lou. – E a respeito de jantarmos juntos?

– Lamento, mas já tenho um compromisso para esta noite.

– Bonito! Interroga-me sobre a minha condição marital e prole e a seguir dá-me um cano. Imagino que vai encontrar-se com o



médico sofisticado das rosas e da limusine. É óbvio que não pertencem à mesma espécie. – Endireitou-se quase com brusquidão. – Bem, vou andando.

– Está a ser insensato e pateta. Limitei-me a dizer que tinha um compromisso para esta noite.

– Com que então, insensato e pateta, hem? Não me esquecerei disso. Foi mais uma manhã iluminada. Muito obrigado por tudo. Se descobrir algo de interessante acerca dos flutuadores, dê-me um aviso, por favor. – Com estas palavras, atirou o copo de cartolina para um cesto de papéis próximo e abandonou a sala.

Laurie continuou sentada por uns momentos, enquanto ingeria o café. Sabia que o melindrara, o que lhe suscitava certo desconforto. Ao mesmo tempo, considerava que ele se revelara imaturo.

Por fim, regressou à sala de autópsias e concentrou-se no seu quarto caso do dia: Marion Overstreet, de vinte e oito anos, diretora de uma importante editora de Nova Iorque.

– Deseja alguma coisa em especial para este trabalho? – perguntou Vinnie, ansioso por começar.

Ela abanou a cabeça, enquanto contemplava a jovem na mesa e se perguntava se a mesma teria consumido drogas se pudesse antever aquele terrível preço.

A autópsia desenrolou-se rapidamente. Eles trabalhavam em conjunto, como uma equipe, e mantinham a troca de palavras no mínimo. O caso era notavelmente similar aos de Duncan Andrews e Robert Evans, ao ponto de Marion Overstreet ter injetado a cocaína em vez de aspirá-la. Havia apenas algumas pequenas surpresas que Cheryl Myers ou outro investigador examinaria.

Eram 12 e 45 quando Laurie se retirou da sala de autópsias. Depois de se vestir para sair, quis incumbir-se pessoalmente de levar os espécimes de cada um dos casos do dia à Toxicologia, esperançosa de voltar a conversar com o toxicólogo residente, John DeVries, que almoçava no seu gabinete. A um lado da secretária, via-se uma lancheira térmica aberta.

– Terminei as duas overdoses – anunciou ela – e trago as respectivas amostras de toxicologia.

– Deixe-as na recepção do laboratório – indicou ele, segurando um sanduíche com ambas as mãos.

– Descobriram algum contaminador no caso Andrews?

– Passaram poucas horas desde a sua última visita a estas paragens. Se aparecer alguma coisa, telefone-lhe.

– O mais depressa possível – recomendou Laurie. – Não quero aborrecê-lo com a minha insistência, mas cada vez estou mais convencida de que há algum tipo de contaminador envolvido. Se tal acontecer, quero inteirar-me.

– Se houver, não deixaremos de detectar. Mas conceda-nos algum tempo, por amor de Deus!

– Obrigada. Tentarei ser paciente. Só que...

– Eu sei, eu sei – cortou o doutor DeVries. – Já abarqueei o cenário.

De novo no seu gabinete, ela comeu parte do almoço que trouxera, ditou as autópsias da manhã e tentou pôr em dia algum expediente. Descobriu, porém, que não conseguia desviar o pensamento dos casos de overdose. O que a preocupava era o espectro de aparecerem sinais. Se existia uma fonte de cocaína contaminada na cidade, haveria inevitavelmente outras mortes. Naquele momento, a bola encontrava-se no campo de John DeVries. Ela nada mais podia fazer. Ou podia? De que maneira conseguiria prevenir novos casos fatais? A chave consistia numa advertência ao público.

Porventura Bingham não acabara de lhe dirigir uma preleção sobre o fato de que eles tinham responsabilidades sociais e políticas? Com essa idéia em mente, Laurie pegou o telefone e ligou ao gabinete do chefe, a fim de perguntar à senhora Sanford se ele dispunha de um momento livre para recebê-la.

– Creio que a posso encaixar entre duas entrevistas – admitiu a recepcionista – mas tem de vir imediatamente.

Quando entrou no gabinete de Bingham, Laurie depreendeu que ele não estava disposto a conceder-lhe mais de um minuto do seu tempo. Perguntou o que pretendia e ela descreveu em linhas gerais os fatos relacionados com os três casos de overdose. Incutiu particular ênfase ao número crescente, à circunstância de nenhuma

das vítimas parecer encontrar-se nas profundezas da habituação e ao pormenor comum de injetarem a droga.

– Estou a vislumbrar o panorama – assentiu Bingham. – Que ponto pretende acentuar?

– Receio que se estejamos nos deparando com o início de uma série. Preocupa-me uma substância contaminadora tóxica numa fonte abastecedora de cocaína.

– Só com três casos? Não lhe parece pouco?

– A questão consiste em que eu gostava que não passassem de três.

– Um objetivo admirável. Mas tem a certeza acerca dessa suposta substância contaminadora? Que diz o doutor DeVries?

– Investiga.

– Não descobriu nada?

– Por ora, não – admitiu Laurie. – No entanto, ainda só recorreu à cromatografia de camada fina.

– Então, vamos ter de aguardar os seus resultados – decidiu Bingham, levantando-se.

Todavia, ela conservou-se sentada. Depois de ter ido tão longe, ainda não se achava disposta a renunciar.

– Pensei que talvez devêssemos fazer uma declaração à imprensa. Uma espécie de advertência.

– Nem pensar! Não estou disposto a pôr em jogo a integridade deste departamento por causa de uma suposição baseada em três casos. Não acha que me procurou um pouco prematuramente? Por que não espera para ver o que o doutor DeVries consegue? De resto, uma declaração dessa natureza exigiria nomes.

– Bem, não passava de uma sugestão.

– Obrigada, doutora. E agora, se me dá licença, tenho um encontro importante.

Laurie sentia-se desolada por o chefe não atribuir mais crédito às suas palavras, mas sem provas mais concludentes não podia insistir. Assim, limitava-se a desejar que lhe fosse possível fazer algo de positivo, antes que surgissem mais overdoses da mesma natureza entre os seus casos.

De súbito, acudiu-lhe uma idéia. O seu treino em Miami incluía a investigação no local da ocorrência. Por conseguinte, se visitasse cenários futuros, talvez se deparasse com algum indício crítico.

Dirigiu-se ao Departamento de Patologia Legal e foi encontrar o chefe dos investigadores, Bart Arnold, sentado à secretária do seu gabinete. Entre dois dos seus inúmeros telefonemas, comunicou-lhe que desejava ser informada se surgissem mais overdoses similares as três de que ela se ocupava. Ele prometeu prevenir o pessoal, sem esquecer os médicos volantes, como lhes chamavam, que se encarregavam das chamadas noturnas.

Laurie preparava-se para regressar ao seu gabinete, quando se lembrou de que também devia pedir que lhe fossem atribuídas as autópsias de qualquer overdose similar, o que implicava avistar-se com Calvin Washington.

– Sempre que um funcionário me procura começo a tremer... – grunhiu ele quando a viu assomar à entrada do seu gabinete. – De que se trata, doutora Montgomery? Espero que não pretenda marcar a data das férias, porque, com a carga de trabalho que nos assoberba, decidimos cancelar as deste ano.

– Nada disso – replicou ela com um sorriso. Apesar daqueles modos algo bruscos, simpatizava e respeitava o seu superior. – Queria agradecer-lhe a atribuição dos dois casos de overdose desta manhã.

– É a primeira vez – declarou ele, arqueando as sobrancelhas. – Nunca me tinham agradecido uma coisa dessas. Porque será que me palpita que isso traz água no bico?

– Porque é naturalmente desconfiado. Achei de fato os casos interessantes. Mais do que interessantes, mesmo. Na verdade, gostava de lhe pedir que me atribua outros do gênero que porventura apareçam.

– Um peão à procura de trabalho! É suficiente para alegrar o coração de um pobre administrador. Com certeza! Pode ficar com todos os que quiser. Mas, para não cometer algum erro na atribuição, que entende pela expressão “do gênero”? Se aceitasse

todos os casos de overdose, teria de trabalhar vinte e quatro horas por dia.

– Overdose extrema ou casos de toxicidade – explicou, ela. – Como os dois que me atribuiu esta manhã. Pessoas entre os vinte e os trinta anos, cultas e em boa condição física.

– Providenciarei pessoalmente para que fique com todos – prometeu o doutor Calvin com um largo sorriso. – Mas quero esclarecer um ponto. Se fizer horas extraordinárias, não as processarei.

– Espero não necessitar delas.

Laurie voltou finalmente para o gabinete e sentou-se para trabalhar. O encontro positivo com Calvin Washington compensara–a da breve entrevista com Bingham e, com certa paz de espírito, pôde concentrar-se no que fazia e ainda ficar com algum tempo livre para se descontraír.

O único problema com que se deparou ao princípio da tarde, foi um telefonema de Cheryl Myers, a qual anunciou que não conseguira encontrar quaisquer referências médicas no passado de Duncan Andrews. O seu único contato com um hospital ocorrera cerca de quinze anos atrás, quando fraturara um braço durante um encontro de *rúgbi* na universidade.

– Quer que continue a procurar? – perguntou, após uma pausa.

– Não se perde nada com isso. Tente investigar a infância.

Laurie sabia que acalentava a esperança de que acontecesse nada menos que um milagre, mas desejava explorar todas as possibilidades. Depois, poderia entregar todo o problema a Calvin Washington. Decidiu que Lou acertara: se as altas esferas pretendessem viciar o relatório por conveniência política, ocupar-se-iam disso elas próprias. Ao entardecer, voltou a meditar sobre os casos de droga e, obedecendo a um impulso, resolveu averiguar onde viviam Evans e Overstreet.

Por fim, meteu-se num táxi na Primeira Avenida e indicou ao motorista que seguisse para o Central Park, pois o endereço do primeiro situava-se perto de Columbus Circle.

Uma vez chegados, ela pediu ao homem que esperasse e desceu para observar bem o edifício, ao mesmo tempo em que tentava recordar-se de quem vivia naquela área. Tinha a certeza de que era alguém do cinema. Talvez morasse aí mais de uma dezena de atores.

Tentou imaginar Robert Evans a percorrer a rua com passos firmes e a entrar no prédio onde vivia, de pasta na mão, entusiasmado com a perspectiva de um serão social em Nova Iorque. Era difícil conciliar semelhante imagem com uma morte tão prematura.

Tornou a subir para o táxi e, uma vez diante da morada de Marion Overstreet, a um quarteirão do Central Park, julgou desnecessário sair do veículo. Limitou-se a olhar a atraente residência e a tentar imaginar em vida a jovem diretora de uma editora. Por último, satisfeita, disse ao confuso motorista que a levasse ao ponto de partida.

Após a confrontação com Bingham naquela manhã, por ter visitado o apartamento de Duncan Andrews, não se aventurara a entrar nos prédios das duas novas vítimas. Contentara-se em observá-los de fora. Não sabia explicar o impulso que a levava a fazê-lo e começava a perguntar-se se fora uma boa idéia. Na realidade, a digressão entristecera-a, porque tornara mais vívidas as vítimas e as suas tragédias.

De regresso ao seu gabinete, deparou-se com Riva, que enalteceu as rosas. Laurie agradeceu-lhe e fixou o olhar nas flores. Devido ao seu próprio estado de espírito, a sua presença alterara o ambiente. Embora sugerissem uma celebração nessa manhã, agora pareciam mais um símbolo de pesar, quase de aspecto fúnebre.

Lou Soldano ainda estava irritado enquanto passava pela Ponte de Queensboro, de Manhattan para Queens. Considerava-se imbecil por se ter exposto à rejeição. Que podia esperar, de qualquer modo? Tratava-se de uma médica, que se criara no East Side de Manhattan. De que teriam falado se saíssem juntos? Do campeonato de beisebol? Decerto que não! Ele era o primeiro a reconhecer que não se podia considerar o indivíduo mais culto da cidade e, à parte os

assuntos relacionados com a sua profissão e desportos, pouco ou nada sabia sobre outros temas. "*Costuma ver os seus filhos?*", grunhiu, recordando-se da pergunta que Laurie lhe fizera. Com uma exclamação de frustração, desferiu uma palmada no volante e premiu involuntariamente a buzina do seu Chevrolet Caprice, o que fez com que o condutor à sua frente se voltasse e levasse o indicador à frente, num gesto elucidativo. "*Vai passear!*", articulou entredentes, contendo o impulso de bater nele.

No entanto, não era aquela a sua maneira habitual de proceder. Não abusava da sua autoridade, embora o fizesse com regularidade em momentos de devaneio. "*Devia ter ido pela Ponte de Triboro*", murmurou, ao ver que o tráfego seguia a passo. Em todo o caso, a morosidade com que tinha de se deslocar concedia-lhe tempo para recordar a última vez que vira Paul Cerino. Fora três anos atrás, quando Lou acabava de ascender ao cargo de sargento-detetive. Ainda trabalhava no Departamento do Crime Organizado e havia uns bons quatro anos que andava no encalço de Cerino. Ficou, pois, surpreendido quando a telefonista lhe comunicou que um certo Paul Cerino pretendia falar-lhe. Intrigado pelo fato de o homem que perseguia lhe telefonar, levantou o telefone com profunda curiosidade.

– Como vai? – perguntou Cerino, como se fossem amigos íntimos. – Queria pedir-lhe um favor. Importa-se de passar por minha casa, esta tarde, quando sair de serviço?

O convite para visitar o domicílio de um *gangster* constituía uma ocorrência tão singular que Lou sentiu relutância em divulgá-lo. Não obstante, revelou-o ao seu companheiro de equipe, Brian O'Shea, que ficou boquiaberto quando se inteirou de que o aceitara.

– Supõe que pretende liquidar-te...

– Que idéia! Não ia ligar para aqui se tivesse essa idéia em mente. De qualquer modo, não o faria nas proximidades do local onde vive. Talvez pretenda propor um acordo ou denunciar algum rival. Seja o que for, comparecerei. Quem sabe se não resultará vantajoso para nós?

Por conseguinte, Lou acudiu à chamada, esperançoso de que se registrassem desenvolvimentos susceptíveis de lhe merecer um

louvor do chefe. No entanto, Brian continuava a discordar e insistiu em acompanhá-lo no carro. Ficou combinado que, se Lou não reaparecesse passada meia hora, chamaria reforços.

Foi dominado por profunda ansiedade que Lou transpôs os degraus de acesso à modesta casa de Cerino na Rua Clintonville, em Whitestone, cujo aspecto contribuiu para lhe acentuar o desconforto. Havia algo de errado no meio de tudo aquilo. Com a fortuna que o homem decerto acumulara devido às suas numerosas atividades ilegais e aos lucros da única legal a que se dedicava, a American Fresh Fruit Company, custava a crer que residisse num local tão desprezível.

Por fim, com um derradeiro olhar a Brian, ao mesmo tempo em que pousava a mão na área do casaco sob a qual se encontrava a Smith and Wesson Detetive Special no respectivo coldre, tocou a campainha. Foi a senhora Cerino que atendeu, e ele entrou, não sem primeiro respirar fundo.

Ainda agora tinha vontade de rir ao evocar o que acontecera a seguir. Com efeito, em vez de uma cilada, deparou-se com um *surprise party* em sua honra pela recente promoção a sargento-detetive.

Como se separara recentemente da esposa, a promoção passara despercebida, exceto no local de trabalho. Não obstante, Cerino inteirara-se e decidira promover a festa, à qual se achavam presentes os donos da casa e os dois filhos, Gregory e Steven. Em face disso, Lou foi chamar Brian para que participasse igualmente.

A ironia da situação consistia em que ele e Cerino eram inimigos de tão longa data que quase se tinham tornado amigos.

Agora necessitou de cerca de uma hora para chegar ao domicílio do *gangster*, e quando subiu os degraus de acesso era quase a mesma hora do dia do *surprise party*. Viu, através das janelas, que a luz da sala estava acesa, pois escurecia apesar de serem apenas cinco e meia, num prenúncio do inverno próximo.

Premiu o botão da porta e ouviu o carrilhão no interior. Desta vez, foi o filho mais velho, Gregory, quem acudiu a abrir. Tinha dez anos e reconheceu-o imediatamente, saudando-o com cordialidade e convidando-o a entrar.



– O pai está?

Acabava Lou de fazer a pergunta quando Cerino apareceu vindo da sala, apoiado a uma bengala. Ao fundo, ouvia-se um rádio.

– Quem é? – perguntou a Gregory.

– O detetive Soldano.

– Lou! – exclamou, avançando diretamente para ele, de mão estendida.

O detetive apertou-a e tentou ver os olhos por detrás dos óculos escuros. Cerino era um indivíduo alto, moderadamente pesado e nutrido, pelo que as feições pareciam afundadas no rosto adiposo. Tinha cabelo preto cortado curto e orelhas grandes. Em ambas as faces viam-se áreas avermelhadas de pele recentemente cicatrizada, e Lou calculou que se tratava dos efeitos do ácido.

– Que diz a um café – propôs o dono da casa. – Ou um copo de vinho? – Sem aguardar resposta, chamou a esposa, Glória, enquanto Gregory ia buscar o irmão, Steven, de oito anos. – Entre, sente-se e conte-me o que lhe tem acontecido.

Lou seguiu-o até a sala, percebendo que se adaptara bem à reduzida acuidade visual; pelo menos dentro de casa. Não utilizou a bengala para ir desligar o rádio, nem para localizar a sua poltrona favorita, na qual se afundou com um suspiro.

– Lamento o problema que lhe aconteceu – disse o detetive.

– Coisas da vida – replicou o outro, filosoficamente.

Glória apareceu naquele momento e cumprimentou Lou com afabilidade. À semelhança do marido, era pesada, de busto volumoso e semblante agradável. Se estava ao corrente da natureza do modo de vida de Cerino, nunca o deixava transparecer. Procedia como a dona de casa suburbana típica que necessitava de desenvolver constantes habilidades financeiras para que a verba mensal não se esgotasse prematuramente, e Lou perguntava a si próprio que destino daria ele ao dinheiro que acumulara ao longo dos anos.

A mulher se recolheu pouco depois à cozinha, e o detetive virou-se de novo para o anfitrião.

– Só hoje tomei conhecimento do seu acidente.

– Não o revelei a todos os meus amigos – explicou Cerino com um sorriso.

– Envolveu o pessoal do Lucia? Foi o Vinnie Dominick?

– De modo algum! Não passou de um acidente. Eu tentava reparar uma avaria no motor do carro e a bateria explodiu. O ácido atingiu-me a cara.

– Deixe-se de histórias. Vim propositadamente para me compadecer da sua sorte. Como retribuição, pode ao menos dizer-me a verdade. Já sei que lhe atiraram ácido à cara. Trata-se apenas de determinar quem foi o responsável.

– Como sabe?

– Através de alguém que está ao corrente da situação. Na realidade, trata-se de uma fonte totalmente fidedigna. Você!

– Eu? – articulou, sinceramente surpreendido.

Gloria reapareceu com um expresso para Lou e retirou-se definitivamente, assim como os rapazes.

– Aguçou-me a curiosidade – admitiu Cerino. – Explique lá como fui a fonte desse boato acerca dos meus olhos.

– Você revelou ao seu médico, Jordan Scheffeld, que informou por sua vez uma funcionária da patologia legal chamada Laurie Montgomery, a qual me comunicou. E falei com ela porque passei por lá para assistir a umas autópsias a vítimas de homicídio. Os seus nomes talvez não lhe sejam estranhos: Frankie DePasquale e Bruno Marchese.

– Não conheço.

– Pertenciam aos quadros do Lucia. Por curiosa coincidência, um deles apresentava queimaduras de ácido num dos olhos.

– Horrível! – reconheceu, meneando a cabeça. – As baterias já não são o que eram...

– Insiste, pois, em que foi ácido de bateria que lhe atingiu os olhos?

– Decerto, porque foi o que aconteceu.

– Como estão?

– Menos mal, atendendo às circunstâncias.

– Refere-se ao que podia ter acontecido?

– O médico garante que ficarão bons, depois das operações indispensáveis. Primeiro, tenho de deixar passar algum tempo, mas suponho que está ao corrente disso.

– Que conversa é essa? – estranhou Lou. – Dos seus olhos, só sei que são dois.

– Eu também sabia pouco. Pelo menos até isto acontecer. Mas tenho aprendido muito. Julgava que transplantavam todo o olho, assim como quem substituiu uma válvula avariada de um rádio. Bastava colocá-la nos orifícios apropriados. Afinal, o transplante é só da córnea.

– Isso é novidade para mim.

– Quer ver o aspecto dos meus olhos?

– Bem... – Fez uma pausa, enquanto o interlocutor tirava os óculos escuros. – Nossa!... – murmurou. – Lastimo o sucedido, Paul. Parece que tem dois *berlindes* brancos nas órbitas.

Cerino exibia um sorriso, enquanto voltava a pôr os óculos.

– Sempre pensei que um detetive empedernido como você veria com satisfação um velho inimigo inferiorizado.

– Que idéia, homem! Não o quero inferiorizado, mas na cadeia.

– Nunca desiste, hem?

– Colocá-lo à sombra continua a ser um dos meus alvos supremos na vida – declarou Lou em tom cordial. – E a descoberta de queimaduras de ácido na vista do Frankie DePasquale dá-me algumas esperanças. De momento, existem na minha mente fortes suspeitas de que teve algo a ver com a morte do rapaz.

## 6

### QUARTA-FEIRA, 20 e 40, MANHATTAN

A princípio, Laurie considerava que a experiência era suficientemente rara para resultar tolerável, mas à medida que as oito horas e quarenta e cinco da noite se aproximavam começava a impacientar-se. O motorista de Jordan, Thomas, apresentara-se pontualmente às vinte horas, porém quando ela descera e entrara no carro descobrira que o médico não se achava visível. Continuava na cirurgia, em uma intervenção de emergência.

– Recebi instruções para conduzi-la ao restaurante – explicou Thomas. – O doutor Scheffield irá ter consigo.

Apanhada desprevenida, ela assentira. Experimentara um certo embaraço ao entrar sozinha num restaurante desconhecido. Porém, o gerente, que a esperava, pusera-a rapidamente à vontade e escoltara-a até uma mesa num recanto discreto, junto da qual se via uma espécie de banco esguio, com um recipiente metálico de gelo que continha uma garrafa de Meursault.

O *maitre* surgira imediatamente e apressara-se a mostrar-lhe o rótulo. Depois de Laurie inclinar levemente a cabeça, desarrolhara a garrafa, vertera um pouco de vinho num copo, aguardara que ela manifestasse aprovação, após levá-lo aos lábios, e enchera-o. Tudo isto se desenrolara em silêncio absoluto.

Jordan chegou, finalmente, às nove menos cinco. Ao transpor a entrada, acenou a Laurie, mas não se reuniu em seguida. Ao invés, circulou pela sala assaz concorrida, com várias paragens para saudar pessoas conhecidas, com breves palavras e sorrisos.

– Desculpe – rogou por último, ao sentar-se. – Tive um caso de emergência, mas suponho que o Thomas já lhe disse.

– É verdade. Que espécie de emergência era?

– Bem, na realidade não se pode dar esse nome – esclareceu, com uma ponta de nervosismo. – No entanto, a afluência de doentes tem aumentado tanto nos últimos tempos que aproveito a

oportunidade sempre que a sala de operações está disponível. Que tal é o vinho?

O *maitre* acabava de reaparecer, para lhe encher o copo.

– Ótimo – informou Laurie. – Parece que é muito conhecido aqui.

Jordan provou o vinho e, por um momento, mostrou-se pensativo, enquanto o revolia na boca. Inclinou a cabeça de satisfação, depois de finalmente o engolir, e concentrou-se em Laurie.

– É costume encontrar um ou outro dos meus doentes. Como lhe correu o dia? Melhor que o meu, espero.

– Por que diz isso?

– Os problemas não faltaram. Primeiro, a minha secretária, que trabalha comigo há quase dez anos, não apareceu. Até hoje, nunca tinha faltado sem prevenir. Tentamos contatar com ela, mas não obtivemos resposta. Por conseguinte, a minha agenda sofreu várias alterações e atrasos. Como se isso não bastasse, descobrimos que alguém se introduziu no departamento durante a noite e levou todo o troco e os Percodans que conservamos para as emergências.

– Que aborrecido... – observou Laurie, consciente do que sentia uma pessoa quando vítima de roubo, pois o seu quarto na universidade fora, um dia, assaltado e praticamente arrasado.

– Algum vandalismo?

– Isso não, felizmente. Mas, curiosamente, o intruso vasculhou o ficheiro e serviu-se da fotocopiadora.

– Dá a impressão de algo mais do que um simples assalto.

– É o que me preocupa. O troco e os Percodans carecem de importância especial. Mas não gosto que remexam nos registros, com as contas recebíveis elevadas que tenho. Informei o meu contabilista, para proceder a uma inspeção. – Jordan fez uma pausa.

– Já consultou o cardápio?

– Não – respondeu ela, enquanto sentia a irritação dissipar-se, agora que ele chegara.

Em resposta ao gesto de Jordan, o chefe de mesa aproximou-se com dois cardápios, e Laurie escolheu em conformidade com os conselhos do companheiro.

A comida era excelente, embora ela achasse que o ambiente mais ou menos frenético lhe dificultava a descontração. Em contrapartida, Jordan parecia encontrar-se no seu elemento.

Enquanto aguardavam a sobremesa e o café, Laurie perguntou-lhe quais eram os efeitos do ácido nos olhos. Ele entusiasmou-se imediatamente com o pedido e alongou-se em considerações sobre as reações da córnea e da conjuntiva a semelhantes agressões. Ela desinteressou-se a meio da arenga, porém conservou uma expressão atenta. Via-se forçada a reconhecer que era um homem atraente e perguntava a si própria como conseguiria ele manter aquele admirável bronzeado.

Para seu alívio, a chegada da sobremesa e café interrompeu a preleção e, começando a comer a fatia de bolo de chocolate, Jordan mudou de assunto.

– No fundo, devo congratular-me por não terem levado nada de valor, como os Picassos da sala de espera.

– Tem Picassos na sala de espera? – balbuciou Laurie, abismada.

– Gravuras assinadas – assentiu ele com despreendimento. – Cerca de duas dezenas. Acho que a existência de ornamentos banais nesses lugares só serve para deprimir as pessoas. De resto, é a sala onde os doentes permanecem, mais tempo. – E soltou uma risada pela primeira vez desde que se sentara.

– Isso ainda é mais extravagante que a limusine – comentou ela, intimamente revoltada com a idéia de ostentação na sala de espera de um consultório, sobretudo em virtude dos elevados preços dos cuidados médicos.

– É um consultório admirável –olveu Jordan, com visível orgulho. – A característica minha preferida consiste em que os pacientes é que se movem. Vão ter comigo e não eu com eles.

– Receio não estar a compreender.

– Cada uma das salas de exame está montada num mecanismo rotativo. Decerto já viu aqueles restaurantes giratórios no topo de alguns edifícios. É uma espécie disso. Quando aperto num botão no meu gabinete, o conjunto move-se e a sala que me

interessa fica diante da minha secretária. Outro botão faz subir a parede. Resulta tão funcional como uma visita à Disneylândia.

– Parece muito impressionante. Dispendioso, mas impressionante. Imagino que as suas despesas gerais atingem cifras elevadíssimas.

– Astronômicas. A tal ponto que me custa tirar férias. Sai muito caro! Não as férias em si, mas deixar o consultório parado. Também disponho de duas salas de operações para os doentes externos.

– Gostava de um dia ver tudo isso.

– E eu adorava mostrar-lhe. Na verdade, por que não esta noite? Fica na esquina da Avenida do Parque.

Laurie declarou que se lhe afigurava uma boa idéia, pelo que, depois de paga a conta, seguiram diretamente para lá.

O primeiro aposento em que entraram era o gabinete privado dele. As paredes e o mobiliário eram inteiramente de teça polida e os estofos das poltronas de couro negro. Havia equipamento oftalmológico sofisticado em quantidade suficiente para apetrechar um pequeno hospital.

Em seguida, passaram à sala de espera, forrada de mogno. Como Jordan dissera, havia numerosas gravuras de Picasso penduradas nas paredes. Ao fundo de um curto corredor, situava-se uma sala circular, com cinco portas no seu perímetro. Ele abriu uma e indicou a Laurie que se sentasse na cadeira de exame.

– Agora, não se mexa – recomendou.

No instante imediato, ela teve a impressão de que a sala girava, todavia os olhos revelavam-lhe que permanecia imóvel. O movimento, real ou imaginário, deteve-se com brusquidão e a luz começou a baixar de intensidade, ao mesmo tempo em que a parede mais distante se erguia. O seu desaparecimento fez com que a sala de exame se achasse diante do gabinete de Jordan, o qual se encontrava sentado à secretária, reclinado na cadeira rotativa, com iluminação de trás.

– Como é aquilo de Maomé não vir à montanha, mas vice-versa? Aplica-se aqui o mesmo princípio. Gosto que os meus doentes fiquem com a impressão de que se encontram em mãos poderosas.

Estou mesmo convencido de que isso contribui para que se curem mais depressa.

– Estou impressionada – admitiu Laurie. – Onde guarda as fichas e registros da casa?

Ele conduziu-a a outra sala, esta sem janelas, ao fundo de um longo corredor, em que se via um banco de ficheiros, uma fotocopiadora e um terminal de computador.

– Todos os registros estão aí dentro – explicou, indicando os ficheiros. – No entanto, a maioria encontra-se duplicada no computador.

– Foram esses que os assaltantes vasculharam, para usar a sua expressão?

– Exato. E esta é a fotocopiadora de que também lhe falei. Sou muito meticoloso com os meus registros. Pela mínima alteração na sua ordem, posso determinar se um estranho lhes tocou. Sei que utilizaram a fotocopiadora, porque a minha secretária toma nota do número no final de cada dia de trabalho.

– Mexeram na ficha de Paul Cerino?

– Não sei – confessou. – Mas é uma boa pergunta. – Abriu a gaveta correspondente à letra “C” e puxou de uma pasta de cartolina. – Parece que sim – declarou, depois de consultá-la. – Vê esta folha de informação? Devia estar em cima e não em baixo.

– Há alguma maneira de determinar se a fotocopiaram?

Refletiu por um momento e abanou a cabeça.

– Que me ocorra de momento, não. Em que está a pensar?

– Não tenho bem certeza, mas, de qualquer modo, a intrusão talvez o convença a ser mais cauteloso. Convém não esquecer que o Paul Cerino, por mais cuidados profissionais que lhe mereça, não é boa coisa. E... o que porventura se reveste ainda de mais importância... tem inimigos perigosos.

– Acha-o responsável do assalto?

– Não o posso afirmar, mas é uma possibilidade. Talvez os seus inimigos não queiram que o cure. Só posso garantir que essa gente não brinca. Nos dois últimos dias, autopsiei dois jovens assassinados no estilo dos *gangsters*, e um deles apresentava



queimaduras num dos olhos que podem ter sido produzidas por ácido.

– Não me diga!...

– Não pretendo assustá-lo gratuitamente. Limito-me a dizer-lhe isto para ficar a saber como que se arrisca ao cuidar de gente dessa. Constou-me que as duas maiores famílias do crime, os Vaccarro e os Lucia, mantêm guerra aberta. Foi por isso que atingiram o Cerino com ácido no rosto. É um dos patrões dos Vaccarro.

– Caramba! – exclamou Jordan, impressionado. – Isso projeta uma luz diferente na situação. Por sorte, operarei o Cerino em breve, pelo que não tardarei a desligar-me dele.

– Já tem data marcada?

– Não, porque aguardo a chegada de material.

– Penso que o deve operar o mais depressa possível. No seu lugar, eu não divulgaria a data nem a hora.

Voltou a guardar a ficha de Cerino no respectivo lugar e fechou a gaveta.

– Quer ver o resto das instalações?

– Com certeza.

Transferiram-se para as entranhas do edifício e visitaram diversas salas destinadas a testes oftalmológicos especiais. O que mais impressionou Laurie foram os lugares das operações, com todo o equipamento necessário.

– Tem uma fortuna investida aqui – observou, quando chegaram à última dependência, um laboratório de fotografia.

– Sem a menor dúvida. Mas os dividendos são largamente compensadores. Em números redondos, arrecado qualquer coisa como um milhão e meio a dois milhões de dólares por ano.

Laurie engoliu em seco, ante a enormidade dos números. Embora soubesse que o pai, cirurgião cardíaco, necessitava de um rendimento elevado para financiar o estilo de vida que levava, nunca se deparara com uma quantia tão astronômica. Conhecedora das dificuldades experimentadas pela medicina americana e mesmo das verbas apertadas com que a patologia legal tinha de funcionar,

aquilo lhe parecia um desperdício de recursos verdadeiramente obsceno.

– Agora, por que não vem ver o meu apartamento? – propôs Jordan. – Se gostou disto, há de adorá-lo, pois foi concebido pela mesma gente.

– Está bem – acedeu Laurie, quase obedecendo a um reflexo, ainda empenhada em absorver a revelação do companheiro.

Quando retrocediam para a entrada, perguntou:

– Soube alguma coisa da sua secretária?

– Não – replicou ele, obviamente ainda contrariado com o fato.

– Não telefonou e de casa não respondem. Suponho que a sua atitude se relaciona com o inútil do marido. Se não fosse uma mulher tão eficiente, já me tinha livrado dela por causa do homem. Ele possui um restaurante em Bayside, mas também está envolvido em atividades obscuras. Ela revelou isso para que lhe emprestasse dinheiro para pagar a sua fiança, em diversas ocasiões. Nunca foi condenado, mas permaneceu muito tempo na ilha Rikers.

– Dá a impressão de se tratar de um fora-da-lei.

Quando subiram para a limusine, Laurie quis saber o nome da secretária desaparecida.

– Marsha Schulman. Por que pergunta?

– Mera curiosidade.

Thomas não necessitou de muito tempo para alcançar a entrada do edifício denominado Trump Tower. O porteiro abriu a porta do carro para que Laurie saísse, porém ela conservou-se sentada.

– Importa-se que adie a minha visita ao seu apartamento? Acabo de ver as horas e tenho de me levantar cedo para ir trabalhar.

– Como queira – assentiu Jordan. – Compreendo perfeitamente. Também tenho uma intervenção para o romper do dia. Mas com uma condição.

– Qual?

– Voltamos a jantar juntos, amanhã.

– Consegue suportar-me duas noites seguidas? – estranhou ela, que não era “assedida” daquela maneira desde os tempos do

liceu. Além disso, sentia-se lisonjeada, mas também algo desconfiada.

- Com o maior prazer – asseverou ele.
- Muito bem, mas escolhamos um lugar menos formal.
- Combinado. Aprecia a cozinha italiana?
- Muito.
- Então, iremos ao Palio – decidiu. – às oito.

Vinnie Dominick deteve-se diante do Restaurante Vesúvio, na Avenida Corona, em Elmhurst, e aproveitou a sua imagem na vitrine da vitrine para alisar o cabelo e endireitar o nó da gravata Gucci. Em seguida, satisfeito com o resultado, fez sinal a Freddie Capuso para que abrisse a porta.

A alcunha de Vinnie desde o liceu era “o Príncipe”. Consideravam-no bem apessoado, e o setor feminino admitia mesmo que o adjetivo “atraente” não se achava deslocado. Recorria a produtos químicos para acentuar a cor do cabelo preto, penteado para trás, parecia consideravelmente mais jovem do que os seus quarenta anos e, ao contrário da maioria dos seus contemporâneos, orgulhava-se dos atributos físicos.

Antiga estrela do basquetebol juvenil, continuara a praticá-lo ao longo dos anos e participava em encontros no Ginásio de St. Mary, três vezes por semana.

Quando entrou na sala do restaurante, a primeira coisa que fez foi inspecioná-la com a vista. Freddie e Richie seguiam-no de perto, e Vinnie avistou imediatamente quem procurava: Paul Cerino. Ainda havia alguns clientes, pois a cozinha conservava-se aberta até as onze, mas o período de maior movimento já terminara. Na verdade, era um local conveniente para um encontro discreto, sobretudo àquela hora.

Ele encaminhou-se para a mesa de Cerino com a confiança de quem se vai encontrar com um velho amigo, enquanto Freddie e Richie se mantinham a alguns passos de distância. Quando chegou lá, os dois homens sentados com Cerino levantaram-se. Vinnie reconheceu-os como sendo Angelo Facciolo e Tony Ruggerio.

- Como vai, Paul?

– Não me posso queixar – replicou Cerino, estendendo a mão.  
– Senta-te, Vinnie, e toma um copo conosco. Serve-lhe vinho, Angelo.

Este último pegou a garrafa de Brunello que estava em cima da mesa e encheu o copo diante do qual o recém-chegado se sentou.

– Em primeiro lugar, quero agradecer-te por acederes em te encontrares comigo – começou Vinnie. – Considero-o um favor.

– Quando disseste que era importante e dizia respeito à Família, não pude recusar.

– Antes de mais, devo salientar a minha repulsa pelo que te aconteceu. Foi uma tragédia horrível e absolutamente escusada. Aproveito a oportunidade para jurar perante testemunhas que não tive nada a ver com o assunto. Os tipos agiram por sua alta recreação e com a minha ignorância total.

Seguiu-se uma pausa. Por um momento, ninguém proferiu uma única palavra. Finalmente, Cerino perguntou:

– Que mais tens em mente?

– Sei que o teu pessoal liquidou o Frankie e o Bruno – volveu Vinnie. – Apesar disso, não retaliamos. Nem o faremos.

– Por quê?

– Porque tiveram o castigo que mereciam. Atuaram por sua própria iniciativa. Sem a mínima justificação plausível. E também não retaliamos porque necessitamos trabalhar em conjunto. Não quero entrar em guerras. Só servem para que as autoridades peguem em armas, o que se torna prejudicial para os nossos negócios.

– Como posso saber que devo confiar nesse gesto de paz?

– Através da minha boa fé. Eu porventura proporia um encontro desta natureza, num lugar da tua escolha, se não fosse sincero? Como se isso não bastasse, estou disposto a revelar-te o esconderijo de Jimmy Lanso, o quarto e último interveniente no... chamemos-lhe acidente.

– Sim? – Cerino mostrava-se sinceramente surpreendido pela primeira vez. – E onde se situa?

– Na Agência Funerária Spoleto, no Parque Ozone, pertencente ao primo.

– Aprecio devidamente a tua atitude aberta. Em todo o caso, tenho o pressentimento de que há mais alguma coisa.

– Queria pedir-te um favor – admitiu Vinnie. – Desejo solicitar-te, como colega, que demonstres alguma boa fé. Gostava que poupasses o Jimmy Lanso. É um membro da minha família: sobrinho do marido da irmã de minha mulher. Providenciarei para que sofra a devida punição, mas rogo-te, como amigo, que o poupes.

– Vou pensar seriamente no assunto.

– Obrigado. No fundo, somos pessoas civilizadas. Tivemos as nossas divergências, mas respeitamo-nos e compreendemos os nossos interesses comuns. Estou certo de que tomarás tudo isto em consideração – concluiu Vinnie, levantando-se.

– Tomarei tudo em consideração – assentiu Cerino. Quando o outro se afastou com os sicários, pegou no copo e levou-o aos lábios, antes de perguntar: – Ele tocou no vinho, Angelo?

– Não.

– É o que eu calculava. E considera-se civilizado...

– E a respeito do Jimmy Lanso?

– Abatam-no. Levem à casa e depois dêem cabo dele.

– E se for uma cilada?

Cerino tornou a servir-se do copo antes de replicar:

– Duvido fortemente. O Vinnie não mentiria acerca de um membro da família.

Angelo não estava minimamente satisfeito com a situação. A idéia de uma agência funerária provocava-lhe arrepios. De resto, não confiava em Vinnie Dominick. Em sua opinião, havia grandes probabilidades de se tratar, na verdade, de uma cilada. E, nessa eventualidade, a invasão à Agência Funerária Spoleto poderia resultar perigosa. Por fim, decidiu que era uma boa oportunidade para deixar Tony tomar a iniciativa das operações. A ansiedade que o rapaz manifestava constantemente por que tal acontecesse justificava-o sem reservas.

– Que te parece o cenário? – perguntou Angelo quando estacionaram o carro diante da agência funerária, uma construção

de dois pisos, com colunas gregas a suportar a espécie de alpendre à entrada.

– Acho-o perfeito – disse Tony, cujos olhos brilhavam de antecipação.

– Não sentes, assim, como que uns arrepios?

– Qual história! O primo do meu tio tem um negócio destes. Cheguei a trabalhar lá num verão em que precisava de um emprego, quando me encontrava em liberdade condicional. Bem, vamos a isto. Vejo luz nos fundos. Deve ser a sala de embalsamamento. Aposto que é aí que o Lanso está escondido.

– Dizes que trabalhaste numa agência funerária? – perguntou Angelo enquanto esquadrihava as imediações com o olhar.

– Durante cerca de dois meses.

– Então, como estás familiarizado com o ambiente, podes entrar em primeiro lugar. – Achava-se esperançoso de que parecesse que a idéia acabava de lhe ocorrer. – Quando tiveres o tipo entre a espada e a parede, apagas e acendes a luz. Entretanto, fico aqui de olhos bem abertos, para me certificar de que não se trata de uma cilada.

– Certo. – E Tony abandonou imediatamente o carro.

Jimmy Lanso levantou-se do beliche, aproximou-se do pequeno televisor e baixou o som. Parecia-lhe ter ouvido um ruído, como acontecera nas duas últimas noites. Apurou os ouvidos, mas não detectou nada, à parte o intenso palpitar do coração e um leve latejar nas orelhas devido à abundância de aspirinas que tomara. Como havia mais de sessenta horas que não dormia profundamente, estava exausto e tinha os nervos em franja.

Encontrava-se refugiado na agência funerária desde que, juntamente com Bruno, abandonara o quarto em *loodside*, depois de Frankie desaparecer. Os últimos trinta dias tinham constituído um autêntico pesadelo. Vivia num pavor constante desde aquele estúpido episódio do ácido. Antes de se consumar, convencera-se de que proporcionaria um impulso decisivo à sua carreira. Ao invés, parecia que lhe assegurara a morte prematura. O primeiro abalo terrível ocorrera quando Terry Manso fora abatido a tiro, ao tentar

subir para o carro. E agora se inteirara de que os corpos de Frankie e Bruno tinham aparecido a flutuar no East River. Por conseguinte, não tardariam a eliminá-lo igualmente.

A sua única esperança consistia em que o tio tivesse falado com Vinnie Dominick, seu cunhado, e este promettesse resolver o problema. Mas enquanto não lhe assegurassem que estava tudo solucionado, não conheceria o sossego por um único segundo.

Ouviu um som abafado na sala de embalsamamento e não se tratava de produto da sua imaginação. Com o som da televisão reduzido ao mínimo, fora tão claro como o dia. Prestou atenção, para verificar se se repetia, enquanto volumosas gotas de transpiração lhe sulcavam a fronte. Como o silêncio se prolongasse, reuniu coragem suficiente para se aproximar da porta da arrecadação que lhe servia de esconderijo. Abriu-a o mais silenciosamente possível e percorreu com o olhar a sala de embalsamamento imersa na penumbra. Havia uma série de janelas altas, ao longo de uma das paredes, que permitiam a entrada de alguma luz de um candeeiro público, porém imperavam as sombras.

Ele conseguiu divisar os dois corpos amortalhados que o primo embalsamara naquela tarde e que se achavam em mesas de rodas no lado oposto às janelas. No centro, encontrava-se a mesa de embalsamamento propriamente dita e, junto da parede mais distante, um armário de portas de vidro, enquanto do lado das janelas se alinhavam diversas bacias de porcelana.

Jimmy estendeu os dedos trêmulos e acendeu a luz. Descobriu imediatamente a causa do ruído: uma ratazana em cima da mesa de embalsamamento, que o fitou com apreensão. Em seguida, saltou para o chão e desapareceu pela abertura do esgoto.

Sentiu-se simultaneamente enojado e aliviado. Detestava os ratos, mas ainda mais ter de se ocultar numa agência funerária, que lhe recordava certas histórias lidas quando era criança. A sua imaginação conjurara todos os tipos de explicações para os ruídos que ouvira. Portanto, deparar-se com um roedor, independentemente do tamanho, era preferível a ver um dos corpos embalsamados libertar-se da mortalha e percorrer a sala, como em “Histórias da Cripta”

Encaminhou-se rapidamente para uma caixa metálica com as dimensões de uma pequena arca, arrastou-a no chão e colocou-a sobre a abertura do esgoto pela qual o rato desaparecera, após o que seguiu para a porta do esconderijo. Mas não tardou a imobilizar-se ao detectar novo som abafado do lado de um aposento contíguo. Supondo que o rato reaparecera aí, pegou na vassoura que costumava utilizar nas suas operações de limpeza e abriu a porta com brusquidão. Chegou mesmo a avançar, um passo antes de estacar, aterrorizado. Encontrava-se na sua frente um vulto cujas feições se perdiam na sombra. Soltou um grito abafado e retrocedeu, ao mesmo tempo em que largava a vassoura, que caiu no chão ruidosamente. Os seus piores temores tinham-se concretizado. Um dos cadáveres voltara à vida!

– Olá, Jimmy – articulou o vulto.

O pânico não conseguiu sobrepor-se à paralisia do seu cérebro. Conservava-se grudado ao chão, enquanto o vulto emergia da escuridão.

– Estás um pouco pálido – observou Tony, que empunhava a pistola, mas apontada para baixo. – Talvez seja melhor subires para aquela mesa de mármore e deitares-te – acrescentou, apontando para a mesa de embalsamamento com a mão livre.

– Eles obrigaram-me – balbuciou Jimmy, quando compreendeu que não enfrentava uma criatura sobrenatural, mas um ser vivo obviamente associado à organização de Cerino.

– Pois sim, eu sei –olveu Tony, com simulada compreensão. – Mas trepa à mesa, em todo o caso. – Estendeu a mão para o interruptor e apagou e acendeu a luz várias vezes. – Para a mesa! – vociferou, ao ver que o outro hesitava. Por fim, quando verificou que estava na posição indicada, aproximou-se e olhou-o. – Que grande esconderijo este, hem?

– Foi tudo idéia do Manso! – exclamou Jimmy. – Limitei-me a apagar a luz. Nem sequer sabia o que se passava.

– Todos dizem que a idéia foi do Manso – deplorou Tony. – Não sei se isso se deverá ao fato de ter sido o único que morreu no local. É pena que não tivesse sobrevivido, para se defender.



Um som abafado na sala contígua indicou a entrada de Angelo, que apareceu com ar desconfiado, como um animal enjaulado. Decididamente, o ambiente da agência funerária não figurava entre os seus preferidos.

– Que cheiro horrível!

– É do formaldeído – explicou Tony. – Uma pessoa acaba por se habituar. Apresento-te o Jimmy Lanso.

Angelo aproximou-se da mesa de embalsamamento e olhou o prisioneiro com desdém.

– Um mero puto – grunhiu.

– A idéia foi do Manso! – voltou a protestar Jimmy. – Eu não fiz nada!

– Quem mais participou? – inquiriu Angelo, para se certificar.

– O Manso, DePasquale e Marchese. Obrigaram-me a acompanhá-los.

– Ninguém quer assumir a responsabilidade – comentou, com uma expressão de repulsa. – Lamento, mas vais ter de efetuar um pequeno passeio.

– Não, por favor!...

Tony murmurou algo ao ouvido do companheiro, que desviou os olhos para o equipamento de embalsamar e depois para o corpo que tremia na mesa de mármore.

– Parece-me apropriado – declarou com um movimento de cabeça.

– Em especial para um monte de excrementos como este.

– Então, segura-o bem.

Com uma expressão de prazer sádico, Tony precipitou-se para o equipamento e ligou uma bomba, após o que observou o mostrador, até que o ponteiro indicou a produção de sucção suficiente. Em seguida, impeliu a máquina num suporte de rodas para junto da mesa.

Entretanto, Jimmy assistia aos preparativos com alarme crescente. Como nunca vira o primo a trabalhar, não fazia a menor idéia das intenções de Tony. No entanto, estava plenamente convencido de que não lhe agradariam.

Angelo imobilizou-o com eficiência e Tony apressou-se a aplicar o aguçado *trocarte* de embalsamar no abdômen de Jimmy e começar a imprimi-lhe um movimento de rotação, num círculo irregular.

O depósito do aspirador encheu-se imediatamente de sangue, fragmentos de pele e carne e comida parcialmente digerida. Um pouco incomodado, Angelo largou o rapaz e voltou-lhe as costas. Por um instante, as mãos deste último tentaram arrancar o *trocarte* das de Tony, mas em breve ficaram inertes, enquanto ele mergulhava na inconsciência.

– Que achas? – perguntou Tony, retrocedendo um passo para admirar a sua obra. – Nada mau, hem?

– Raspemo-nos – proferiu Angelo, em voz trêmula. – Limpa as impressões digitais deixadas na máquina.

Cinco minutos mais tarde, abandonavam a agência funerária pela janela. Não utilizaram a porta, com receio de que existisse algum sistema de alarme. Uma vez no carro, Angelo começou a recompor-se. Cerino tinha razão. Dominick não mentira. Não se tratava de uma cilada.

– Bem, eliminamos o último rapaz do ácido – disse, conduzindo o veículo para a faixa de rodagem. – Agora, temos de voltar ao trabalho para valer.

– Chegaste a mostrar a segunda lista ao Cerino?

– Cheguei, mas principiaremos pela primeira. A segunda será mais fácil.

– Para mim, tanto faz – declarou Tony. – Mas que dizes a trincarmos alguma coisa antes disso? Que dizes a outra pizza?

– Penso que primeiro devemos executar um dos trabalhos – decidiu Angelo, empenhado em colocar uma certa distância temporal entre a sinistra cena na agência funerária e a sua refeição seguinte.

Imersa no pesadelo repetitivo sobre a situação crítica do irmão no lodaçal, Laurie congratulou-se quando a campainha do despertador a arrancou do sono profundo. Acabava de reduzi-la ao silêncio, quando o retinir recomeçou, mas agora do telefone.

– Fala o doutor Ted Ackerman, doutora Montgomery. Desculpe incomodá-la tão cedo, mas sou o interno de serviço e recebi o recado de que a devia prevenir se surgisse um caso de determinada natureza.

Ela achava-se demasiado estremunhada para replicar e, baixando os olhos para o despertador, viu que eram apenas duas e meia da madrugada e compreendeu que a campainha fora sempre a do telefone.

– Acabo de receber um telefonema nesse sentido – acrescentou o doutor Ackerman. – O caso obedece aos requisitos que mencionou e parece tratar-se também de cocaína. O extinto é um banqueiro de trinta e um anos, chamado Stuart Morgan.

– Onde?

– Quinta Avenida, nove setenta. Aceita a chamada ou prefere que vá eu? É-me indiferente em qualquer dos casos.

– Eu vou. Obrigada.

Laurie cortou a ligação, vestiu-se, pegou uma máquina fotográfica e vários pares de luvas de borracha e abandonou o apartamento disposta a regressar o mais depressa possível para reatar o sono.

Ao transpor a saída do prédio, deparou-se com a rua deserta; mas havia tráfego na Quinta Avenida. Cinco minutos mais tarde, encontrava-se sentada num táxi, conduzido por um emigrado do Afeganistão, de que se apeou decorrido um quarto de hora diante do número 970, onde já se achavam uma viatura da polícia e uma ambulância, cujas luzes de emergência piscavam com impaciência.

No átrio, exibiu o crachá de médica do Hospital Geral de Manhattan e indicaram-lhe a Mansarda B.

– É a examinadora médica? – perguntou um polícia uniformizado, claramente perplexo, quando ela entrou no apartamento e voltou a mostrar o crachá.

Segundo o cartão de identificação preso ao peito, ele chamava-se Ron Moore. Fez uma pausa enquanto a interpelada assentia com um movimento de cabeça.

– Não se parece nada com os examinadores médicos que vi até hoje.

– Mas sou.

– Pete! – chamou, virando-se para dentro. – Queres ver o que acaba de aparecer? Uma examinadora médica que lembra uma coelhinha da Playboy!

Outro agente uniformizado, embora mais jovem que o anterior, o qual aparentava cerca de quarenta anos, assomou a uma porta interior e arqueou as sobrancelhas quando viu Laurie. Tinha um maço de correspondência em cada mão.

– Ora essa!!

– Quem é o responsável? – inquiriu ela, imperturbável.

– Eu mesmo, querida – informou Ron.

– Sou a doutora Montgomery – retrucou em tom glacial – e não a sua querida.

– Com certeza, doutora.

– Quem me pode mostrar o cenário?

– Eu. Aqui é a sala, obviamente. Repare nos apetrechos de droga em cima da mesinha. Tudo indica que a vítima se injetou aí e passou à cozinha, onde se encontra o corpo. O acesso é através do escritório.

Laurie deu uma olhadela rápida ao apartamento, pequeno, mas decorado com gosto. Do local onde se encontrava no vestíbulo, podia abarcar a sala e parte do escritório. Na primeira, duas janelas panorâmicas proporcionavam uma vista extraordinária. No entanto, mais do que a vista, interessava-lhe a confusão no chão. Dir-se-ia que o apartamento fora assaltado.

– Houve roubo?

– Não – respondeu Ron. – Isto fomos nós, como parte da habitual inspeção minuciosa, se é que me faço entender.

– Receio bem que não.

– Somos sempre exaustivos nas pesquisas.

– Para quê?

– Para uma identificação apropriada.

– Não viram os diplomas nas paredes do vestíbulo? – insistiu ela, com um gesto largo. – O nome parece-me bem evidente.

– De fato, não nos apercebemos.

– Onde está o corpo?

– Já lhe disse. Na cozinha. – O polícia apontou para lá, do outro lado do escritório.

Laurie encaminhou-se na direção indicada, evitando pisar os objetos no chão, e entrou no escritório. Todas as gavetas da secretária estavam abertas, com sinais inequívocos de terem sido revistadas sem o mínimo cuidado.

– Suponho que também procuravam elementos de identificação aqui... – comentou, com uma ponta de sarcasmo.

– Exato, doutora – aquiesceu Ron.

Ela assomou à porta da cozinha e deteve-se. A desordem que imperava não ficava atrás dos outros aposentos. A geladeira fora totalmente esvaziada, com a porta entreaberta.

– Não me diga que os procuraram igualmente aí?

– É claro que não. Foi a vítima que fez isto.

– Onde está o corpo?

– Na geladeira.

Aproximou-se e puxou a porta. Ron não mentira. Stuart Morgan encontrava-se dentro da geladeira. Estava quase totalmente despido, apenas com calção curto, um cinto de dinheiro e meias. O rosto apresentava-se branco como um lençol. Tinha o braço direito erguido e o punho cerrado com firmeza.

– Não consigo compreender porque se meteu aí dentro – disse Ron. – É a coisa mais exótica que vejo desde que entrei para a polícia.

– Chama-se hiperpirexia – explicou Laurie, sem desviar os olhos de Stuart Morgan. – A cocaína pode elevar a temperatura do corpo a extremos incríveis. Os usuários ficam semi loucos, dispostos a tudo para fazê-la baixar. Mas é o primeiro que vejo numa geladeira.

– Caso se considere satisfeita, podemos dizer aos rapazes da ambulância que o levem.

– Tocaram no corpo? – perguntou subitamente.

– Que está a dizer? – articulou ele, com certo nervosismo.

– Exatamente o que ouviu. Você ou o Pete tocaram-lhe?

– Bem... – interrompeu-se, pouco inclinado a responder.

– É uma pergunta muito simples.

– Tivemos de verificar se tinha morrido. Mas foi fácil, porque estava tão frio como um desses pepinos no chão.

– Por conseguinte, se limitaram a introduzir a mão e procurar pulsações?

– Isso mesmo.

– Onde?

– No pulso.

– O direito?

– Isso já é pormenorizar muito. Não me lembro qual foi.

– Deixe-me mostrar-lhe uma coisa – persistiu Laurie, apontando a máquina e começando a fotografar o corpo na geladeira. – Vê o braço direito levantado?

– Vejo.

– Mantém-se nessa posição devido ao *rigor mortis*.

– Ouvi falar disso.

– Mas o *rigor mortis* estabelece-se depois de o braço ter estado flácido por algum tempo. Isso não lhe sugere nada acerca deste corpo?

– Não percebo aonde pretende chegar.

– Sugere que o corpo foi movido depois da morte – volveu, sem parar de tirar fotografias. – Como, por exemplo, para fora e a seguir de novo para dentro da geladeira. E tinha de ser várias horas após a morte, porque são necessárias duas para o *rigor mortis* se estabelecer.

– Isso que me diz é muito curioso. Talvez convenha que o Pete também se inteire.

Ron dirigiu-se à porta do escritório e chamou o colega. Quando lhe repetiu o que acabava de ouvir, Pete alvitrou:

– Quem sabe se a garota dele o puxou para fora?

– Foi a namorada que o encontrou? – quis saber Laurie, refletindo que os consumidores de droga manifestavam a deplorável tendência para expor os entes amados a situações horríveis.

– Exato – confirmou Pete. – Como ligou para o novecentos e onze, talvez o puxasse para fora da geladeira.

– E depois voltou a colocá-lo dentro? – Ela meneou a cabeça, com uma expressão de ceticismo. – Acho improvável.

– Nesse caso, que lhe parece que aconteceu? – indagou Ron.

Por um momento, Laurie olhou os dois policiais e tentou determinar a atitude que devia assumir.

– Não sei o que pensar – admitiu finalmente, calçando as luvas de borracha. – Agora, quero examinar o corpo, entregá-lo ao pessoal do hospital e ir para casa.

Estendeu a mão e pousou-a no corpo de Stuart Morgan. Estava frio e rígido, devido ao *rigor mortis*. À medida que o examinava, tornava-se óbvio que os outros membros se encontravam em posições forçadas, tal como o braço direito. Notou uma cicatriz na fossa antecubital do esquerdo. À parte o pormenor da geladeira, o caso parecia singularmente similar aos de Duncan Andrews, Robert Evans e Marion Overstreet.

Por último, endireitou-se e virou-se para Ron:

– Importa-se de me ajudar a retirá-lo da geladeira?

– Ajuda-a tu, Pete.

Este contraiu as faces num trejeito de contrariedade, mas aceitou as luvas de borracha que Laurie lhe estendia e calçou-as. Em seguida, ergueram o corpo de Stuart Morgan e depositaram-no no chão.

Laurie tirou mais algumas fotografias. Ao seu olhar experiente, era inequívoco, pela posição, que o *rigor mortis* se estabelecera quando o corpo se encontrava na geladeira. Mas tornava-se igualmente claro que a posição em que foi encontrado não era a mesma em que estivera inicialmente.

Enquanto continuava a utilizar a máquina, reparou que o cinto de dinheiro se achava parcialmente aberto. O fecho de correr prendera-se numa nota de banco e ela aproximou-se para obter um grande plano.

A seguir, pousou a máquina e agachou-se para examiná-lo mais minuciosamente. Não sem alguma dificuldade, conseguiu desprender o fecho e abrir a bolsa. Esta continha três notas de dólar com as pontas rasgadas por terem ficado presas no fecho.

Endireitou-se e entregou-as a Ron.

– Prova.

– Prova de quê?

– Ouvi falar de casos em que a polícia rouba de cenários de acidentes ou homicídios, mas nunca esperei que se deparasse um exemplo tão óbvio.

– Que conversa é essa? – inquiriu ele.

– Podem levar o corpo, sargento Moore. Tenho o dever de convidá-lo a assistir à autópsia. Sinceramente, espero não voltar a ver nenhum dos dois na minha frente.

Com estas palavras, Laurie descalçou as luvas, atirou-as para o recipiente do lixo, pegou na máquina fotográfica e abandonou o apartamento.

– Não consigo comer mais nada – declarou Tony, desviando para o lado o prato com o que restava da *pizza*, após o que retirou o guardanapo do pescoço e limpou os resíduos de tomate dos lábios.

– Que se passa? Não gostas de pepperoni? Estás a debicar a comida como um passarinho.

Angelo levou à boca o copo com água de San Pellegrino, cujo gás contribuía para lhe serenar o estômago, ainda revoltado com o que ocorrera na Agência Funerária Spoleto. Tentara tragar algumas dentadas de *pizza*; dera-lhe náuseas e aguardara com impaciência que Tony acabasse de comer.

– Acabaste?

– Acabei – assentiu o outro, produzindo um ruído desagradável com os dentes e a língua. – Mas não dispenso o café.

Encontravam-se numa pequena *pizzaria* italiana em Elmhurst, onde havia um punhado de clientes sentados a mesas de fórmica largamente espaçadas, apesar de serem três e meia da madrugada. Uma máquina de discos antiquada tocava composições populares dos anos cinquenta e sessenta. Angelo pediu nova garrafa de água mineral, enquanto Tony optava por um expresso.

– Pronto? – acabou o primeiro por perguntar.

– Pronto.

Levantaram-se, depositaram algumas notas de banco na mesa e emergiram na noite fria de novembro, a fim de regressarem ao carro.



Com o motor ligado para aquecer antes de arrancar, Ângelo puxou da segunda lista do porta-luvas.

– Há aqui um em Kew Garden Hills. É um lugar sossegado, e creio que nos despacharemos com rapidez e facilidade.

– Vai ser divertido. – Tony arrotou. – As *pizzas* de pepperoni são uma maravilha.

Angelo voltou a guardar a lista, pôs o carro em movimento e disse:

– Trabalhar à noite permite a uma pessoa deslocar-se na cidade com menos problemas de trânsito.

– A única dificuldade consiste em dormir durante o dia. – Tony extraiu a Beretta Bantan do coldre e aplicou o silenciador ao cano.

– Guarda isso até chegarmos. Enervas-me.

– Estou a preparar-me. – Tentou introduzir a arma no coldre, mas o volume do silenciador dificultava-lhe a tarefa e a coronha ficava visível. – Anseio por esta parte da operação, porque não precisamos estar com tantas cautelas.

– Mesmo assim, temos de conservar os olhos bem abertos. Na verdade, precisamos ser sempre cautelosos.

– Calma. Sabes o que pretendo dizer. Não temos de nos apoquentar com requintes de prudência. Agora, vai ser “pum”, e pronto.

Perderam algum tempo primeiro que localizassem a casa – uma construção modesta de dois pisos, feita de pedra, estuque e um telhado vulgar, situada numa rua sossegada que terminava num cemitério.

– Não tem mau aspecto – comentou Tony. – Esta gente deve possuir uns cobres.

– E possivelmente um sistema de alarme – lembrou Angelo, encostando ao passeio e travando. – Esperemos que não seja nada de complicado.

– Quem vai ser abatido?

– Já não me lembro. – Estendeu a mão para o porta-luvas e puxou da segunda lista. – A mulher – informou, depois de localizar o nome, voltando a guardar a folha de papel. – Vamos assentar numa coisa, para não haver confusões. Quem a abate sou eu. Como eles

devem estar deitados, tu concentras-te no homem. Se acordar, liquida-o. Entendido?

– Perfeitamente. Tomas-me por atrasado mental? No entanto, sabes como gosto disto. Portanto, porque não a abato eu e tu vigias o homem?

– Santo Deus! – grunhiu, puxando da pistola e aplicando-lhe o silenciador. – Isto é trabalho e não um passatempo. Não estamos aqui para nos divertir.

– Que diferença faz se és tu ou eu a abatê-la?

– Em última análise, absolutamente nenhuma. Mas sou o chefe da equipe e, portanto, quem se ocupa dela. Quero certificar-me de que morreu. O responsável perante Cerino sou eu.

– Pensas, pois, que consegues liquidar alguém melhor do que eu? – Tony parecia melindrado.

– Podes encarregar-te do caso seguinte, que diabo! Olha, vamos revezar-nos.

– É uma boa idéia. Distribuámos os alvos irmãmente.

– Alegra-me que concordes. Bem, vamos a isto.

Apearam-se, cruzaram a rua e imergiram na densa e molhada (princiara a chover) vegetação que rodeava a casa que lhes interessava.

Uma vez junto da porta das traseiras, Angelo observou-a minuciosamente, passando a mão pela arquitrave, espreitando pelas frinchas com uma pequena lanterna e inspecionando as ferragens. Por fim, endireitou-se e, com uma ponta de perplexidade, anunciou:

– Não têm alarme, a menos que seja alguma coisa que me passou despercebida.

– Queres entrar por uma janela ou pela porta?

– Pela porta deve ser mais fácil.

Tony puxou de um canivete e raspou a massa em torno de uma das vidraças que ladeavam a porta. A seguir, com um pequeno alicate, arrancou os pregos e retirou o vidro. Por fim, introduziu a mão na abertura, fez rodar a chave na fechadura e depois o puxador.

A porta abriu-se com um leve estalido de protesto. Não soou qualquer alarme, nem latidos de cães. Angelo entrou em silêncio,

conservando a automática à altura da cabeça, apontada para cima, e inspecionou o aposento com uma rápida mirada. Parecia tratar-se de uma sala de estar, com algumas poltronas, um sofá e um televisor de tela grande. Escutou por um momento e baixou a arma, ao mesmo tempo em que começava a descontrair-se. Tudo indicava que poderiam atuar sem contratempos.

Fez sinal a Tony para que o seguisse e cruzou o vestíbulo, após o que subiram uma larga escada circular de acesso a um corredor com meia dúzia de portas ligeiramente entreabertas, com uma exceção. Confiando no instinto, Angelo encaminhou-se para essa e, após certificar-se de que Tony se achava imediatamente atrás dele, abriu-a cautelosamente.

Da cama, nas proximidades da parede oposta, provinham roncamentos intensos. Angelo não tinha a certeza de qual deles ressonava, mas, a partir do momento em que se convenceu de que ambos dormiam profundamente, indicou ao companheiro que o seguisse e avançaram para a cama.

Ocupavam-na um homem e uma mulher de meia-idade, prestes a terem direito à denominação de anciãos. Dormiam de costas, com os braços estendidos ao lado do corpo.

Angelo moveu-se para a direita, a fim de ficar do lado da mulher, e Tony para a esquerda. As vítimas continuaram imóveis. O primeiro chamou a atenção do companheiro e apontou para a sua Walther, a fim de indicar que se preparava para matar a mulher e ele devia estar pronto para dominar o homem, em caso de necessidade.

Em seguida, apontou a arma à cabeça da mulher adormecida e Tony imitou-o em relação ao homem. Interessava-lhe atingir a região temporal esquerda, um pouco acima da orelha, para que a bala penetrasse na base do crânio, aproximadamente no ponto em que aconteceria se conseguisse alvejá-la pelas costas.

O estampido foi elevado comparativamente com o silêncio que imperava no quarto, mas em relação ao ruído normal não passava de uma espécie de baque surdo, como o produzido por um punho numa almofada.

Angelo ainda não se recompusera do estremecimento que lhe acudiu após puxar o gatilho quando se registrou uma detonação

similar e, pelo canto do olho, viu a cabeça do homem agitar-se e ficar imóvel, como que petrificada, ao mesmo tempo em que brotava um fio de sangue.

– Não o pude evitar – alegou Tony. – Ouvi-te disparar e um ato reflexo obrigou-me a fazer o mesmo. Gosto disto. Produz-me uma profunda euforia.

– És um psicopata imundo – grunhiu Angelo, irritado. – Só o devias abater caso se mexesse. Era o que tínhamos combinado.

– Que raio de diferença faz?

– A diferença é que tens de aprender a obedecer às ordens.

– Pronto, está bem. Foi mais forte do que eu. Na próxima vez, farei exatamente o que disseres.

– Saíamos daqui. – Começou a encaminhar-se para a porta.

– Não procuramos dinheiro ou objetos de valor? Já que estamos aqui...

– Não quero perder tempo. – Deteve-se antes de transpor a porta do quarto e virou-se para trás. – Vá, mexe-te! Não viemos para obter lucros monetários. O que o Cerino nos paga é mais do que suficiente.

– Mas o que ele não souber não o poderá contrariar. Tony pegou uma carteira de cima da mesa-de-cabeceira e no relógio Rolex que se encontrava ao lado. – Ao menos, uma recordação.

– Está bem. E agora, toca a andar.

Três minutos depois, rolavam a grande velocidade, quando ele exclamou:

– Nossa!

– Que foi?

– Há aqui mais de quinhentos dólares – informou, agitando as notas no ar, ao mesmo tempo em que exibia o Rolex já colocado no pulso. – Se lhes juntarmos o que o Cerino nos paga, não temos razões de queixa.

– Não te esqueças de fazer desaparecer a carteira. Podia comprometer-nos.

– Meto-a no incinerador. – Vendo que o companheiro encostava subitamente ao passeio, perguntou: – Que foi?

Angelo inclinou-se para o lado, a fim de extrair a lista do porta-luvas.

– Quero ver se há mais alguém nesta área. – Fez uma pausa e acrescentou: – Bingo! Temos dois em Forest Hills, que é praticamente ao virar da esquina. Podemos ocupar-nos deles com facilidade antes de amanhecer. Será uma noite em cheio.

– Diz antes uma noite fabulosa. Nunca ganhei tanto dinheiro em tão pouco tempo.

– Ora bem... – Pôs-se a estudar o mapa da cidade. – Sei onde se situam as respectivas casas. Na parte mais seleta.

Em seguida colocou-o, juntamente com a lista, no console central, e pôs o carro em movimento. Menos de meia hora mais tarde, passavam diante da primeira casa, na realidade uma mansão, precedida de um espaçoso jardim.

– Qual é, desta vez? – perguntou Tony.

– O homem.

Angelo tentou decidir onde deixar o carro. Naquela área elegante da cidade, havia poucas viaturas estacionadas na via pública. Por fim, optou por enveredar pelo caminho que ladeava a casa e travou num local pouco iluminado, após o que se apressou a apagar os faróis.

– Não te esqueças – advertiu Tony, quando se preparavam para entrar. – Agora, é a minha vez.

Angelo ergueu os olhos ao céu, como se pretendesse dizer “Isto, só a mim acontece!”, mas acabou por aquiescer com um movimento de cabeça.

A intrusão revelou-se mais difícil que a anterior, pois havia vários sistemas de alarme, cuja neutralização lhes consumiu minutos preciosos. Transcorreu meia hora antes que pudessem penetrar por uma janela da sala aparentemente destinada à lavanderia.

Angelo entrou em primeiro lugar, para se certificar de que não havia detectores de raios infravermelhos ou laser, após o que fez sinal a Tony para que o seguisse. Conservando-se juntos, cruzaram lentamente a cozinha, onde se ouvia um televisor a funcionar no aposento contíguo.

Moveram-se na direção do som com a maior prudência possível. Angelo adiantou-se um pouco e espreitou. Tratava-se de uma saleta, com um bar incorporado a uma das paredes e uma enorme tela de projeção de TV na outra. Diante do televisor havia um largo divã e, adormecido no centro, um homem de forte compleição física envolto num roupão de banho azul. As pernas, surpreendentemente magras, emergiam da parte inferior do rotundo abdômen e achavam-se pousadas num escabelo.

Angelo retrocedeu, a fim de trocar impressões com Tony.

– O tipo está a dormir. Temos de partir do princípio de que a esposa, se existe, se encontra lá em cima.

– Que vamos fazer?

– Já que o querias abater, entra e abate-o. Mas como deve ser, ouviste? Depois, indagaremos acerca da mulher.

Tony sorriu, empunhou a automática com o silenciador no cano e entrou na saleta. Encaminhou-se diretamente para o homem reclinado no divã, apontou-lhe a arma à região temporal esquerda acima da orelha e tocou-lhe nas pernas com o pé. O homem grunhiu, sacudiu a cabeça e abriu os olhos.

– Gloria?

– Não, querido, sou eu... o Tony.

A bala embebida na cabeça fez a vítima cair para o lado direito do divã. Tony debruçou-se sobre ele, pousou o cano na base do crânio e voltou a disparar. Em seguida, endireitou-se e olhou para trás. Angelo indicou-lhe que o seguisse e subiram ao primeiro andar, onde tiveram de assomar a vários aposentos antes de encontrar Gloria, que dormia profundamente com a luz acesa, proteções para os olhos e tampões nos ouvidos.

– Deve julgar-se uma artista de cinema – comentou Tony. – Vai ser canja.

– Anda. – Angelo puxou-o pelo braço.

– Não podemos perder uma oportunidade destas.

– Não quero discutir contigo. Raspemo-nos daqui.

De novo no carro, Tony exibia uma expressão de amuo, enquanto Angelo consultava o mapa em busca do caminho mais rápido para a casa seguinte. O estado de espírito do companheiro

era-lhe indiferente, além de que tinha a vantagem de mantê-lo calado.

– Homem ou mulher? – quis saber Tony, quando avistaram a residência, precedida igualmente de um jardim em que se achavam duas estatuetas de flamingos.

– Mulher – informou Angelo. – E podes ocupar-te dela, se quiseres.

Sentia-se magnânimo à medida que o trabalho daquela noite se aproximava do fim.

A entrada tornou-se mais fácil do que previam, e descobriram, surpreendidos, que o marido dormia num sofá, com um copo vazio no chão a seu lado.

Angelo indicou a Tony que subisse ao primeiro andar, enquanto ele ficava de vigilância ao homem. Alguns minutos mais tarde, embora conservasse os ouvidos apurados, quase não conseguiu detectar o estampido abafado da automática do companheiro, seguido imediatamente de outro. O rapaz era, ao menos, metuculoso nas tarefas que executava. Tony reapareceu pouco depois e perguntou:

– O tipo não se mexeu? – Fez uma pausa, enquanto Ângelo meneava a cabeça e apontava para a saída. – Que pena... – murmurou, seguindo-o, após um olhar de pesar na direção do homem adormecido.

Quando transpuseram a porta das traseiras, pela qual haviam entrado, Angelo espreguiçou-se e ergueu os olhos para o céu, que começava a empalidecer.

– O sol não tarda aí. E se fôssemos ao café?

– Boa idéia. Que noite, amigo! Melhor que isto é impossível.

Tony desenroscou o silenciador da automática enquanto se encaminhavam para o carro.

# 7

## QUINTA-FEIRA, 7 e 40, MANHATTAN

Embora tivesse dormido pouco, devido à chamada a meio da noite, Laurie esforçou-se por se apresentar no local de trabalho mais cedo, para compensar o atraso da véspera. Por conseguinte, eram apenas sete e quarenta e cinco quando transpôs a entrada.

Seguiu diretamente para o Departamento de Identificação e detectou uma leve carga elétrica na atmosfera. Alguns colegas mais antigos na casa, que só costumavam chegar depois das oito e meia, já se achavam presentes. Dois deles, Kevin Southgate e Arnold Besserman, com copos de café nas mãos, sustentavam acalorado debate. O primeiro, um liberal, e o segundo, um conservador irredutível, nunca estavam de acordo em nada.

– Garanto-te que, se houvesse mais polícias na rua, estas coisas não sucederiam – asseverava Arnold, no momento em que Laurie se aproximou, a fim de encher igualmente um copo.

– Discordo – volveu Kevin. – Este tipo de tragédia...

– Que aconteceu? – quis saber ela, enquanto misturava o açúcar no café.

– Uma série de homicídios em Queens – explicou Arnold. – Com balas na cabeça disparadas à queima-roupa.

– De pequeno calibre?

Ele consultou o colega com o olhar e declarou:

– Ainda não sabemos.

– Foram pescados do rio?

– Não – disse Arnold. – Dormiam em suas casas. Por isso afirmo que, se houvesse mais policiamento nas ruas...

– Não digas disparates! – cortou Kevin.

Laurie deixou-os imersos em controvérsia e foi consultar a escala das autópsias, para verificar quem mais estava escalado e a natureza dos casos atribuídos. À frente do nome dela figuravam três, entre os quais o de Stuart Morgan, o que lhe agradou e indicava que o doutor Washington estava disposto a cumprir o prometido. Depois



de se inteirar de que os outros dois casos eram de overdose/toxicidade de drogas, folheou os relatórios dos investigadores.

Descobriu imediatamente que os perfis das vítimas se assemelhavam aos que autopsiara anteriormente: Randall Thatcher, de trinta e oito anos, era advogado e Valerie Abrams, de trinta e três, corretora da Bolsa.

Na véspera temera que surgissem mais casos idênticos, embora esperançada em que tal não acontecesse. Obviamente, não seria assim, pois já havia mais três. De um dia para o outro, a modesta série aumentara em cem por cento. Cruzou o Departamento de Comunicações a caminho do de Patologia Legal e, ao avistar o gabinete de ligação da polícia, perguntou-se o que devia fazer acerca da suspeita de roubo no apartamento de Morgan. Por fim, decidiu guardar segredo. Se Lou aparecesse, discutiria o assunto com ele.

Foi encontrar Cheryl Myers no pequeno gabinete sem janelas e, antes que pudesse abrir a boca para interrogar, ela comunicou:

– Por enquanto, nada de novo no caso de Duncan Andrews.

– Não é por causa disso que a procuro – esclareceu Laurie. – Pedi ontem ao Bart que me informasse se aparecessem mais casos críticos de overdose similares ao de Duncan Andrews ou Marion Overstreet e fui chamada por causa de um. Mas acabo de descobrir que surgiram outros dois e ninguém me disse nada. Faz alguma idéia do motivo?

– Não. Quem estive de serviço esta noite foi o Ted. Teremos de lhe perguntar mais tarde. Houve algum problema?

– Não, mas fiquei com a curiosidade aguçada. Na realidade, talvez não pudesse ocupar-me dos três. De qualquer modo, as respectivas autópsias foram-me atribuídas. Outra coisa: contactou com o hospital a respeito do caso de Marion Overstreet?

– Com certeza. Falei com o doutor Murray, o qual explicou que cumpriam ordens suas, doutora Montgomery.

– É o que eu calculava. No entanto, merece a pena confirmar. Queria fazer-lhe mais um pedido, Cheryl. Importa-se de reunir os elementos que puder, em particular cirúrgicos, sobre uma mulher

chamada Marsha Schulman? Se houver radiografias, ainda melhor. Creio que vive em Bayside, Queens. Não tenho a certeza da idade, mas deve rondar os quarenta.

A partir do momento em que Jordan lhe falara das atividades escusas do marido da sua secretária, Laurie fora invadida por um pressentimento tenebroso acerca do desaparecimento da mulher, sobretudo em virtude do assalto ao consultório.

Cheryl anotou os elementos que ela pretendia e prometeu:

– Vou tratar disso imediatamente.

A seguir, Laurie procurou John DeVries, o qual, como temia, não se mostrou nem remotamente cordial.

– Eu disse que lhe telefonava – lembrou com brusquidão quando lhe falou da substância contaminadora. – Tenho centenas de casos entre mãos. Não é só o seu, como deve supor.

– Eu sei que está sobrecarregado, mas tenho mais três overdoses para autopsiar, idênticas aos três casos anteriores, o que eleva o número de corpos para seis pessoas jovens, prósperas e cultas. Tem de haver alguma mistura na cocaína que consumiram e precisamos descobrir o que é.

– Pode vir proceder aos testes, se quiser, mas quero que me deixe em paz. Do contrário, terei de falar com o doutor Bingham.

– Por que reage assim? Tenho tentado agir com a maior amabilidade.

– É pior que uma pontada nas costas.

– Estupendo!– articulou ela, secamente. – É agradável saber que nesta casa existe uma excelente atmosfera de colaboração.

Abandonou o laboratório, exasperada e resmungando entre dentes. Quando sentiu que lhe seguravam o braço, deu meia-volta, preparada para esbofetear DeVries por se atrever a tocar-lhe, mas era um dos seus jovens assistentes, Peter Letterman.

– Pode conceder-me um momento? – perguntou este último, olhando por cima do ombro com desconfiança.

– Sem dúvida.

– Venha ao meu cubículo.

Entraram num espaço inicialmente previsto para arrecadação, onde a secretária, terminal de computador, ficheiro e duas cadeiras

cabiam com dificuldade, e Peter fechou a porta atrás deles.

Era magro e louro, com feições delicadas. Parecia a Laurie a quintessência do estudante que acaba de completar o curso. Os olhos e a atitude deixavam transparecer determinação e, por baixo da bata branca de laboratório, havia uma camisa de flanela de gola aberta.

– À vezes, o DeVries chega a ser intratável – começou.

– Isso é ficar muito aquém da verdade.

– Muitos artistas são assim e ele pode incluir-se de certo modo nessa espécie. No que se refere à química e toxicologia, em particular, é mesmo extraordinário. Mas não pude deixar de ouvir as suas conversas com ele. Creio que a principal razão pela qual levanta dificuldades é para fazer ver à administração que precisa de mais fundos. Atrasa propositadamente muitos relatórios e, na maioria dos casos, isso não faz muita diferença. Refiro-me ao fato de as pessoas envolvidas já terem morrido. No entanto, se as suas suspeitas se confirmarem, doutora, dá a impressão de que nos podíamos dedicar a salvar vidas, para variar. No entanto, se as suas suspeitas se confirmarem, doutora, dá a impressão de que nos podíamos dedicar a salvar vidas, para variar. Por conseguinte, gostaria de ajudar. Veremos até onde posso ir, ainda que tenha de fazer horas extraordinárias.

– Fico-lhe muito grata, Peter – agradeceu Laurie. – E tem toda a razão.

– Freqüentamos o mesmo estabelecimento – salientou ele, com uma ponta de embaraço.

– Sim? Qual?

– A Wesleyan. Eu estava dois anos atrasado, mas partilhávamos a aula de Química.

– Lamento, mas não me recordo.

– Eu passava despercebido na época. Bem, comunicar-lhe-ei o que apurar.

Laurie entrou no seu gabinete consideravelmente mais otimista acerca da espécie humana, em virtude da oferta generosa de Peter para ajudar. Estudou as pastas referentes às autópsias do dia, e depararam-se apenas com algumas dúvidas em relação a dois dos

casos similares à que lhe acudira sobre Marion Overstreet. De qualquer modo, para não omitir nada, ligou a Cheryl, a fim de lhe pedir que as aprofundasse. Depois de mudar de roupa no gabinete, desceu à sala de autópsias, onde Vinnie tinha Stuart Morgan “a postos” e começaram a trabalhar imediatamente.

A autópsia desenrolou-se de modo satisfatório. Quando terminavam a porção interna, Cheryl Myers entrou, com o rosto protegido por uma máscara. Laurie olhou em volta para se certificar de que Calvin Washington não se achava presente, para se insurgir com o fato da recém-chegada não envergar o equipamento apropriado. Em seguida, prestou atenção a Cheryl, a qual segurava um conjunto de radiografias e anunciou:

– Tive alguma sorte com Marsha Schulman. Foi tratada no Geral de Manhattan porque trabalhava para um médico de lá. Assim, possuíam filmes recentes do peito, que enviaram. Quer vê-los?

– Com certeza!

Laurie limpou as mãos ao avental de borracha e seguiu a outra ao canto onde se encontrava o visor de radiografias.

– Eles pediram que devolvesse o material imediatamente – frisou Cheryl, colocando as radiografias no suporte e desviando-se. – O técnico sublinhou que me fazia um favor ao deixá-lo sair sem autorização superior.

Laurie examinou-as atentamente. Os campos pulmonares eram límpidos e normais, assim como a silhueta do coração.

Desapontada, preparava-se para retirá-las da unidade, quando se concentrou nas clavículas. A direita apresentava uma leve inclinação ao longo de dois terços do seu comprimento, associada a um ligeiro aumento da radiopacidade, o que indicava que sofrera uma fratura no passado. Apesar da soldadura do osso poder considerar-se perfeita, o fato era irrefutável.

– Vinnie! – chamou. – Peça a alguém que vá buscar a radiografia que tiramos da flutuadora decapitada.

– Descobriu alguma coisa? – quis saber Cheryl.

Laurie apontou para a fratura e explicou a anomalia bem nítida. Vinnie reapareceu prontamente com a radiografia pedida e colocou-a no visor ao lado da de Marsha Schulman.

– Repare! – exclamou Laurie, indicando a clavícula fraturada, idêntica em ambas. – Creio que se trata da mesma pessoa.

– Quem? – perguntou ele.

– Chama-se Marsha Schulman.

Ela retirou as radiografias do Geral de Manhattan e entregou-as a Cheryl, à qual pediu que averiguasse se Marsha Schulman fora submetida a uma colecistectomia e uma histerectomia. Salientou que era importante e rogou que o fizesse imediatamente.

Encantada com a descoberta, iniciou a sua segunda autópsia do dia: Randall Thatcher. À semelhança do anterior, não havia qualquer indício de patologia, e os trabalhos desenrolaram-se com rapidez. Ela pôde, mais uma vez, estabelecer com uma certeza razoável que a cocaína fora administrada de forma IV. Quando cosiam o corpo, Cheryl reapareceu com a informação de que Marsha Schulman fora na verdade submetida às duas intervenções referidas, ambas efetuadas no Geral de Manhattan.

Entusiasmada com a informação adicional, Laurie subiu ao seu gabinete, a fim de ditar os elementos respeitantes aos dois primeiros casos e fazer várias chamadas telefônicas. Começou pelo consultório de Jordan, mas comunicaram-lhe que se achava na sala de operações.

– Outra vez? – suspirou, desapontada por não poder contactar com ele imediatamente.

–Tinha muitos transplantes marcados para hoje – explicou a recepcionista. – Apesar de, normalmente, realizar um número apreciável de intervenções, nos últimos tempos aumentou consideravelmente.

Laurie deixou recado para que ele lhe telefonasse assim que pudesse e ligou à Central da Polícia, a fim de perguntar por Lou. Inteirou-se, desolada, de que o tenente não se achava disponível e pediu igualmente que contactasse com ela assim que lhe fosse possível.

Algo frustrada, ditou os elementos relativos às autópsias daquela manhã e voltou a descer à “cova”, para se ocupar do quarto e último caso do dia. Enquanto aguardava o elevador, perguntou a si própria se Bingham estaria disposto a mudar de idéia quanto a

prestar declarações aos repórteres, agora que o número de overdoses idênticas ascendia a seis.

Quando a porta da cabina se abriu, colidiu literalmente com Lou e, por um momento, olharam-se embaraçados.

– Desculpe – acabou ela por murmurar.

– Não, a culpa foi minha. Estava distraído.

– Eu é que estava.

De súbito, soltaram uma gargalhada em uníssono.

– Veio para falar comigo? – perguntou Laurie.

– Não, tenho audiência marcada com o Papa. Ouvi dizer que se encontrava aqui, no quarto andar.

– Que engraçado... – comentou, conduzindo-o ao seu gabinete. – Tentei falar consigo, há poucos minutos.

– Imagino.

– Sério. – Sentou-se atrás da secretária e ele na cadeira que ocupara na visita anterior. – Identifiquei a flutuadora decapitada, encontrada com Bruno Marchese. Chama-se Marsha Schulman, secretária de Jordan Scheffield.

– Refere-se ao “Doutor Rosas?” Era secretária dele?

O detetive apontou para as flores, que conservavam a mesma frescura.

– Esse mesmo. Disse-me ontem à noite que ela não se apresentara ao trabalho e de caminho mencionou o fato do marido estar ligado ao crime organizado.

– Como se chama ele?

– Danny Schulman.

– Será o Danny Schulman proprietário de um restaurante em Bayside?

– Exato. Segundo parece, já teve várias escaramuças com a lei.

– Se teve! Está associado à família Lucia. Pelo menos, a organização utiliza o estabelecimento para algumas das suas operações, como a receptação de bens roubados, jogo e coisas do gênero. Detivemos o homem, esperançosos de que denunciasse algumas das figuras graúdas, mas não falou nada.

– Parece-lhe possível que a mulher tenha sido assassinada devido à natureza das atividades dele?

– Não me surpreenderia muito. Podiam ter sido feitas ameaças não escutadas. No entanto, tratarei de aprofundar o assunto.

– Que história tão desagradável!

– Pode dizê-lo. A propósito de histórias desagradáveis, obteve algum resultado interessante no exame dos olhos do Frankie DePasquale? Podem ter sido atingidos por ácido?

– Ainda não conheço as conclusões dos testes. O doutor DeVries não se tem mostrado muito receptivo aos meus pedidos de urgência. Creio que ainda não examinou o espécime. No entanto, há uma boa notícia: um jovem assistente dele vai ajudar-me. Acho que começarei finalmente a obter material útil.

– Oxalá. – Lou fez uma pausa. – Palpita-me que está para acontecer algo de importante no mundo do crime, em Queens. A noite passada, houve quatro homicídios típicos de *gangsters* naquela área. Pessoas mortas a tiro em suas próprias casas. E, para culminar tudo isso, um amigo do Frankie e do Bruno foi liquidado cruelmente numa agência funerária no Parque Ozone. As tensões latentes aproximam-se do ponto de explosão final.

– Constou-me que houve alguns crimes em Queens – admitiu Laurie.

– Um casal foi assassinado na cama, durante o sono. As outras duas vítimas, um homem e uma mulher, também estavam a dormir. Até onde foi possível determinar, nenhuma dessas pessoas tinha qualquer ligação com o crime organizado.

– Não parece muito convencido disso.

– Não estou, de fato. A maneira como todos foram mortos é quase uma acusação. Tenho três equipes de detetives a trabalhar nos três casos, além do Departamento do Crime Organizado.

– Dá a impressão de que as famílias Vaccarro e Lucia se encaminham para um ajuste de contas final. Mas quer saber uma coisa? As querelas entre *gangsters* não me preocupam muito. Pelo menos, não tanto como as mortes das pessoas bem lançadas na vida, vitimadas por essa epidemia de overdoses de cocaína. Apareceram mais três, hoje, o que totaliza seis.

– Suponho que encaramos as coisas de ângulos diferentes, porque penso precisamente o contrário. Pela parte que me toca, não sinto compaixão especial por indivíduos endinheirados e privilegiados que se matam nas tentativas para “viajar”. Na verdade, são eles que criam a larga procura de drogas, responsável pelo seu tráfico crescente. Considero-os mais recrimináveis do que os camponeses famintos do Peru ou da Colômbia que cultivam a coca. Se os toxicômanos se auto-liquidam, tanto melhor. Com cada morte é menos uma fonte de procura.

– Não acredito que o esteja a ouvir corretamente! São elementos produtivos da sociedade que perdemos. Pessoas com as quais essa mesma sociedade gastou tempo e dinheiro na sua educação. E por que morrem? Porque um malvado qualquer adicionou uma substância contaminadora à droga ou lhe misturou algo de letal. Pôr termo a essas mortes desnecessárias é muito mais importante do que impedir dois bandos de *gangsters* de se matarem uns aos outros. Vendo bem as coisas, são eles que prestam um serviço à sociedade.

– Mas não morrem apenas *gangsters* nessas guerras. De resto, o crime organizado afeta as vidas de todos. Numa cidade como Nova Iorque, rodeia-nos a cada momento. Tomemos, por exemplo, o recolhimento do lixo...

– Quero lá saber do recolhimento do lixo! – bradou Laurie. – É o comentário mais estúpido que... – Interrompeu-se, corando, ao compreender que se deixara arrastar pelo entusiasmo com que defendia o seu ponto de vista. – Desculpe ter levantado a voz. Parecia zangada consigo, mas não estou. Sinto-me apenas frustrada. Não consigo que alguém partilhe da minha preocupação acerca dessas mortes por overdose de cocaína, apesar de estar convencida de que são evitáveis baixas futuras. No entanto, à velocidade com que progrido nas pesquisas, talvez se registrem mais quarenta óbitos antes de alguém decidir debruçar-se sobre o assunto.

– Também levantei a voz – reconheceu Lou. – Devo sentir-me igualmente frustrado. Preciso que surja um indício prometedor. Além disso, tenho o comissário a expelir o bafo autoritário na minha nuca. Há apenas um ano que fui promovido a tenente da Brigada de



Homicídios. Quero salvar vidas, mas não menos o emprego. Gosto da minha profissão. Não consigo imaginar-me a fazer outra coisa.

– Por falar da polícia... – observou ela, disposta a mudar de assunto. – Sofri um pequeno abalo, ontem à noite, que quero partilhar consigo. Gostava de ouvir a sua opinião.

Descreveu a experiência que tivera no apartamento de Stuart Morgan, esforçando-se por ser tão objetiva quanto possível, pois não houvera provas concretas. No entanto, à medida que o fazia, em particular ao referir o pormenor dos três dólares que restavam no cinto do dinheiro, convencia-se ainda mais de que os polícias uniformizados se tinham apoderado de outras coisas.

– É lamentável – proferiu Lou, com uma expressão de desdém.

Seguiu-se uma pausa, enquanto Laurie o olhava na expectativa.

– É tudo o que se lhe oferece comentar? – acabou por perguntar.

– Que mais posso dizer? Custa-me ouvir histórias dessas, mas acontecem. Não está ao meu alcance evitá-las.

– Pensei que me pediria os nomes dos guardas envolvidos, para repreendê-los e...

– E quê? Mandar despedi-los? Não posso fazer uma coisa dessas. Há que contar com alguns furtos ocasionais, sobretudo se nos lembrarmos do nível dos salários dos polícias típicos. Alguns dólares aqui e ali. É uma espécie de prêmio-incentivo. Não esqueçamos que o trabalho dos guardas tem tanto de frustrante como de perigoso. Por conseguinte, não considero isso surpreendente, embora não o aprove.

– As suas palavras tresandam a uma moralidade de conveniência. Quando se permite que “os bons” infrinjam a lei, onde iremos parar? E esse tipo de roubo não só é moralmente condenável, como também uma calamidade, do ponto de vista médico-legal. Esses guardas alteraram e destruíram elementos possivelmente importantes.

– É lamentável e errado, mas não me sinto tentado a denunciar esse tipo de comportamento ilícito num cenário de

overdose de drogas. Pensaria de outro modo caso se tratasse de um homicídio. E tenho a certeza de que eles também.

– Não consigo acreditar no seu duplo ponto de vista! Pela parte que lhe toca, qualquer toxicômano pode cair morto e, se os polícias roubam a vítima antes da chegada do patologista, tanto melhor.

– Lastimo desapontá-la, mas é exatamente o que penso. Pediu-me a opinião e revelei – a. Se pretende aprofundar o assunto, sugiro que telefone aos Assuntos Internos da Polícia e conte o que viu. Quanto a mim, prefiro concentrar-me nos “maus”.

– Mais uma vez tenho dificuldade em acreditar no que ouço. Estou abismada! Serei demasiado ingênuas?

– Apego-me ao quinto mandamento – disse ele, tentando incutir uma nota desanuviadora na atmosfera. – Mas vou apresentar-lhe uma proposta. Por que não discutimos o assunto mais demoradamente durante o jantar? Que diz a esta noite?

– Já tenho planos.

– Claro. Que tolíce a minha supor que estaria livre! Calculo que se trata do “Doutor Rosas”, mais uma vez. Mas não me diga. O que resta do meu ego não resistiria. Com a sua limusine e outros numerosos adereços, é natural que a leve a lugares onde eu nem teria dinheiro para deixar o chapéu no bengaleiro. Como lhe recomendei ontem, se o seu laboratório decidir efetuar algum dos testes suscetíveis de revelar alguma coisa de aproveitável, informe-me.

Com estas palavras, levantou-se e abandonou o gabinete. Foi com profundo alívio que Laurie o viu sair. Na verdade, quando se esforçava, ele sabia tornar-se particularmente irritante. Queria porventura que cancelasse todos os seus compromissos para acompanhá-lo?

Preparava-se para ligar aos Assuntos Internos, como Lou sugerira. Porém, antes que fizesse esta chamada ligou para Jordan.

– Espero que não telefone para cancelar o encontro desta noite!

– De modo algum. Era por causa da sua secretária, Marsha Schulman.

– A minha ex-secretária, quer você dizer. Como hoje também não apareceu, vou substituí-la e já tenho uma candidata.

– Morreu – informou Laurie, mais secamente do que tencionava.

– Não me diga! Tem certeza?

Explicou como procedera à identificação do cadáver sem cabeça, graças às radiografias e às duas intervenções cirúrgicas.

– Os nossos investigadores médicos procedem a diligências suplementares para tornarem a identificação ainda mais irrefutável – acrescentou – mas aquilo de que dispomos basta para não subsistir qualquer dúvida.

– Quem sabe se o bastardo do marido estará envolvido?

– Julgo que a polícia analisará a possibilidade. Enfim, achei que devia informá-lo.

– Que notícia horrível!

– Lamento.

– No entanto, reconheço que necessitava de saber. Bem, calculo que os nossos projetos para esta noite se mantêm...

– Com certeza.

Laurie desligou e em seguida marcou o número dos Assuntos Internos e descreveu os pormenores da sua história a uma secretária desinteressada, que prometeu transmiti-los ao chefe.

Pousou o telefone e conservou-se sentada para coordenar as idéias antes de regressar à sala das autópsias. Começava a sentir-se esmagada pela sucessão dos acontecimentos.

Afigurava-se que todos os aspectos da sua vida, profissional, pessoal, ética, escapavam ao seu domínio.

– Sou o tenente Lou Soldano – anunciou, mostrando as credenciais à recepcionista, de olhos vivos, atrás da secretária.

– Brigada de Homicídios?

– Exato. Gostava de falar com o doutor. Basta que me conceda meia dúzia de minutos.

– Queira aguardar na sala de espera, enquanto o previno da sua pretensão.

Lou sentou-se e folheou distraidamente uma edição recente de *The New Yorkers*. Em seguida, observou as gravuras na parede, em particular uma notoriamente pornográfica, e perguntou-se se alguém as escolhera ou fariam parte da decoração de origem. Em qualquer dos casos, admitiu para consigo que os gostos não se discutem.

Além das gravuras, estava igualmente impressionado com a sala. As paredes eram forradas de mogno e um tapete com, pelo menos, dois centímetros de espessura cobria o chão. No entanto, já sabia que o sofisticado médico auferia um rendimento avultado.

Observou os rostos dos pacientes que pagavam aquela opulência, além das rosas e outras pequenas coisas. Eram uma dezena, alguns com curativos e outros de aspecto totalmente saudável, entre os quais figurava uma mulher de meia-idade carregada de jóias. Lou tinha vontade de lhe perguntar o que fazia ali, só para ficar com uma idéia, mas não se atreveu.

O tempo escoava-se com lentidão, enquanto, um a um, os pacientes desapareciam nas profundezas do consultório. Ele tentava conter a impaciência, mas decorridos quarenta e cinco minutos começou a enervar-se e a suspeitar de que se tratava de pirraça propositada de Jordan Scheffield. Embora não tivesse marcado hora, Lou esperara ser recebido com relativa prontidão ou porventura marcar uma futura visita, em caso de necessidade. Com efeito, não era vulgar um tenente-detetive aparecer inesperadamente num consultório médico. De resto, não tencionava tomar-lhe muito tempo.

Havia um duplo motivo para se encontrar ali. Queria obter mais elementos sobre Marsha Schulman e trocar impressões a respeito de Paul Cerino. Tratava-se de uma espécie de diligência experimental: o médico talvez fornecesse pormenores novos. Lou resistia com dificuldade a admitir uma intenção em segundo plano. Já que viera, observaria com curiosidade o indivíduo que jantava todas as noites com a doutora Montgomery.

– Senhor Soldano – chamou finalmente a recepcionista. – O doutor Scheffield vai atendê-lo.

– Não era sem tempo – resmungou ele para consigo, levantando-se e pousando a revista.

Encaminhou-se para a porta que ela conservava aberta, enquanto percebia que não era a mesma pela qual os pacientes haviam entrado.

Depois de atravessar um pequeno corredor, foi introduzido num gabinete, e viu-se perante a cabeça louca de Jordan, que escrevia algo numa ficha médica.

– Sente-se – indicou, sem erguer os olhos.

Lou ponderou o que queria fazer. A idéia de ignorar aquilo que parecia mais uma ordem que um convite atraía-o, pelo que permaneceu de pé, enquanto os olhos esquadrihavam o que o rodeava. Ficou impressionado e não pôde deixar de comparar com a extrema modéstia do cubículo onde trabalhava. Voltou a concentrar-se no médico, mas só conseguiu determinar que se tratava de um indivíduo de aparência impecável. No anelar da mão direita usava um anel de ouro com sinete, provavelmente de algum estabelecimento de ensino sofisticado.

Por fim, Jordan acabou de escrever e organizou meticulosamente as folhas antes de fechar a pasta de cartolina e levantar a cabeça. Pareceu surpreendido por Lou se conservar de pé no meio do gabinete, com o chapéu na mão.

– Por favor. – Pôs-se igualmente de pé e apontou para uma das duas cadeiras diante da secretária. – Desculpe fazê-lo esperar, mas tenho estado esgotantemente ocupado. Intervenções cirúrgicas sucessivas. Em que lhe posso ser útil? Suponho que se trata do que aconteceu à minha secretária, Marsha Schulman. Uma situação trágica, na verdade. Espero que vocês indaguem a possibilidade de o rufião do marido estar envolvido.

Os olhos do detetive ergueram-se para o rosto do interlocutor. Consternava-o ver que era tão alto, o que o tornava comparativamente baixo, apesar do seu metro e oitenta.

– Que sabe acerca de Schulman? – perguntou, sentando-se finalmente, após convite mais cordial.

Jordan imitou-o e referiu tudo o que era do seu conhecimento sobre o marido de Marsha. Como Lou sabia consideravelmente mais

do que ele, entreteve-se a observar o “bondoso” doutor e detectou pequenas coisas, como o leve e porventura falso sotaque britânico. Ainda antes de acabar de falar de Danny Schulman, concluiu que se tratava de um indivíduo pretensioso, afetado e arrogante, e não compreendia o que uma moça terra-a-terra como Laurie via de especial nele. Por último, decidiu que era altura de mudar de assunto e perguntou:

– E quanto a Paul Cerino?

Jordan hesitou por um momento, surpreendido com a alusão ao cliente.

– Desculpe a curiosidade, mas que tem o senhor Cerino a ver com o outro caso?

– Agradecia que me revelasse tudo o que sabe sobre ele – redargüiu Lou, congratulando-se intimamente por vê-lo algo intrigado.

– É um paciente – lembrou o médico, secamente.

– Isso já eu sabia. Gostava que me explicasse como está a decorrer o tratamento.

– Não costumo discutir a situação da minha clientela – volveu em tom glacial.

– Não? – Lou arqueou as sobrancelhas. – Isso difere do que me constou. Com efeito, soube de fonte fidedigna que discutiu pormenorizadamente o caso de Paul Cerino. – Fez uma pausa, ao mesmo tempo em que o interlocutor comprimia os lábios. – Mas deixemos isso, para já. Interessa-me também saber se alguém do seu pessoal foi vítima de tentativa de extorsão.

– Nem por sombras! – Jordan soltou uma risada de nervosismo. – Por que pergunta?

– Quando uma pessoa se envolve com gente como o Cerino, ocorrências como a extorsão manifestam tendência para acontecer. Não teriam, por exemplo, ameaçado a sua secretária?

– De quê?

– Não sei. Que lhe parece?

– O senhor Cerino não pretenderia submeter-me a extorsão ou a qualquer dos meus empregados. Aliás, estou a cuidar dele; ajudá-lo a recuperar a vista normal. – Esses membros do crime organizado

não raciocinam como as pessoas vulgares. Consideram-se especiais e acima da lei; na verdade, acima de tudo. Se não obtêm exatamente o que pretendem, recorrem ao homicídio. Se o obtêm, mas decidem que a personagem em causa lhes embaraça os movimentos, liquidam-na igualmente.

– Bem, ele obtém o que pretende comigo.

– O senhor é que sabe. Procuo apenas explorar todas as possibilidades. Por enquanto, temos que lhe assassinar a secretária, e com particulares requintes de brutalidade. Quem o fez não desejava que a identificássemos imediatamente. Quero descobrir o porquê.

– Bem, a única coisa de que estou certo é que o desaparecimento e a morte de Marsha não têm nada de comum com o senhor Cerino. E agora, se me dá licença, preciso atender o resto dos pacientes que aguardam. Na eventualidade de lhe ocorrerem mais perguntas, agradeço que contate comigo através do meu advogado.

– Com certeza, doutor. Saio já. Permita-me, no entanto, uma palavra de advertência. No seu lugar, eu seria extremamente prudente no que se refere a Paul Cerino. A Máfia pode parecer excitante quando se vê atuar nos filmes, mas creio que o senhor adotaria uma posição diferente, se tivesse oportunidade de observar o aspecto de Marsha Schulman neste momento. E mais uma coisa: pense duas vezes antes de enviar a conta a Cerino. Obrigado pelo tempo concedido.

O detetive abandonou o consultório, algo embaraçado por ter vindo. Fora um encontro infrutuoso, que só servira para aborrecê-lo. Não suportava os janotas pretensiosos como Jordan Scheffield. Caso se envolvesse em apuros com Paul Cerino, seria por sua culpa exclusiva. Dominava-o uma arrogância tão ofuscante que não conseguia descortinar o perigo.

Meia hora mais tarde, chegava à Central da Polícia e deteve-se por uns instantes à entrada do seu gabinete para contemplar o cenário, diametralmente oposto ao ambiente sofisticado que imperava no consultório de Jordan. Nunca atribuíra importância especial ao local onde trabalhava, porém, nesse dia, parecia-lhe

opressivamente desolador. Reconhecia que se tratava de uma reação irracional, mas a simples recordação do impecável médico bastava para irritá-lo.

Naquele momento, Harvey Lawson, outro tenente-detetive da corporação, interrompeu-lhe as reflexões.

– Lembras-te daquela tipa da Patologia Legal de que falaste ontem?

– Lembro. Por quê?

– Acabo de saber que apresentou queixa nos Assuntos Internos contra dois guardas por roubo no apartamento de uma overdose. Quem diria, heim!?

Tony e Angelo encontravam-se de novo no carro deste último, estacionado do outro lado da rua do Pavilhão Greenblatt, do Hospital Geral de Manhattan. Tratava-se da área mais seleta do estabelecimento, cujos pacientes abastados e habituados a todos os confortos podiam escolher as refeições de cardápios especiais, que incluíam pequenos luxos como o vinho, desde que os respectivos médicos o permitissem.

Eram 14 e 28 e Tony e Angelo estavam exaustos. Com efeito, em vez de poderem ir dormir após a noite agitada, Paul Cerino explicara-lhes que traçara planos diferentes para os dois.

– A que horas disse o *Doc* Travino que devíamos levar isto a cabo? – perguntou Tony.

– Às três – informou Angelo. – Parece que é a altura do dia em que há mais confusão no hospital, com a rendição das enfermeiras.

– Se ele disse isso, deve ser verdade.

– Em todo o caso, não me agrada. Acho muito arriscado.

Observava as cercanias com uma expressão de cansaço. Havia muita atividade e numerosos polícias. Nos dez minutos decorridos desde que se encontravam ali, vira passar três carros-patrolhas.

– Encara-o como um desafio – sugeriu Tony. – E pensa no dinheiro que vamos receber.

– Prefiro trabalhar à noite. E, nesta altura da vida, dispenso os desafios. De resto, neste momento devia estar a dormir. Detesto trabalhar dominado pelo cansaço. Posso cometer algum erro.



– Anima-te, que isto até vai ser divertido!

– Tenho um mau pressentimento. Talvez fosse melhor deixá-lo para outra ocasião. Além disso, aguarda-nos mais uma noite cheia.

– Então, fica aqui à espera, que eu trato de tudo. Depois, divido o dinheiro contigo.

Angelo mordeu o lábio inferior. A idéia de deixar o rapaz entrar no hospital sozinho era tentadora, mas se algo corresse mal, Cerino ficaria furo. E mesmo nas melhores circunstâncias, se Tony atuasse sem apoio, subsistiam possibilidades de as coisas darem erradas. Chegou, pois, com relutância, à conclusão de que não se deparava qualquer alternativa.

– Obrigado pela oferta – replicou, voltando a esquadrinhar as imediações com a vista – mas acho que devemos atuar em conjunto.

– Em seguida, voltou-se para o companheiro e viu, horrorizado, que puxara da automática e inspecionava o carregador. – Com mil diabos! Guarda já isso! Imagina que alguém se lembra de olhar cá para dentro? Isto está infestado de *chuis*.

– Pronto, está bem! – exclamou Tony, obedecendo. – Nunca te vi tão mal humorado. Olhei em volta antes de sacar da arma. Julgas-me um cretino inexperiente? Não há ninguém perto do carro.

Angelo fechou os olhos e tentou acalmar-se. A dor de cabeça acentuava-se e tinha os nervos em frangalhos. Desagradava-lhe estar tão cansado.

– São quase três horas – advertiu Tony.

– Lembras-te de tudo o que faremos quando entrarmos no hospital?

– Perfeitamente. Não haverá qualquer problema.

– Muito bem. Vamos a isto.

Desceram do carro e Angelo olhou em volta mais uma vez. Satisfeito, precedeu o companheiro em direção ao movimentado átrio do Hospital Geral de Manhattan.

O primeiro ponto de escala era a loja de hospitalidade, onde ele comprou dois ramos de flores, um dos quais entregou a Tony, para em seguida se incorporarem na fila formada diante do balcão das informações.

– Mary O’Connor – declarou polidamente quando chegou a sua vez.

– Cinco zero sete – indicou a funcionária, depois de consultar a tela do computador.

Seguiram para os elevadores, diante dos quais aguardavam várias pessoas, sobretudo enfermeiras, e Tony inclinou-se para Angelo e murmurou:

– Até aqui, sem problemas.

O outro dirigiu-lhe um olhar incisivo, mas não replicou. O local não era o mais apropriado para reprimendas. No quarto andar, abandonaram a cabina juntamente com três enfermeiras.

Angelo aguardou que elas se afastassem, para ver o rumo que tomavam, e optou pelo sentido contrário. Verificou imediatamente que o quarto 507 se situava no lado oposto, mas aguardou que alcançassem o posto do pessoal para retroceder. Ele procedia como se estivesse plenamente seguro do que pretendia e passou diante do posto sem olhar para lá.

Não foi difícil localizar o 507, e abrandou o passo e espreitou. Depois de se certificar de que não havia qualquer médico ou enfermeira dentro, aproximou-se da cama e observou a mulher deitada, que fixava o olhar no televisor montado num braço mecânico aplicado à armação da cama. A paciente tinha uma das vistas coberta por um penso e o olho exposto desviou-se do aparelho para o recém-chegado.

– Boa tarde, senhora O’Connor – proferiu este último, com afabilidade. – Tem visitas. – E fez sinal a Tony para que entrasse.

– Quem é o senhor?

O interpelado acercou-se, sorridente, com o ramo de flores na sua frente. Por fim, ela olhou os dois homens e acabou também por sorrir.

– Devem ter se enganado no quarto. Talvez se trate de outra pessoa com o mesmo nome.

– Parece-lhe? – replicou Angelo. – Não é a senhora que tem operação marcada para esta tarde?

– Sou, mas não os conheço, pois não?

– Acho que não. – Assomou ao corredor e olhou nos dois sentidos. O posto do pessoal continuava a ser um foco de atividade, mas ninguém se aproximava do quarto.

– Creio que são horas do tratamento da senhora O’Connor. O sorriso de Tony alargou-se, enquanto pousava as flores na mesa-de-cabeceira.

– Qual tratamento? – quis saber ela.

– Terapia de relaxamento – explicou Tony. – Deixe-me tirar a almofada.

– Foi o doutor Scheffield que o prescreveu?

Embora desconfiada, a senhora O’Connor não resistiu quando ele lhe retirou a almofada de baixo da cabeça. Não estava acostumada a procurar motivos para os atos dos seus médicos.

– Não exatamente – admitiu Tony.

A revelação acentuou as suspeitas da paciente, que começou a dizer:

– Quero falar com a enfermeira Lang...

Não teve possibilidades de completar a frase, porque Tony abafou o resto com a almofada e sentou-se em cima do peito dela.

Seguiram-se alguns sons abafados, todavia não se debateu por muito tempo. Agitou as pernas várias vezes, mas os movimentos pareciam menos defensivos do que uma reação incontrolável ao fato de estar impossibilitada de respirar.

Angelo conservava-se à entrada, o olhar cravado no posto do pessoal, porém as enfermeiras pareciam imersas em animada conversa. Em dado momento, volveu os olhos para o outro lado do corredor e estremeceu ao avistar uma mulher de meia-idade que impelia um carrinho cheio de jarros com água em direção ao quarto 507, do qual distava apenas uns cinco metros.

Angelo retrocedeu para dentro e fechou a porta. Tony ainda não completara o “tratamento” e continuava sentado em cima da senhora O’Connor.

– Vem aí alguém! – advertiu-o a meia voz, puxando da automática e aplicando o silenciador.

Tony permaneceu sentado e no instante imediato soou uma pancada na porta.

Angelo encaminhou-se para a casa de banho contígua e indicou ao outro que o imitasse. A almofada deslizou para o lado e expôs o rosto violáceo da paciente, com o olho sem vida voltado para o teto. Eles desapareceram finalmente na casa de banho, cuja porta deixaram entreaberta escassos milímetros.

Angelo empunhava a arma com firmeza. Embora a idéia de utilizá-la lhe desagradasse, receava não ter qualquer alternativa. Através da fresta da porta, viu a mulher entrar com o carrinho, pegar num jarro de água e pousá-lo na mesa-de-cabeceira em substituição do que lá se encontrava. Ele continha a respiração, disposto a aguardar que ela percebesse o estado da senhora O'Connor antes de entrar em ação. No entanto, ante a sua profunda admiração, a empregada abandonou o quarto sem uma simples olhadela à paciente.

Depois de deixar transcorrer mais de um minuto, ordenou a Tony que espreitasse. Este último abriu a porta o suficiente para poder introduzir a cabeça e anunciou:

– Já saiu.

– Então, ponhamo-nos também a andar.

Quando abandonavam a casa de banho, Tony fez uma pausa junto da cama.

– Estará mesmo morta?

– Duvido que uma pessoa possa ficar tão azulada e continuar com vida – retrucou Angelo. – Pega nas flores e vamos embora. Quero estar longe quando a descobrirem.

Regressaram ao carro sem qualquer incidente, enquanto ele se congratulava por ter entrado. De contrário, o seu entusiasta companheiro teria deixado um rasto de cadáveres.

Quando ligava o motor, Tony confidenciou:

– A asfixia também não é má, embora eu prefira a pistola, um método mais seguro, rápido e satisfatório.

Lou puxou de um cigarro do maço e acendeu-o. Não lhe apetecia particularmente fumar, apenas interessado em matar o tempo. A reunião devia ter principiado meia hora antes, mas ainda estavam a entrar agentes. O tema consistia nas três execuções estilo *gangster* perpetradas de um dia para o outro. Ele esperara que a

gravidade dos casos inspirasse uma sensação de urgência no departamento, mas ainda faltavam três detetives.

– Que se lixem! – acabou por decidir.

Fez sinal a Norman Carver, um sargento-detetive, para que iniciasse os trabalhos. Estava nominalmente encarregado de coordenar as investigações, embora, na realidade, as três unidades que se ocupavam dos casos atuassem independentemente.

– Receio que não disponhamos de grande coisa – começou. – O único elo comum que estabelecemos entre os três casos, além do método do crime, é que cada uma das vítimas estava envolvida no negócio de restaurantes, de uma maneira ou de outra, como proprietário, sócio ou fornecedor.

– De fato, não é grande coisa – comentou Lou. – Recapitulemos cada caso.

– O primeiro diz respeito aos Goldburg, em Kew Gardens – continuou Norman. – Harry e Martha Goldburg foram assassinados enquanto dormiam. O relatório preliminar sugere o emprego de duas armas de fogo.

– Ocupação do Harry?

– Possuía um restaurante muito concorrido aqui, em Manhattan, chamado La Dolce Vita, no East Side, cinquenta e quatro. Havia um sócio, Anthony DeBartollo. Até agora, não descobrimos qualquer problema, financeiro ou pessoal, relacionado com a sociedade.

– A seguir?

– Steven Vivonetto, de Forest Hills, dono de uma rede de lojas de refeições rápidas na comarca de Nassau, chamada Pasta Pronto. Também não se nos depararam problemas financeiros, mas ainda não aprofundamos o assunto.

– E, finalmente?...

– Janice Singleton, também de Forest Hills, casada com Chester Singleton, fornecedor de restaurantes, absorvido recentemente pela rede Vivonetto. Tampouco existem problemas financeiros. Pelo contrário, os negócios prosperaram desde que passou a abastecer a Pasta Pronto.

– Quem a abastecia antes dele?

- Ainda não sabemos.
- Acho que devemos indagar. Os Singleton e os Vivonetto conheciam-se pessoalmente?
- Também ainda não o averiguamos.
- E quanto a associações com o crime organizado? – perguntou Lou.
- A forma como foram assassinados parece apontar nesse sentido.
- Foi o que pensamos no princípio. – Norman olhou em volta para os outros cinco homens, que assentiram com movimentos de cabeça. – Mas não apuramos praticamente nada. Dois dos restaurantes que o Singleton abastecia têm contatos ocasionais com essa gente, embora não seja nada de espetacular.
- Tem de haver algum fator comum aos três.
- Concordo. As balas que a Patologia Legal nos enviou, extraídas dos corpos, sugerem que Harry Goldberg, Steven Vivonetto e Janice Singleton foram mortos com a mesma arma, e Martha Goldberg com outra. Mas trata-se apenas de uma análise preliminar. Veremos o que a Balística nos revela. No entanto, os projéteis são todos do mesmo calibre, pelo que suspeitamos de que por detrás dos três homicídios estão as mesmas pessoas.
- E quanto a roubo?
- Familiares dos Goldberg dizem que o Harry possuía um Rolex de ouro, mas não o encontramos. Também não conseguimos localizar a carteira. Em todo o caso, nos outros cenários do crime, não parece faltar nada.
- Tudo indica, portanto, que a resposta deve situar-se ao nível dos restaurantes. Obtenham elementos pormenorizados sobre todas as operações. Indaguem igualmente se as vítimas eram sujeitas a extorsão ou outras ameaças. E consigam-no o mais depressa possível, porque o comissário não me larga a braguilha.
- Temos pessoal em campo durante as vinte e quatro horas do dia – asseverou Norman.
- Muito bem.
- Está aqui o sumário do que acabo de lhe revelar. – Entregou uma folha de papel a Lou.

Este leu as informações rapidamente, enquanto chupava o cigarro pensativamente. Algo de grande e grave estava a desenrolar-se em Queens. Não subsistia a menor dúvida. Ao mesmo tempo, perguntava-se se aqueles homicídios teriam alguma relação com Paul Cerino, embora se lhe afigurasse pouco provável. De súbito, recordou-se de Marsha Schulman e ponderou se alguma das vítimas teria conhecido o marido, Danny. Era uma hipótese remota, mas existia uma possibilidade de ele ser o elo comum.

## 8

### **QUINTA-FEIRA, 15 horas, MANHATTAN**

Depois de encher um copo de cartolina com um café de sabor inclassificável, no Departamento de Identificação, Laurie entrou na sala, onde se realizava a habitual reunião das quintas-feiras, adjacente ao gabinete de Bingham. Era a única oportunidade que todos os patologistas da cidade tinham de se juntar e trocar impressões sobre os seus casos e problemas de diagnóstico. Embora a sede da Patologia Legal se ocupasse das mortes ocorridas no Bronx e Manhattan, os bairros de Queens, Brooklyn e Staten Island dispunham das suas próprias instalações. O comparecimento à reunião não constituía uma opção. Pelo que dizia respeito a Bingham, tratava-se de uma obrigação.

Como sempre, Laurie sentou-se nas proximidades da porta. Quando as discussões se tornavam demasiado administrativas ou políticas para o seu gosto, podia retirar-se sem dar na vista.

A parte mais interessante daquelas reuniões semanais costumava ocorrer antes da ordem do dia. Era durante as conversas informais preliminares que ela conseguia recolher fragmentos úteis sobre os casos mais complexos. Nesse aspecto, a presente reunião não se revelou diferente.

– Eu a julgar que já tinha visto tudo...

Estas palavras foram proferidas por Dick Katzenburg a Paul Plodgett e Kevin Southgate. Tratava-se de um patologista do departamento de Queens, e Laurie apurou imediatamente os ouvidos.

– Foi o homicídio mais tétrico que jamais se me deparou – prosseguiu ele. – E Deus é testemunha de que vi alguns bem singulares.

– Vais elucidar-nos ou temos de te pedir de joelhos? – perguntou Kevin.

– Era um tipo jovem – explicou Dick. – Liquidaram-no numa agência funerária com o aspirador utilizado para embalsamar.



– Queres dizer que foi aspirado até morrer? – comentou o outro, pouco impressionado.

– Não! Aplicaram-lhe o *trocarte*. O aspirador estava ligado. Foi mais ou menos como se o embalsamassem vivo.

– Nossa!... – articulou Paul, visivelmente abalado. É de fato tético. Lembra-me o caso...

– Doutora Montgomery!

Laurie voltou-se e viu o doutor Bingham na sua frente.

– Receio ver-me obrigado a discutir mais uma coisa consigo – acrescentou o chefe. – Fui procurado pelo doutor DeVries, que se queixou de que você não pára de incomodá-lo por causa de determinados testes. Eu sei que anseia por conhecer os resultados, mas não é a única pessoa na fila de espera. Ele está sobrecarregado de trabalho. Por conseguinte, vai ter de aguardar a sua vez e abster-se de voltar a causticá-lo com a sua presença. Fui suficientemente claro?

Ela sentia-se tentada a comentar que DeVries tinha uma maneira inadmissível de angariar fundos para o seu departamento, mas Bingham voltara-lhe as costas e afastava-se, para dar início à sessão.

Os trabalhos principiaram, como habitualmente, com a enumeração dos dados estatísticos da semana passada, após o que procedeu a uma breve exposição do andamento do homicídio no Central Park, que tanta popularidade adquirira entre os repórteres, e recomendou que não lhes fossem fornecidas opiniões pessoais sobre o assunto.

Laurie tinha a certeza de que as últimas palavras se destinavam especialmente a ela. Com efeito, quem mais, de entre o corpo médico da casa, fizera confidências a um profissional da imprensa?

Em seguida, Calvin Washington falou de assuntos administrativos, em particular da forma como as modestas contribuições do município afetavam as operações. Quase todas as semanas, um serviço ou fonte de abastecimento era reduzido ou eliminado.

Quando terminou, cada representante dos outros departamentos forneceu um resumo da sua atividade e necessidades. Alguns dos presentes começaram a bocejar, enquanto outros cabeceavam irresistivelmente.

Por último, passou-se à discussão generalizada, e Dick Katzenburg descreveu alguns casos, entre os quais o respeitante à agência funerária de Queens.

Quando ele chegou ao fim, Laurie aclarou a voz e principiou a dirigir-se ao grupo. Expôs os seus seis casos de overdose o mais sucintamente possível, tendo o cuidado de salientar os pormenores que os distinguiam dos outros. Classificou as vítimas como sendo *yuppies* solteiros, cujo consumo de droga surpreendera os amigos e a própria família.

– A minha preocupação consiste em que estejamos a assistir ao início de uma série de mortes por overdose fora do comum – acrescentou, evitando olhar para Bingham. – Suspeito da presença de uma substância contaminadora na droga, embora ainda não fosse detectada nenhuma. Queria pedir a quem encontrasse uma situação similar que me transmitisse.

– Apareceram-me quatro casos desses nas últimas semanas – declarou Dick, quando ela acabou de falar. Como nos surgem tantos exemplos de overdose/toxicidade, não prestei atenção à sua repetitividade. Com efeito, duas das vítimas eram profissionais e três consumiam a cocaína por via intravenosa, enquanto a quarta o fazia oralmente.

– Oralmente? – ecoou alguém, com admiração. – É muito pouco vulgar.

– Nunca fico surpreendido com os drogados – replicou Dick. – Um dos casos que me coube foi encontrado dentro da geladeira do seu domicílio. Aparentemente, a temperatura do corpo ter-se-á elevado a tal ponto que procurou esse meio para baixá-la.

– Um dos meus também se meteu na geladeira – interpôs Laurie.

– E um dos meus – acudiu Jim Bennect, chefe do departamento de Brooklyn. – Agora me lembro de que outro se precipitou para a rua, completamente despido antes do ataque

fulminante e fatal. Tinha tomado a droga por via oral, mas só depois de tentar fazê-lo por IV.

– E a respeito das suas ocupações? – inquiriu ela.

– O que fugiu para a rua era um advogado próspero e as famílias de ambos juram a pés juntos que eles não se drogavam.

Voltou-se para Margaret Hauptman, responsável pelo departamento de Staten Island, e perguntou:

– Tiveste algum caso similar?

Todavia, a interpelada abanou a cabeça.

Pedi a Dick e Jim que Lhe enviassem por fax os elementos referentes aos casos que haviam mencionado, e eles acederam com prontidão, após o que o primeiro informou:

– Esquecia-me de mencionar um pormenor. Em três dos casos, fui pressionado pelas famílias envolvidas para considerar as mortes devidas a causas naturais.

– Esse é um ponto que quero frisar. – Bingham intervinha pela primeira vez desde o início da troca de impressões. – Com mortes resultantes de overdoses tão fulminantes, é natural que as famílias envolvidas pretendam o máximo sigilo, e penso que devemos colaborar nesse sentido.

– Não sei como explicar o aspecto da geladeira, embora me faça debruçar de novo sobre a idéia da substância contaminadora – persistiu Laurie. – Talvez exista na cocaína algum produto químico possuidor de um efeito sinérgico para causar hiperpirexia. De qualquer modo, preocupa-me o fato de todas essas mortes se deverem à mesma fonte da droga. Agora que dispomos de todos esses casos, poderemos porventura prová-lo comparando as suas percentagens de hidrolisatos. É claro que, para tal, precisaremos da colaboração do laboratório.

Olhou Bingham com ansiedade, para verificar se a expressão se lhe alterava ante a alusão ao laboratório, mas ele permaneceu impassível.

– Não creio que a substância contaminadora se ache forçosamente presente – opinou Dick. – A cocaína, só por si, pode provocar todas essas mortes. Nos quatro casos que se me depararam, o nível do soro era elevado. Muito mesmo. Eles tomaram

doses enormes. Talvez se tratasse de cocaína pura, sem qualquer aditivo. Todos nós assistimos a mortes similares com a heroína.

– Continuo na minha da substância contaminadora – insistiu ela. – Dada a inteligência geral desse grupo de vítimas, custa-me aceitar que cometessem semelhante imprudência se fosse droga pura.

– Talvez tenhas razão – concedeu ele, com um encolher de ombros. – Recomendo apenas que não tracemos conclusões precipitadas.

Quando abandonou a sala de reuniões, Laurie experimentava um misto estranho e perturbador de excitação, frustração e ansiedade renovadas. Em poucas horas, a sua “série” passara de seis casos para o dobro, o que se lhe afigurava horrível.

Agora, ainda mais do que anteriormente, considerava que o público tinha de ser informado, em particular aquele grupo de *yuppies* típicos. O problema consistia em como fazê-lo. Embora não se atrevesse a recorrer de novo a Bingham, reconhecia que não podia permanecer alheia à situação.

De repente, pensou em Lou. A polícia dispunha de toda uma divisão dedicada à droga e ao vício. Era possível que possuísse um meio de fazer constar que determinada droga era particularmente perigosa. Assim, com resolução crescente, entrou no seu gabinete e marcou o número do tenente-detetive, experimentando um profundo alívio quando lhe ouviu a voz.

– Não imagina como me alegra tê-lo apanhado aí – confessou, com um suspiro de alívio.

– Sim? – replicou ele, sem entusiasmo.

– Preciso vê-lo para conversarmos.

– Sim? – volveu no mesmo tom.

– Promete esperar por mim?

– Com certeza. Pode vir.

Laurie cortou a ligação, pegou a pasta, abriu-a, guardou alguns relatórios incompletos, vestiu o casaco e quase correu em direção ao elevador.

Chuviscava quando imergiu na Primeira Avenida, o que quase a fez desesperar de encontrar um táxi livre, mas quis a sua boa

estrela que um se detivesse a menos de três metros, para largar um passageiro. Ela subiu antes que o homem tivesse tempo de fechar a porta.

Como nunca visitara a Central da Polícia de Nova Iorque, verificou com admiração que se tratava de uma estrutura de tijolo vermelho, relativamente moderna. Uma vez na recepção, teve de declinar a identidade e aguardar que um membro da segurança ligasse a Lou, a fim de se certificar de que a esperava. A seguir, revistaram-lhe a pasta e, munida de um passe de visitante e instruções sobre o rumo, localizou o gabinete do detetive, o qual, à semelhança de todo o edifício, tresandava a fumo de cigarro.

– Quer despir o casaco? – perguntou ele, que se apressou a fechar a porta, ao ver que Harvey Lawson lhe dirigia um olhar malicioso. – Pelo telefone, parecia excitada – observou, contornando a secretária e sentando-se, depois de indicar uma cadeira a Laurie.

– Preciso da sua ajuda – declarou ela, entrelaçando os dedos com nervosismo sobre o regaço.

– Sim? Estava esperançoso de que a excitação se relacionasse com a possibilidade de jantarmos juntos hoje – redargüiu Lou, não sem uma ponta de sarcasmo, destinado sobretudo a encobrir o desapontamento.

– A minha “série” duplicou. De seis, os casos passaram para doze.

– Muito interessante – comentou ele secamente.

– Supus que talvez soubesse de uma maneira para prevenir o público. Receio que se siga uma autêntica avalanche, a menos que se faça alguma coisa, e sem demora.

– Que pretende de mim? Sugere que mande publicar um anúncio no Wall Street Journal mais ou menos nos seguintes termos: “Atenção, *yuppies*! Digam não à droga!”?

– Falo sério, Lou. Creia que estou muito preocupada com a situação. – Laurie fez uma pausa, enquanto ele suspirava e acendia um cigarro. – Tem mesmo de fumar? Só estarei aqui por breves minutos.

– Encontro-me no meu gabinete, com a breca!

– Então, tente soprar o fumo para o outro lado, por favor.

– Vou repetir a pergunta. Que pretende de mim? Deve ter alguma sugestão em mente, para se deslocar aqui.

– Não, nada de específico. Supus apenas que a Brigada de Narcóticos tivesse alguma maneira especial de informar a Imprensa, em casos desta natureza.

– Por que não o faz o Departamento de Patologia? A polícia criou-se para deter as pessoas com droga em seu poder e não para ajudá-las.

– O meu chefe recusa-se a assumir uma posição pública. Estou certa de que acabará por mudar de atitude, mas, enquanto isso perdem-se mais vidas.

– E os outros patologistas? – Lou chupou o cigarro e expeliu o fumo por cima do ombro. – Estão tão convencidos como você da *razia* organizada de *yuppies*?

– Não mandei proceder a uma sondagem da sua opinião.

– Quem sabe se a sua sensibilidade acerca do assunto se deve às circunstâncias da morte do seu irmão?

– Não vim para assistir à sua representação de psicólogo amador – retorquiu ela, começando a impacientar-se – mas já que falou nisso, sim, sou sensível ao assunto, porque sei o que representa perder um ente amado vitimado pela droga. No entanto, esse tipo de empatia constitui um impulso adicional ao meu empenho em esclarecer a situação. Se mais alguns polícias enfatiados como você tivessem um pouco mais de empatia, nós, funcionários públicos, talvez nos pudéssemos concentrar na salvação de vidas, em lugar de revistarmos os bolsos de cadáveres.

– Francamente, doutora Montgomery, eu adorava dedicar-me à atividade da salvação de vidas – tornou o detetive, esforçando-se por conservar a serenidade. – Na verdade, já me considero envolvido nela. Mas, a menos que me apresente elementos mais concretos do que essa sua teoria da substância contaminadora, a Brigada de Narcóticos limitar-se-á a encarar as minhas diligências com indiferença.

– Não pode mesmo fazer nada?

– Eu, um tenente-detetive da Brigada de Homicídios? – Abanou a cabeça com veemência e pesar. – Porque não se dirige aos

repórteres?

– Impossível. Se o fizesse sem o conhecimento prévio do doutor Bingham, ficava desempregada. Não tenho a mínima dúvida a esse respeito. Aliás, já houve uma escaramuça nesse sentido. E você?

– Eu, um tenente-detetive preocupado com overdoses de drogas? Exigiriam nomes e respectiva proveniência, e ver-me-ia obrigado a revelá-lo. Além disso, os meus superiores estranhariam que perdesse tempo com drogados em vez de solucionar o mistério dos homicídios em série no mundo dos *gangsters*. E se me dirigisse aos repórteres, provavelmente seria igualmente despedido.

– Não quer ao menos avistar-se com alguém da Brigada de Narcóticos?

– Tenho uma idéia melhor. E o seu amigo médico? É natural que um profissional se interesse por esse tipo de problemas. De resto, deve ser uma pessoa influente, a avaliar pela limusine e consultório elegante.

– O Jordan não é um meu amigo. Apenas conhecido. E como se inteirou do aspecto do consultório?

– Visitei-o, esta tarde.

– Para quê?

– Interessa-lhe a verdade ou o que eu disse para comigo?

– As duas coisas.

– Queria interrogá-lo sobre um doente, Paul Cerino, assim como a sua secretária, agora que se tornou vítima de homicídio. No entanto, também estava interessado em conhecê-lo pessoalmente. E se quer saber a minha opinião, não passa de um *cabotino*.

– Dispensó-a.

– Só não percebo o seu interesse por um cretino tão pretensioso, arrogante e ostentoso. Na verdade, eu nunca tinha visto um consultório assim. E quanto à limusine... por amor de Deus! O tipo deve roubar os pacientes até a medula. O que a atrai nele: o dinheiro?

– Não! – vociferou Laurie, indignada. – E já que falou de dinheiro, telefonei ao Departamento de Assuntos Internos...

– Fui informado – cortou Lou. – Espero que passe a dormir mais descansada, agora que provavelmente deixou um guarda sem trabalho, quando se esforçava para mandar os filhos para a universidade. As minhas felicitações pela rigorosa moralidade. – Apagou o cigarro no cinzeiro e levantou-se. – E agora, se me permite, tenho de seguir para Forest Hills, a fim de tentar esclarecer um crime.

– Está, pois, decidido a não contatar com a Brigada de Narcóticos? – insistiu ela mais uma vez.

– Acho que sim. Prefiro que vocês, ricos, resolvam os vossos próprios problemas.

– Muito agradecida, tenente – articulou em tom glacial, pondo-se igualmente de pé, para pegar no casaco e na pasta e abandonar o gabinete. Na recepção, atirou o passe de visitante para cima da secretária da segurança e transpôs a saída.

Foi fácil encontrar um táxi livre, pois a maioria provinha da Ponte de Brooklyn, e chegou em casa sem demora, salvo um pequeno pedaço mais moroso na Primeira Avenida. Quando emergiu do elevador no andar do seu apartamento, dirigiu uma mirada acerada a Debra Engler, no habitual posto de observação, e introduziu a chave na fechadura.

– E cheguei a achá-lo simpático! – proferiu em voz alta, enquanto se despia na casa de banho.

Decididamente, a visita ao gabinete de Lou Soldano constituíra uma experiência degradante.

Minutos mais tarde, envolta no roupão de veludo frisado, branco, ligou o gravador de chamadas para escutar as que havia recebido na sua ausência, enquanto Tom, faminto, se lhe roçava nas pernas e ronronava. Um dos telefonemas era da mãe e o outro de Jordan, e ambos pediam que ligasse para lá quando chegasse em casa. Ele deixara um número diferente daquele do seu apartamento, com a indicação de uma extensão.

Quando Laurie o marcou, obteve a informação de que o oftalmologista se encontrava na sala de operações, mas não tardaria a atender.



– Desculpe – foi a primeira coisa que ele disse, pouco depois.  
– Ainda não terminei, mas recomendei que me prevenissem quando você ligasse.

– Está a meio de uma intervenção? – perguntou Laurie, incrédula.

– Não tem importância. Posso ausentar-me por uns minutos. Era para lhe perguntar se o nosso jantar pode ficar para um pouco mais tarde. Não queria voltar a fazê-la esperar, mas tenho ainda outra operação.

– Talvez fosse melhor deixá-lo para outro dia.

– Não, por favor! Foi um dia infernal e anseio por tornar a vê-la. Lembre-se de que a nossa noite de ontem não foi completa. A seu pedido.

– Não estará cansado? Em especial se ainda o aguarda outra intervenção.

Na realidade, ela própria sentia-se esgotada, e a idéia de ir diretamente para a cama atraía-a particularmente.

– Até lá, criarei um segundo alento. E despedir-nos-emos cedo.

– A que horas conta estar despachado?

– Por volta das nove. Mandarei o Thomas buscá-la.

Assentiu com relutância e a seguir ligou à residência de Calvin Washington.

– Que se passa, Montgomery? – inquiriu ele quando a esposa o foi chamar.

– Desculpe incomodá-lo em casa, mas agora que existem doze casos na minha série, gostava de ficar com outros que possam aparecer amanhã.

– Amanhã não está escalada para autopsiar. É o seu dia de expediente.

– Eu sei, e foi por isso que telefonei. Como não estou de serviço este fim-de-semana, porei então a papelada em dia.

– Acho que devia dominar os ímpetos, Montgomery. Está a envolver-se emocionalmente em tudo isto, o que a pode fazer perder a objetividade. Lamento, mas amanhã é dia de expediente para si,

independentemente do que nos entrar pela porta com os pés para a frente.

Laurie pousou o telefone, consideravelmente deprimida. Ao mesmo tempo, reconhecia que havia uma certa margem de verdade no que ele dissera. Estava, de fato, a envolver-se emocionalmente.

Conservou-se sentada diante do telefone por um momento, enquanto ponderava se devia telefonar à mãe. Nada lhe apetecia menos do que sujeitar-se a um interrogatório cerrado sobre as suas relações com Jordan Scheffield. De qualquer modo, ainda não decidira totalmente o que pensava dele. Por fim, resolveu protelar o telefonema para melhor oportunidade.

Enquanto conduzia o carro através do Túnel Midtown e abandonava a via rápida de Long Island, Lou perguntava-se porque persistia em bater com a cabeça numa parede de tijolos. Não havia a mínima possibilidade de uma pessoa como Laurie Montgomery considerar um homem como ele algo de diferente de um funcionário público. Porque se empenhava em alimentar uma ilusão em que ela acabaria por dizer "*Oh, Lou, sempre desejei conhecer um tenente-detetive que freqüentou uma universidade comunitária!*"? Desferiu uma palmada de frustração no volante. Quando lhe telefonara e insistira em procurá-lo, supusera que a animavam motivos de natureza pessoal e não para divulgar ao público um surto epidêmico de *yuppies* vitimados por overdoses de cocaína.

Enveredou pelo Bulevar Loodhaven, rumo a Forest Hills, pois decidira ausentar-se do ambiente cada vez mais opressivo da Central para visitar as esposas sobreviventes. De resto, era preferível, a regressar ao seu modesto apartamento na Rua Príncipe, no SoHo, e entreter-se com o programa da televisão.

Quando travou à entrada da residência dos Vivonetto, não pôde deixar de entreabrir a boca de assombro. Com efeito, a casa era uma autêntica mansão de colunas brancas. Ato contínuo acenderam-se luzes na cabeça. Aquele tipo de opulência sugeria dinheiro limpo. E ele tinha grande dificuldade em acreditar que um simples proprietário de estabelecimentos de venda de refeições

rápidas pudesse possuir recursos materiais tão avultados, a menos que existissem ligações com o crime organizado.

Lou telefonara previamente, pelo que a senhora Vivonetto o esperava. Quando tocou a campainha, surgiu uma mulher com uma tonelada de maquiagem, que usava um vestido de algodão branco largamente decotado e escassas indicações de que enviudara pouco antes.

– Suponho que é o tenente Soldano – articulou com amabilidade. – Sou Gloria Vivonetto. Entre. Posso oferecer-lhe uma bebida?

Ele explicou que se contentava com água e acrescentou, à guisa de desculpa:

– Venho em serviço.

Ela serviu-lhe um copo de água gelada do bar da sala e preparou um *gimíletl* para si.

– Lamento o sucedido ao seu marido – volveu Lou, recorrendo à sua introdução habitual em semelhantes situações.

– Eu fartava-me de lhe dizer que não ficasse a ver televisão até às tantas. Agora, deixou-se matar. Não percebo nada do negócio, para dirigi-lo, e tenho a certeza de que me vão roubar muito.

– Sabe de alguém que o desejasse morto? – Era a primeira pergunta do protocolo-padrão.

– Já respondi a tudo isso aos outros detetives. Temos de revolver o assunto mais uma vez?

– É possível que não. Vou lhe ser franco, senhora Vivonetto. A forma como mataram o seu marido sugere envolvimento no crime organizado. Compreende o que estou a dizer?

– Refere-se à Máfia?

– Bem, o crime organizado não engloba apenas a Máfia. No entanto, é essa a idéia geral. Ocorre-lhe algum motivo pelo qual essa organização o quisesse ver morto?

– Ora! – Gloria soltou uma risada. – Ele nunca se envolveu em nada de tão pitoresco como a Máfia.

– E no campo dos negócios? A Pasta Pronto tinha alguma ligação, ainda que remota, com o crime organizado?

– Não.

– Tem certeza?

– Bem, eu não iria a esse ponto. Aliás, não estava ao corrente dos meandros das atividades comerciais do meu marido. Em todo o caso, duvido que tivesse algo a ver com a Máfia. Por outro lado, não era um homem saudável e pouco mais tempo permaneceria entre nós. Se alguém o quisesse ver morto, para usar a sua expressão, decerto esperaria que expirasse naturalmente.

– De que sofria?

– Pergunte antes do que não sofria. Estava tudo a desconjuntar-se. Tinha problemas cardíacos e fora submetido a duas operações delicadas, os rins não funcionavam bem, havia necessidade de lhe extrair a vesícula, mas os médicos não se atreviam, com receio de que o coração não resistisse; ia sujeitar-se em breve a uma intervenção cirúrgica na vista e a próstata achava-se em estado lastimoso.

– Lamento – voltou a dizer Lou, para não estar calado. – Imagino que tinha muitas dores.

Ela encolheu os ombros.

– Nunca cuidou de si. Tinha excesso de peso, bebia às toneladas e fumava como uma chaminé. Os médicos garantiram-me que não duraria um ano, a menos que mudasse de hábitos, coisa que ele não estava disposto a fazer.

O detetive chegou à conclusão de que nada mais poderia saber da não muito inconsolável viúva.

– Agradeço o tempo que me concedeu – declarou, levantando-se.

– Se lhe ocorrer mais alguma coisa que lhe pareça importante, ligue para este número, por favor – acrescentou, entregando-lhe um cartão de visita.

A seguir, dirigiu-se à residência dos Singleton, uma construção simples de dois pisos, com um flamingo de pedra implantado no meio do relvado que precedia a entrada.

Foi o próprio Chester Singleton que abriu a porta. Um homem corpulento, de meia-idade e pouco cabelo. Os olhos apresentavam-

se avermelhados e congestionados. No instante em que o viu, Lou compreendeu que se achava perante o pesar sincero.

– Detetive Soldano?

Este assentiu com uma inclinação de cabeça e foi convidado a entrar.

O mobiliário era simples, mas sólido, e dezenas de fotografias emolduradas alinhavam-se nas paredes, na sua maioria em preto e branco.

– Lamento o sucedido à sua esposa. – Lou fez uma pausa, enquanto Chester inclinava a cabeça, enchia os pulmões de ar e mordida o lábio inferior. – Sei que já estiveram aqui colegas meus. – Decidiu entrar diretamente no assunto. – Para evitar rodeios e preâmbulos inúteis, gostava que me explicasse a razão pela qual um pistoleiro profissional assassinou a sua esposa.

– Não faço a menor idéia – articulou o interpelado, em voz trêmula de emoção.

– O seu serviço de abastecimento de restaurantes contata com estabelecimentos relacionados com o crime organizado. Algum deles lhe apresentou reclamações de qualquer natureza?

– Não. E não sei absolutamente nada sobre o crime organizado a que se refere. É certo que me chegaram aos ouvidos certos rumores sobre o assunto, mas nunca contatei com ninguém a quem se pudesse atribuir a classificação de *gangster*.

– E sobre a Pasta Pronto? Constou-me que negociava com essa firma, desde há pouco tempo.

– É verdade que temos relações de negócios, mas nada de definitivo, por enquanto. Espero, porém, passar a uma fase mais firme.

– Conhecia Steven Vivonetto?

– Mal. Era um homem abastado.

– Sabia que também o assassinaram, a noite passada?

– Li no jornal.

– Recebeu alguma ameaça recentemente? Alguma tentativa de extorsão? Bateu-lhe à porta o representante de alguma organização de proteção?

– Não.

– Ocorre-lhe algum motivo pelo qual a sua esposa e Steven Vivonetto tivessem sido assassinados na mesma noite, possivelmente pela mesma pessoa?

– Não faço a menor idéia da razão que levaria alguém a matar a Janice. Todos gostavam dela. Era a pessoa mais afável e terna do mundo. E doente, também.

– De que padecia?

– Cancro. Infelizmente, já se propagara quando os médicos perceberam. Ela raramente ia à consulta, de contrário talvez se salvasse. Assim, só teve quimioterapia. Pareceu melhorar por uma temporada, mas depois surgiu-lhe aquela *fogagem* na cara. Chamaram-lhe *zona*. Até atingiu uma das vistas, ao ponto de necessitar de intervenção cirúrgica.

– Os médicos acalentavam alguma esperança de recuperação?

– Receio bem que não. Disseram-me que, embora não tivessem a certeza absoluta, viveria pouco mais de um ano, ou menos, se o processo cancerígeno se agravasse.

– Sinto profundamente – murmurou Lou.

– No fundo, talvez fosse melhor assim e lhe poupasse um sofrimento mais prolongado. Mas sinto imenso a sua falta. Estávamos casados há trinta e um anos.

Por fim, reiterou as condolências, entregou o cartão de visita ao homem e retirou-se.

Durante o percurso de regresso a Manhattan, recapitulou o que obtivera. A ligação do crime organizado com qualquer dos casos podia considerar-se, na melhor das hipóteses, tênue. Surpreendia-o o fato de ambas as vítimas sofrerem de doenças incuráveis e perguntou a si próprio se os assassinos estariam ao corrente.

Distraidamente, puxou de um cigarro, mas quando se preparava para acender lembrou-se de Laurie e atirou-o pela janela.

Exalou um suspiro e ponderou onde o pretensioso Jordan Scheffield a levaria para jantar.

Vinnie Dominick entrou no vestiário do St. Mary e sentou-se pesadamente no banco. Transpirava copiosamente e sangrava um pouco de um pequeno corte na face.

– Está a deitar sangue, chefe – informou Freddie Capuso.

– Não me chateies, que já sabia. O que me irrita é que o cretino do Jeff Young disse que não me tocou e uivou durante dez minutos quando reclamei uma falta.

Vinnie acabava de jogar basquetebol durante cerca de uma hora e achava-se mal-humorado porque a sua equipe perdera. E o mau humor agravou-se, quando viu entrar o seu lugar-tenente de confiança, Franco Ponti, com uma expressão sombria.

– Não me digas que é verdade!!?

O interpelado aproximou-se do banco, no qual pousou um pé, para se apoiar ao joelho. Adquirira a alcunha de “o Falcão” na escola, sobretudo em virtude do rosto: de nariz aquilino, lábios finos e olhos minúsculos, como os de uma ave de rapina.

– Sim, é verdade – confirmou, numa inflexão monótona. – O Jimmy Lanso foi liquidado esta noite na agência funerária do primo.

Vinnie ergueu-se do banco num salto e desferiu um murro num dos armários metálicos. O som ecoou no pequeno vestiário como um trovão e todos estremeceram, exceto Franco.

– Droga! – vociferou Vinnie, começando a mover-se em vaivém, enquanto Freddie Capuso se desviava. – Que vou dizer à minha mulher? Irra, que lhe vou dizer? Prometi-lhe que resolveria o assunto.

– Diga-lhe que cometeu um erro ao confiar no Cerino – sugeriu Franco.

– E não é mentira. – Vinnie estacou, rangendo os dentes. – Julgava-o um homem civilizado. Reconheço que me enganei redondamente.

– E há mais –olveu Franco. – Os homens dele entretiveram-se a liquidar toda a espécie de gente, além do Jimmy Lanso. Na noite passada, abateram duas pessoas em Kew Gardens e outras tantas em Forest Hills.

– Eu vi no jornal – declarou Vinnie, impressionado. Foi obra de capangas do Cerino?

– Exato.

– Mas para quê? Não reconheci nenhum dos nomes.

– Ninguém sabe – disse Franco, com um encolher de ombros.

– Tem de haver um motivo.

– Com certeza. Só que não sei qual é.

– Havemos de descobrir! Uma coisa é ter de suportar o Cerino e os seus sicários como rivais de negócios, e outra, muito diferente, vê-lo estragar a vida de toda a gente.

– Há polícias aos montes em Queens – admitiu.

– É uma coisa que dispensávamos de boa vontade. Com as autoridades em pé de guerra, vamos ter de suspender uma parte significativa das nossas operações. Quero que averigúes as verdadeiras intenções do tipo. Lembra-te de que confio em ti.

– Farei o que puder – prometeu.

– Está a comer pouco – observou Jordan.

Laurie ergueu os olhos do prato. Encontravam-se num restaurante chamado Palio e, embora a comida fosse italiana, a decoração constituía uma mescla repousante de oriental e moderno. Na sua frente achava-se uma dose de delicioso risoto de marisco e o copo continha um tonificante Pinot Grigio. No entanto, ele tinha razão: quase não tocara na comida.

– Não lhe agrada? – insistiu Jordan. – Pareceu-me ouvir-lhe dizer que apreciava a cozinha italiana.

A logística funcionara muito melhor naquela noite. Como prometera, telefonara pouco antes das nove, quando se preparava para abandonar o hospital, a informá-la que Thomas ia a caminho a fim de recolhê-la, enquanto ele fazia escala pelo apartamento para mudar de roupa. Quando o motorista e Laurie chegaram à Trump Tower, aguardava no passeio, a poucos minutos de distância da Rua 51 Oeste.

– E aprecio – asseverou Laurie – mas tive um dia esgotante e o cansaço tirou-m o apetite.

– Eu estava a evitar referir-e às atividades do dia. Como lhe disse pelo telefone, quase não tive tempo para respirar. E a sua revelação acerca de Marsha Schulman não contribuiu para e aliviar o espírito. Eu irritado, quase indignado pelo seu silêncio, e afinal o seu corpo flutuava no rio... e decapitado! Santo Deus!...

Jordan não pôde continuar. Ocultou o rosto nas mãos e abanou a cabeça com lentidão. Laurie estendeu a mão e pousou-a



no seu braço. Até àquele momento, sentira-se incapaz de semelhante demonstração de afeto, mas agora, perante a reação à morte da secretária que lhe observava, dir-se-ia mais humano.

Por fim, ele recompôs-se e prosseguiu:

– Mas há mais. Perdi uma doente, hoje. Uma das razões que me levaram a enveredar pela oftalmologia foi a convicção de que passaria momentos maus a lutar contra a morte e persisti em me especializar em cirurgia. A paciente em causa chamava-se Mary O'Connor.

– Lamento e compreendo como se deve sentir. Lidar com doentes moribundos também foi difícil para mim. Creio que contribuiu para que optasse pela patologia legal. Assim, eles já estão mortos.

– A Mary era uma mulher maravilhosa e uma doente extremamente compreensiva. Já lhe tinha operado um dos olhos e preparava-me para fazer o mesmo ao outro, esta tarde. Apesar de ser uma pessoa saudável, sem problemas cardíacos conhecidos, encontraram-na morta na cama. Morreu a ver televisão.

– Deve ter sido uma experiência terrível para você. No entanto, recorde-se de que surgem sempre problemas ocultos no paciente que menos se esperam. Suponho que a senhora O'Connor será autopsiada amanhã, e não me esquecerei de lhe comunicar a causa que a vitimou. Às vezes, quando se conhece a patologia, torna-se mais fácil lidar com a morte.

– Agradeço a atenção.

– Julgo que o meu dia não foi tão mau como o seu – admitiu Laurie.

– Em todo o caso, começo a compreender o que Cassandra sentiu quando Apolo providenciou para que não o incomodasse.

Descreveu as séries de overdoses e a sua convicção de que surgiriam mais casos se não fossem difundidos avisos apropriados. Salientou igualmente que se sentira frustrada por não conseguir convencer o chefe a informar o público e, mais tarde, por ser igualmente mal sucedida nas tentativas junto da polícia.

– Sim, é deprimente – reconheceu ele. – Houve, porém, uma coisa boa no meu dia – acrescentou, mudando de assunto. – Procedi

a várias intervenções, o que me satisfez a mim e ao meu contabilista. Nas duas últimas semanas, o seu número duplicou.

– Ainda bem – proferiu Laurie, não podendo deixar de notar a propensão do interlocutor para focar a conversa nos seus êxitos.

– Espero que a tendência se mantenha, pois há sempre flutuações.

Pouco depois, o empregado apareceu com uma variedade de sobremesas numa mesinha de rodas, e Jordan escolheu bolo de chocolate, enquanto ela preferia morangos. Em seguida, ele pediu um expresso e Laurie um descafeinado. Percebendo que ela olhava o relógio dissimuladamente, Jordan observou:

– Sim, está a fazer-se tarde. Vou deixá-la em casa dentro de meia hora, se pudermos estabelecer o mesmo acordo de ontem. Voltemos a jantar juntos, amanhã.

– Outra vez? Acabará por se fartar da minha presença.

– Que idéia! Muito pelo contrário. Oxalá amanhã não esteja com tanta pressa, além de que é sexta-feira, início do fim-de-semana. De caminho, talvez me possa fornecer informações sobre Mary O’Connor. Por favor, Laurie...

Ela tinha dificuldade em acreditar que a convidavam para jantar pela terceira noite consecutiva. Na verdade era, a todos os títulos, lisonjeiro.

– Muito bem – acabou por aceder. – Fica combinado.

– Ótimo. Quer apresentar alguma sugestão quanto ao local?

– As suas escolhas têm sido excelentes. Pode continuar.

– Entendido. Marca-se de novo para as nove?

Concordou com uma inclinação de cabeça. Enquanto fitava o companheiro nos olhos, recordava-se da descrição negativa dele efetuada por Lou. Por um instante fugaz, apeteceu-lhe perguntar como decorrera o encontro com o tenente-detetive, mas não o fez. Havia coisas que era preferível não abordar.

## 9

### QUINTA-FEIRA, 23 horas, MANHATTAN

– Podia ser pior – admitiu Tony quando abandonava, com Angelo, uma pizzaria aberta toda a noite na Rua 42, perto de Times Square. – Confesso que fiquei surpreendido, porque isto parecia um antro de morte lenta.

O outro se conservou silencioso, concentrado no trabalho seguinte. Quando chegaram ao parque de estacionamento subterrâneo, inclinou a cabeça na direção do seu carro. O proprietário, Lenny Helman, pagava proteção a Cerino e, como costumava ser Angelo quem procedia à cobrança, guardava-lhe a viatura gratuitamente.

Antes de subir para o assento do condutor, procedeu a um exame exterior minucioso, para se certificar de que não havia qualquer risco na pintura. Em seguida, instalou-se ao volante e Tony sentou-se à sua direita.

– Que se segue? – perguntou este último, colocando-se de lado para poder olhar diretamente o companheiro, cujo rosto rígido lembrava o de uma múmia num museu.

– Vamos passar à lista de “procura”.

– *Porreiro!!* – declarou, entusiasmado. – Começava a cansar-me da outra. Para onde vamos?

– Para a oitenta e seis – informou Angelo. – Perto do Museu Metropolitano.

– Uma boa vizinhança. Aposto que haverá recordações ao nosso dispor.

– É uma perspectiva que me preocupa. Um bairro seletto significa alarmes sofisticados.

– Ora, tu os neutralizas com uma perna às costas.

– As coisas têm estado a correr bem de mais. Confesso que começo a ficar inquieto.

– Estás sempre com macaquinhos no sótão – comentou Tony, com uma gargalhada. – Corre tudo bem porque sabemos o que

fazemos. E quanto mais o fazemos, mais eficientes nos tornamos. Assim em tudo.

– Mas o imprevisto acontece – argumentou Angelo. Por muito bem que uma pessoa prepare o golpe, tem de contar com ele. E estar em condições de enfrentá-lo.

– Isso é pessimismo e nada mais.

Imersos no vaivém de palavras, não se deram conta de um Cadillac preto que os seguia a uma distância prudente, após dois carros intermediários. Ao volante, Franco Ponti deleitava-se, descontraído, com uma gravação das árias mais populares da ópera Aída. Graças à informação de um contacto na Times Square, vigiava os movimentos de Angelo e Tony desde a visita destes à pizzeria.

– Quem vai ser desta vez? – perguntou Tony.

– A mulher.

– A quem compete? – acrescentou; embora soubesse que a execução devia estar a cargo de Angelo, acalentava a esperança de que se tivesse esquecido.

– Estou-me nas tintas. Podes tratar tu do assunto, se quiseres. Eu encarrego-me de vigiar o homem.

Angelo passou várias vezes diante do prédio de tijolo castanho antes de estacionar. Tinha cinco pisos, com uma porta dupla no topo de meia dúzia de degraus de granito. A seguir a uma pequena plataforma, ao nível do chão, havia outra.

– O caminho mais conveniente deve ser pela entrada de serviço – conjecturou Angelo. – Ficamos um pouco protegidos pela plataforma. Já vi que existe um alarme, mas se é do tipo que penso, não constituirá problema.

– Quem manda és tu – declarou Tony, puxando da automática e aplicando-lhe o silenciador.

Desceram do carro, estacionado a cerca de um quarteirão de distância, e voltaram para trás a pé. Angelo fazia-se acompanhar de um pequeno saco de lona cheio de ferramentas e indicou ao companheiro que aguardasse no passeio e o prevenisse, caso se aproximasse alguém; após o que desceu os degraus de acesso à entrada de serviço.

Tony mantinha os olhos bem abertos, porém a rua achava-se deserta. Não percebeu, todavia, Franco Ponti, estacionado algumas portas abaixo, onde bloqueava a entrada de um prédio.

– Pronto – murmurou Angelo, das sombras da entrada de serviço. – Podes vir.

Penetraram numa longa passagem e avançaram rapidamente para a escada. Havia um elevador, mas sabiam que a prudência não aconselhava a sua utilização. Transpondo dois degraus de cada vez, subiram ao rés-do-chão e escutaram. À parte o tique-taque de um grande relógio de parede, na escuridão, a casa estava imersa em silêncio.

– Consegues imaginar-te a viver num lugar destes? – sussurrou Tony. – É um autêntico palácio.

– Está mas é calado – retorquiu Angelo.

Continuaram a subir, enveredando por uma larga escada circular que contornava parcialmente um lustre, ao qual Tony atribuiu o mínimo de um metro e oitenta de diâmetro. No primeiro andar, deparou-se com uma série de salas, uma biblioteca e um escritório. No segundo, encontrava-se aquilo que procuravam: o quarto principal.

Angelo colocou-se a um lado das portas duplas, que decerto conduziam à suíte, enquanto Tony o imitava no outro, ambos de armas em punho, com os silenciadores aplicados.

O primeiro fez rodar o puxador devagar e impeliu a porta. O quarto era mais espaçoso do que qualquer dos que vira até então. Junto da parede oposta, que lhe parecia a uma distância enorme, encontrava-se uma larga cama, com dossel.

Transpôs a entrada e fez sinal a Tony para que o seguisse, encaminhando-se para a direita da cama, onde o homem dormia, ao mesmo tempo em que o outro se postava do lado esquerdo.

Após breve pausa, Angelo inclinou a cabeça e ambos apontaram as automáticas. A de Tony explodiu com o habitual estampido abafado e o corpo da mulher estremeceu. O homem devia ter o sono leve, porque se soergueu imediatamente, de olhos arregalados. No entanto, Angelo abateu-o antes que pudesse pronunciar uma única palavra, e tombou sobre o corpo da mulher.

– Com mil diabos! – bradou o gangster.

– Que foi? – quis saber Tony.

Servindo-se da ponta do silenciador, o outro se inclinou para a frente e separou os dedos do moribundo, entre os quais se encontrava um pequeno dispositivo de plástico com um botão.

– Ele tinha o raio de um alarme!

– Que significa?

– Que temos de nos raspar sem demora.

Movendo-se com a rapidez possível na semi escuridão, desceram a escada e, no rés-do-chão, esbarraram praticamente numa governanta que vinha a subir.

A mulher soltou um grito, deu meia-volta e desceu com o maior desembaraço que as circunstâncias lhe permitiam. Tony premiu o gatilho da sua Bantan, mas a uma distância superior a dois metros a pontaria não merecia confiança. A bala errou o alvo e estilhaçou um largo espelho de moldura dourada.

– Temos de liquidá-la! – vociferou Angelo, consciente de que ela os vira com clareza.

Precipitou-se para os degraus descendentes e, em baixo, escorregou no solo de mármore cheio de fragmentos do espelho.

Fez uma pausa para recuperar o equilíbrio e seguiu velozmente pelo corredor do rés-do-chão, em direção às traseiras. No entanto, antes que conseguisse alcançá-la, ela transpôs a porta, que fechou atrás de si, com escassos segundos de avanço sobre o perseguidor. Quando se acharam no pátio das traseiras, mais parecido com um parque público, os dois homens detiveram-se, perplexos. Havia uma piscina retangular no centro, à direita um belvedere coberto por plantas trepadeiras e, à esquerda, um frondoso carvalho com um balanço suspenso de um ramo nodoso.

– Onde se meteu ela? – murmurou Tony.

– Se eu soubesse, achas que estava aqui a olhar para ontem?

– grunhiu Angelo. – Vou procurar neste lado e tu naquele – indicou, apontando para ambos os espaços que flanqueavam a piscina.

Após alguns minutos de pesquisas, Tony exclamou:

– Está ali! – E estendeu o braço na direção da casa. Angelo fez fogo duas vezes consecutivas. O primeiro projétil destruiu a vidraça

de uma janela, mas o segundo atingiu a fugitiva.

– Acertaste-lhe! – gritou Tony.

– Safemo-nos daqui – ordenou o companheiro, que começara a ouvir sirenas à distância.

Como não queriam correr o risco de sair pela porta principal, enveredaram por uma longa passagem interior, que quase contornava o edifício, e emergiram finalmente na Rua 85.

– Agora, caminhemos com confiança e descontração – recomendou Angelo, dirigindo-se para o carro.

As sirenas soavam cada vez mais próximas e eles viram três carros-patrulhas com as luzes de emergência a piscar repetidamente, que não tardaram a bloquear a área da rua em que se situava a casa que acabavam de abandonar. Angelo abriu as portas do veículo com o telecomando e entraram rapidamente.

– Foi um suspense altamente emocionante! – exultou Tony, quando se encontravam a meia dúzia de quarteirões do local. – O golpe mais limpo a que jamais assisti!

– Foi um desastre – contrapôs Angelo, enrugando a fronte.

– Como assim? Safamos-nos sem problemas. E liquidaste a governanta, que nos podia identificar.

– Mas não a examinamos. Quem me garante que não me limitei a atingi-la superficialmente? Devíamos ter nos certificado. Não esqueças que olhou diretamente para ambos.

– Caiu imediatamente – argumentou Tony. – Estou convencido de que a liquidaste.

– Era a isto que me referia antes. O imprevisto acontece. Quem podia adivinhar que o tipo dormia com um botão de alarme de emergência na mão? – Ao mesmo tempo em que falava, Ângelo congratulava-se por ter de segurar o volante, pois as mãos tremiam.

– Sim, mas conseguimos eliminar esse imprevisto. Quem se segue?

– Bem, não sei. Talvez fosse preferível ficarmos hoje por aqui.

– Por quê? A noite ainda é uma criança. Ao menos, mais um. Não podemos desprezar dinheiro ganho tão facilmente.

Refletiu por um momento. O instinto segredava-lhe que deviam pôr termo à atividade daquela noite, mas o rapaz tinha

razão. Não podiam voltar às costas ao dinheiro. De resto, eles assemelhavam-se a cavalos de corrida. Se caíam, deviam levantar-se imediatamente e retomar a prova. De contrário, arriscar-se-iam a não voltarem a pisar um hipódromo.

– Seja – capitulou finalmente. – Mas só mais um.

– Assim é que gosto de te ouvir falar. Onde?

– Na Village. Outra residência.

Ficaram silenciosos por alguns minutos, enquanto rodavam pela Rua 97, transversal ao Central Park, e depois pela Henry Hudson Parkway.

– É algures no lado esquerdo – revelou Angelo, quando desembocaram na Rua Bleecker. – Ali – acrescentou, apontando pouco depois para uma casa de três pisos, com uma aldraba cabeça de leão na porta principal. Desta vez, é o homem. O mesmo plano de há pouco. Tu o matas e eu vigio a mulher.

– Certo – assentiu Tony, entusiasmado por poder voltar a atuar.

Desta vez, Angelo arrumou o carro mais longe do que o habitual, após o que caminharam em silêncio, que apenas era cortado pelo ocasional embater de ferramentas dentro do saco de lona. Cruzaram com alguns transeuntes, porque as ruas não estavam desertas como as anteriores. Com efeito, durante a noite havia sempre mais movimento na Village do que no East Side.

O alarme da casa visada constituiu um brinquedo de criança para Angelo e, transcorridos poucos minutos, subiam em bicos dos pés os degraus rangentes de uma escada.

Afortunadamente para eles, havia uma lâmpada de fraca intensidade no patamar do primeiro piso. A primeira porta no corredor era de um quarto de hóspedes vago e, como havia apenas outra, Angelo depreendeu que era a dos aposentos principais.

Voltaram a colocar-se em cada lado, as automáticas à altura das cabeças, apontadas para cima, e ele fez rodar o puxador e impeliu a porta.

Apenas conseguira avançar um passo quando o cão se lançou em cima dele, na penumbra. As patas atingiram-no no peito e fizeram-no cambalear através da porta em direção à parede oposta



do corredor. Disposto a prosseguir a obra tão auspiciosamente iniciada, o animal cravou-lhe no braço os dentes, que perfuraram o tecido, assim como a camisa e um pouco da pele, reduzindo-o quase à impotência ditada pelo terror.

Tony atuou com prontidão. Deu um passo para o lado e puxou o gatilho, atingindo o cão à queima-roupa no peito. Embora quase pudesse jurar que não errara o alvo, viu, com assombro, que o animal nem estremeceu. Com uma rosnadela, arrancou um pedaço de tecido do casaco de Angelo e cuspiu-o, após o que reatou a investida.

Tony aguardou um momento, para lhe visar a cabeça sem margem para dúvidas, e fez fogo novamente. O animal caiu pesadamente, com um som surdo.

Os gritos agudos de uma mulher provocaram novos calafrios ao longo da medula espinhal de Angelo. Ela acordara no instante em que o cão era abatido e achava-se junto dos pés da cama, o rosto alterado pelo terror.

Tony voltou a apontar a automática e soou o habitual estampido abafado. A mulher levou a mão ao peito, retirou-a e olhou o sangue com uma expressão de incredulidade, como se lhe custasse a crer que fora atingida por um tiro.

Tony avançou para a entrada do quarto e atingiu-a a queima-roupa no centro da frente. À semelhança do cão, ela caiu instantaneamente no chão.

Angelo fez menção de dizer algo, mas naquele momento registrou-se uma espécie de urro no rés-do-chão, e o marido da vítima começou a subir a escada velozmente, acompanhado de uma caçadeira de dois canos, que segurava à altura do peito com ambas as mãos.

Pressentindo o que ia acontecer, Angelo lançou-se ao chão uma fração de segundo antes da espingarda fazer fogo com uma explosão quase ensurdecidora. A carga concentrada de bagos de chumbo abriu um buraco de trinta centímetros na parede à qual ele se apoiara.

O próprio Tony teve de agir por reflexos e saltar para o lado.

O segundo disparo da caçadeira fez a carga penetrar pela porta aberta do quarto e pulverizar a vidraça de uma das janelas. Sem se levantar do chão, Angelo premiu duas vezes o gatilho da Walther em rápida sucessão e atingiu o homem no peito e no queixo. O impacto das balas interrompeu-lhe o movimento para a frente. Em seguida, como em câmara lenta, cambaleou para trás, resvalou na escada e foi pousar ruidosamente no patamar do rés-do-chão.

Tony correu para lá, a fim de embeber um projétil adicional na cabeça dele, enquanto Angelo se erguia e recolhia o saco de lona. Tremia irresistivelmente, pois nunca estivera tão perto da morte. A seguir, desceu a escada com pouca firmeza e disse ao companheiro que tinham de se afastar dali o mais depressa possível.

Uma vez na porta da rua, espreitou cautelosamente, e o que viu não lhe agradou. Formara-se um grupo de curiosos, que fixavam os olhos na fachada. Decerto tinham ouvido o estilhaçar de vidros, senão também os estampidos da caçadeira.

– Pelas traseiras! – indicou com prontidão, por reconhecer que não se podiam expor a uma confrontação com a pequena multidão.

Transpuseram com facilidade a vedação do pátio das traseiras, atravessaram outro de menores dimensões e desembocaram numa rua estreita. Angelo congratulava-se por ter deixado o carro longe e alcançaram-no sem problemas.

– Que raio de cão era aquele? – perguntou Tony quando cruzavam a Sexta Avenida.

– Um dobermann, salvo erro. Confesso que me pregou um susto de todo o tamanho.

– E a mim. Para não falar da caçadeira. Safa, que escapamos por pouco!

– Pouquíssimo. Devíamos ter ficado pelo primeiro trabalho. – Angelo abanou a cabeça, exasperado. – Talvez esteja a ficar velho para estas andanças.

– Qual história! És o maior.

– Dantes também pensava assim.

Por força do hábito, dirigiu o olhar para o espelho retrovisor, mas não descortinou nada de preocupante. É claro que procurava

viaturas da polícia e não o sedan de Franco Ponti, que os seguia a uma distância prudente.

# 10

Em geral, Laurie teria ficado contente por ter dormido a noite inteira. Apesar de ninguém do Departamento de Medicina Legal ter telefonado para ela a fim de relatar mais casos de overdose de gente rica a serem agregados a sua série, Laurie perguntava-se se isso significava que não ocorreram essas overdoses ou, como sua intuição sugeria, elas ocorreram, mas Laurie simplesmente não tinha sido chamada.

Vestiu-se o mais rápido que pôde e nem se deu ao trabalho de tomar café, de tão ansiosa que estava para chegar ao trabalho e descobrir. No momento em que pisou dentro do Departamento de Medicina Legal, Laurie percebeu que havia acontecido alguma coisa fora do comum. Mais uma vez, um grupo de repórteres se acotovelava na área de recepção. Laurie sentiu um aperto no estômago ao perguntar-se o que podia significar a presença agitada deles.

Laurie foi diretamente à sala de identificação e serviu-se de uma xícara de café antes de fazer qualquer coisa. Vinnie, como sempre, estava com o nariz enfiado na página de desporto. Ao que parecia, os outros médicos-legistas-assistentes ainda não haviam chegado.

Laurie pegou a folha de escala na escrivaninha para verificar os casos que seriam examinados nesse dia.

Quando seus olhos desceram a relação, Laurie viu quatro overdoses de droga. Dois estavam designados para Riva e os outros dois eram para George Fontworth, um sujeito que estava no departamento havia quatro anos. Laurie folheou as pastas designadas para Riva e deu uma olhadela na folha do relatório do investigador. A julgar pelos endereços do Harlem, Laurie imaginou que se tratavam das mortes comuns das casas de crack. Aliviada, recolocou a pasta em cima da mesa. Em seguida, pegou as duas pastas de George. Seu pulso se acelerou quando ela leu o relatório do primeiro investigador. O morto era Wendell Morrison, 36 anos de idade, doutor em Medicina.

Com mão trêmula, Laurie abriu a última pasta: Júlia Myerholtz, 29 anos, historiadora de arte.

Laurie soltou a respiração. Não tinha consciência de que a estivera prendendo. Sua intuição estava certa: houve mais dois casos de overdose de cocaína, com dados demográficos semelhantes aos dos outros. Ela sentia uma mistura de emoções, inclusive raiva por não ter sido chamada como requisitara e confirmação de que seus medos se tornavam realidade. Ao mesmo tempo, sentia-se desolada por ter havido mais duas mortes potencialmente evitáveis.

Laurie foi diretamente ao gabinete dos investigadores da Medicina legal e encontrou Bart Arnold. Deu uma batida forte na porta e entrou antes de Bart ter chance de convidá-la.

– Por que não fui chamada? Falei com você sobre isso em particular. Disse que queria ser chamada nos casos de overdose de cocaína, que coincidissem com certos parâmetros demográficos. Houve dois ontem à noite. Eu não fui chamada. Por quê?

– Disseram-me para não chamar você – disse Bart.

– Por que não?

– Não me disseram a razão. Mas avisei aos outros dois médicos quando eles pegaram no serviço.

– Quem lhe disse isso?

– O Dr. Washington. Desculpe, Laurie. Eu lhe teria dito, mas você já havia ido embora.

Laurie virou-se num movimento abrupto e saiu do gabinete de Bart. Estava mais furiosa do que magoada. Seus piores medos se tinham confirmado: ela não fora esquecida por acaso, havia um esforço deliberado em andamento para mantê-la fora do caminho. Laurie viu Lou Soldano do lado de fora do gabinete do contacto com a polícia.

– Posso falar com você por um minuto? – perguntou Lou.

Laurie olhou fixo para ele. Será que o sujeito não dormia nunca? Mais uma vez ele estava com a aparência de quem ficara acordado a noite inteira. Não tinha feito a barba e os olhos tinham molduras vermelhas. Seu cabelo quase escovinha estava amassado na testa.

– Estou muito ocupada, tenente – disse.

– É só um pouquinho de seu tempo – repetiu Lou. – Por favor.

– Está bem – cedeu Laurie. – O que é?

– Tive um tempo para pensar ontem à noite. Queria pedir desculpa por ter sido tão bobo ontem à tarde. Eu ataquei um pouco mais forte do que devia. Portanto, sinto muito.

A última coisa que ela esperava de Lou era um pedido de desculpa. Agora que isso estava ocorrendo, Laurie ficou satisfeita por ouvir.

– Como explicação – continuou Lou – estou sofrendo um bocado de pressão do comissário por causa desses assassinatos ao estilo das gangues. Ele acha que, como passei algum tempo em Crime Organizado, sou o encarregado de solucioná-los. Infelizmente, ele não é um cara paciente.

– Acho que nós dois estamos bastante estressados – disse Laurie. – Mas aceito seu pedido de desculpa.

– Obrigado. Bem, pelo menos esse obstáculo já está fora do caminho.

– E então, o que o traz aqui hoje de manhã?

– Você não ouviu falar dos homicídios?

– Que homicídios? – perguntou Laurie. – Recebemos homicídios todos os dias.

– Não como esses – disse Lou. – É mais coisa das gangues. Ataques de profissionais. Dois casais aqui em Manhattan.

– Flutuando no rio?

– Que nada. Alvejados em suas casas. Ambos os casais eram abastados, um deles em particular. E o mais rico também tem boas ligações políticas.

– Meu Deus – disse Laurie. – Mais pressão.

– Pode acreditar. O prefeito está lívido. Ele já deu uma bronca no comissário, e sabe quem o comissário escolheu como alvo? Este seu amigo.

– Você tem alguma idéia?

– Gostaria de poder dizer que tenho. Há alguma coisa grande acontecendo por aí, mas, mesmo que minha vida dependesse disso, não tenho a menor idéia do que seja. Anteontem à noite houve três

ataques semelhantes no Queens. Agora esses dois em Manhattan. E parece que não há nenhuma ligação com o crime organizado. Com certeza não os dois da noite passada. Mas o *modus operandi* dos assassinos é sem dúvida do estilo das gangues.

– Quer dizer que está aqui por causa das autópsias?

– É isso aí – disse Lou. – Talvez eu consiga um trabalho aqui depois que for demitido do Departamento de Polícia. Tenho passado tanto tempo aqui quanto em meu gabinete.

– Quem vai fazer os casos? – perguntou Laurie.

– O Dr. Southgate, o Dr. Besserman – disse Lou. – Como eles são, são bons?

– Excelentes. Ambos são muito experientes.

– Eu mais ou menos esperava que você fosse fazer os casos – disse Lou. – Estava começando a pensar que trabalhamos bem juntos.

– Bem, você está em boas mãos com Southgate Besserman – tranqüilizou-o ela.

– Farei você saber o que descobrimos – disse Lou, manuseando o chapéu com nervosismo.

– Por favor, avise-me – respondeu Laurie.

De repente ela teve a mesma sensação que tivera no dia anterior. Lou pareceu tornar-se dolorosamente acanhado, como se desejasse dizer alguma coisa, mas não conseguisse.

– Bem... fico contente por ter topado com você – disse Lou evitando os olhos de Laurie. – Bem... a gente se vê. Tchau. – Lou virou-se e começou a andar na direção do gabinete do contacto com a polícia.

Por um segundo, Laurie observou o andar pesado e arrastado de Lou, e mais uma vez ficou impressionada com a sensação de solidão do outro. Ela perguntou-se se Lou não tencionara convidá-la para sair de novo.

Depois que Lou desapareceu de vista, durante um segundo Laurie esqueceu para onde se dirigia. Mas a raiva voltou no instante em que se lembrou da tentativa de Calvin de tentar tirá-la da série de overdoses. Com renovado senso de propósito, Laurie marchou para o gabinete de Calvin e bateu na porta aberta. Entrou e ficou de

frente para ele antes que Calvin tivesse a chance de dizer alguma palavra.

Laurie encontrou Calvin sentado atrás de uma montanha de trabalho de escrita. Ele olhou para cima por sobre a armação metálica dos óculos de leitura, que ficavam diminutos em seu rosto largo. Não pareceu contente em vê-la.

– O que é, doutora?

– Ontem à noite houve mais duas overdoses semelhantes ao tipo em que estou interessada – começou Laurie a dizer.

– Não está me dizendo nada que eu já não soubesse.

– Sei que hoje deve ser dia de trabalho de escrita para mim, mas eu ficaria grata se você me deixar fazer as autópsias. Alguma coisa me diz que esses casos se relacionam. Se eu fizer todos eles, talvez consiga chegar a alguma conclusão.

– Já discutimos isso ao telefone. Eu lhe disse que acho que você está se deixando levar. Você se tornou muito pouco objetiva.

– Por favor, Dr. Washington – suplicou Laurie. Ela odiava pedir.

– Não! Que droga! – explodiu Calvin, batendo com a palma aberta na escrivaninha. Alguns dos papéis saíram voando. Ele levantou-se. – George Fontworth está fazendo as overdoses e quero que você não abandone seu trabalho. De qualquer forma, você está atrasada na assinatura de alguns de seus casos. Acho que não preciso lhe dizer. Pois bem, não necessito desse tipo de agravante. Não com a pressão que este departamento vem sofrendo.

Laurie concordou com um aceno de cabeça, depois saiu do gabinete. Se não estivesse tão enfurecida, com toda probabilidade estaria em prantos. Laurie saiu do gabinete de Calvin e foi direto ao de Bingham.

Dessa vez Laurie aguardou para ser convidada a entrar. Bingham estava no telefone, mas acenou para que ela entrasse. Laurie teve a impressão de que Bingham estava falando com alguém da prefeitura, já que a parte dele na conversa lembrava a maneira como ela falava com a mãe. Bingham estava dizendo “sim” “certamente” e “é claro”, várias e várias vezes. Quando no final ele desligou e fitou Laurie, ela já podia dizer que ele estava exasperado. Não era um momento oportuno para a visita. Mas como já estava ali



e não havia outra pessoa a quem pudesse apelar, Laurie seguiu em frente.

– Estou sendo impedida deliberadamente de continuar me envolvendo com esses casos de overdose de ricos – disse ela.

Tentou falar com firmeza, mas a voz saiu cheia de emoção.

– O Dr. Washington não quer me deixar fazer as relevantes autópsias que chegaram hoje. Ele se assegurou de que eu não fosse chamada aos locais das mortes de ontem à noite. Acho que o fato de eu ser barrada nesses casos não é do interesse do departamento.

Bingham pousou o rosto nas mãos e esfregou-o, em especial nos olhos. Quando olhou de novo para Laurie, seus olhos estavam vermelhos.

– Estamos lidando com um bocado de péssimas matérias na imprensa em relação a um possível tratamento inadequado do assassinato no Central Park; temos uma explosão de homicídios brutais cometidos por profissionais que vão além das costumeiras lesões corporais da noite de Nova York e, além disso, você vem aqui criar problema. Eu não acredito, Laurie. É verdade, eu não acredito.

– Eu queria permissão para acompanhar esses casos – disse Laurie, tranqüila. – Agora são pelo menos catorze. Alguém precisa ter uma visão geral da coisa. Creio que sou a pessoa indicada para fazer isso. Estou convencida de que estamos à beira de uma desgraça que vai se espalhar muito. Se houver um agente contaminador, e estou convencida de que há, devemos fazer uma advertência pública!

Bingham não podia acreditar. Ele olhou para o teto, jogou as mãos para o alto e murmurou para si mesmo:

– Ela faz parte da equipe há mais ou menos cinco meses e está me dizendo como administrar o departamento.

Em seguida, tornou a dirigir a atenção para Laurie. Dessa vez ele falou com voz muito mais feroz.

– Calvin é um administrador competente. Na verdade, é mais do que competente, é excelente. O que ele diz dá certo. Está me ouvindo?! É isso aí, a questão está encerrada – disse com a atenção para a pilha de cartas empilhadas na biblioteca.

Laurie dirigiu-se diretamente ao laboratório. Era melhor ficar em movimento. Se parasse para pensar, talvez fizesse algo precipitado, de que mais tarde se arrependeria.

– É o chefe – disse ela com sarcasmo. Furiosa como estava, Laurie não conseguiu se conter.

– Não gosto de ser importunado – disse John. – Eu avisei.

– Eu não estava importunando – vociferou Laurie. – Eu só estava pedindo para você fazer seu trabalho. Encontrou algum agente contaminador?

– Não – disse John.

Ele passou por ela sem a cortesia de dar uma resposta mais detalhada. Laurie sacudiu a cabeça. E perguntou a si mesma se seus dias no Departamento de Medicina Legal de Nova York estavam contados.

Laurie encontrou Peter no canto do laboratório, trabalhando no maior e mais novo dos aparelhos de cromatografia a gás.

– Acho que você devia tentar evitar John – disse ele. – Não pude deixar de ouvir.

– Pode acreditar em mim, eu não estava à procura dele – respondeu Laurie.

– Também não encontrei nenhum agente contaminador. Mas tenho passado amostras neste cromatógrafo a gás. Ele tem o que chamam de “armadilha”. Se for para pegarmos alguma coisa, é este aparelho que vai fazer isso.

– Continue – disse Laurie. – Já temos agora catorze casos.

– Mas descobri uma coisa. Como você sabe, a cocaína se hidrolisa naturalmente em benzoilegonina, egonina metiléster e egonina.

– Sei – disse Laurie. – Prossiga.

– Cada fornada de cocaína tem uma fornada única desses hidrolisados. Assim, analisando as concentrações, pode-se fazer uma suposição bastante acurada quanto à origem das amostras.

– E?

– Todas as amostras que recuperei nas seringas têm as mesmas percentagens. Isso significa que toda a cocaína veio da mesma fornada.

– O que significa a mesma fonte – acrescentou Laurie.  
– Exato.  
– Era o que eu suspeitava. É bom ter isso documentado.  
– Mandarei lhe avisar se eu encontrar algum agente contaminador com essa máquina.  
– Por favor, avise – pediu Laurie. – Se eu tiver a prova de um contaminador, acho que o Dr. Bingham fará uma declaração.  
Mas quando retornou a seu gabinete, Laurie perguntou-se se poderia ter certeza de alguma coisa.

– Não segure meu braço! – gritou Cerino. Angelo estava tentando conduzi-lo pela entrada do consultório de Jordan Scheffield. – Posso enxergar mais do que você imagina.

Cerino levava sua bengala de cabo vermelho, mas não a usava. Tony entrou por último e fechou a porta. Uma das enfermeiras de Jordan levou o grupo pelo corredor, assegurando-se de que Cerino estava confortavelmente sentado numa das cadeiras de exame. Quando entrava no consultório de Jordan, Cerino não o fazia pela entrada comum e também evitava a sala de espera. Este era o *modus operandi* costumeiro para todos os pacientes VIPs de Jordan.

– Meu Deus! – exclamou a enfermeira ao ver o rosto de Tony. Havia um arranhão profundo que se estendia da orelha esquerda até o canto da boca. – Esse corte feio em sua face. Como foi isso?

– Um gato – disse Tony, colocando a mão no rosto com um gesto acanhado.

– Espero que tenha tomado vacina antitetânica – disse a enfermeira. – Quer que nós lavemos?

– Que nada – replicou Tony, embaraçado com a atenção na frente de Cerino.

– Me avise se mudar de idéia – disse a enfermeira, dirigindo-se para a porta.

– Me dê fogo – disse Paul assim que a enfermeira saiu da sala. Angelo apressou-se a acender o cigarro do chefe, em seguida tirou outro do maço para si mesmo.

Tony achou uma cadeira mais para o lado e sentou-se. Angelo permaneceu de pé à esquerda de Paul Cerino durante algum tempo, depois ficou atrás. Ele e Tony estavam exaustos, tendo sido arrancados da cama para a inesperada visita de Cerino ao médico. Ambos também continuavam sofrendo os últimos efeitos das experiências dos dois últimos ataques, em especial Angelo.

– Cá estamos de novo na Disneylândia – comentou Paul.

A sala parou e a parede ergueu-se. Jordan estava parado no canto do gabinete com a ficha de Cerino na mão. Quando deu um passo em frente, no mesmo instante sentiu o cheiro de cigarro.

– Queiram me desculpar – disse ele. – Mas é proibido fumar aqui.

Angelo olhou em volta nervoso, à procura de algum lugar onde pudesse colocar o cigarro aceso. Cerino agarrou-lhe o braço e acenou para que ele não se mexesse.

– Se quisermos fumar, vamos fumar – replicou Cerino. – Como eu lhe disse quando me telefonou, Doc, estou um pouco desapontado com você e não me importo em repetir.

– Mas os instrumentos – disse Jordan, apontando para a fenda da lâmpada. – A fumaça é nociva a eles.

– Fodam-se os instrumentos, Doc – disse Paul. – Vamos falar desse negócio de você sair fofocando na cidade inteira sobre minha condição.

– Do que está falando? – perguntou Jordan.

No telefonema ele ficara sabendo que Cerino estava furioso com alguma coisa. Mas imaginou que tinha a ver com a espera de uma córnea adequada para o transplante. Mas a verdadeira queixa de Cerino foi uma surpresa completa para ele.

– Estou falando de um detetive chamado Lou Soldano. E de uma doutora chamada Laurie Montgomery. Você falou para a garota, a garota falou para o detetive e o detetive veio a mim. E vou lhe dizer uma coisa, Doc. Isso me deixou aporrinhado. Eu vinha tentando manter em segredo os detalhes de meu pequeno acidente. Compreenda, por causa de propósitos comerciais.

– Nós, médicos, costumamos discutir casos – disse Jordan. De repente, sentiu-se muito irritado.

– Dá um tempo, Doc – disse Paul em tom zombeteiro. – Ouvi dizer que essa suposta colega é médica-legista. E, caso você ainda não tenha notado, ainda não estou morto. E se vocês dois se consultaram, por alguma estranha razão, ela não deveria ter feito fofoca com um detetive de Homicídios. Você terá que me dar uma explicação melhor do que essa.

Jordan ficou perplexo. Não conseguia imaginar nenhuma desculpa plausível.

– A interpretação, Doc, é que você não respeitou minha privacidade. Não é essa palavra bonitinha que vocês médicos usam? Do jeito que vejo a coisa, eu poderia ir a um advogado e lhe enfiar um processo por negligência no exercício da Medicina, não poderia?

– Não tenho certeza... – Jordan nem pôde completar a frase. No mesmo instante ficou consciente de sua vulnerabilidade jurídica.

– Bem, não estou a fim de ouvir esse seu papo furado – disse Paul. – É provável que eu não vá a um advogado. Sabe por quê? Tenho um bocado de amigos que são mais baratos do que os advogados e muito mais eficientes. Sabe, Doc, meus amigos são mais ou menos como você: especialistas em rótulas, ossos da perna e nós dos dedos. Dá para imaginar a consequência no exercício de sua profissão se por acaso sua mão fosse esmagada por uma porta de carro.

– Sr. Cerino... – disse Jordan em tom conciliador, mas Paul interrompeu-o.

– Acho que falei claro, Doc. Espero que você não saia fofocando de novo por aí. Estou certo?

Jordan concordou com um aceno de cabeça. Suas mãos tremiam.

– Pois bem, Doc, eu não tinha a intenção de deixar você nervoso. A única coisa que lhe desejo é que esteja em boa forma. Porque é assim que vai me deixar: em boa forma. Fiquei muito contente quando sua enfermeira telefonou hoje de manhã para dizer que eu poderia ser operado.

– Também estou contente – disse Jordan, tentando recuperar parte de seu profissionalismo e compostura. – Você teve muita sorte

de sua chance aparecer tão rápido. O período de espera foi muito mais curto do que é praxe.

– Para mim não foi curto o bastante – disse Paul. – Em meu ramo de negócio você precisa ter todos os sentidos e mais alguns. Há um bocado de vigaristas que adorariam me transformar em pasto ou coisa pior. Portanto, vamos terminar logo com isso.

– Por mim, está ótimo – disse Jordan, nervoso.

Ele colocou a ficha de Cerino em cima do suporte da lente. Usando uma cadeira de rodízios, ele avançou até a cadeira de exame oftalmológico de Cerino. Girou a lâmpada e fez sinal para Cerino colocar o queixo no apoio. Jordan estendeu a mão trêmula e acendeu a lâmpada. Ao fazê-lo, sentiu um bafejo de alho na respiração de Cerino.

– Ouvi dizer que nos últimos tempos você tem feito mais cirurgias do que de costume – disse Paul.

– É verdade.

– Como homem de negócios eu imagino que você goste de fazer o maior número possível de cirurgias. Creio que é aí que está a grana preta.

– É verdade – disse Jordan, movendo o foco da lâmpada de modo a iluminar transversalmente a córnea toda cicatrizada de Cerino.

– Tenho algumas idéias para manter alto o número de suas cirurgias – disse Cerino. – Está interessado?

– Claro.

– Então, me conserte primeiro. Se fizer isso, vamos continuar amigos. Depois, quem sabe? Talvez possamos fazer alguns negócios.

Jordan não sabia ao certo se desejava ser amigo daquele sujeito, mas com certeza não queria ser inimigo. Tinha a sensação de que os inimigos de Cerino não duravam muito tempo. Estava determinado a dar tudo de si no caso de Cerino. E já havia tomado a decisão: não iria enviar a conta para aquele sujeito.

Laurie assentou a caneta e recostou-se na cadeira da escrivaninha.

Vinha lutando para manter a mente no trabalho de escrita, mas não estava fazendo muito progresso. Seus pensamentos

vagueavam de volta àquelas overdoses. Ela não conseguia acreditar que não estava lá embaixo, na sala de autópsia, trabalhando nos dois casos que haviam chegado à noite.

Resistira à tentação de descer sorrateiramente para assistir enquanto Fontworth realizava seu negócio. Calvin explodiria se a visse.

Laurie olhou para o relógio. Decidiu que já era tarde o bastante para descer e ver se Fontworth descobrira algo. Lou entrou tão logo ela se ergueu.

– Estava de saída? – perguntou ele.

Laurie sentou-se.

– Acho que o melhor é eu não sair.

– É mesmo?

Laurie entendeu que ele não sabia ao certo do que ela estava falando.

– É uma longa história – disse. – Como vai? Está parecendo exausto.

– E estou – admitiu Lou. – Estou de pé desde as três. E fazer autópsias com pessoas diferentes de você é trabalho duro.

– Eles já terminaram?

– Não, que droga. Sou o único que já terminei. Não consegui agüentar mais tempo. Mas é provável que os dois médicos levem o dia inteiro para terminar os quatro casos, além do cachorro.

– Cachorro?

– De primeira qualidade. Numa das casas, o assassino atirou no cachorro, além de matar marido e mulher. Mas só estou brincando. Não vão autopsiar o cão.

– Descobriu algo de útil – perguntou Laurie.

– Não sei. O calibre das balas parece igual ao dos casos no Queens, mas vamos ter que esperar o relatório de Balística, antes de termos certeza de que são das mesmas armas. E, claro, Balística está semanas atrasada.

– Nenhuma idéia por enquanto?

Lou sacudiu a cabeça.

– Receio que não. Os casos do Queens sugeriam uma conexão restaurante, mas os dois casos lá embaixo não têm nada a ver com

esse negócio. Um dos caras era um banqueiro, que contribuiu com muita grana na campanha do prefeito. O outro era executivo de uma das grandes casas de leilão.

– Sem nenhuma ligação com o crime organizado?

– Nada. Mas ainda estamos trabalhando nisso. Não há a menor dúvida de que foram ataques de profissionais. Coloquei mais duas equipes de investigadores nesses casos de Manhattan. Com as três equipes no Queens e essas duas novas, estou ficando sem efetivos. Por enquanto, a única coisa positiva é que a governanta de uma das casas ainda está viva. Se sobreviver, teremos nossa primeira testemunha.

– Eu gostaria de ter uma chance em minha série – disse Laurie. – Se pelo menos uma dessas overdoses não morresse. Eu gostaria de ter algum efetivo para descobrir a fonte da cocaína que está matando todas essas pessoas.

– Você acha que é uma única fonte?

– Eu sei que é – disse Laurie e explicou como Peter havia determinado isso cientificamente.

Nesse momento soou o bip de Lou. Ele verificou o número.

– Por falar em efetivo, é um dos meus rapazes. Posso usar seu telefone?

Laurie assentiu.

– O que é, Norman? – perguntou Lou depois de completar a ligação.

Laurie ficou lisonjeada porque Lou pôs a chamada no alto-falante, de modo que ela pudesse ouvir.

– É provável que não seja nada – disse Norman. – Mas achei que mesmo assim devia contar para você. Descobri um dado comum nos três casos: um médico.

– É mesmo? – Lou revirou os olhos para Laurie. Aquela não era bem a chance pela qual ele vinha esperando.

– Este não é o tipo de associação que vai ajudar muito nesse tipo de assassinato, Norman.

– Eu sei – disse Norman. – Mas foi a única coisa que apareceu. Está lembrado que você me disse que tanto Steven Vivonetto como Janice Singleton eram doentes terminais?



– Claro. Um dos Kaufman também era doente terminal?

– Não, mas Henrietta Kaufman tinha um estado médico do qual estava sendo tratada. E estava indo no mesmo médico que Steven Vivonetto e Janice Singleton. Claro, Steven e Janice estavam indo em cerca de uma dúzia de médicos. Mas havia um médico que estava vendo os três.

– Que tipo de médico?

– Um médico de olho – disse Norman. – O nome dele é Jordan Scheffield.

Lou piscou. Não podia acreditar no que ouvira. Ele olhou de soslaio para Laurie. Os olhos dela registravam uma surpresa igual.

– Como descobriu isso? – perguntou Lou.

– Foi por acaso – respondeu Norman. – Depois que você me disse que Steven e Janice eram terminais, passei a investigar a saúde de todo mundo. Nem percebi a ligação até que voltei a meu gabinete e comecei a repassar todo o material que havia chegado. Você acha que isso é importante?

– Não sei. – disse Lou. – Mas não resta dúvida de que é esquisito.

– Em todo caso, você quer que eu siga nisso?

– Eu nem saberia como seguir. Me dê um tempo para pensar que depois ligo para você. Enquanto isso continue investigando.

– Lou desligou. – Bem, o mundo é pequeno mesmo. Ou o mundo é pequeno ou esse seu namorado conhece meio mundo.

– Ele não é meu namorado – disse Laurie, irritada.

– Desculpe. Esqueci. Esse seu conhecido, que por acaso vem a ser um amigo.

– Sabe, naquela noite que Marsha Schulman desapareceu, Jordan me contou que o consultório dele tinha sido invadido. Alguém revistou os arquivos dele.

– Roubaram algum?

– Não. Parece que alguns foram copiados. Mandei-o verificar a pasta de Cerino; era uma das que tinham sido mexidas.

– Não brinque! – explicou Lou. Durante alguns minutos ele ficou calado, em um silêncio estupidificado.

Laurie também ficou em silêncio.

– Não faz muito sentido – concluiu Lou. – Será que a família Lucia se envolveu na coisa porque Cerino tem ido ver Scheffield? Estou tentando colocar nesse quadro o rival de Cerino, Vinnie Dominick, mas não consigo compreender.

– Uma coisa que poderíamos fazer é examinar os homicídios ao estilo das gangues que chegaram hoje. Ver se algum deles era paciente de Jordan.

O rosto de Lou se iluminou.

– Sabe, é uma boa idéia. Fico contente por eu ter pensado nisso. – O sorriso dele disse a Laurie que era brincadeira.

Laurie atirou um clipe de papel nele, com raiva fingida. Cinco minutos depois, vestidos com as roupas esterilizadas, Laurie e Lou entraram na sala de autópsia. Por sorte, Calvin não estava à vista em parte alguma.

Tanto Southgate como Besserman estavam em seu segundo caso. Southgate estava quase terminando; os Kaufman eram casos bastante fáceis, devido aos ferimentos superficiais na cabeça. Os casos de Besserman eram mais difíceis. Primeiro ele tinha Dwight Sorenson, com três trajetos de bala a serem seguidos. O trabalho tinha sido árduo e consumira tempo, de modo que Besserman mal começava a autópsia de Amy Sorenson quando Lou e Laurie chegaram.

Com a permissão dos respectivos médicos, Laurie e Lou deram uma olhada nas pastas de cada caso. Infelizmente, os históricos médicos eram escassos.

– Tenho uma idéia melhor – disse Laurie. Ela foi ao telefone e ligou para Cheryl Myers. – Cheryl, quero pedir um favor.

– O que é? – perguntou Cheryl, animada.

– Sabe os quatro homicídios em Manhattan que tivemos hoje? – disse Laurie. – Aqueles que deixaram todo mundo em pé-de-guerra? Quero saber se algum deles já foi tratado por um oftalmologista chamado Jordan Scheffield.

– Vai saber – disse Cheryl. – Volto a ligar para você dentro de poucos minutos. Onde você está?

– Estou aqui embaixo, na cova.

Laurie disse a Lou que em breve ficariam sabendo. Em seguida, Laurie foi até George Fontworth. Ele estava terminando o segundo caso de overdose: Júlia Myerholtz.

– Calvin disse que eu não devia conversar com você hoje – falou George para Laurie. – Não quero irritá-lo.

– Só me responda uma coisa: a cocaína foi injetada?

– É isso aí – disse George. Seus olhos percorreram a sala como se ele esperasse que Calvin aparecesse trovejando.

– As autópsias estavam normais, a não ser pelos sinais de overdose e toxicidade? – perguntou Laurie.

– Sim – disse George. – Vá com calma, Laurie, não me ponha nessa sinuca.

– Só uma última pergunta – insistiu Laurie. – Houve alguma surpresa?

– Só uma. Mas você já sabe. Eu só não sabia que era a política padrão nesse tipo de caso. Acho que isso foi trazido à baila na conferência de quinta-feira.

– Do que está falando?

– Por favor – disse George. – Não banque a pateta. Calvin me disse que foi ação sua.

– Não sei do que está falando.

– Oh, Deus – disse George. – Lá vem Calvin. Tchau, Laurie.

Laurie virou-se a tempo de ver a figura desajeitada de Calvin entrar pela porta de vaivém. Mesmo vestido com as roupas esterilizadas e luvas protetoras, não havia como confundir o corpo. Laurie afastou-se rapidamente da mesa de George, indo em linha reta para a folha principal das autópsias do dia. Queria ter uma cobertura caso Calvin perguntasse por que ela estava lá. Procurou rápido o nome de Mary O'Connor. Ao encontrá-lo, notou que Paul Plodgett tinha sido designado para a autópsia. Ele estava na mesa posta, junto à janela. Laurie juntou-se a ele.

– Encontrei um bocado de coisas – disse Paul quando Laurie perguntou como a autópsia estava indo.

Laurie olhou de soslaio por cima do ombro. Calvin tinha ido direto à mesa de Besserman,

– Qual é a sua opinião sobre a causa da morte? – perguntou Laurie.

Ficou aliviada porque Calvin não a tinha visto ou, se viu, não pareceu preocupado com a presença dela.

– Cardiovascular, sem dúvida – disse Paul, olhando para o corpo de Mary O’Connor. A mulher era bastante gorda. O rosto e a cabeça eram de um azul profundo, quase púrpura.

– Muita patologia?

– Bastante. Para começar, uma moderada enfermidade coronária. A válvula mitral também estava em péssima forma. Todo o coração parecia terrivelmente frágil. Portanto, há um bocado de candidatos a culpado final.

Laurie pensou que Jordan gostaria das notícias.

– Ela está muito purpúrea – comentou Laurie.

– É verdade. Um bocado de congestão na cabeça e pulmões. Deve ter sido um bocado de esforço terminal, agônico. Ela não queria morrer, pobre senhora. Parece que chegou a morder o lábio.

– É mesmo? Você acha que ela teve algum tipo de ataque apoplético?

– Talvez tenha tido. Mas é mais parecido com uma abrasão, como se ela tivesse mascado o lábio.

– Deixe-me ver.

Paul estendeu a mão e puxou o lábio superior de Mary O’Connor.

– Você tem razão. E quanto à língua?

– Normal. É por isso que duvido que tenha havido um ataque apoplético. Pode ser que ela tenha tido um bocado de dor terminal. Bem, pode ser que o exame microscópico do coração mostre alguma coisa patognomônica, mas aposto como este caso cairá na categoria de um golpe de misericórdia desconhecido, pelo menos no específico. No geral sei que foi cardiovascular.

Laurie concordou com um aceno de cabeça, mas olhou para Mary O’Connor. Alguma coisa a incomodava naquele caso. Ele despertava uma lembrança, na qual Laurie não podia pôr o dedo.

– E quanto a essas manchas no rosto? – perguntou Laurie.

– É consequência da doença cardíaca terminal.

– Tantas assim?

– Como eu disse, deve ter havido um bocado de esforço agônico.

– Você se importaria de me informar sobre o que descobrir no exame microscópico? – perguntou ela. – Ela era paciente de um amigo. Sei que ele terá interesse pelo que você descobrir.

– Eu informarei.

Laurie viu que Calvin se movera da mesa de Besserman para Fontworth. Lou retornara à mesa de Southgate. Laurie se dirigiu até ele.

– Desculpe – disse ela para Lou ao se aproximar.

– Sem problema – disse Lou. – Estou começando a me sentir em casa aqui.

– Ei Laurie, telefone para você – berrou uma voz acima do barulho geral de segundo plano na agitada sala de autópsia.

Laurie caminhou até o telefone, acachapada porque sua presença foi anunciada de maneira tão espalhafatosa. Não ousou olhar na direção de Calvin. Pegou o telefone; era Cheryl.

– Gostaria que todos os seus pedidos fossem tão fáceis quanto o último – disse Cheryl. – Telefonei para o consultório do Dr. Scheffield e a secretária não poderia ter sido mais prestativa. Tanto Henrietta Kaufman como Dwight Sorenson eram pacientes dele. Isso ajuda você?

– Não sei direito. Mas é interessante mesmo. Obrigada.

Laurie retornou onde Lou estava e contou o que lhe disseram.

– Uau! Isso tira a coisa do reino da coincidência. Pelo menos acho que tira.

– Cinco em cinco – disse Laurie. – É muitíssimo pequena a possibilidade de acontecer por acaso.

– Mas o que significa? – perguntou Lou. – Parece uma maneira estranha demais de atingir Cerino, se é disso que se trata. Não faz o menor sentido.

– Concordo.

– De uma maneira ou de outra, tenho que dar uma olhadela nisso agora mesmo. Entrarei em contato. – E desapareceu antes que Laurie pudesse dizer adeus.

Laurie arriscou um último olhar de soslaio para Calvin, que ainda conversava com George e não parecia nem um pouco preocupado com a presença dela.

De volta em seu gabinete, Laurie telefonou para Jordan. Como sempre, ele estava na cirurgia. Laurie deixou o recado para ele, por favor, telefonar em resposta.

Ao tentar voltar ao trabalho, Laurie não teve mais sucesso do que havia tido antes. Sua mente estava no tumulto relacionado com sua precária situação profissional por ter incorrido no desagrado de tanta gente, com a série de overdoses e a estranha coincidência de Jordan estar tratando de um grupo de cinco vítimas de assassinato.

Os pensamentos de Laurie voltaram a Mary O'Connor. De repente, lembrou-se do que vinha tentando pensar antes. As abrasões no lábio, as manchas coradas e a descoloração no rosto de profunda cor purpúrea sugeriam "abafamento", a sufocação provocada pela compressão do peito enquanto se obstruía a boca.

Com este pensamento em mente, Laurie telefonou para a sala de autópsia e pediu para chamarem Paul.

– Tive uma idéia – disse quando ele entrou na linha.

– Vamos lá – disse Paul.

– O que você acha da sufocação como possível causa de morte no caso de O'Connor?

Sua sugestão foi recebida pelo silêncio.

– E então? – insistiu.

– A vítima estava no Geral de Manhattan – disse Paul. – Estava num quarto privado na ala Goldblatt.

– Tente esquecer onde ela estava. Veja apenas os fatos.

– Mas na condição de patologistas da Medicina legal devemos levar em consideração o local da morte. Se não fizéssemos isso, daríamos um diagnóstico errado em milhares e milhares de casos.

– Eu compreendo. Mas às vezes o local da morte pode induzir ao erro. O que acha dos homicídios armados para parecerem suicídios?

– Isso é diferente.

– É mesmo? Em todo caso só quero que você pense um pouco na hipótese da asfixia. Pense na abrasão do lábio, nas manchas e na

quantidade de congestão do rosto e da cabeça.

O telefone tocou assim que Laurie colocou o auscultador no gancho. Era Jordan.

– Fico contente por ter ligado. Eu estava prestes a telefonar para você.

– Estou fazendo cirurgia e só tenho um segundo. Tenho uma série de casos, inclusive, você ficará contente em saber, o Sr. Paul Cerino.

– Fico contente...

– E quero pedir um favor – disse Jordan, interrompendo Laurie. – Fui obrigado a fazer um certo malabarismo a fim de conseguir uma hora para Cerino. De forma que ficarei preso aqui até tarde. Poderíamos deixar nosso plano do jantar para outro dia? Que tal amanhã à noite?

– Acho que sim. Mas, Jordan, tem algumas coisas sobre as quais preciso conversar com você agora.

– Seja rápida. Meu próximo paciente já está na sala de operação.

– Primeiro, sobre Mary O'Connor. Ela sofria do coração.

– Isto é tranqüilizador.

– Você sabe alguma coisa sobre a vida pessoal dela?

– Não muito.

– O que você diria se eu lhe contasse que ela foi assassinada?

– Assassinada?! – disse Jordan atabalhoadamente.

– Está falando sério?

– Não sei – admitiu Laurie. – Mas se você me dissesse que Mary tinha vinte milhões de dólares e estava prestes a tirar o neto malvado do testamento, eu passaria a pensar na possibilidade de assassinato.

– Ela era próspera, mas não rica – disse Jordan. – E será que preciso lembrar que você deve fazer com que me sinta melhor com a morte dela, e não mais intranqüilo?

– O médico que fez a autópsia dela está convencido de que ela morreu do coração.

– Isso é melhor. Onde se originou essa questão do assassinato?

– Em minha fértil imaginação. Além de outras notícias bastante alarmantes. Você está sentado?

– Por favor, Laurie, sem brincadeira. Eu devia estar na sala de operações há dez minutos.

– Os nomes Henrietta Kaufman e Dwight Sorenson significam alguma coisa para você?

– Os dois são meus pacientes. Por quê?

– Eles eram seus pacientes. Ambos foram mortos na noite passada junto com seus cônjuges. Enquanto conversamos, eles estão sendo autopsiados.

– Meu Deus!

– E isso não é tudo. Na noite anterior, outros três pacientes seus foram assassinados. Todos foram alvejados de uma maneira que sugere uma ligação com o crime organizado. Pelo menos foi o que me disseram.

– Oh, meu Deus! E Paul Cerino esteve em meu consultório para me ameaçar hoje de manhã. Isso é um pesadelo.

– E como ele o ameaçou?

– Não quero discutir isso. Mas ele está muito furioso comigo e acho que devo agradecer a você por isso.

– A mim?

– Eu só iria trazer esse assunto à baila quando estivéssemos juntos, mas já que estamos falando disso...

– O que foi?

– Por que você contou a um tal detetive Soldano que eu estava tratando de Cerino?

– Não pensei que isso fosse segredo. Afinal de contas, você falou sobre isso no jantar na casa de meus pais.

– Acho que tem razão. Mas como aconteceu de, entre todas as pessoas, você ir contar para um detetive de Homicídios?

– Ele estava aqui observando autópsias. O nome de Cerino veio à baila em relação com alguns homicídios: várias vítimas de execuções foram tiradas do East River.

– Ah, meu Deus.

– Sinto ser o mensageiro grego com todas essas más notícias.



– A culpa não é sua. E acho que é melhor eu saber. Graças a Deus vou fazer Cerino hoje à noite. Nesse ponto, acho que quanto mais rápido eu me livrar dele, melhor.

– Mas tome cuidado. Está acontecendo alguma coisa estranha. Só não sei direito o que é.

Laurie não precisava lembrar a Jordan para tomar cuidado, não depois da ameaça de Cerino de esmagar as mãos dele. E agora aquela notícia de que cinco de seus pacientes tinham sido assassinados e uma outra estava morta, possivelmente também assassinada! Era demais.

Preocupado com essas circunstâncias esquisitas, porém aterrorizantes, Jordan levantou-se da cadeira da sala de espera da ala de cirurgia do Hospital Geral de Manhattan e caminhou em direção à sala de operações. Ele perguntava-se se deveria ir à polícia para relatar a ameaça de Cerino. No entanto, se fosse à polícia, o que eles fariam? Provavelmente nada. O que Cerino faria? Talvez cumprisse a ameaça. Estremeceu de medo ao pensar nisso e desejou que Cerino jamais tivesse entrado por sua porta.

Enquanto esfregava as mãos, Jordan tentou pensar no motivo pelo qual cinco e talvez seis de seus pacientes haviam sido assassinados. E quanto a Marsha? Mas por mais que tentasse, não conseguia pensar em uma razão. Jordan entrou na sala de operações, com as mãos erguidas no ar.

Para Jordan, a cirurgia era uma experiência catártica. Ele ficou aliviado por ser capaz de se entregar aos procedimentos precisos de um transplante de córnea. Nas horas seguintes, esqueceu por completo das ameaças, assaltos da súcia, Marsha Schulman e homicídios não-solucionados.

– Excelente trabalho – comentou o residente júnior, depois que Jordan terminou.

– Obrigado – disse Jordan. Estava com uma expressão exultante. Depois acrescentou para a equipe de enfermeiras: – Estarei na sala de espera da ala de cirurgia. Vamos virar a sala assim que for possível. O próximo caso é um de meus VIPs.

– Sim, Sua Alteza – provocou a enfermeira da limpeza.

Caminhando de volta à sala de espera, Jordan ficou contente porque Cerino era o próximo. Ele desejava que aquilo já tivesse acabado. Embora as complicações fossem raras para Jordan, elas ocorriam. Jordan tremeu ao pensar nas conseqüências de uma infecção pós-operatória; não para Cerino, mas para si próprio.

Possuído por esses pensamentos assustadores, Jordan foi aliviado pelo ambiente. E quando afundou numa das poltronas da sala de espera e fechou os olhos, ele não notou o homem sentado bem diante dele.

– Boa tarde, doutor.

Jordan abriu os olhos. Era Lou Soldano.

– Sua secretária me disse que você estava aqui. Eu disse a ela que era importante que eu conversasse com você. Espero que não se importe.

Jordan sentou-se empertigado enquanto seus olhos nervosos voavam pela sala. Sabia que Cerino devia estar por perto, talvez na área de retenção naquele momento. E isto significava que o sujeito alto e macilento estaria nas redondezas. Cerino insistira nisso e a administração concordou. Jordan não gostou da idéia do capanga de Cerino vê-lo com Lou Soldano. Não queria ser forçado a explicar isso para Cerino.

– Surgiram alguns fatos – continuou Lou. – Espero que você possa ter alguma explicação.

– Tenho outra operação para fazer – disse Jordan e começou a se levantar.

– Sente-se, doutor – pediu Lou. – Só quero um minuto de seu tempo. Pelo menos, por enquanto. Estamos intrigados com cinco homicídios recentes, que temos razão para acreditar que foram feitos pela mesma pessoa ou pessoas, e a única maneira pela qual pudemos associá-los até aqui, além do modo como foram mortos, é que eles eram seus pacientes. Como é natural, eu gostaria de lhe perguntar se tem alguma idéia de por que isso aconteceu.

– Acabei de ser informado disso há uma hora – disse Jordan, nervoso. – Não tenho a menor idéia do motivo. Mas posso lhe dizer que não há como me envolver na coisa.

– Quer dizer que podemos supor que todos pagaram suas contas?

– Tenente, nessas circunstâncias – vociferou Jordan – acho que não foi um comentário engraçado.

– Desculpe meu humor negro – disse Lou. – Mas imaginando quanto deve custar aquele seu consultório e sabendo que você tem uma limusine...

– Se eu não quiser, não sou obrigado a falar com você – disse Jordan, interrompendo Lou e outra vez fazendo menção de se levantar.

– Não é obrigado a conversar comigo agora. É verdade. Mas teria que conversar comigo mais tarde. Portanto, você podia muito bem cooperar. Afinal de contas, essa situação é um bocado séria.

Jordan tornou a sentar-se.

– O que quer de mim? Não tenho coisa alguma a acrescentar ao que já sabe. Tenho certeza de que sabe mais que eu.

– Fale-me de Martha Goldsburg, Steven Vivonetto, Janice Singleton, Henrietta Kaufman e Dwight Sorenson.

– Eram meus pacientes.

– Quais eram os diagnósticos deles? – perguntou Lou, tirando caneta e bloco de anotações do bolso.

– Não posso lhe contar. Informação privilegiada. E não cite como precedente o fato de eu ter mencionado o caso de Cerino para a Dra. Montgomery. Cometi um erro falando sobre ele.

– Poderei obter a informação com as famílias. Por que você não me facilita as coisas?

– Cabe às famílias contar, se assim decidirem. Não tenho a liberdade de divulgar essa informação.

– Está bem. Então, vamos falar de generalidades. Todas essas pessoas tinham o mesmo diagnóstico?

– Não.

– Não tinham? – indagou Lou. Era evidente que ele fraquejara.  
– Tem certeza?

– Claro que tenho certeza.

Lou baixou a vista para o bloco de anotações vazio e pensou durante alguns momentos. Levantou os olhos e perguntou:

– Esses pacientes se relacionavam de alguma maneira improvável? Por exemplo, eles costumavam ser atendidos no mesmo dia ou algo parecido?

– Não – disse Jordan.

– As fichas deles podem ter sido mantidas juntas por alguma razão.

– Não, minhas fichas ficam em ordem alfabética.

– Algum desses pacientes pode ter sido atendido no mesmo dia em que Cerino foi atendido?

– Isso eu não posso dizer – admitiu Jordan. – Mas uma coisa eu posso: quando Cerino ia me ver, jamais via qualquer outro paciente nem era visto por ninguém.

– Tem certeza disso?

– Total.

O interfone que ligava a sala de espera com a sala de operações veio à vida com um estrépito. Uma das enfermeiras da sala de operações contou a Jordan que o paciente estava à espera dele na sala.

Jordan pôs-se de pé. Lou fez o mesmo.

– Tenho uma cirurgia a fazer.

– Tudo bem. Tenho certeza de que ficaremos em contacto.

Lou colocou o chapéu e saiu da sala de espera.

Jordan acompanhou-o até a porta e observou enquanto Lou continuava a descer o longo corredor em direção aos elevadores principais do hospital. Observou enquanto Lou apertava o botão, aguardava, depois embarcava e desaparecia de vista.

Os olhos de Jordan varreram o salão à procura do capanga de Cerino. Ele atravessou o salão e foi espiar na sala de espera da ala de cirurgia. Ficou encorajado quando não viu o homem macilento em parte alguma.

Jordan suspirou quando retornava à ala de cirurgia. Estava aliviado por Lou ter ido embora. O encontro com ele fez com que Jordan se sentisse mais abalado que nunca e não apenas por medo de que o capanga de Cerino os visse conversando. Jordan sentia que o detetive não gostava muito dele e isto podia significar encrenca.

Jordan receava ter que tolerar a presença incômoda do sujeito no futuro.

Jordan entrou no vestiário dos homens e borrifou água fria no rosto. Precisava recompor-se para tentar relaxar durante alguns momentos, antes de ir para a sala de operações para fazer Cerino. Mas não foi fácil. Estava acontecendo muita coisa. Sua mente era um turbilhão.

Um dos pensamentos que era especialmente perturbador: ele percebera que havia uma maneira de os cinco homicídios se relacionarem, inclusive o de Mary O'Connor. Jordan percebera isso quando Lou Soldano conversava com ele, mas optara por não dizer coisa alguma. E confundia-o o fato de ter feito essa opção. Ele não sabia se a razão para não ter mencionado isso era por não ter certeza de sua importância ou porque a coisa o amedrontava. Sem dúvida, Jordan não queria tornar-se uma vítima.

Enquanto caminhava na direção da sala de operações onde Paul Cerino aguardava, Jordan decidiu que o curso de ação mais seguro para ele era não fazer coisa alguma. Afinal de contas, ele estava no meio.

De repente, Jordan deteve-se. Ele havia percebido uma outra coisa mais. Apesar de todos aqueles problemas, estava fazendo mais cirurgias do que nunca. Tinha que haver uma outra parte naquilo tudo. Quando recomeçou a caminhar, tudo passou a fazer uma espécie de sentido grotesco, maligno. Ele acelerou o passo. Não havia dúvida de que bancar o mudo era a maneira como ele devia lidar com a história. Era de longe a maneira mais segura. E ele gostava de fazer cirurgia.

Ao entrar na sala de operações, Jordan foi direto até Cerino, que já estava bastante sedado.

– Não vamos demorar para fazer você – disse Jordan. – Trate de relaxar.

Após dar um tapinha no ombro de Cerino, Jordan virou-se e saiu para ir esfregar as mãos. Ao passar por um dos enfermeiros em roupas esterilizadas, ele percebeu que não era um dos enfermeiros. Jordan reconheceu os olhos. Era o sujeito macilento.

# 11

## SEXTA-FEIRA, 16 e 30, MANHATTAN

Laurie hesitava em visitar o laboratório de novo. Não desejava outro desentendimento com John DeVries. Mas era ridículo tentar continuar fazendo o trabalho de escrita. Estava distraída demais. Laurie decidiu encontrar Peter. Não havia dúvida de que ele já devia ter mais resultados àquela hora.

– Sei que você prometeu telefonar se encontrasse alguma coisa – disse Laurie quando o encontrou – mas não pude deixar de dar uma passadinha para verificar como você está.

– Ainda não encontrei um agente contaminador – disse Peter. – Mas descobri algo que pode ser importante. A cocaína é metabolizada no corpo de muitas maneiras diferentes, produzindo uma variedade de metabolitos. Um dos metabolitos é chamado de benzoilegonina. Quando calculei a proporção de cocaína e benzoilegonina no sangue, urina e cérebro das vítimas, pude estimar o montante de tempo decorrido entre a injeção e a morte.

– E o que você descobriu?

– Descobri que era bastante consistente. Mais ou menos uma hora em treze dos catorze mortos. Mas foi diferente num dos casos.

Por alguma razão qualquer, Robert Evans praticamente não tinha nenhuma benzoilegonina.

– Que significa?

– Significa que Robert Evans morreu muito rápido. Talvez em questão de minutos. Talvez até menos, não dá para dizer.

– Qual você acha que seja o significado disso?

– Não sei. É você a detetive-médica, não eu.

– Suponho que ele pode ter sofrido uma arritmia cardíaca instantânea.

Peter encolheu os ombros.

– Seja o que for – disse. – Mas ainda não desisti do agente contaminador. Mas se eu encontrar algo será nos nanomoles.

Ao sair do departamento de toxicologia, Laurie sentia-se desanimada. Apesar de todos os seus esforços, ela achava que não avançara na investigação daquelas overdoses improváveis, que estava no mesmo ponto em que começara. Com a intenção de conversar outra vez com George Fontworth para que ele explicasse o que o surpreendeu nas autópsias, Laurie desceu ao subsolo e enfiou a cabeça na sala de autópsia. Não viu George, mas viu Vinnie e perguntou sobre George.

– Ele saiu faz uma hora mais ou menos – disse Vinnie.

Laurie subiu ao gabinete de George. A porta estava aberta, mas ele não se encontrava. Como a sala dele era vizinha de um dos laboratórios de sorologia, Laurie entrou e perguntou se alguém tinha visto George.

– Ele tinha hora marcada com o dentista – disse um dos técnicos. – Falou que voltaria mais tarde, mas não sabia quando.

Laurie fez um aceno de cabeça. Saiu do laboratório e se deteve ao lado de fora do gabinete de George. Do ponto onde estava ela podia ver as pastas das autópsias dos dois casos de overdose que ele fizera naquele dia.

Olhando por cima do ombro para ter certeza de que ninguém estava observando, Laurie entrou no gabinete e abriu a pasta de cima. Era a ficha de Júlia Myerholtz. Era o caso em que George estava trabalhando quando Laurie chegou à mesa dele. Ela leu às pressas as anotações de George sobre a autópsia. No mesmo instante, compreendeu o que ele quisera dizer com a “surpresa”. Era óbvio que ele respondera da mesma maneira que Laurie no caso de Duncan Andrews.

Ao examinar o relatório do investigador da Medicina legal, Laurie notou que a vítima tinha sido identificada no local da morte por “Robert Nussman, namorado”.

Laurie tirou uma tira de papel de um bloco de anotações que estava em cima da escrivaninha de George e escreveu às pressas o endereço de Júlia.

Laurie estava prestes a abrir a segunda pasta quando ouviu alguém descendo o corredor. Embaraçada, fechou a pasta, guardou no bolso a tira de papel e recuou, saindo no corredor. Acenou e

sorriu, sentindo culpa, quando um dos técnicos em histologia passou por ela.

Embora Bingham tivesse repreendido Laurie por ter visitado o apartamento de Duncan Andrews, ela decidiu que iria à casa de Júlia Myerholtz. Ao chamar um táxi, ela se convenceu de que a raiva de Bingham se devia mais ao fato singular de que o caso era uma batata quente política. Ele não fizera objeção ao exame do local da morte em si; ou era assim que Laurie racionalizava. O apartamento de Júlia situava-se num enorme prédio elegante na Rua 75 Leste. Laurie ficou bastante surpresa quando o porteiro chegou ao meio-fio para abrir a porta, enquanto ela pagava a corrida. Laurie surpreendia-se ao experimentar o tipo de estilo que algumas pessoas desfrutavam na cidade. Sem dúvida, o ambiente era bastante diferente do seu em Kips Bay.

– Posso ajudá-la, madame? – perguntou o porteiro. Ele tinha um forte sotaque irlandês.

Laurie mostrou o distintivo de médica-legista e pediu para ver o superintendente. Alguns minutos depois, o sujeito apareceu no salão de entrada.

– Eu gostaria de ver o apartamento de Júlia Myerholtz – disse Laurie. – Mas antes de subir, quero ter certeza de que não há ninguém por lá neste momento.

O superintendente perguntou ao porteiro se o apartamento estava vazio.

– Está sim. Os pais dela só são esperados para amanhã. Quer a chave?

O superintendente concordou com um aceno de cabeça. O porteiro abriu um pequeno armário, tirou uma chave e entregou-a a Laurie.

– Basta devolver ao Patrick ali, quando você for embora – disse o superintendente.

– Prefiro que você acompanhe.

– Estou com um vazamento de água quente no subsolo – explicou o superintendente. – Você estará bem... 9 C. Fica à direita, quando sair do elevador.



O elevador parou no nono andar e Laurie saiu. Só para ter certeza, ela apertou a campainha do 9 C várias vezes e bateu na porta antes de entrar. Não queria topiar com os entes queridos da morta naquela hora.

A primeira coisa que Laurie notou foram os cacos do molde de gesso de uma estátua, espalhados no chão da saleta de entrada. A julgar pelos pedaços maiores, Laurie imaginou que era uma réplica do Davi, de Michelangelo.

O espaçoso apartamento era decorado em um confortável estilo *country*. Sem saber ao certo o que procurava, Laurie simplesmente vagou de quarto em quarto, inspecionando o cenário. Laurie abriu a geladeira na cozinha. Estava bem-suprida com comida saudável, iogurte, brotos de feijão, legumes frescos e leite desnatado.

Na sala de estar, a mesinha de centro estava cheia de livros de arte e revistas: *American Health*, *Runner's World*, *Triathlon* e *Prevention*. A sala era revestida de prateleiras com mais livros de arte.

Laurie notou uma placa no console da lareira. Ela se aproximou para ler a inscrição: "Central Park Triathlon, Terceiro Lugar, 30-34".

No quarto de dormir, Laurie descobriu uma bicicleta de exercício e uma grande quantidade de fotos emolduradas. A maioria das fotos mostrava uma mulher atraente e um homem jovem e bonito em vários cenários fora de casa: em cima de bicicletas em uma montanha, acampando em uma floresta, terminando uma corrida.

Quando perambulava de volta à sala de estar, Laurie tentou imaginar por que uma atleta amadora como Júlia Myerholtz estava tomando drogas, como parecia. Não fazia o menor sentido. A comida saudável, as revistas e as realizações não combinavam com a cocaína. Os devaneios de Laurie foram interrompidos abruptamente quando ela ouviu uma chave na porta. Durante um segundo de pânico absoluto, ela pensou em se esconder, como quem esperava que Bingham entrasse porta adentro.

Quando a porta se abriu, o jovem que entrou pareceu tão surpreso quanto Laurie por encontrar alguém no apartamento. Laurie reconheceu-o como sendo o homem em muitas das fotos do quarto de dormir.

– Dra. Laurie Montgomery – disse Laurie, abrindo o distintivo.

– Sou do Departamento de Medicina Legal, investigando a morte da Senhorita Myerholtz.

– Sou Robert Nussman. Eu era o namorado de Júlia.

– Eu não tinha a intenção de ser um estorvo – disse Laurie, movendo-se para ir embora. – Posso voltar uma outra hora. – Não queria que Bingham viesse a saber daquilo.

– Não, está tudo bem – disse Robert, levantando a mão. – Por favor, fique. Só ficarei aqui alguns momentos.

– Tragédia terrível! – comentou Laurie. Ela sentiu a necessidade de dizer alguma coisa.

– Conte-me sobre ela – pediu Robert. De repente, ele pareceu muito triste. Também agia como se precisasse conversar.

– Você sabia que ela usava drogas? – perguntou Laurie.

– Ela não usava. Sei que é isso que vocês dizem – acrescentou, enquanto seu rosto corava – mas eu lhe digo, Júlia nunca tomou drogas. Não era da natureza dela. Ela era totalmente do tipo saudável. Foi ela quem me levou para a corrida. – Ele sorriu com a lembrança. – Na primavera passada ela me fez participar de meu primeiro triatlo. Não posso imaginar isso. Meu Deus, ela nem bebia.

– Sinto muito.

– Ela era tão dotada – disse Robert em tom tristonho. – Era tão obstinada, tão empenhada. Ela se preocupava com as pessoas. Era religiosa, não em excesso, mas o bastante. E estava envolvida em tudo, como o movimento pró-opção, SIDA, os sem-teto, qualquer coisa.

– Ouvi dizer que você a identificou no local da morte – disse Laurie. – Foi você que a encontrou?

– Sim. – Robert desviou o olhar, lutando contra as lágrimas.

– Deve ter sido terrível – disse Laurie. As lembranças do encontro do irmão se acumularam com intensidade gráfica. Laurie

fez o que pôde para livrar-se delas. – Onde ela estava quando você chegou?

Robert apontou na direção do quarto de dormir.

– Ela ainda estava viva no momento? – perguntou Laurie em tom gentil.

– Mais ou menos. Estava respirando. Fiz massagens no coração até a ambulância chegar aqui.

– Como aconteceu de você passar por aqui?

– Ela havia telefonado para mim antes. Disse para eu não deixar de dar uma passada aqui mais tarde.

– Isso era costume?

Robert pareceu intrigado.

– Não sei – disse ele. – Acho que sim.

– A voz dela parecia normal? Você seria capaz de dizer se ela já havia tomado alguma droga?

– Acho que ela não havia tomado nada. Não parecia doidona. Mas acho que também não parecia normal. Ela falava de um jeito tenso. Na verdade, fiquei com medo de que ela estivesse planejando me contar algo ruim, como, por exemplo, que desejava romper comigo ou algo parecido.

– Havia algum problema no relacionamento de vocês?

– Não. As coisas estavam ótimas. Quero dizer, eu pensava que estavam ótimas. Só que ela falava de um jeito um pouco engraçado.

– E quanto àquela estátua quebrada na porta da frente?

– Vi a estátua no segundo em que atravessei a porta ontem à noite. Era o bem favorito dela. Tinha alguns séculos de idade. Quando eu vi que estava quebrada, percebi logo que alguma coisa ruim estava acontecendo.

Laurie olhou de soslaio para a estátua espatifada e perguntou-se se Júlia a poderia ter quebrado durante os estertores de um ataque apoplético. Se assim fosse, como ela conseguira ir da saleta de entrada ao quarto de dormir?

– Obrigada pela ajuda – disse Laurie. – Espero não ter perturbado você com minhas perguntas.

– Não. Mas por que está se dando todo esse trabalho? Eu pensava que os médicos-legistas só fizessem autópsias e só se

envolvessem com assassinos, como Quincy.

– Tentamos ajudar os vivos. Este é o nosso trabalho. O que eu gostaria mesmo de fazer seria evitar futuras tragédias como a de Júlia. Quanto mais eu aprender, mais capaz serei de fazer isso.

– Telefone para mim se tiver mais perguntas – disse Robert, entregando seu cartão a Laurie. – E se aparecer alguma coisa que não seja a droga, por favor, me avise. Seria importante porque... – de repente, subjugado pela emoção, ele não pôde continuar.

Laurie inclinou a cabeça. Deu a Robert seu cartão de visita, após escrever às pressas o número do telefone de casa na parte de trás.

– Se você quiser me fazer alguma pergunta, ou se pensar em alguma coisa que eu deva saber, por favor, me telefone. Pode ligar a qualquer hora.

Deixando Robert para mortificar-se sozinho, Laurie saiu do apartamento e entrou no elevador. Enquanto descia, ela lembrou-se que Sara Wetherbee dissera que Duncan a convidara para sua casa na noite em que sofrera a overdose. Laurie pensou que eram estranhos os convites de Duncan e Júlia para seus namorados. Se os dois estavam tendo sucesso em ocultar o abuso de droga, por que convidar alguém na mesma noite em que estavam saciando o vício?

Laurie devolveu a chave a Patrick, o porteiro, e agradeceu ao sair. Já dera meia dúzia de passos no lado de fora, quando girou nos calcanhares e retornou.

– Você estava de serviço ontem à noite? – perguntou Laurie ao porteiro.

– Estava sim – disse Patrick. – Das três às onze. É o meu turno.

– Por acaso viu Júlia Myerholtz na noite de ontem?

– Vi – disse Patrick. – Eu a via quase todas as noites.

– Suponho que tenha ouvido sobre o que aconteceu com ela – disse Laurie. Não queria dar nenhuma informação sobre a qual talvez o porteiro não estivesse a par.

– Ouvi. Ela tomava drogas como uma grande quantidade de jovens. É uma vergonha!

– Ela parecia deprimida quando entrou aqui ontem à noite?

- Eu não diria deprimida. Mas não agia de maneira normal.
- Como assim?
- Ela não me disse olá. Ela sempre dizia olá, exceto ontem à noite. Mas talvez porque ela não estava sozinha.
- Você se lembra quem estava com ela?
- Lembro. Em geral, não consigo lembrar de coisas como essa, já que temos um bocado de gente entrando e saindo. Mas como a Senhorita Myerholtz não disse olá, olhei para os acompanhantes dela.
- Você os reconheceu? Já haviam estado aqui antes?
- Não sei quem eram – disse Patrick. – E acho que nunca os vi. Um deles era alto, magro e bem-vestido. O outro era musculoso e mais para o magro. Quando entraram, ninguém disse nada.
- Viu quando eles saíram?
- Não, não vi. Devem ter ido embora durante minha pausa.
- A que horas eles chegaram?
- No início da noite. Mais ou menos às sete horas.

Laurie agradeceu a Patrick mais uma vez e chamou um táxi para voltar ao trabalho. Já estava quase anoitecendo. Os arranha-céus já estavam iluminados e as pessoas saíam do trabalho à pressa para casa. Enquanto o táxi se dirigia para o centro da cidade no trânsito intenso, ela pensou nas conversas com o namorado e o porteiro.

Pensou nos dois homens que Patrick descrevera. Embora, com toda probabilidade, fossem colaboradores ou amigos de Júlia, o fato de a terem visitado na mesma noite da overdose de Júlia os tornava importantes. Laurie desejou ter algum meio de descobrir as identidades deles, de modo a poder conversar com eles. Até passou por sua mente o pensamento de que poderiam ser traficantes de droga.

Poderia Júlia Myerholtz ter tido uma vida secreta da qual seu namorado não estivesse informado?

De volta ao prédio do Departamento de Medicina Legal, Laurie foi primeiro ao gabinete de George para ver se ele voltara do dentista. Era óbvio que ele voltara e tinha ido embora para casa; o gabinete estava às escuras. Desapontada, Laurie experimentou a

porta, mas estava trancada. Não podendo conversar com George, Laurie teve a súbita idéia de obter o endereço da outra overdose, Wendell Morrison.

Deixando o casaco em sua sala e pegando algumas luvas de borracha, Laurie desceu até a morgue. Encontrou o técnico funerário da noite, Bruce Pomowski, no gabinete funerário.

– Tem alguma idéia sobre a liberação dos restos mortais de Myerholtz? – perguntou. – Já foram recolhidos?

– Ela é um dos casos de hoje? – perguntou Bruce.

– Sim.

Bruce abriu um livro grosso e correu um dedo pelas entradas do dia. Quando chegou na Myerholtz, seu dedo correu a página de lado a lado.

– Ainda não foi recolhida – disse. – Estamos esperando um telefonema de uma casa funerária de fora da cidade.

– Ela está na entrada?

– Está. Deve estar na maca perto da frente.

Laurie agradeceu e desceu o corredor em direção à geladeira de entrada. À noite, o ambiente da morgue sofria uma mudança considerável. Durante o dia era cheio de atividade frenética. Mas agora, enquanto andava, Laurie podia ouvir os saltos de seus sapatos ecoarem pelos corredores desertos e escuros, com ladrilhos azuis. De repente, ela recordou a resposta de Lou quando eles desceram na manhã de terça-feira. Ele chamou a morgue de cenário medonho.

Laurie deteve-se e baixou a vista para o manchado chão de cimento, que Lou apontara. Em seguida, levantou a vista para as pilhas de caixões de pinho destinados à cova de indigentes, com restos mortais não-reivindicados e não-identificados. Recomeçou a andar. Era surpreendente como seu estado mental normal afastava de sua consciência o lado horripilante da morgue. Foi preciso um estranho como Lou e um horário em que a morgue estivesse vazia de seres vivos, para Laurie apreciar esse lado.

Ao chegar à imensa e pesada porta de aço inoxidável da entrada, Laurie calçou as luvas e pressionou a grossa maçaneta para soltar a aldrava. Com um puxão firme, Laurie abriu a pesada porta.

Uma bruma fria e pegajosa redemoinhou em volta de seus pés. Ela estendeu o braço e acendeu a luz.

Reagindo contra o estado de espírito de alguns momentos antes, Laurie olhou para o interior da geladeira de entrada com a perspectiva de uma pessoa não-profissional, não a patologista da Medicina legal que ela era. Não havia dúvida que o ambiente era aterrorizador. Prateleiras de madeira crua alinhavam-se nas paredes. Nas prateleiras havia uma horripilante coleção de corpos mortos e frios e partes de corpos que tinham sido autopsiados e examinados e aguardavam que alguém os reivindicasse. A maioria estava nua, embora alguns estivessem cobertos com lençóis manchados de sangue e outros líquidos do corpo. Era como uma visão terrena do inferno.

O centro da sala estava abarrotado de velhas macas, cada qual guardando um corpo separado. Outra vez, alguns estavam cobertos, outros nus e com o olhar vazio para o teto, como uma espécie de dormitório macabro.

Sentindo-se enjoada, como não lhe era peculiar, Laurie atravessou o vão da porta, enquanto seus olhos voavam com movimentos nervosos pelas macas para localizar Júlia Myerholtz. Atrás das costas dela, a pesada porta bateu, fechando-se com um clique alto.

Num gesto irracional, Laurie virou-se e correu de volta para a porta, com medo de ter sido trancada dentro da geladeira. Mas a maçaneta respondeu à sua pressão e a porta abriu-se em suas dobradiças volumosas.

Embaraçada com sua imaginação, Laurie voltou ao interior da geladeira e começou uma busca metódica nas macas. Para propósitos de identificação, cada corpo tinha o nome em uma etiqueta de papel-manilha presa no dedão do pé direito. Ela encontrou Júlia não muito longe da porta. O corpo era um dos que estavam cobertos.

Laurie foi até a cabeça e puxou o lençol para baixo. Olhou fixo para a pele pálida da mulher e suas delicadas feições. A julgar apenas pela aparência dela, se não estivesse tão pálida, poderia

estar dormindo. Mas a rude incisão em forma de Y dissolvia qualquer esperança de que ela ainda pudesse estar viva.

Olhando com mais atenção, Laurie viu múltiplas áreas com equimoses na cabeça de Júlia, uma indicação da provável atividade do ataque apoplético. Laurie pôde ver, na sua imaginação, a mulher chocando-se contra a réplica de Davi e derrubando-a no chão. Ao abrir a boca de Júlia, Laurie examinou a língua, que não tinha sido removida. Pôde ver que a língua sofrera severas mordidas; mais evidências de atividade de ataque apoplético.

Em seguida, Laurie procurou o furo intravenoso por onde Júlia se injetara. Encontrou-o com a mesma facilidade com que encontrara os outros. Também notou que Júlia se arranhara nos braços da mesma maneira como Duncan Andrews fizera. Era provável que ela houvesse tido alucinações semelhantes. Mas Laurie notou que os arranhões de Júlia eram mais profundos, quase como se tivessem sido feitos por facas.

Ao examinar as unhas de Júlia pintadas com todo esmero, Laurie pôde ver por que os arranhões eram tão profundos. As unhas de Júlia eram compridas e imaculadamente polidas. Enquanto admirava as unhas da mulher, Laurie notou um pedaço de tecido encravado debaixo da unha do dedo médio da mão direita.

Como não encontrou nenhum outro tecido debaixo das outras unhas, Laurie foi à sala de autópsia para pegar dois vasos de amostra e um bisturi. Retornando ao lado de Júlia, ela arrancou um pedaço de tecido e colocou-o em um dos potes de amostra. Usando o bisturi, ela cortou uma pequena tira do pêlo da margem do ferimento da autópsia e deslizou-a para dentro do outro vaso de amostra.

Após cobrir o corpo de Júlia com o lençol, Laurie levou as duas amostras para o laboratório de ADN, onde rotulou e assinou os vasos. No formulário de requisição, Laurie pediu para fazerem uma comparação. Embora fosse óbvio que ela mesma se arranhara, Laurie pensou que valia a pena verificar. Só porque o Departamento de Medicina Legal estava assoberbado de trabalho, não havia razão para não ser metuculoso. Ainda assim, Laurie ficou aliviada por já ser



noite e o laboratório estar vazio. Ela não gostaria de ter que explicar a necessidade para se fazer o teste.

Laurie caminhou de volta a seu gabinete. Como todos os outros já haviam ido embora, ela pensou que poderia aproveitar o silêncio e voltar sua atenção para o trabalho burocrático, que vinha negligenciando de maneira tão consciente.

Ainda sentindo-se um pouco tensa por causa de sua estranha reação ao fechamento da porta da geladeira, Laurie estava pouco preparada para lidar com o que a esperava no gabinete. Quando contornou o canto da porta, preocupada com os pensamentos, uma figura gritou e saltou em cima dela.

Laurie soltou um grito saído do fundo de sua alma. Foi uma resposta de puro reflexo, e com uma potência que fez o som reverberar de um lado ao outro no corredor de blocos de concreto cinza, como alguma partícula subatômica carregada em um acelerador.

Ela havia perdido o controle. Ao mesmo tempo, com o grito, seu coração saltou dentro do peito.

Mas o ataque que Laurie temia não aconteceu. Em vez disso seu cérebro mudou a mensagem com frenética rapidez e lhe disse que a figura aterradora havia gritado "Buh!"; não o tipo de grito que um estuprador louco ou algum demônio sobrenatural soltaria. Ao mesmo tempo, seu cérebro identificou o rosto como pertencendo a Lou Soldano.

Tudo isso acontecera num piscar de olhos e, no momento em que Laurie foi capaz de responder, seu medo se havia transformado com raiva.

– Lou! – gritou. – Por que você fez isso?

– Eu a assustei? – perguntou Lou, acanhado. Podia ver que o rosto dela se tornara marfim. Os ouvidos dele ainda zumbiam com o grito de Laurie.

– Me assustou? – berrou ela. – Você me aterrorizou, e odeio ser assustada desse jeito. Nunca mais faça isso.

– Sinto muito – disse Lou, contrito. – Imaginei que fosse uma brincadeira de jovens. Mas este lugar me tem deixado com medo; pensei que poderia devolver um pouco de medo a você.

– Eu podia lhe dar um soco no nariz – disse Laurie, sacudindo o punho fechado diante do rosto dele. Sua raiva já havia diminuído, sobretudo por causa do pedido de desculpa e do aparente remorso de Lou. Laurie contornou a escrivaninha e desabou na cadeira. – Mas que droga você está fazendo aqui a essa hora?

– Eu estava passando de carro. Queria falar com você, de modo que me encostei ao desembarcadouro de carga da morgue, para o caso de você estar aqui. Na verdade, eu não esperava que estivesse, mas o sujeito lá embaixo disse que você acabara de passar pelo gabinete dele.

– Sobre o que você quer conversar comigo?

– O seu namorado, Jordan.

– Ele não é meu namorado – vociferou Laurie. – Se insistir com isso, vai conseguir me deixar mesmo irritada.

– Qual é o problema? Para mim, o termo parece ser mais ou menos preciso. Afinal de contas, você sai com ele todas as noites.

– Minha vida social não é problema de ninguém, só meu – disse Laurie. – Mas, para sua informação, eu não “saio” com ele todas as noites. É óbvio que não sairei hoje à noite.

– Bem, três em quatro até que não está nada mal. Mas vamos diretamente aos negócios: eu queria que você soubesse que conversei com Jordan sobre o fato de os pacientes dele terem sido liquidados de um modo profissional.

– O que ele tinha a dizer?

– Não muita coisa. Ele recusou-se a falar de qualquer um de seus pacientes, especificamente.

– Bom para ele.

– Mais importante do que ele disse, porém, foi a maneira como agiu. Ficou muito nervoso o tempo inteiro em que estive por lá. Não sei que interpretação devo fazer disso.

– Mas você não acha que ele está envolvido com essas mortes de alguma maneira, não é mesmo?

– Não – disse Lou. – Bem, roubar os pacientes na cara de pau, sim, mas atirar neles, não. Ele estaria matando a galinha de ovos de ouro. Mas sem dúvida ele estava nervoso. Há alguma coisa na mente dele. Acho que ele sabe de algo.

– Acho que ele tem um bocado de razão para ficar nervoso. Ele contou que Cerino o ameaçou?

– Não, não contou. Como Cerino o ameaçou?

– Jordan não disse. Mas se Cerino é o tipo de pessoa que você diz, então pode imaginar.

Lou concordou com um aceno de cabeça.

– Eu gostaria de saber por que Jordan não me contou.

– É provável que ele pense que você não poderia protegê-lo. Você poderia?

– Acho que não. Com certeza, não para sempre. Não alguém com o perfil de Jordan Scheffield.

– Ficou sabendo de alguma coisa valiosa ao conversar com ele?

– Fiquei sabendo que as vítimas dos assassinatos não tinham o mesmo diagnóstico. Pelo menos, segundo ele. Foi uma idéia boba que tive. E fiquei sabendo que eles não se relacionavam de nenhuma maneira óbvia, a não ser pelo fato de serem pacientes dele. Perguntei sobre todos os modos que pude imaginar. Portanto, infelizmente não fiquei sabendo de muita coisa.

– O que vai fazer agora?

– Esperar! Além disso, farei com que minhas equipes de investigação descubram os diagnósticos individuais. Talvez isso nos diga alguma coisa. Deve haver algum aspecto em tudo isso que não tenho notado.

– É assim que me sinto em relação aos meus casos de overdose.

– A propósito, o que está fazendo aqui tão tarde?

– Eu esperava terminar algum trabalho. Mas com minha pulsação ainda em disparada, graças a você, é provável que eu leve o trabalho burocrático para atacá-lo em casa.

– E que tal um jantar? Que tal ir comigo à Little Italy? Você gosta de massa?

– Adoro massa.

– Então, que tal? Você já me disse que não vai sair com o bom doutor, e esta é sua desculpa favorita.

– Você é insistente.

– Ei, eu sou italiano!

Quinze minutos depois, Laurie encontrava-se no Capriche de Lou, dirigindo-se para o centro da cidade. Ela não sabia se era uma boa idéia jantar com o detetive, mas de fato não tinha conseguido pensar em uma razão para não ir. E embora ele tivesse sido um tanto ou quanto rude em ocasiões anteriores, agora só parecia charmoso enquanto a regalava com histórias de sua infância no Queens.

Apesar de ter crescido em Manhattan, Laurie nunca estivera na Little Italy. Quando eles pegaram a Mulberry Street, ela ficou encantada com o ambiente. Havia uma profusão de restaurantes e multidões perambulando pelas ruas. Como a própria Itália, o lugar parecia palpitar de vida.

– Não há dúvida de que é italiano – disse Laurie.

– Parece, não é mesmo? Mas vou te contar um segredinho. A maioria dos imóveis daqui é propriedade dos chineses.

– Que estranho – disse Laurie, um pouco desapontada apesar de não saber o motivo.

– No passado foi um bairro chinês, mas a maior parte dos italianos mudou para os subúrbios, como Queens. E os chineses com faro para os negócios vieram aqui e compraram as propriedades.

Ele parara numa zona de estacionamento proibido. Laurie apontou para a placa.

– Por favor! – disse Lou, colocando um pequeno cartão no painel, ao lado do volante. – De vez em quando tenho o direito de aproveitar o fato de ser gente boa em Nova York.

Lou conduziu-a por uma rua estreita em direção a um dos restaurantes menos evidentes.

– Ele não tem nome – disse Laurie quando entraram.

– Não precisa de nome.

O interior era uma mistura cafona de toalhas de mesa em xadrez vermelho e branco e treliças mescladas com hera artificial e uvas de plástico. Uma vela enfiada num jarro com gotas de cera revestindo as laterais servia como acessório luminoso de cada mesa. Algumas pinturas em veludo negro de Veneza estavam penduradas nas paredes. Havia cerca de trinta mesas bem apertadas no espaço

estreito; tudo parecia estar ocupado. Garçons atormentados voavam de um lado a outro, atendendo os fregueses. Todo mundo parecia se conhecer pelo primeiro nome. Sobre todo o cenário pairava uma linha cruzada de vozes e um rico e saboroso aroma de comida condimentada com ervas.

De repente, Laurie percebeu que estava com muita fome.

– Parece que a gente devia ter feito uma reserva – disse ela.

Lou fez sinal para ela ser paciente. Em poucos minutos, uma mulher muito grande e muito italiana apareceu e deu um abraço envolvente em Lou. Ela foi apresentada a Laurie. Seu nome era Marie. Como num passe de mágica, uma mesa disponível se materializou e Marie acomodou Laurie e Lou.

– Tenho a sensação de que você é muito conhecido – disse Laurie.

– Com a quantidade de vezes em que já comi aqui, é melhor que eu seja mesmo. Coloquei um dos filhos dela na universidade.

Para o dissabor de Laurie, não havia cardápio. Ela teve que escutar as opções, que eram recitadas por um garçom com um forte sotaque italiano. Mas assim que ele terminou a impressionante ladainha, Lou reclinou-se e encorajou-a a pedir ravióli ou *manicotti*. Laurie apressou-se a escolher o ravióli.

Com o jantar pedido e uma garrafa de vinho branco na mesa, Lou desapontou Laurie acendendo um cigarro.

– Talvez possamos fazer um acordo – disse Laurie. – Que tal você só fumar um?

– Por mim tudo bem.

Após um copo de vinho, Laurie começou a se divertir com a atmosfera caótica. Quando as entradas chegaram, Giuseppe, o proprietário-cozinheiro, apareceu para a visita de cortesia.

Laurie achou o jantar maravilhoso. Depois das últimas noites em ambientes tão formais, aquele lugar animado era um alívio bem-vindo. Todo mundo parecia conhecer, e estimar, Lou. Zombaram dele, no bom sentido, por ter levado Laurie. Ao que parecia, em geral ele jantava sozinho.

Para a sobremesa, Lou insistiu que subissem a rua até uma cafeteira de estilo italiano, que servia café expresso sem cafeína e

gelado.

Com os expressos e sorvetes diante deles, Laurie levantou os olhos para Lou.

– Lou, tem uma coisa que eu gostaria de perguntar a você.

– Bah! – fez Lou. – Eu esperava que pudéssemos evitar qualquer assunto potencialmente problemático. Por favor, não me peça de novo para ir até os rapazes de Narcóticos.

– Só quero sua opinião.

– Está bem. Não é tão assustador assim. Manda.

– Não quero que você ria de mim, está bem?

– Esse início até que soou interessante.

– Não tenho nenhuma razão definitiva para ter pensado nisso – disse Laurie. – Só alguns pequenos fatos que me aborrecem.

– Nessa proporção, você vai precisar da noite inteira para botar para fora.

– É sobre minha série de overdoses. Quero saber qual seria sua opinião se eu sugerisse que foram homicídios e não overdoses acidentais.

– Continue falando – disse Lou. Distraído, tirou um cigarro do maço e acendeu-o.

– Chegou o caso de uma mulher que morreu de repente no hospital. A mulher tinha um bocado de doenças cardíacas. Mas quando se olha para ela e a examina com toda atenção não se pode deixar de pensar que ela pode ter sido asfixiada. O caso está sendo assinado como “natural”, sobretudo por causa dos outros detalhes... o lugar onde ela estava; o fato de ser gorda e ter um histórico de doença cardíaca. Mas se ela tivesse sido encontrada em qualquer outro lugar talvez o caso fosse considerado homicídio.

– Como isso se relaciona com suas overdoses? – perguntou Lou.

Ele inclinou-se para a frente, o cigarro metido no canto da boca. Seus olhos estavam semicerrados pela fumaça.

– Comecei a pensar sobre minhas overdoses do mesmo prisma. Afaste o fato de que todas essas pessoas foram encontradas sozinhas em seus apartamentos, com seringas ao lado de seus

corpos. É difícil ver assassinatos no contexto. Mas e se a cocaína não foi auto-injetada?

– Uau!... isso seria um truque ardiloso – disse Lou. Ele recostou-se na cadeira e tirou o cigarro da boca. – é verdade, já se cometeram homicídios com drogas. Não há nenhuma dúvida quanto a isso. Mas em geral o motivo é mais evidente: roubo, sexo, represália, herança. Um bocado de traficantes pequenos é morto dessa maneira por seus clientes descontentes. Os casos de sua série não se ajustam a esse molde. Eu pensava que a única razão para esses casos serem tão surpreendentes é o fato de que em cada caso o morto parecia ser um cidadão de respeito, sem nenhum histórico de abuso de drogas ou rixas com a lei.

– É verdade – admitiu Laurie.

– Você está querendo dizer que a cocaína foi injetada à força nesses *yuppies*? Laurie, caia na real! Com usuários querendo pagar uma nota preta pela coisa, por que alguém iria partir em uma cruzada pessoal para livrar a cidade de alguns de seus melhores e mais brilhantes membros? O que teriam a ganhar? Não é mais provável que essas pessoas estivessem mesmo metidas com as drogas às escondidas, talvez até traficando?

– Acho que não.

– Além disso, você não disse que essas pessoas estavam se picando com a coca, em vez de cheirar?

– É verdade.

– Bem, como é que alguém vai enfiar uma agulha numa pessoa que não esteja cooperando? Quero dizer, as enfermeiras não passam por maus bocados nos hospitais, aplicando injeções em seus pacientes? Pois bem, você está me dizendo que uma vítima que se debate tentando dizer não pode ser aplicada contra a própria vontade? Dá um tempo.

Laurie fechou os olhos. Lou tropeçara no ponto mais fraco de sua teoria do homicídio.

– Se essas pessoas foram injetadas contra sua vontade, haveria sinais de luta. Houve algum?

– Não – admitiu Laurie. – Pelo menos penso que não. – De repente, ela se lembrou da estátua espatifada no apartamento de

Júlia.

– A única maneira que posso conceber que isso tenha acontecido é se as vítimas foram drogadas antes com uma espécie de coquetel sossega-leão. Corrija-me se eu estiver errado, mas vocês do Departamento de Medicina Legal teriam encontrado uma droga como essa, caso ela existisse. Estou certo?

– Está – concordou Laurie.

– Bem, aí está. Não vou culpar você por ter pensado em homicídio, mas creio que se trata de uma possibilidade muitíssimo remota.

– Tem alguns outros fatos que descobri e que me deixaram desconfiada – persistiu Laurie. – Visitei hoje o apartamento de um dos casos de overdose mais recentes e o porteiro disse que, na noite em que a mulher morreu, ela havia chegado em casa com dois homens que ele nunca tinha visto antes.

– Laurie, você não pode estar querendo me dizer que o fato de uma mulher chegar em casa com dois homens, que o porteiro não reconheceu, gerou essa gigantesca teoria da conspiração. É isso?

– Está bem! Está bem! Seja condescendente comigo. Importa-se por eu ter trazido esse assunto à baila? O problema é que essas coisas estão me aborrecendo. É como se fosse uma dor de dente psicológica.

– O que mais? – disse Lou, paciente. – Vomite a coisa.

– Em dois dos casos, a vítima ligou para os respectivos namorado e namorada e pediu que passassem pela casa.

– E?

– E nada. Só isso. Só pensei que era estranho que essas pessoas, que supostamente estavam escondendo seu abuso de droga, fossem convidar seus namorados não-drogados para passarem em suas casas, se estavam planejando uma noite de farra de droga.

– Esses dois podem ter sido chamados por um milhão de motivos diferentes. Acho que nenhum deles sabia que a viagem iria terminar da maneira que terminou. Em todo caso, é mais um apoio à teoria da auto-aplicação. É provável que eles acreditassem no mito



popular sobre os poderes afrodisíacos da cocaína e quisessem os parceiros à disposição no momento em que se “ligassem”.

– Você deve achar que sou pirada – disse Laurie.

– De jeito nenhum. É bom ser desconfiado, em especial em seu ramo de trabalho.

– Obrigada pela consulta. Apreciei sua paciência.

– O prazer foi meu. A qualquer hora que você queira me apresentar qualquer coisa, não hesite.

– Gostei muito do jantar. Mas acho que é melhor começar a pensar em ir para casa. Creio que é melhor eu ter êxito em meu plano de terminar algum trabalho.

– Se gostou do restaurante, eu adoraria levar você a um outro no Queens. Fica bem no meio de uma vizinhança italiana de verdade. Autêntica culinária do norte da Itália. Que tal amanhã à noite?

– Obrigada pelo convite, mas já tenho planos.

– Claro – disse Lou em tom sarcástico. – Como pude esquecer o Dr. Limusine!

– Lou, por favor!

– Vamos – disse ele empurrando a cadeira para trás. – Vou levar você para casa. Se conseguir suportar meu modesto Capriche sem luxos.

Laurie revirou os olhos.

Franco Ponti estacionou o Cadillac negro na frente do Restaurante Napolitano na Corona Avenue, a rua acima do Vesúvio, e saltou.

O manobreiro reconheceu-o e apressou-se a garantir que o carro seria bem-tratado. Franco deu uma nota de dez dólares ao manobreiro e entrou.

Àquela hora de uma noite de sexta-feira, o restaurante estava em plena atividade. Um acordeonista ia de mesa em mesa, fazendo serenatas para os fregueses. Entre os risos e a luz fraca, um ar de sociabilidade marcava a noite. Franco deteve-se por alguns momentos, do outro lado da cortina de veludo vermelho que separava o vestíbulo do salão de jantar. Sem dificuldade, localizou

Vinnie Dominick, Freddie Capuso e Richie Hems numa das cabines atapetadas, junto com um par de gatinhas rechonchudas de minissaia.

Franco dirigiu-se diretamente para a mesa. Quando Vinnie o viu, deu tapinhas nas garotas e mandou que fossem passar pó-de-arroz nos narizes. Ponti sentou-se assim que elas saíram.

– Quer beber algo? – perguntou Vinnie.

– Um copo de vinho cairia bem – disse Franco.

Vinnie estalou os dedos. No mesmo instante apareceu um garçom para anotar o pedido. Com a mesma rapidez, ele reapareceu com o vinho pedido. Vinnie serviu a Franco um pouco de vinho da garrafa que estava em cima da mesa.

– Tem alguma coisa para mim? – perguntou Vinnie.

Franco sorveu um gole e virou a garrafa para observar o rótulo.

– Angelo Facciolo e Tony Ruggerio estão com Cerino hoje à noite. De modo que estão de folga. Mas ontem à noite eles saíram para dar duro. Não sei o que fizeram no início da noite porque os perdi. Mas depois de uma *pizza* à meia-noite, peguei-os outra vez e eles estavam muito ocupados. Você leu sobre aqueles assassinatos em Manhattan ontem à noite?

– Você se refere ao banqueiro graúdo e ao cara da casa de leilão? – perguntou Vinnie.

– São esses aí – disse Franco. – Angelo e Tony fizeram ambos os trabalhos. E fizeram merda. Quase foram agarrados nas duas ocasiões. Na verdade, tive que tomar cuidado para não ser caçado para interrogatório, sobretudo no caso do banqueiro. Eu estava estacionado bem em frente quando os tiras chegaram.

– Por que diabos eles liquidaram os sujeitos? – O rosto estava todo vermelho e os olhos começavam a saltar para fora.

– Ainda não sei.

– A cada dia que passa os tiras ficam mais agitados! – berrou Vinnie. – E quanto maior o alvoroço deles, pior para os negócios. Fomos obrigados a fechar temporariamente a maioria dos nossos clubes de jogos de azar. – Ele olhou de modo feroz para Franco. – Você tem que descobrir o que está acontecendo.

– Botei alguns batedores nas ruas – disse Franco. – Vou sair fazendo perguntas por ai e ficarei nos calcanhares de Angelo e Tony. Alguém tem que saber.

– Preciso fazer alguma coisa. Não posso ficar parado para sempre enquanto eles estragam tudo.

– Me dê mais alguns dias – pediu Franco. – Se eu não puder resolver a coisa, posso livrar-me de Angelo e Tony.

– Mas isso significaria guerra – retrucou Vinnie. – Não sei direito se estou preparado para isso. Uma guerra é muito pior para os negócios.

– Quer saber de uma coisa, Doc? – disse Cerino. – Não foi tão mau assim. Eu estava preocupado de verdade, mas não senti nada quando você operou. Como foi a coisa?

– Como um sonho – replicou Jordan. Ele segurava uma pequena lanterna tipo lapiseira, iluminando o olho que acabara de ser operado. – E agora parece ótimo. A córnea está tão clara quanto uma bolha e a câmara está profunda.

– Se você está contente, eu fico contente.

Cerino estava num dos quartos particulares da ala Goldblatt do Hospital Geral de Manhattan. Jordan estava fazendo as últimas rondas pós-operatórias, já que havia terminado seu último transplante de córnea apenas meia hora antes. Só nesse dia, tinha feito quatro transplantes. Ao fundo, Angelo estava recostado na parede. Tony estava quase dormindo numa poltrona ao lado da porta do banheiro.

– O que vamos fazer é dar alguns dias a este olho – disse Jordan, empertigando-se. – Em seguida, se tudo correr bem, como tenho certeza que correrá – apressou-se a acrescentar – faremos o outro olho. Depois, você ficará novo em folha.

– Quer dizer que também terei que aguardar para a outra operação? – indagou Cerino. – Você não me falou isso. Quando começamos, só me disse que eu teria que esperar pela primeira operação.

– Relaxe! – instou Jordan. – Não aumente sua pressão arterial. É bom darmos um pouco de tempo entre as operações, de forma

que seu olho tenha uma chance de se recuperar antes de eu trabalhar no outro. E, com a velocidade com que fizemos hoje, não terá que esperar muito tempo.

– Não gosto de surpresas de parte dos médicos – advertiu Cerino. – Não compreendo esse segundo período de espera. Tem certeza de que este olho que operou está indo bem?

– Está indo lindamente – tranqüilizou-o Jordan. – Ninguém poderia ter feito melhor, acredite em mim.

– Se eu não acreditasse em você, não estaria deitado aqui – disse Cerino. – Mas se estou indo tão bem assim, e tenho que esperar alguns dias, o que estou fazendo neste quarto deprimente? Quero ir para casa.

– É melhor que fique. Você precisa de medicação para o olho. E se começar algum processo infeccioso...

– Qualquer pessoa pode pingar algumas gotas em meus olhos – disse Paul. – Com tudo que aconteceu, Gloria, minha mulher, ficou muito boa nisso. E quero dar o fora daqui!

– Se está decidido a ir embora, não posso manter você aqui – replicou Jordan, nervoso. – Mas pelo menos trate de descansar e ficar quieto.

Três quartos de hora mais tarde, um enfermeiro empurrava a cadeira de rodas de Cerino em direção ao carro de Angelo. Tony já havia avançado o Town Car para o meio-fio em frente à entrada do hospital. E deixou o motor funcionando em marcha lenta.

Cerino pagou a conta do hospital em dinheiro vivo, fato que deixou atordoado o caixa de plantão. Após o chefe estalar os dedos, Angelo separou notas de cem dólares de um enorme rolo que tinha no bolso e contou-as até passar do total.

– Afaste suas mãos! – disse Cerino quando Angelo tentou ajudá-lo a sair da cadeira de rodas quando chegou ao lado do carro e o enfermeiro ativou os freios das rodas. – Posso fazer sozinho. O que você acha que sou, um aleijado?

Cerino impeliu-se para a posição ereta e balançou durante alguns momentos, enquanto colocava seu vulto considerável diretamente sobre as pernas. Estava vestido com traje de passeio.

Sobre o olho operado tinha uma proteção metálica com vários buracos minúsculos.

Com movimentos lentos, instalou-se no assento da frente e permitiu que Angelo fechasse a porta para ele. Angelo sentou-se no banco traseiro. Tony pôs o carro em movimento, mas ao chegar à rua calculou mal o meio-fio. O carro deu um salto.

– Jesus Cristo! – berrou Cerino.

Tony encolheu-se de medo sobre o volante.

Atravessaram o túnel Midtown e saíram na via expressa de Long Island. Cerino ficou expansivo.

– Querem saber de uma coisa, rapazes? – disse Cerino, radiante. – Estou me sentindo estupendo! Depois de toda a preocupação e planejamento, enfim tudo aconteceu. Como eu disse ao doutor, não foi tão mau assim. Claro que senti a primeira picada da agulha.

Angelo encolheu-se no assento traseiro. Desde o início, ele ficara supersensível com a história de entrar na sala de operações. Ao ver Jordan dirigir aquela agulha gigantesca para o rosto de Cerino, enfiando pouco abaixo do olho, Angelo quase desmaiara.

– Mas depois da agulha – continuou Cerino – não senti coisa alguma. Cheguei a cair no sono. Dá para acreditar? Você acredita, Tony?

– Não, não posso acreditar – disse Tony, nervoso.

– Quando acordei, já havia acabado – disse Cerino. – Jordan pode ser um babaca, mas é um cirurgião de primeira. E querem saber duma coisa? Acho que ele é esperto. Sei que é prático. Até que poderíamos fechar negócio, ele e eu. O que diz sobre isso, Angelo?

– É uma idéia interessante – disse Angelo sem entusiasmo.

# 12

## SÁBADO, 7 e 45, MANHATTAN

Como era sábado, Laurie não armou o despertador. Mas de qualquer maneira acordou antes das oito, mais uma vez perturbada pelo pesadelo sobre Shelly. Ela perguntou-se vagamente se ajudaria caso ela fosse procurar algum profissional.

Embora não estivesse de plantão, Laurie decidira ir ao gabinete. Não obstante suas intenções, não tinha avançado com o trabalho na noite anterior, depois que Lou a deixara em casa. Vinho e trabalho não combinavam bem no caso de Laurie.

Ao sair de seu prédio, Laurie teve a agradável surpresa de encontrar um dia claro de outono. O sol já havia assumido seu jeito fraco de inverno, mas o céu estava claro e a temperatura moderada.

Sendo sábado, o tráfego e o conseqüente escapamento de gás eram mínimos na Primeira Avenida, e Laurie desfrutou da caminhada Rua 30 acima.

Tão logo chegou, Laurie foi diretamente à sala de identificação para verificar os casos do dia. Ficou aliviada ao constatar que não havia nenhum candidato novo à série de overdoses. A relação era composta dos costumeiros homicídios de sexta-feira à noite e casos de acidente, que refletiam uma noite normal de assassinatos e lesões corporais na Big Apple.

Em seguida, Laurie dirigiu-se ao laboratório de toxicologia. Ficou aliviada porque não teria que se esquivar de John DeVries. Com certeza ele não estaria presente num sábado. Ficou contente por encontrar o diligente Peter em seu lugar de praxe, diante do novíssimo cromatógrafo a gás.

– Por enquanto ainda nada na direção de um agente contaminante – disse Peter. – Mas com a nova amostra gigantesca que recebi ontem talvez tenhamos sorte.

– Que tipo de amostra? Sangue?

– Não, cocaína pura tirada do intestino.

– Intestino de quem?

Peter examinou as etiquetas de amostra à sua frente.

– Wendell Morrison. Um dos casos de Fontworth de ontem.

– Mas como ele conseguiu uma amostra do intestino?

– Nisso não posso ajudar você. Não tenho a menor idéia de como ele conseguiu isso, mas com a quantidade que ele me deu, meu trabalho vai ficar muito mais fácil.

– Fico contente – disse Laurie, intrigada com essa notícia inesperada. – Avise-me o que você descobrir.

Laurie deixou o laboratório de toxicologia e foi para seu gabinete. Depois de encontrar o número do telefone de George Fontworth no catálogo do departamento, Laurie telefonou para ele.

George atendeu no segundo toque e Laurie ficou aliviada por não o ter acordado.

– Não me diga que você está no departamento – disse ele ao ouvir quem ligava.

– O que posso dizer?

– Você nem está de plantão – disse George. – Não dê tanto duro assim. Você fará com que o resto de nós fique em maus lençóis.

– Claro – riu Laurie. – Não estou impressionando ninguém por aqui. Você sabe o que Calvin lhe disse; ontem você nem devia conversar comigo.

– Coisa bem estúpida – concordou George. – Mas o que você tem em mente?

– Estou curiosa com o primeiro caso que fez ontem – disse Laurie. – Wendell Morrison.

– O que quer saber

– Toxicologia me disse que você deu a eles uma amostra de cocaína retirada do intestino do morto. Como você obteve?

– O Dr. Morrison tomou a droga por via oral – disse George.

– Pensei que você tivesse me dito que ambos os seus casos tinham injetado na veia.

– Só o segundo caso. Quando você me perguntou a via da administração da droga, pensei que só se referia àquele caso.

– Todos os meus casos tomaram a droga por via intravenosa, mas um dos casos de Dick Katzenburg tomou por via oral, mas só

depois de tentar injetar na veia.

– O mesmo com o Dr. Morrison. A fossa antecubital dele parecia uma almofada para alfinetes. O cara era gordo e as veias profundas, mas seria de se esperar que um médico fosse um pouco melhor em *venipuntura*.

– Ainda havia muita quantidade de cocaína no intestino?

– Uma tonelada. Não dá para imaginar a quantidade que o cara comeu. Parte do intestino estava enfartada, nos pontos onde a cocaína fechou o fornecimento de sangue. Foi igual a um desses casos de “mula” de cocaína, quando as camisinhas rompem em trânsito.

– Havia alguma outra coisa digna de menção?

– Sim – disse George. – Ele tinha uma marca cardiovascular provocada por um pequeno aneurisma. É provável que tenha estourado durante um ataque apoplético.

Antes de desligar, Laurie contou para George sobre o pequeno pedaço de tecido que retirou de debaixo da unha de Júlia Myerholtz e enviou para o laboratório.

– Espero que você não se importe por eu ter me intrometido em seu caso – disse Laurie.

– Droga, claro que não! Só fico um pouco embaraçado por não ter notado o tecido. Do jeito que ela se esfolou, eu devia ter olhado debaixo das unhas dela.

Após desejar um bom fim de semana a George, Laurie enfim dedicou-se ao trabalho de escrita. Mas como vinha acontecendo nos últimos tempos, Laurie não conseguiu afastar a mente dos aspectos perturbadores da série de overdoses. Apesar de sua conversa com Lou, certos detalhes do caso Myerholtz continuavam incomodando-a.

Laurie retirou as pastas dos três casos que realizara na quinta-feira: Stuart Morgan, Randall Thatcher e Valerie Abrams. Usando um bloco de rascunho, ela anotou cada um dos três endereços.

Um minuto depois, Laurie saiu porta afora. Pegou um táxi e visitou os três locais das mortes. Conversou com o porteiro de cada residência. Após explicar quem era, Laurie obteve os nomes e números de telefone dos porteiros que estavam de serviço na noite de quarta-feira.



De volta ao gabinete, Laurie começou a dar os telefonemas. A primeira ligação telefônica foi para Júlio Chavez.

– Você conhecia Valerie Abrams? – perguntou Laurie depois de explicar quem era.

– Sim, claro – disse Júlio.

– Você a viu na noite de quarta-feira?

– Não, não vi. Pelo menos não que me lembre.

É provável que Lou esteja certo – disse Laurie para si mesma após agradecer e desligar – talvez ela estivesse desperdiçando tempo. No entanto, não pôde resistir e discou o número do nome seguinte na lista: Angel Mendez, o porteiro da noite do prédio de Stuart Morgan.

Laurie se apresentou como havia feito antes, depois perguntou se Angel conhecia Stuart Morgan, e a resposta foi a mesma:

– Claro!

– Você viu o Sr. Morgan na noite de quarta-feira?

– Claro. Eu via o Sr. Morgan todas as noites em que trabalhava. Ele corria todos os dias depois do trabalho.

– Ele correu na noite de quarta-feira?

– Igual a todas as outras noites.

Laurie pensou, mais uma vez, na inconsistência de um sujeito que se prezava o bastante a ponto de correr todas as noites, mas que tomava drogas. Não fazia o menor sentido.

– Ele parecia normal? – perguntou Laurie. – Parecia estar deprimido?

– Ele estava ótimo quando saiu – disse Angel. – Mas não correu tanto como costumava fazer. Pelo menos, voltou logo depois. Não estava nem suado. Estou lembrado disso porque disse que ele não tinha feito força para suar.

– O que ele disse em resposta?

– Nada.

– Era costume dele não dizer nada?

– Só quando estava com outras pessoas.

– O Sr. Morgan estava com outras pessoas quando retornou da corrida?

– Sim. Estava com dois estranhos.

Laurie ficou rígida.

– Você pode descrever esses estranhos?

Angel deu uma risada.

– Não, acho que não. Vejo tantas pessoas por dia... Só lembro que ele estava com estranhos porque não me cumprimentou.

Laurie agradeceu ao porteiro e desligou. Pois bem, aquilo já era alguma coisa. Ela ainda podia ouvir a advertência de Lou para não bancar a detetive, mas essa surpreendente semelhança com o caso Myerholtz poderia ser o começo de um tremendo avanço.

No final, Laurie telefonou para o último nome da lista: David Wong. Infelizmente, David não conseguiu lembrar-se de ter visto Randall Thatcher na noite de quarta-feira. Laurie agradeceu e desligou.

Laurie decidiu voltar sua atenção para mais um caso antes de retornar ao trabalho de escrita. Foi à Histologia e pediu as lâminas de Mary O'Connor. De volta ao gabinete, examinou as lâminas do coração em seu microscópio para estudar a extensão de arteriosclerose. Era moderada na esfera microscópica, do mesmo modo que Paul disse que era no conjunto. Ela também não notou qualquer miopatia cardíaca.

Com isso fora do caminho, Laurie não pôde pensar em outra razão para evitar seu trabalho. Empurrando o microscópio para o lado, pegou os casos incompletos e se forçou a começar.

– Então, é isso aqui? – perguntou Lou, acenando no ar uma folha de papel datilografado.

– Foi o que pude conseguir – respondeu Norman.

– Isso aqui não passa de um bocado de papo furado de doutor. Que porra é “ceratocone”? Ou então essa preciosidade aqui: ceratopatia bolhosa pseudofásica. Que treco é esse? Você quer fazer o favor de me dizer?

– Você queria os diagnósticos das vítimas que estavam indo ao Dr. Jordan Scheffield – disse Norman. – Foi isso aí que as equipes encontraram.

Lou leu a página outra vez. Martha Goldsburg, ceratopatia bolhosa pseudofásica; Steven Vivonetto, ceratite intersticial; Janice

Singleton, herpes-zóster; Henrietta Kaufman, distrofia endotelial De Fuchs; Dwight Sorenson, ceratocone.

– Eu esperava que todos estivessem nas mesmas condições – murmurou Lou. – Tinha a esperança de pegar o Dr. Scheffield tremedidos em uma mentira.

Norman encolheu os ombros.

– Sinto muito – disse ele. – Posso conseguir alguém que traduza esses termos para o inglês de gente normal... se é que existem outras palavras que signifiquem isso.

Lou recostou-se na cadeira.

– E então, o que você acha? – perguntou ele.

– Não tenho nenhuma idéia brilhante – disse Norman. – Quando vi pela primeira vez o nome do doutor aparecer, pensei que talvez tivéssemos alguma coisa. Mas agora não parece ser assim.

– Algum desses pacientes estava descontente com o tratamento? – perguntou Lou.

– A única resposta positiva nessa arena é Goldsburg – disse Norman. – Harry Goldsburg deu início a um processo contra o Dr. Scheffield por negligência no exercício da medicina, depois que o médico tratou a catarata da mulher dele. Parece que houve alguma complicação e ela não estava enxergando muito pelo olho operado.

O que é essa outra coisa aqui? – perguntou Lou, segurando uma pasta grossa cheia de páginas datilografadas.

– É o resto do material que foi recolhido pelas equipes de investigação – disse Norman.

– Jesus Cristo! Deve haver quinhentas páginas aqui dentro.

– Mais provável que sejam quatrocentas – disse Norman. – Por enquanto, nada saltou na minha frente, mas creio que o melhor é repassar isso também. E é melhor você ir começando. À medida que entrevistamos as pessoas, vai aparecer mais material.

– E quanto à Balística...

– Eles ainda não chegaram a nós. Ainda estão nos homicídios do mês passado. Mas a opinião preliminar é que só duas armas estão envolvidas: uma calibre vinte e dois e a outra vinte e cinco.

– E quanto à governanta.

- Está viva, mas ainda não voltou a si. Ela foi atingida na cabeça e está em coma.
- Você conseguiu proteção para ela?
- Total – disse Norman. – Dia e noite.

Tendo enfim realizado algum progresso em seu trabalho burocrático, Laurie fez uma pilha com os casos completados. Com eles fora do caminho, retirou os registros dos casos de overdose. Selecionou e separou os três casos que desejava: Duncan Andrews, Robert Evans e Marion Overstreet. Foram casos que Laurie autopsiou na terça e na quarta-feira. Copiou os endereços e preparou-se para partir. Laurie fez o mesmo tipo de *Turner* que fizera naquela manhã. Só que dessa vez os porteiros que ela desejava interrogar estavam no serviço de novo.

Ficou desapontada com os resultados nas residências de Evans e Overstreet. Nenhum dos dois porteiros pôde falar muito sobre as noites em questão. Mas a história foi diferente no prédio de Duncan Andrews.

Quando o táxi se aproximou do prédio, Laurie reconheceu o toldo de lona azul em forma de concha e a porta de ferro batido, que já vira na visita anterior. Quando saltou do táxi, chegou a reconhecer o porteiro. Ele era o mesmo que estava de serviço na última visita malfadada de Laurie. Mas o fato de ter reconhecido o porteiro não serviu para desencorajá-la. Apesar de achar que havia uma boa chance de sua visita chegar aos ouvidos de Bingham, ela desejava correr o risco.

- Posso ajudá-la? – perguntou o porteiro.

Laurie procurou sinais de reconhecimento de parte do porteiro. Não viu nenhum.

- Sou do Departamento de Medicina Legal – disse Laurie. – Sou a Dra. Montgomery. Está lembrado de que vim aqui na terça-feira?

- Acho que sim. Meu nome é Oliver. Posso fazer alguma coisa por você? Veio aqui para voltar ao apartamento de Andrews?

- Não, não quero perturbar ninguém. Só quero conversar com você. Estava trabalhando na noite de sábado?

– Sim, estava. Meus dias de folga são segunda e quinta-feira.

– Você lembra se viu o Sr. Andrews na noite em que ele morreu?

– Acho que vi – disse ele após pensar um pouco. – Eu costumava vê-lo quase todas as noites.

– Lembra se ele estava sozinho?

– Isso eu não posso dizer – disse Oliver. – Com a quantidade de gente que entra e sai daqui, seria pouco provável que eu me lembrasse de uma coisa como essa, sobretudo quase uma semana depois. Talvez, se fosse no mesmo dia ou se tivesse acontecido alguma coisa fora do comum. Espere um minuto! – gritou ele, de repente. – Talvez eu me lembre. Houve uma noite em que o Sr. Andrews chegou com algumas pessoas. Estou lembrando agora porque ele me chamou pelo nome errado. Usou o nome do superintendente.

– Ele sabia seu nome?

– Mas é claro! Trabalho aqui desde antes de ele se mudar para cá. Isso foi há cinco anos.

– Quantos homens estavam com ele?

– Dois, acho. Talvez três.

– Mas não sabe direito que noite foi?

– Não sei direito – concordou Oliver. – Mas me lembro que ele me chamou de Juan e isso me deixou confuso. Quero dizer, ele sabia que meu nome é Oliver.

Laurie agradeceu a Oliver e se dirigiu para casa. Que dedução tirar dessa estranha série de semelhanças? Quem eram esses dois homens, e seria o mesmo par em todos os casos? E que significado teria o fato de um homem jovem, inteligente e dinâmico confundir os nomes do porteiro e de seu superintendente? Provavelmente, nenhum. Afinal de contas, talvez Duncan estivesse pensando em chamar Juan para resolver algum problema em seu apartamento, quando entrou no prédio.

Ao entrar em seu prédio, Laurie lançou um olhar avaliador no interior enquanto caminhava em direção ao elevador. Notou as lajotas rachadas e lascadas do chão e a pintura que descascava nas paredes. Comparando com as residências que estivera visitando, o

edifício era uma favela. A coisa deprimente era que todas as vítimas de overdose tinham mais ou menos a idade de Laurie ou eram mais jovens e, como era evidente, do ponto de vista financeiro tinham se dado muito melhor do que ela. Laurie já pagava um aluguel mais alto do que pensava que podia pagar com o salário que tinha e morava numa espelunca compatível com sua renda. Era deprimente.

Tom melhorou o humor de Laurie no momento em que ela entrou em casa. Como dormira o dia inteiro, assim como a noite anterior, o gato era pura energia. Com uma habilidade de salto realmente tremenda, ele ricocheteava em paredes e móveis em uma fantástica demonstração de exuberância, que fez Laurie chorar de tanto rir.

Desacostumada com o luxo do tempo livre para gastar consigo mesma, Laurie aproveitou as horas seguintes para tirar um cochilo e tomar um banho. Como não havia nenhum recado de Jordan dizendo o contrário, Laurie supôs que os planos para o jantar não haviam mudado e a hora marcada continuava sendo as nove.

Após gastar meia hora para decidir o que usaria, o que incluiu a prova de três trajes diferentes, Laurie ficou pronta às cinco para as nove. Ao contrário das duas saídas anteriores, o próprio Jordan apareceu as nove em ponto.

– Agora você vai fazer com que meus vizinhos comecem a fofocar – disse Laurie. – Tenho certeza de que eles estavam pensando que eu estava saindo com Thomas.

Jordan tinha feito reservas para eles no Four Seasons. Como no caso dos outros restaurantes preferidos por ele, Laurie jamais havia comido ali. Embora a comida fosse excelente, o serviço impecável e o vinho delicioso, Laurie não pôde evitar comparar a casa, de maneira desfavorável, com o restaurante sem nome aonde Lou a levava na noite anterior. Havia algo de cativante naquele lugarzinho caótico e alvoroçado. Por outro lado, o Four Seasons era tão silencioso que distraía. Com os únicos sons sendo o tinido do gelo nos copos d'água ou o tintim dos talheres de prata *sans-serif* batendo na porcelana, Laurie achou que teria de sussurrar. E a decoração era tão intencionalmente atemorizadora com sua forte geometria que ela se sentia intimidada. Laurie engasgou com a água

quando lhe ocorreu um pensamento desagradável: e se não fosse o restaurante, mas sim a companhia, que a impressionava daquela maneira?

Jordan estava relaxado e comunicativo, tagarelado sobre seu consultório.

– As coisas não poderiam ir melhor – disse ele. – Consegui uma substituta para Marsha que é dez vezes melhor do que Marsha era. Não sei por que estava tão preocupado com a substituição dela. E minhas cirurgias estão indo muito bem. Nunca fiz tantas cirurgias em um período de tempo tão curto. Só espero que isso se mantenha. Meu contador me telefonou ontem para dizer que este mês vai ser um recorde.

– Fico contente por você – disse Laurie. Estava tentada a mencionar as revelações do dia, mas Jordan não lhe dava chance.

– Estou cogitando em acrescentar mais uma sala de exame – disse ele. – Talvez até aceitar um sócio júnior que trate de todos os pacientes de segunda categoria.

– Que são pacientes de segunda categoria? – perguntou Laurie.

– Os pacientes que não serão operados – disse Jordan. Ele localizou um garçom e chamou-o para pedir uma segunda garrafa de vinho.

– Hoje eu examinei as lâminas de Mary O'Connor – disse Laurie.

– Prefiro manter a conversa em assuntos mais felizes.

– Não quer saber o que descobri?

– Não tenho nenhum interesse especial. A não ser que seja algo extraordinário. Não posso me alongar com ele. Tenho que seguir em frente. Afinal de contas, o estado de saúde geral dela não era de minha responsabilidade, mas sim de seu médico de doenças internas. Não é como se ela tivesse morrido durante a cirurgia.

– E quanto a seus outros pacientes que foram mortos? – perguntou Laurie. – Gostaria de falar sobre eles?

– Não mesmo. Quero dizer, com que finalidade? Não é como se pudéssemos fazer alguma coisa por eles.

– Só achei que você teria necessidade de discutir o assunto. Se eu estivesse em sua pele, tenho certeza de que gostaria de falar.

– Isso me deprime. Mas de nada adianta conversar sobre isso. Prefiro me concentrar nas coisas positivas de minha vida.

Laurie estudou o rosto de Jordan. Lou dissera que ele pareceu nervoso quando foi indagado sobre as mortes de seus pacientes. Laurie não viu nenhum nervosismo naquele momento. A única coisa que viu foi uma negação deliberada: ele preferia não pensar em nenhum aborrecimento.

– Coisas positivas como o fato de você ter operado Paul Cerino ontem?

Se Jordan captou a jocosidade no tom de voz de Laurie, fingiu não ter captado.

– Isso é que é verdade – disse ele, respondendo ansioso mudança de assunto. – Não vejo a hora de fazer o segundo olho e vê-lo pelas costas.

– Quando será isso?

– Dentro de uma semana, mais ou menos – disse Jordan. – Só quero ter certeza de que o primeiro olho vai ficar bom. Eu estremeço cada vez que penso na possibilidade de haver complicações. Não que eu esteja esperando alguma. O caso dele transcorreu muitíssimo bem. Mas ele se recusou a passar a noite no hospital, de forma que não posso ter cem por cento de segurança de que esteja tomando a medicação que precisa.

– Bem, se não estiver tomando, a culpa não será sua – disse Laurie.

– Não tenho certeza se Cerino veria a coisa dessa maneira – disse Jordan.

Após sobremesa e café, Laurie concordou em ir ver o apartamento de Jordan na Trump Tower. Ficou impressionada no momento em que atravessou a porta. Bem na frente dela, quase na mesma altura do apartamento de Jordan, estava o topo iluminado do Crown Building. Ao entrar na sala de estar, Laurie pôde ver ao sul a Quinta Avenida até o Empire State Building e o World Trade Center mais além. Olhando para o norte, pôde ver um canto do



Central Park com seus caminhos serpenteantes totalmente iluminados.

– É deslumbrante – disse Laurie.

Estava paralisada pela vista da linha do horizonte de Nova York. Quando seus olhos varreram o horizonte, ela percebeu que Jordan estava parado bem atrás dela.

– Laurie – disse ele em tom suave.

Laurie girou para ver-se envolvida pelos braços musculosos de Jordan. O rosto anguloso dele estava iluminado pela luz refletida do ápice dourado do Crown Building, que entrava pelas janelas. Com os lábios entreabertos, ele inclinou-se à frente com a intenção de beijá-la.

– Ei – disse ela, desembaraçando-se. – Que tal uma bebida depois do jantar?

– Seu desejo é uma ordem para mim – disse Jordan com um sorriso de arrependimento.

Laurie ficou um pouco surpresa consigo mesma. Claro que ela não era tão ingênua a ponto de acreditar que o gesto de Jordan não era esperado. Afinal de contas, ela estava saindo com o médico, quase três noites seguidas, e o achava atraente. No entanto, por alguma razão qualquer, ela estava começando a repensar a coisa.

– E então? – murmurou Tony quando Angelo retornou à mesa vindo do telefone do lado de fora do banheiro dos homens.

Tony estava de boca cheia. Ele acabara de se entulhar com um gigantesco pedaço de *tortellini con panna*. Levantando o guardanapo, ele limpou o círculo de creme e queijo de seus lábios.

Angelo e Tony estavam num pequeno restaurante aberto dia e noite em Astoria. A idéia de parar foi de Tony, mas Angelo não se importou, já que de qualquer modo tinha que telefonar para Cerino.

– E então? – repetiu Tony após engolir o *tortellini* que tinha na boca. Ele ajudou a massa a descer com um pouco de água mineral.

– Eu gostaria que você não falasse com a boca cheia – disse Angelo enquanto se sentava. – Isso me deixa de estômago embrulhado.

– Desculpe – disse Tony. Ele já estava espetando o *tortellini* com o garfo, em preparação para a próxima mordida.

– Ele quer que a gente saia de novo hoje à noite – disse Angelo.

Tony enfiou com sofreguidão o garfo cheio de *tortellini* na boca, depois disse:

– Genial! – A expressão soou mais como “merecido”.

Tendo mais uma visão repugnante da mistura de massa na boca de Tony, Angelo estendeu a mão, levantou o prato de Tony e virou-o de cabeça para baixo na frente de Tony. Tony encolheu-se com o súbito movimento e olhou fixo, com surpresa abalada, para o prato virado.

– Por que você fez isso? – queixou-se.

– Eu lhe disse para não comer de boca aberta – vociferou Angelo. – Estou tentando conversar com você e você continua comendo.

– Desculpe, está bem?

– Além disso, fico pau da vida com essa história de Cerino nos mandar sair por aí – continuou Angelo. – Pensei que enfim tivéssemos acabado com essa merda toda.

– Pelo menos o dinheiro é bom – disse Tony. – O que devemos fazer?

– Devemos grudar no lado do fornecimento. Podemos ter terminado com o lado da demanda, o que por mim está ótimo. É aí que nos metemos em encrencas.

– Quando? – perguntou Tony.

– Assim que você meter essa bunda no carro.

Quinze minutos depois, quando se aproximavam da ponte Queensboro, Angelo falou em tom alto e claro:

– Tem uma outra coisa que me aporrinha nessa história. Não gosto da escolha da hora. A madrugada de sábado não é uma boa hora. Talvez sejamos obrigados a mudar as coisas e ser criativos.

– Por que não usamos o telefone? Podemos garantir que as coisas fiquem de primeiríssima qualidade antes de executarmos qualquer ação.

Angelo lançou um olhar de soslaio na direção de Tony. Às vezes o garoto o surpreendia. Ele não era um idiota o tempo inteiro.

# 13

## DOMINGO, 9 e 15, MANHATTAN

Curvando-se para a frente e tentando apontar o guarda-chuva na direção do vento, Laurie seguia seu caminho devagar na Primeira Avenida. Era difícil para ela acreditar que o tempo pudesse mudar tanto assim em um único dia. Não apenas chovia e ventava, mas durante a noite a temperatura caíra verticalmente, chegando a um pontinho acima do ponto de congelamento. Para essa ocasião, Laurie havia retirado o casaco de inverno do armário cheio de bolas de naftalina.

Parada na esquina, Laurie acenou em vão para os poucos táxis que passavam como um raio, mas todos estavam ocupados. No exato momento em que ela se resignara a caminhar até o departamento, um táxi livre encostou-se ao meio-fio. Ela teve que dar um salto para evitar ser salpicada de água.

Como no dia anterior fizera enfim importantes progressos em seu trabalho de escrita, Laurie não estava planejando trabalhar nesse domingo; no entanto, se sentia compelida a ir até o departamento por causa de uma sensação supersticiosa. A idéia dela era que se fizesse o esforço de ir até lá não haveria nenhum caso adicional em sua série.

Ao sair da umidade na área de recepção, Laurie desabotoou o casaco e andou em direção à sala de identificação. Não havia ninguém por lá, assim como tão-pouco havia uma relação dos casos do dia. Mas a máquina de fazer café estava ligada e alguém tinha feito café. Laurie serviu-se de uma xícara.

Deixando o casaco e o guarda-chuva, Laurie desceu um andar até a morgue e caminhou de volta até a sala principal de autópsia. As luzes estavam acesas, de modo que Laurie ficou ciente de que a sala estava em uso.

A porta abriu-se rangendo com seu toque. Apenas duas das oito mesas estavam ocupadas. Laurie tentou reconhecer quem estava trabalhando. Com os óculos de proteção, máscaras faciais e

capuzes era difícil reconhecer. No exato momento em que ela estava prestes a ir ao vestiário para mudar de roupa, alguém notou sua presença e, deixando a mesa de autópsia, aproximou-se para falar com ela. Era Sal D'Ambrosio, um dos técnicos.

– Mas que droga você está fazendo aqui? – perguntou Sal.

– Eu moro aqui – disse Laurie dando uma risada. – Que médico está de plantão hoje?

– Plodgett. Qual é o problema?

– Sem problema. Quem está na outra mesa?

– O Dr. Besserman. Paul convocou-o. Tivemos um bocado de casos hoje. Mais do que de costume.

Laurie acenou para Sal, depois chamou Paul.

– Ei, Paul. Alguma coisa interessante?

– Eu diria que sim. Ia telefonar para você mais tarde. Tivemos mais duas overdoses que podem entrar em sua série.

Laurie sentiu o coração apertar. Chega de superstição.

– Vou entrar logo aí – disse ela.

Depois que vestiu a indumentária de proteção, Laurie dirigiu-se à mesa de Paul. Ele estava trabalhando nos restos de uma mulher jovem.

– Que idade? – perguntou Laurie.

– Vinte – disse Paul. – Estudante da Universidade de Columbia.

– Que terrível! – replicou ela. A mulher seria de longe a mais jovem de sua série.

– E isso não é o pior da coisa.

– Como assim?

– O Dr. Besserman está fazendo o namorado – disse Paul.– Ele é um banqueiro de trinta e um anos. Este é o motivo pelo qual achei que você ficaria interessada. Parece que os dois se injetaram ao mesmo tempo.

– Oh, não!

Laurie sentiu-se quase tonta; enquanto tragédia dupla, o incidente era duplamente comovente. Ela andou até a mesa do Dr. Besserman, que acabava de retirar os órgãos internos do corpo. Laurie olhou para o rosto do morto. Havia um enorme hematoma descolorido em sua testa.

– Ele teve uma convulsão – disse o Dr. Besserman, notando a curiosidade de Laurie. Deve ter batido com o rosto no chão. Ou talvez isso tenha acontecido na geladeira.

Laurie desviou sua atenção para o Dr. Besserman.

– Este homem foi encontrado na geladeira? – perguntou ela.

– Foi o que o médico de serviço disse – respondeu o Dr. Besserman.

– Então, este é o terceiro. Onde estava a namorada?

– Estava caída no chão do quarto de dormir.

– Achou alguma coisa interessante no trabalho até agora?

– Só o rotineiro de uma overdose.

Laurie retornou à mesa de Paul e observou-o cortar várias amostras do fígado.

– Que tipos de amostras você tem enviado à Toxicologia em casos como este? – perguntou ele quando notou que Laurie estava a seu lado.

– Fígado, rim e cérebro – disse Laurie. – Além das costumeiras amostras de fluidos.

– Era o que eu pensava.

– Você descobriu alguma coisa notável neste caso?

– Até agora não. Não há dúvida de que tudo é coerente com uma overdose de cocaína. Nenhuma surpresa. Mas ainda temos que fazer a autópsia da cabeça dele.

– Ouvi dizer que vocês tiveram um bocado de casos hoje. Como já estou aqui, gostaria que eu desse uma ajuda?

– Não é necessário – disse Paul. – Sobretudo agora que o Dr. Besserman chegou.

– Tem certeza?

– Obrigado pela oferta, mas tenho certeza.

Folheando todo o trabalho de escrita dos casos, Laurie pegou os nomes das vítimas, assim como o endereço do homem. Os corpos tinham sido encontrados no apartamento do banqueiro. Em seguida, ela voltou ao vestiário e trocou de roupa. Estava desanimada ao extremo. Havia algo de especialmente trágico no fato de dois jovens amantes perderem a vida daquela maneira tão sem sentido. Ela começou a lamentar outra vez a decisão de Bingham de não

informar ao público sobre a droga, que podia estar contaminada. Se ele tivesse informado, talvez aquelas duas pessoas estivessem vivas nesse dia.

Com súbita resolução, Laurie decidiu telefonar para Bingham. Se aquela tragédia ao estilo Romeu e Julieta não o acordasse para o fato de que eles talvez estivessem enfrentando uma séria crise da saúde pública, nada o acordaria. Laurie subiu a seu gabinete e encontrou o número da casa de Bingham no catálogo. Respirou fundo e fez a ligação. O próprio Bingham atendeu.

– Esta é uma manhã de domingo – disse ele em tom decidido quando compreendeu quem estava no outro lado da linha.

No mesmo instante, Laurie contou para ele sobre os novos dois casos de overdose. Quando terminou de falar, topou com o silêncio. Em seguida, Bingham disse, de maneira cortante:

– Não consigo entender por que você se sentiu compelida a telefonar para mim por causa disso num domingo.

– Se tivéssemos feito uma declaração, esse casal podia estar vivo hoje – disse Laurie. – É óbvio que não podemos ajudá-los, mas talvez possamos ajudar outros. Com esses casos, agora tenho dezesseis em minha série.

– Olha, Montgomery, ainda não estou convencido de que você tem uma verdadeira série; portanto, pare de ficar jogando esse termo por aí, como se isso fosse uma suposição *à priori*. Talvez você tenha uma série, talvez não. Aprecio suas boas intenções, mas você obteve alguma prova? O laboratório já encontrou algum contaminador?

– Ainda não – admitiu Laurie.

– Então, no que me diz respeito, essa conversa é um papo tão furado quanto a que tivemos outro dia.

– Mas estou convencida de que podemos salvar vidas...

– Eu sei que está – disse Bingham –, mas eu também estou convencido de que não é do interesse do departamento e da cidade como um todo. Os meios de comunicação vão querer nomes e não estamos preparados para citar nomes, não com a pressão que estamos sofrendo. E não é só a família de Duncan Andrews que gostaria de manter esses casos fora das manchetes dos jornais. Mas

nesta semana terei uma reunião com o secretário de Saúde. Com toda a justiça a você, apresentarei a questão e ele poderá decidir.

– Mas Dr. Bingham... – protestou Laurie.

– Já basta, Laurie. Adeus!

Laurie olhou para o telefone, com uma expressão frustrada. Bingham havia desligado na cara dela. Laurie bateu o telefone com raiva. A idéia de que ele levaria o problema para o secretário não era um consolo para ela. No que dizia respeito a Laurie, isso era apenas trocar o problema de uma prateleira política para outra. Ela também achava que Bingham estivera bem perto da verdadeira razão para manter a proibição quanto à série, quando mencionou Duncan Andrews. Bingham ainda estava preocupado com as ramificações políticas de se aparecer em público com um nome que tinha muitas relações.

Laurie decidiu dar um telefonema para Jordan. Como ele não trabalhava para o município e não era devedor de nenhum grupo ou interesse especial, talvez pudesse falar. Laurie não tinha certeza se ele estaria inclinado a se envolver, mas decidiu arriscar. Jordan atendeu no segundo toque, mas falou ofegante quando respondeu.

– Estou na bicicleta de exercício – explicou ele quando Laurie perguntou. – Que bom ouvir sua voz tão cedo assim. Espero que você tenha tido uma bela noite. Eu sei que tive.

– Foi adorável – disse ela. – Obrigada.

De fato, tinha sido uma bela noite e Laurie ficara aliviada porque Jordan não voltou a pressionar depois daquele breve beijo abortado.

Laurie informou a Jordan sobre os últimos acréscimos de sua série de overdoses. Para seu alívio, Jordan demonstrou um desconcerto autêntico.

– Pois bem, tenho uma pergunta para você – disse Laurie. – E um favor para pedir. O Departamento de Medicina Legal não está disposto a fazer uma declaração pública sobre minha série. Eu quero que isso seja feito porque estou convencida de que salvaria vidas. Você conhece alguma outra maneira de levar essa informação para o público, e você estaria disposto a fazer essa declaração?



– Espere um segundo – disse Jordan. – Eu sou oftalmologista. Essa não é bem minha área de especialidade. Você quer que eu faça uma espécie de declaração sobre uma série de mortes por droga. De maneira nenhuma, não é adequado.

Laurie suspirou.

– Não poderia pensar sobre isso?

– Não preciso pensar nisso. Esse é o tipo de coisa da qual tenho que me manter afastado, pura e simplesmente. Lembre-se de que eu e você entramos na medicina pelas extremidades opostas do espectro. Eu sou a ponta clínica. Tenho uma clientela com um perfil muito alto. Tenho certeza de que eles não gostariam de ouvir que estou metido em algum caso de droga, não importa de que lado da lei estou. Eles começariam a se perguntar sobre a minha pessoa e antes que eu soubesse o que está acontecendo eles procurariam outro médico. Nos dias de hoje, a oftalmologia é muito competitiva.

Laurie nem tentou argumentar. Compreendeu com mais clareza do que nunca: Jordan Scheffield não iria ajudá-la. Ela apenas agradeceu pelo tempo dele e desligou.

Havia apenas uma outra pessoa a quem Laurie poderia dirigir-se. Embora estivesse longe de se sentir otimista quanto à recepção que encontraria, ela engoliu o orgulho e telefonou para Lou. Como não tinha o número do telefone da casa dele, Laurie telefonou para a Central de Polícia a fim de deixar um recado para ele. Para sua surpresa, Lou respondeu à chamada quase no mesmo instante.

– Ei, como você vai? – Ele parecia contente por ter tido notícias de Laurie. – Eu sabia que devia ter dado o número de minha casa para você. Olha, deixe-me dar esse número agora.

Laurie pegou uma caneta e papel e anotou o número.

– Fico contente por você ter telefonado – continuou Lou. – Estou com meus filhos aqui. Quer dar um pulinho aqui no SoHo para um *brunch*?

– Uma outra hora – disse Laurie. – Estou com um problema.

– Epa! O que é?

Laurie contou para ele sobre a overdose dupla e as conversas que tivera com Bingham e Jordan.

– Bonito saber que estou no fundo de sua relação – comentou Lou.

– Por favor, Lou – disse Laurie. – Não banque o magoado. Eu estou desesperada.

– Laurie, por que você está fazendo isso comigo? – queixou-se Lou. – Eu adoraria ajudá-la, mas isso não é um assunto de polícia. Eu lhe disse isso da última vez que você trouxe o assunto à baila. Posso compreender seu problema, mas não tenho nenhuma sugestão a fazer. E se quer minha opinião, acho que o problema realmente não é seu. Você já fez o que pôde e também informou a seus superiores. Isso é tudo que se poderia esperar de você.

– Minha consciência não permite que eu deixe isso de lado – disse Laurie. – Não enquanto pessoas estão morrendo.

– O que o Jordan Nota Preta diz?

– Ele receou que seus pacientes não compreendessem – respondeu Laurie. – Ele disse que não poderia me ajudar.

– Que desculpa mais esfarrapada – disse Lou. – Estou surpreso por ele não ter se desdobrado, tentando provar o homem que é, enquanto ajudava sua donzela em desgraça.

– Não sou donzela dele – disse Laurie. No momento em que as palavras saíam de sua boca, Laurie sabia que não devia morder a isca.

– Esse seu príncipe nem sempre é encantado, hem?

Laurie desligou o telefone na cara de Lou. Aquele sujeito conseguia ser rude de um modo tão enfurecedor. Ela recolheu suas coisas, inclusive o endereço que fora o local da overdose dupla, e estava prestes a sair quando o telefone começou a tocar. Ela evitou atender, imaginando que fosse Lou. O telefone tocou cerca de vinte vezes, antes de parar no momento em que Laurie chegou ao elevador.

Laurie chamou um táxi e se dirigiu para o endereço na Sutton Place South. Quando chegou, mostrou o distintivo de médica-legista para o porteiro de serviço e pediu para ver o superintendente. O porteiro obedeceu de boa vontade.

– Carl descerá dentro de um minuto. Ele mora aqui mesmo no prédio, de modo que quase sempre está disponível.

Pouco tempo depois, um homem diminuto, de cabelo escuro e um bigode preto fino, apareceu e se apresentou com o nome de Carl Bethany.

– Imagino que veio aqui por causa de George VanDeusen, não? – perguntou Carl.

Laurie concordou com um aceno de cabeça.

– Se não fosse um problema muito grande, eu gostaria de ver o local onde os corpos foram encontrados. O apartamento está vazio?

– Oh, sim – disse Carl. – Os corpos foram retirados na noite passada.

– Não me refiro a isso – disse Laurie. – Quero ter certeza de que não haverá nenhum membro da família lá em cima. Não quero perturbar ninguém.

Carl respondeu que precisaria averiguar. Ele conferiu com o porteiro, depois retornou para garantir a Laurie que o apartamento de VanDeusen estava vazio. Em seguida, levou-a ao décimo andar e abriu a porta. Deu um passo para o lado e deixou Laurie entrar primeiro.

– Por enquanto ninguém limpou isso aqui dentro – disse Carl enquanto seguia Laurie porta adentro.

Laurie notou um cheiro bolorento, quase de peixe, quando entrou no apartamento.

Laurie examinou a sala de estar. Uma antiga mesinha de centro ao estilo mordomo, com apenas três pernas dispostas num ângulo estranho. A quarta perna estava caída no chão, ao lado da mesa. Revistas e livros estavam espalhados ao acaso pelo tapete; parecia que tinham sido jogados ao chão quando a perna se quebrou. Uma luminária de cristal quebrada estava caída entre uma mesinha de canto e o sofá. Na parede havia uma enorme pintura a óleo, de um grande mestre, pendurada torta.

– Um bocado de danos – disse Laurie.

Com o olho de sua mente, ela tentou imaginar o tipo de ataque apoplético que poderia ter resultado em tamanhos danos.

– Foi assim que estava quando entrei aqui ontem à noite – disse Carl.

Laurie começou a andar em direção à cozinha.

– Quem encontrou os corpos?

– Fui eu.

Laurie ficou surpresa.

– O que o trouxe aqui dentro?

– O porteiro da noite me chamou.

Laurie ia perguntar depois sobre o porteiro da noite. Esperava poder falar com ele, também e disse isso.

– Por que ele o chamou? – perguntou ela.

– Ele disse que um outro morador telefonou para ele, a fim de informar sobre estranhos barulhos que vinham do 10 F. A pessoa que telefonou estava preocupada com a possibilidade de alguém estar ferido.

– O que você fez?

– Vim aqui em cima e toquei a campainha. Toquei várias vezes. Depois usei minha chave-mestra.

Laurie piscou os olhos. Sua mente meditava sobre aquele cenário, e alguma coisa não fazia sentido. Ela lembrou-se de que uma hora antes havia lido no relatório do investigador que ambos os corpos tinham *rigor mortis* digno de menção, inclusive a mulher encontrada no quarto de dormir. Isso significava que eles deviam estar mortos havia várias horas, pelo menos.

– Você disse que o morador telefonou para o porteiro por causa de barulhos que saíam do apartamento àquela hora? Quero dizer, na mesma hora em que ele estava telefonando?

– Acho que sim.

Laurie começou a se perguntar como as outras vítimas de sua série tinham sido encontradas. Duncan Andrews e Júlia Myerholtz tinham sido encontrados pelos namorados. Mas e quanto aos outros? Antes desse momento, Laurie jamais pensara nessa pergunta. Agora que pensava nisso, ela reconheceu uma coisa estranha: todas as vítimas tinham sido encontradas num tempo relativamente rápido. Os corpos foram descobertos em questão de horas; ao passo que muitos solteiros que morriam de maneira inesperada em seus apartamentos só eram encontrados dias depois,

às vezes só depois que o cheiro de decomposição alertava os vizinhos.

A cena na cozinha era por demais conhecida. O conteúdo da geladeira tinha sido derramado pelo chão, formando uma só confusão. A porta da geladeira ainda estava entreaberta. Laurie notou que o cheiro de leite estragado e legumes putrefatos se espalhava pelo ar.

– Alguém vai ter que limpar isso aqui – disse Carl.

Laurie concordou com um aceno de cabeça. Ela saiu da cozinha e deu uma olhadela no quarto de dormir. Começou a sentir, outra vez, uma incrível tristeza. Ver o apartamento onde aquelas pessoas tinham morado as tornava mais reais ainda. Era mais fácil permanecer desapaixonado no Departamento de Medicina Legal do que na casa do morto. Laurie sentiu os olhos se encherem de lágrimas.

– Tem mais alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? – perguntou Carl.

– Eu gostaria de falar com o porteiro da noite – disse Laurie recompondo-se.

– Isso pode ser combinado sem problema – disse Carl. – Mais alguma coisa?

– Sim – replicou Laurie, examinando o apartamento em volta.

– Talvez você não deva mandar ninguém limpar esse lugar, por enquanto. Deixe-me conversar com a polícia.

– Eles também estiveram aqui ontem à noite.

– Eu sei – disse Laurie. – Mas estou pensando em alguém mais alto na escada do Departamento de Homicídios.

No térreo, Carl conseguiu para Laurie o número do telefone do porteiro da noite. O nome dele era Scott Maybrie. Carl chegou a oferecer seu telefone para Laurie usar, caso ela desejasse fazer a chamada naquele instante.

– Ele não está dormindo a essa hora? – perguntou Laurie.

– Isso não vai machucá-lo – insistiu Carl.

O minúsculo apartamento de Carl ficava no primeiro andar e dava para a rua, em contraste com o de VanDeusen, que dava para o East River. Carl permitiu que Laurie se sentasse atrás de sua

escrivadinha bagunçada, em meio a notas de bombeiros e eletricitistas. Agindo de maneira muito prestativa, Carl chegou a discar o número de Scott e passou o telefone para Laurie. Como ela temia, a voz do outro estava roufenha de sono quando ele atendeu. Laurie identificou-se e explicou que Carl havia sugerido que ela telefonasse.

– Eu desejava fazer-lhe algumas perguntas sobre o caso VanDeusen – continuou ela. – Você viu o Sr. VanDeusen ou a namorada dele na noite passada?

– Não, não vi – disse Scott.

– Carl me disse que um outro morador telefonou para você por causa dos barulhos que saíam do apartamento de VanDeusen. A que horas foi isso?

– Mais ou menos às duas e meia, três horas – disse Scott.

– Que morador telefonou?

– Não sei – admitiu Scott. – Ele não disse quem era.

– Foi um dos vizinhos imediatos? – sugeriu Laurie.

– Olha, não sei mesmo. Não reconheci a voz, mas isso não tem nada de estranho.

– O que foi que ele disse exatamente?

– Disse que tinha uns barulhos estranhos saindo do 10 F – disse Scott. – Estava preocupado que alguém pudesse estar machucado.

– Ele disse se os barulhos ocorriam no momento em que telefonava? – perguntou Laurie. – Ou disse que tinham ocorrido algum tempo antes?

– Acho que ele disse que estavam acontecendo naquele exato momento.

– Você notou dois homens saindo do prédio durante a noite? – perguntou Laurie. – Dois homens que você nunca viu antes?

– Eu não poderia dizer. As pessoas entram e saem a noite inteira. Para ser honesto, não presto muita atenção nas pessoas que saem. O que mais me preocupa são aquelas que entram.

Laurie agradeceu a Scott e pediu desculpas por tê-lo perturbado. Em seguida, virando-se para Carl, perguntou se poderia

conversar com o porteiro que estivera de serviço um pouco mais cedo, naquela noite.

– Mas é claro – disse Carl. – O porteiro foi Clark Davenport.

Mais uma vez, Carl discou o número e em seguida passou o telefone para Laurie. Quando Clark atendeu, Laurie deu a mesma explicação de antes.

– Você viu o Sr. George VanDeusen chegar ao prédio ontem à noite? – perguntou Laurie depois das apresentações.

– Sim – disse Clark. – Ele chegou por volta das dez horas com a namorada.

– O comportamento dele era normal?

– Normal para uma noite de sábado – disse Clark. – Ele estava um pouco bêbado. A namorada dele teve que ampará-lo um pouco. Mas os dois pareciam estar se divertindo, se é isso que você quer saber.

– Eles estavam sozinhos? – perguntou Laurie.

– É isso aí – disse Clark. – Os convidados deles só chegaram meia hora depois, mais ou menos.

– Estavam dando uma festa? – perguntou Laurie, surpresa.

– Bem, eu não chamaria de festa. Eram apenas dois homens. Um cara alto e outro mais baixo.

– Consegue lembrar-se dos rostos desses sujeitos?

Clark teve de pensar durante alguns minutos.

– O alto tinha a pele ruim, como se tivesse tido espinhas quando adolescente.

– Eles disseram seus nomes? – perguntou Laurie. Ela podia sentir sua pulsação acelerar-se.

– É isso aí, claro que disseram os nomes. De que outra maneira eu poderia telefonar para perguntar ao Sr. VanDeusen se eles eram esperados? Caso contrário, eu não deixaria que eles entrassem.

– Quais são os nomes? – perguntou Laurie. Ela estava com uma caneta e um pedaço de papel.

– Não lembro. Numa noite de sábado são centenas de pessoas que entram.

Laurie ficou desapontada por ter estado tão atormentadoramente próxima de uma verdadeira ruptura das fileiras inimigas. Apesar de não ter conseguido os nomes, aquilo já era um progresso. Mais uma vez, dois homens eram localizados no local de uma overdose, pouco tempo antes de as mortes ocorrerem.

– Você viu os homens saírem do prédio? – perguntou Laurie.

– Nada – disse Clark. – Claro, eu larguei o serviço pouco tempo depois da chegada deles.

Laurie agradeceu a Clark antes de desligar. Também esbanjou agradecimentos a Carl pela ajuda dele, antes de deixar o prédio.

Apesar de o tempo estar medonho e fazer muito frio, Laurie decidiu encolher-se debaixo do guarda-chuva e caminhar um pouco antes de pegar um táxi para voltar para casa. Queria pensar sobre o que descobrira e que significado aquilo poderia ter para o caso como um todo.

A descoberta mais importante era, de longe, o surgimento daqueles dois homens misteriosos. Laurie perguntou-se se o par estaria envolvido no tráfico de drogas. Perguntou-se se essa revelação bastaria para fazer com que o esquadrão de narcóticos da polícia se interessasse pelo caso. Começou a ter esperanças de que Lou pensasse de maneira diferente, agora que surgiam mais semelhanças entre os casos.

Laurie desejou poder conversar com o morador que se queixara do barulho. O que ele teria ouvido e quando teria ouvido? Quando a chuva ficou mais séria, Laurie fez sinal para um táxi e voltou para casa. Durante a refeição composta de uma salada e um pouco de chá quente, ela terminou todo o material que tinha referente à sua série e fez uma nova folha de papel, relacionando os casos por ordem. Laurie fez duas colunas ao lado da coluna dos nomes: “Encontrado Por Dois Homens no Local da Morte?”.

Ela preencheu as respostas que tinha. Laurie dedicou o resto da tarde a preencher os espaços em branco. Isso significou um bocado de caminhada, mas Laurie sabia que precisava ser meticulosa caso quisesse que alguém acreditasse em sua teoria.

Lá pelo fim da tarde, Laurie estava convencida de que seus esforços tinham valido a pena. Em cada um dos locais das mortes,



os cadáveres tinham sido descobertos por um porteiro ou superintendente, que foi investigar a queixa de um morador vizinho quanto a barulhos estranhos vindos do apartamento do morto. Com a informação quase completa em sua folha de papel, Laurie se dirigiu para casa mais convencida do que nunca de que algo sinistro estava em andamento. Havia coincidências demais. Agora bastava que ela pudesse persuadir alguma pessoa importante a fazer algo.

Já estava escuro no momento em que chegou em casa. Laurie não sabia ao certo qual deveria ser seu passo seguinte. Por curiosidade, abriu o Times de domingo para ver se os meios de comunicação haviam tomado conhecimento da história do banqueiro e da aluna de Columbia, que morreram de overdose. Encontrou uma menção das mortes nas profundezas do segundo caderno. O artigo fazia as mortes parecerem iguais a qualquer outra overdose e não mencionava outras ocorrências com dados demográficos semelhantes no passado recente. Mais um dia, mais uma oportunidade perdida de alertar o público.

Laurie decidiu tentar o número da casa de Lou. Não estava certa se tinha o bastante para convencê-lo de alguma coisa, mas estava ansiosa para deixá-lo a par dos acontecimentos. Foi atendida pela secretária eletrônica de Lou, mas tomou a decisão de não deixar uma mensagem.

Ao desligar o telefone, Laurie ponderou sobre a idéia de telefonar para Bingham. Acreditando que na melhor das hipóteses isso seria um exercício de futilidade, e que na pior das hipóteses podia ser demitida, Laurie desistiu da idéia. Bingham declarou de maneira clara que não tencionava fazer coisa alguma, pelo menos até conversar com o secretário de Saúde.

Os olhos de Laurie moveram-se do telefone para o jornal aberto. Aos poucos, começou a ocorrer-lhe a idéia dela mesma divulgar a história. Havia tido uma péssima experiência ao dar sua opinião para Bob Talbot da última vez, mas, com toda justiça para ele, Laurie não havia dito de maneira explícita que suas observações eram confidenciais.

Com este pensamento em mente, Laurie pegou o livro de endereços para ver se tinha o número do telefone dele. Laurie tinha

e fez a chamada.

– Ora, ora – disse ele quando ouviu que era Laurie. – Eu estava com medo de nunca mais ter notícias suas. Não sabia mais o que fazer, além de pedir desculpa.

– Tive uma reação exagerada – admitiu Laurie. – Sinto muito por nunca mais ter procurado você. O negócio foi que o chefe me deu a maior bronca por causa da sua história.

– Peço desculpa de novo – disse Bob. – O que aconteceu?

– Talvez possa lhe surpreender – disse Laurie – mas tenho uma história para você, uma baita história.

– Sou todo ouvidos.

– Não quero falar pelo telefone.

– Por mim, tudo bem – disse Bob. – Que tal se eu lhe pagar um jantar?

– Eu topo.

Eles se encontraram no P. J. Clark's, na esquina da Terceira Avenida com a Rua 55. Tiveram a sorte de conseguir uma mesa numa noite chuvosa de domingo, sobretudo uma mesa na parede dos fundos onde poderiam conversar sem serem afetados pela algazarra geral. Depois que um garçom irlandês de olhos claros anotou o pedido deles e colocou na mesa dois drinques cheios até a borda, Laurie começou a falar.

– Primeiro, não estou segura se estou fazendo a coisa certa conversando com você. Mas estou desesperada. Sinto que devo fazer alguma coisa.

Bob concordou com um aceno de cabeça.

– Quero que você prometa que não vai usar meu nome.

– Palavra de escoteiro – disse Bob, levantando dois dedos.

Em seguida, tirou do bolso um bloco de anotações e uma caneta.

– Não sei por onde começar – disse Laurie.

Esteve hesitante a princípio, mas depois que começou a explicar os acontecimentos recentes Laurie esquentou um bocado. Começou com Duncan Andrews e suas primeiras suspeitas e levou-o até a dupla morte de George VanDeusen e Carol Palmer. Enfatizou que todas as vítimas eram pessoas solteiras, com formação e bem-

sucedidas, sem nenhum indício de uso de droga ou atividade ilegal em seu passado. Também mencionou a pressão exercida sobre o Departamento de Medicina Legal para manter uma fachada no caso de Duncan Andrews, em especial.

– De certa maneira, foi péssimo que ele tenha sido o primeiro. Creio que parte da razão para Bingham ficar rejeitando minha teoria da série se deve ao fato da série ter começado com ele.

– Isso é inacreditável – disse Bob quando Laurie foi obrigada a fazer uma pausa com a chegada da comida. – Eu nunca vi nada parecido com isso nos meios de comunicação. Nada. Loucura!

– Havia uma menção à morte dupla no Times dessa manhã – disse Laurie. – Mas foi no segundo caderno. A notícia mereceu apenas um pé de coluna. Mas você tem razão, os outros casos não foram mencionados.

– Que furo de reportagem. – Bob estava maravilhado. Ele deu uma olhadela no relógio. – Tenho que me pôr em movimento se quiser fazer o jornal de amanhã de manhã.

– Mas tem mais – disse Laurie.

Ela continuou contando que a cocaína envolvida nos casos vinha de uma única fonte, e que provavelmente estava contaminada com uma mistura de um composto muito letal, além de ser de uma extrema potência e talvez estivesse sendo distribuída por um único traficante, que de alguma maneira entrava em contato com pessoas jovens e ricas.

– Bem, esta não é bem a verdade – corrigiu-se Laurie. – Podem ser duas pessoas. Na maioria dos casos que investiguei, dois homens foram vistos entrando no apartamento da vítima.

– Eu gostaria de saber por que dois?

– Não tenho a menor idéia. Há muitos mistérios nessa história toda.

– É só isso? – indagou Bob.

Ele estava ansioso para ir embora. Nem sequer havia tocado em sua comida.

– Não, isso não é tudo – disse Laurie. – Comecei a ter a sensação de que essas mortes não são acidentais, de que foram deliberadas. Em outras palavras, são homicídios.

– Está ficando cada vez melhor – disse Bob.

– Todos os corpos foram encontrados pouco tempo depois da morte. Isso em si é incomum. Em geral, as pessoas solteiras que morrem sozinhas só são encontradas dias depois. Em todos os casos que investiguei, um telefonema levou à descoberta do corpo. Em dois casos, as vítimas telefonaram antes para seus namorados. Em todos os outros casos, um morador anônimo do prédio da vítima telefonou para o porteiro a fim de se queixar de barulhos estranhos que saíam do apartamento da vítima. Mas aí está o embuste. Baseado em provas médicas, essas queixas sobre o barulho foram feitas muitas horas depois da hora da morte.

– Meu Deus! – exclamou Bob. E levantou a vista para Laurie. – E quanto à polícia? – perguntou. – Por que ela não se envolveu nisso?

– Ninguém comprou minha teoria da série. A polícia não tem a menor suspeita. Eles consideram esses casos como simples overdoses de droga.

– E quanto ao Dr. Harold Bingham? O que ele fez?

– Até aqui, nada – disse Laurie. – Minha suspeita é de que ele quer se manter longe dessa potencial batata quente. O pai de Duncan Andrews está concorrendo nas eleições; o pessoal dele confia no prefeito, que confia em Bingham. Ele disse que iria conversar com o secretário de Saúde sobre isso.

– Se forem homicídios, então estamos falando de algum novo tipo de matador em série – disse Bob. – Isso é coisa quente!

– Penso que é importante que o público seja avisado. Se isso puder salvar uma vida, já vale a pena. Foi por este motivo que lhe telefonei. Você tem que anunciar o agente contaminador que há na droga.

– Então, isso é tudo?

– Acho que sim. Se eu pensar em alguma coisa que esqueci de mencionar, telefonarei para você.

– Genial! – disse Bob, pondo-se de pé. – Desculpe eu sair correndo, mas se é para colocar isso no jornal de amanhã de manhã preciso ir direto ao meu editor.

Laurie observou Bob avançar dando voltas por entre a multidão de pessoas que esperavam mesas. Ao baixar a vista para sua vitela que nadava numa piscina de óleo, Laurie decidiu que não estava com fome.

Estava prestes a se levantar quando o garçom irlandês reapareceu com a nota. Laurie olhou o salão à procura de Bob, mas ele já havia desaparecido. E ele se oferecera para pagar a conta.

– Que horas são? – perguntou Angelo.

– Sete e meia – disse Tony, verificando no Rolex que havia recolhido na casa de Goldsberg.

Os dois estavam estacionados na Quinta Avenida, um pouco ao norte da entrada do Central Park, na Rua 72. Estavam no lado do parque da avenida, mas tinham uma boa visão da entrada do prédio de apartamentos em que tinham interesse.

– Esse Kendall Fletcher deve demorar um tempão para vestir a roupa de *jogging* – disse Angelo.

– Ele me disse que ia correr – replicou Tony na defensiva.

– Se é para não acreditar em mim, você mesmo devia ter telefonado para ele.

– Alguém está vindo aí – disse Angelo. – O que você acha? Esse cara pode ser Kendall Fletcher, o banqueiro?

– Com esses trajes não parece banqueiro – replicou Tony.

– Não entendo essa coisa de corrida. Quem iria querer se meter em malha de Peter Pan para correr no parque à noite? É o mesmo que pedir para ser assaltado.

– Acho que é ele – disse Angelo. – Parece que tem a idade certa. Que idade você disse que Kendall tem?

Tony tirou do porta-luvas uma folha de papel datilografado.

Usando a lanterna elétrica, ele procurou a anotação sobre Kendall Fletcher, depois leu:

– Kendall Fletcher, trinta e quatro anos de idade, vice-presidente do Citicorp.

– Deve ser ele – disse Angelo. E ligou o carro.

Tony colocou a relação de volta no porta-luvas.

Kendall Fletcher havia saído do prédio de apartamentos vestido para correr. Atravessou a Quinta Avenida na Rua 72 e começou a correr assim que chegou ao parque.

Angelo dirigiu-se East Drive. Ele e Tony ficaram de olhos grudados em Kendall, que seguiu caminho descendo a Rua 72 transversal ao caminho de automóveis, onde virou para o norte em direção à pista de *jogging*.

Angelo avançou o carro, passando cerca de cem metros à frente de Kendall, depois se encostou à margem da estrada. Com o pisca-pisca ligado, ele e Tony saíram do carro.

Kendall não era o único corredor na estrada. Enquanto Angelo e Tony observavam a aproximação do banqueiro, outros seis corredores passaram por eles.

– Eu simplesmente não saco essas pessoas – disse Tony com espanto.

Pouco antes de Kendall chegar até eles, Angelo e Tony saíram na pista de *jogging*.

– Kendall Fletcher? – perguntou Angelo.

Kendall deteve-se.

– Sim?

– Polícia – disse Angelo, mostrando o distintivo de polícia de Ozone Park. Tony mostrou o seu. – Detesto incomodá-lo no meio de sua corrida – continuou Angelo – mas queremos conversar com você no centro da cidade. Estamos envolvidos numa investigação sobre o Citicorp.

– Esta não é uma boa hora – replicou Kendall.

Sua voz soava firme, mas seus olhos o denunciaram. Não havia dúvida de que ele estava nervoso.

– Acho que você não vai querer fazer cena – disse Angelo. – Não vamos tomar muito de seu tempo. Queremos conversar com os vice-presidentes antes de convocarmos um júri de instrução.

– Estou em traje de corrida – disse Kendall.

– Não tem problema – replicou Angelo. – Ficaremos felizes em lhe dar uma carona até sua casa e deixar que troque de roupa. Se cooperar, dentro de uma hora poderá estar aqui fazendo sua corrida.

Kendall pareceu desconfiado, mas no final concordou. Entrou no carro de Angelo e rodaram de volta ao prédio na Quinta Avenida. Deixando um cartão em cima do painel do carro, Angelo e Tony saíram do carro com Kendall e acompanharam-no na entrada do prédio. Tony carregava a velha maleta de médico de couro negro. Passaram pelo porteiro, caminhando como um grupo; pegaram o elevador e subiram ao vigésimo quinto andar.

Ninguém falou enquanto Kendall abria a porta do apartamento, entrava e segurava a porta para Angelo e Tony. Tony sacudiu a cabeça várias vezes enquanto inspecionava o apartamento.

– Bela decoração – disse ele, enquanto colocava a maleta de médico em cima da mesinha de centro.

– Vocês querem alguma coisa enquanto troco de roupa? – perguntou Kendall. E acenou em direção ao bar.

– Nada – disse Tony. – Sabe, estamos de serviço. Não bebemos durante o trabalho.

Angelo inspecionou com rapidez o apartamento, enquanto Tony vigiava Kendall. Kendall, por seu turno, observava Angelo com curiosidade desconcertada.

– O que você está procurando? – gritou Kendall para Angelo.

– Estou verificando se não há nenhuma outra pessoa aqui – disse Angelo ao retornar da inspeção da cozinha. Em seguida, ele desapareceu na suíte do dono da casa.

– Ei! – gritou Kendall. – Você não pode revistar meu apartamento – virou-se para Tony. – Vocês precisam ter um mandado para isso.

– Um mandado? – indagou Tony. – Oh, sim, o mandado. Nós sempre esquecemos o mandado.

Angelo retornou.

– Gostaria de ver sua identificação outra vez – disse Kendall. – Isso é uma arbitrariedade.

Angelo enfiou a mão no paletó Brioni e sacou a pistola Walther.

– Aqui está a minha – disse ele. Fez sinal para Kendall sentar-se. Tony abriu o fecho da maleta de médico.

– O que é isso, um assalto? – perguntou Kendall, olhando fixo para a arma. Depois sentou-se. – Sirvam-se. Peguem o que desejarem.

– Eu sou o *baleeiro* – disse Tony. Tirou da maleta uma comprida sacola de plástico transparente e um pequeno cilindro.

Angelo moveu-se por trás de Kendall, a arma na mão. Kendall observou, nervoso, enquanto Tony usava o cilindro para inflar a sacola de plástico com um gás que evidentemente era mais leve que o ar. Depois que a sacola encheu-se por completo, Tony fechou a extremidade e colocou o cilindro de volta na maleta de médico. Com a sacola de plástico na mão, ele se aproximou de Kendall.

– O que está acontecendo? – perguntou Kendall.

– Estamos aqui pra lhe oferecer uma tremenda viagem – disse Tony com um sorriso nos lábios.

– Não estou interessado em viagem nenhuma. Peguem o que quiserem e caiam fora daqui.

Tony abriu a base da sacola de plástico, de modo que ela ficou parecendo uma miniatura de um balão transparente de ar quente. Em seguida, segurando os dois lados da base, ele enfiou a sacola pelo topo da cabeça de Kendall.

O movimento inesperado pegou Kendall de surpresa. Ele estendeu as mãos, agarrou os antebraços de Tony e parou a sacola na altura de seus ombros. Quando tentou levantar-se, Angelo envolveu seu pescoço com o braço que segurava a arma. A outra mão de Angelo agarrou o punho direito de Kendall numa tentativa de libertar os antebraços de Tony de seu agarrão. Durante segundos, os três lutaram entre si. Kendall, aterrorizado nesse ponto, abriu a boca e mordeu o antebraço de Angelo através da sacola de plástico.

– Ah! – gritou Angelo, sentindo os incisivos de Kendall cortarem sua pele.

Angelo soltou o braço de Kendall e estava prestes a esmurrar-lhe o rosto dentro da sacola de plástico, quando viu que não era necessário.

Após ter respirado apenas algumas vezes dentro da sacola de plástico, as pálpebras de Kendall se fecharam e todo o seu corpo,



inclusive as mandíbulas, ficou flácido. Enquanto Tony seguia Kendall até o chão, mantendo a sacola de plástico na mesma posição, Angelo puxou o braço para trás.

Com movimentos rápidos, Angelo tirou a abotoadura e puxou a manga da camisa para cima. Na parte interna do antebraço, a cerca de oito centímetros do cotovelo, havia um anel elíptico de ferimentos de perfuração correspondendo aos dentes de Kendall. Alguns dos ferimentos estavam sangrando.

– O sacana me mordeu – disse Angelo, indignado. E enfiou a arma no coldre do ombro. – Nesse ramo de trabalho, você nunca sabe a porra que vai acontecer.

Tony levantou-se e retornou à maleta de médico.

– Todas as vezes que usamos esse gás, eu fico assombrado – disse. – Não há nenhuma dúvida de que o velho Doc Travino conhece essa coisa. – Retirou uma seringa e um pedaço de tubo de borracha. Ao voltar para o lado de Kendall, ele usou o tubo de borracha como torniquete. – Dê só uma olhada nessas veias, que porra! – disse ele. – Deus, parecem charutos! Não há como a gente não acertar essas veias. Você quer fazer ou eu faço?

– Faça você – disse Angelo. – Mas é melhor tirar essa sacola da cabeça dele. Não queremos outra merda do tipo Robert Evans.

– Certo – disse Tony. Ele retirou a sacola, depois a esvaziou sacudindo. – Argh! Odeio esse cheiro doce.

– Injete a coca nele, está bem? – disse Angelo. – Ele acordará antes de você terminar.

Tony pegou a agulha e injetou-a numa das veias salientes de Kendall.

– Olha só, o que foi que eu disse? – perguntou ele, satisfeito, por ter acertado na primeira tentativa.

Retirou o torniquete, depois pressionou o êmbolo, esvaziando a seringa no braço de Kendall.

Tony deixou a seringa usada na mesinha de centro e recolocou o resto de sua parafernália na maleta de médico. Ao mesmo tempo, tirou um pequeno envelope transparente. Voltou ao lado de Kendall e despejou uma pequena quantidade do pó branco nas narinas de Kendall. Em seguida, derramou um pouco em seu polegar e cheirou.

– Adoro sobras – disse com prazer.

– Fique longe dessa coisa! – ordenou Angelo.

– Não pude resistir – disse Tony. E colocou o envelope transparente perto da seringa usada. – O que você acha, enfiamos o cara na geladeira?

– Vamos deixar isso para lá. Conversei com o Doc sobre isso. Ele disse que estamos bem, desde que o corpo não fique mais de doze horas. E do jeito que estamos trabalhando, todo mundo vem sendo encontrado antes das doze horas.

Tony olhou em volta.

– Eu peguei tudo?

– Parece que sim – disse Angelo. – Vamos sentar para ver como Kendall desfruta dessa viagem?

Tony sentou-se no sofá enquanto Angelo sentava-se numa poltrona que Kendall estivera ocupando.

– Belo apartamento – comentou Tony. – O que você me diz de darmos uma volta por aí para ver se tem alguma coisa que a gente queira pegar?

– Quantas vezes preciso lhe repetir: quando fazemos essas viagens de droga não pegamos nada.

– Que desperdício! – disse Tony com ar tristonho, enquanto inspecionava a sala.

Alguns minutos depois, Kendall mexeu-se e estalou os lábios. Gemendo, ele rolou de barriga para baixo.

– Ei, Kendall, meu garoto – chamou Tony. – Como você se sente? Fale comigo!

Kendall fez força para ficar na posição de sentado. Ostentava uma expressão vazia no rosto pálido.

– Como é? – perguntou Tony. – Com a quantidade de pó que está correndo nessas veias, você deve estar no paraíso.

Sem nenhum aviso prévio, Kendall vomitou no tapete felpudo.

– Oh, Deus! – gritou Tony enquanto saía do caminho. – Que coisa mais nojenta!

Kendall teve um acesso violento de tosse, depois levantou a vista para Tony e Angelo. Seus olhos estavam vidrados. Ele parecia desnordeado.

– Como você se sente? – perguntou Angelo.

A boca de Kendall tentou formar palavras, mas o banqueiro parecia extremamente incapaz de pronunciá-las. De repente, seus olhos reviraram-se para trás, de modo que só apareciam os globos oculares brancos e ele entrou em convulsão.

– Essa é a nossa dica – disse Angelo. – Vamos dar o fora daqui.

Tony pegou a maleta de médico e seguiu Angelo em direção à porta. Angelo espiou pelo olho mágico. Como não havia ninguém à vista, ele abriu a porta e enfiou a cabeça para fora.

– Corredor vazio – disse. – Vamos.

Os dois saíram rápido do apartamento e correram para o poço da escada. Desceram um só andar, relaxaram e ficaram esperando o elevador.

– Está com fome? – perguntou Tony.

– Um pouco – disse Angelo.

Para evitar que o porteiro os visse, saltaram do elevador no primeiro andar e retornaram ao poço da escada. Saíram do prédio através da entrada de serviço.

Ao chegar ao carro, Angelo deteve-se. Ficou atônito.

– Olhe isso aqui – disse ele. – Não posso acreditar. Fomos multados. Que coragem! Espero que o tira que nos multou nunca tente levar o carro dele para o Ozone Park.

– E então, o que fazemos em seguida? – perguntou Tony quando entraram no carro. – Outro trabalho ou o jantar?

– Não sei do que você gosta mais – disse Angelo, sacudindo a cabeça –, liquidar pessoas ou comer.

Tony sorriu.

– Depende de meu humor.

– Acho que devemos fazer a outra desova – disse Angelo.

– Depois, quando pararmos para comer, já será a hora certa de telefonarmos para cá para contarmos ao porteiro sobre os barulhos que vêm do 25 G.

– Vamos fazer isso – aprovou Tony.

Ele recostou-se no assento. Com a cheirada de cocaína, ele se sentia ótimo. Na verdade, sentia-se como se pudesse fazer qualquer

coisa no mundo.

Quando Angelo afastou-se do meio-fio, Franco Ponti engrenou seu carro. Permitiu que vários carros passassem, antes de meter-se no trânsito da Quinta Avenida. Ele observara quando Angelo e Tony pegaram o corredor no parque e o acompanharam de volta ao apartamento. Apesar de não ter sido informado sobre o que ocorrera no apartamento, Franco achava que podia adivinhar. Mas a verdadeira pergunta não era o que havia acontecido, mas sim por quê.

# 14

## SEGUNDA-FEIRA, 6 e 45, MANHATTAN

O despertador disparou e Laurie passou pela rotina habitual de manuseá-lo com movimentos rápidos para desligá-lo. Quando colocou o relógio no peitoril da janela, Laurie percebeu que pela primeira vez em muitos dias não havia acordado com a ansiedade por ter tido o pesadelo repetitivo. Ao que parecia, sua consciência fora temporariamente apaziguada pela visita que fez a Bob Talbot.

Mas quando ela enfiou-se nos chinelos de pele de carneiro e ligou a tevê do banheiro para ver o noticiário local, começou a se sentir cada vez mais nervosa quanto ao que o dia lhe proporcionaria em relação ao Dr. Bingham. Ela estava ansiosa para conseguir um exemplar do jornal, a fim de ler a matéria de Bob Talbot e ver se ela fora feita de maneira inteligente. Era evidente que Bingham suspeitaria de Laurie como fonte de informação. O que diria se Bingham lhe fizesse uma pergunta direta? Ela duvidava de sua capacidade de mentir para o chefe.

Detendo-se na cozinha em seu trajeto para o banheiro, Laurie lançou um olhar casual ao minúsculo canto de céu que podia ver de sua janela. As nuvens escuras e em espiral sugeriam que o tempo não havia melhorado desde o dia anterior.

Mais tarde, após o banho e com a segunda xícara de café equilibrada na beira da pia, Laurie começou a se maquiar, o tempo todo repassando os vários cenários do que podia dizer ao Dr. Bingham. Ouviu, em segundo plano, o conhecido tema musical de Good Morning America quando o programa entrou no ar. Pouco depois, também ouviu as vozes contentes e também conhecidas dos apresentadores.

Quando estava prestes a passar o batom, Laurie ouviu Mike Schneider entrar no ar para falar sobre mais armas de destruição em massa, que uma equipe da ONU encontrara no Iraque. Laurie tinha feito o lábio superior e estava a ponto de fazer o inferior, quando se

encolheu, perplexa. Ouviu Mike Schneider dizer um nome surpreendente. O nome dela!

Laurie voou até o quarto de dormir e aumentou o volume. Sua expressão mudou da descrença para o horror quando Schneider apresentou um quadro geral da série de overdoses, começando com Duncan Andrews, filho de Clayton Andrews, que almejava o Senado. Ele prosseguiu citando três casos desconhecidos de Laurie: Kendall Fletcher, Stephanie Haberlin e Yvonne André. Mencionou a overdose dupla na casa de George VanDeusen. O mais perturbador de tudo: ele repetiu o nome de Laurie, dizendo que, de acordo com a Dra. Laurie Montgomery, havia motivo para se acreditar que aquelas mortes tinham sido homicídios deliberados, e não overdoses acidentais, e que toda a história podia representar um extraordinário encobrimento de parte da polícia da cidade de Nova York e do Departamento de Medicina Legal.

Tão logo Mike Schneider passou para outra notícia, Laurie voou para a sala de estar e literalmente jogou os papéis para o alto, procurando seu livro de endereços. Ao encontrar o número do telefone de Bob Talbot, Laurie esmurrou o telefone.

– O que você fez comigo? – berrou Laurie assim que ele atendeu ao telefone.

– Laurie, sinto muito – disse Bob. – Você precisa acreditar em mim. A culpa não foi minha. Para publicar a história no jornal da manhã, meu editor me forçou a escrever um memorando para ele. Eu escrevi que seu nome não devia ser incluído, mas ele me roubou a história. Foi totalmente antártico em todos os aspectos.

Laurie desligou o telefone, revoltada. Seu coração martelava.

Aquilo era uma desgraça, uma catástrofe. Não havia dúvida de que ela seria mandada para o olho da rua. Não havia sombra de dúvida sobre qual seria a resposta de Bingham agora; ele ficaria furioso. E, depois disso, algum dia Laurie acharia um emprego na Medicina Legal?

Laurie caminhou até a janela e olhou para os melancólicos pátios dos fundos negligenciados e cheios de sujeira. Estava tão angustiada que se sentia entorpecida. Não conseguia nem chorar. Mas enquanto ficava parada ali, olhando para a paisagem

deprimente, suas emoções começaram a mudar. Afinal de contas, suas ações tinham surgido da necessidade de seguir sua consciência. E Bingham havia admitido, durante o telefonema do dia anterior, que sabia que as intenções dela eram boas.

Abrandou-se seu medo inicial de uma calamidade total. De repente, passou a achar que não seria exterminada. Repreendida, sim; suspensa, talvez; mas despedida não. Virando-se da janela, Laurie retornou ao banheiro para terminar a maquiagem. Quanto mais pensava na situação, mais calma ficava. Podia ver-se explicando que tinha sido autêntica com seu senso de responsabilidade, como pessoa e também como médica-legista.

Retornando ao quarto de dormir pela última vez, Laurie terminou de se vestir. Em seguida, recolheu suas coisas e saiu do apartamento.

Enquanto estava parada à espera do elevador, Laurie notou um jornal diante da porta de um vizinho. Andou até ele e deslizou-o para fora de sua capa de plástico. Ali, na primeira página, como segunda manchete, estava a história de sua série de overdoses. Havia até uma velha foto dela, tirada na faculdade de Medicina.

Abrindo o jornal na página adequada, Laurie leu os primeiros parágrafos, que eram uma repetição do resumo de Mike Schneider. Mas, fiel ao jornalismo tipo tablóide, havia muito mais detalhes lúgubres, inclusive referências ao número de vítimas que tinham se enfiado em geladeiras. Laurie perguntou-se de onde poderia ter saído tal distorção. Decerto que ela não havia mencionado nada parecido com aquilo para Bob Talbot. Também havia uma ênfase maior à suposta cobertura, fazendo-a parecer mais sinistra do que quando Mike Schneider relatou.

Ao ouvir a chegada do elevador atrás de si, Laurie deixou o jornal cair em frente da porta apropriada e correu antes que o elevador partisse. Quando estava na metade do trajeto, ouviu a voz roufenha de Debra Engler.

– Você não devia ler os jornais de outras pessoas – disse a mulher.

Durante alguns momentos, Laurie ficou parada, impedindo que a insistente porta do elevador se fechasse. Teve vontade de girar

nos calcanhares e arremessar o guarda-chuva contra a porta de Debra para assustar a mulher. Mas se controlou e entrou no elevador.

Enquanto descia, a serenidade de Laurie desmoronou, substituída pela apreensão de um encontro com Bingham. Laurie temia os confrontos. Nunca fora boa nisso.

Paul Cerino estava debruçado sobre a refeição do dia que mais apreciava: o café da manhã. Degustava um delicioso banquete composto de ovos mexidos, lingüiça de porco e biscoitos. Ainda estava usando a proteção metálica no olho, mas se sentia ótimo.

Gregory e Steven estavam quietos. Naquele momento, tomavam o café da manhã composto de cereais cobertos de açúcar, que haviam escolhido entre as desconcertantes opções das caixas de comida. Cada qual tinha sua própria caixa vazia à sua frente e a examinava com toda atenção. Gloria acabara de se sentar após pegar o jornal na varanda da frente.

– Leia para mim a notícia sobre o jogo do Giants com o Steelers de ontem – murmurou Paul, mastigando de boca cheia.

– Oh, meu Deus! – disse Gloria, os olhos fixos na primeira página.

– Qual é o problema? – perguntou Paul.

– É um artigo sobre uma série de mortes por droga entre pessoas jovens, ricas e educadas – disse Gloria. – Aqui diz que pensam que se trata de assassinatos.

Paul engasgou-se violentamente, lançando em cima da mesa quase toda a comida que tinha na boca.

– Pai! – choramingou Gregory. Uma camada de ovo e lingüiça mastigados caiu na superfície de seu cereal.

– Paul, você está bem? – indagou Gloria, alarmada.

Cerino ergueu a mão para indicar que estava bem. Seu rosto tinha ficado tão vermelho quanto os pedaços de pele cicatrizados das faces. Pegou o suco de laranja com a outra mão e tomou um gole.

– Não posso comer isso – disse Gregory olhando para seu cereal. – Vai me fazer vomitar.



– Também não posso – disse Steven, que tinha a tendência de fazer tudo que Gregory fazia.

– Vão pegar tigelas limpas – instruiu Gloria. – Depois peguem outro cereal.

– É melhor você ler para mim esse artigo sobre as mortes por droga – pediu Paul com voz roufenha.

Gloria leu o artigo inteiro, do início ao fim. Quando terminou, Paul se dirigiu ao gabinete de trabalho.

– Não vai terminar o café da manhã? – gritou Gloria para ele.

– Em um minuto – disse Paul. Fechou a porta do gabinete após entrar e apertou o botão do telefone ponto-a-ponto que o ligaria com Angelo.

– Que porra é essa? – murmurou Angelo sonolento.

– Você leu o jornal da manhã?

– Como iria ler o jornal da manhã? Eu estava dormindo. Estive fora fazendo você sabe o quê até altas horas da madrugada.

– Quero que você, Tony e o estouvado serra-ossos do Travino venham aqui em casa hoje de manhã – disse Paul. – E tratem de ler o jornal no caminho. Temos um problema.

– Franco! – disse Marie Dominick, surpresa. – Não é um pouco cedo para você?

– Preciso falar com Vinnie – disse Franco.

– Vinnie ainda está dormindo.

– Eu imaginava que estivesse, mas se você tivesse a bondade de acordá-lo...

– Tem certeza?

– Tenho.

– Bem, então entre – disse Marie enquanto escancarava a porta. Franco entrou. – Vá para a cozinha. Já tem café pronto.

Marie desapareceu subindo um curto lance de escada, enquanto Franco andava em direção à cozinha. O filho pequeno de Vinnie, Vinnie Júnior, estava sentado à mesa. O menino de seis anos se dedicava a jogar para o alto uma pequena pilha de panquecas com as costas de uma colher. A irmã mais velha, Roselyn, de onze

anos, estava parada diante do fogão para virar a próxima fornada de panquecas.

Franco serviu-se de uma xícara de café. Em seguida, foi para a sala de estar, sentou-se num sofá de couro e olhou para o novo tapete felpudo cor de hortelã-pimenta. Ficou surpreso. Não achava que ainda se pudesse comprar tapete de felpa.

– É bom que seja uma boa notícia! – trovejou Vinnie ao entrar na sala.

Ele estava usando um robe de seda, de lã escocesa estampada. O cabelo que em geral ele penteava reto para trás estava virtualmente em pé. Em vez de explicar, Franco passou o jornal para Vinnie. Vinnie agarrou-o e sentou-se.

– E daí, o que devo ver aqui? – rosnou ele.

– Leia o artigo sobre as mortes por droga – disse Franco.

Vinnie franziu a testa enquanto lia. Ficou em silêncio por cerca de cinco minutos. Franco sorvia o café.

– Mas que porra é essa? – exclamou Vinnie, levantando a vista. Ele deu um tapa no jornal com as costas da mão. – Que porra você está fazendo quando me acorda para isso?

– Está vendo esses nomes no fim da relação? Fletcher e os outros? Eu segui Tony e Angelo ontem à noite. Eles liquidaram essas pessoas. Minha teoria é de que eles liquidaram o grupo inteiro.

– Mas por quê? – perguntou Vinnie. – Por que com cocaína? Eles estão jogando a droga pelo ralo?

– Ainda não sei o motivo – admitiu Franco. – Nem mesmo sei se Angelo e Tony estão agindo por conta própria ou se obedecem a ordens de Paul Cerino.

– Estão obedecendo a ordens – disse Vinnie. – São estúpidos demais para fazer algo por conta própria. Meu Deus! Isso é uma desgraça. A cidade inteira vai fervilhar de federais e agentes de Narcóticos acima do normal; vão usar todos os tiras. Mas que porra Cerino está fazendo? O cara ficou maluco? Não entendo.

– Eu também não. Mas acabei de estabelecer um contato que passa por algumas pessoas que conhecem Tony. Alguém vai entrar em contato com você.

– Temos que fazer alguma coisa – disse Vinnie, sacudindo a cabeça. – Não podemos deixar que isso continue.

– É difícil saber o que fazer até sabermos o que Cerino está aprontando. Dê-me mais um dia.

– Só um – disse Vinnie. – Depois fazemos nosso lance.

Laurie encheu-se de medo ao se defrontar com o prédio do departamento. Que diferença um dia fazia! Ontem e anteontem, Laurie entrara e saíra como se fosse a dona do prédio. Agora estava com medo de atravessar a soleira da porta. Mas ela sabia que era isso que tinha de fazer. Havia desaparecido a serenidade que ela sentira em seu apartamento.

Ao chegar mais perto, Laurie viu que uma multidão de repórteres incansáveis tinha invadido o departamento para obter a história; a história dela. Seus pensamentos estavam tão concentrados em Bingham que Laurie não pensou neles. Havia tantos repórteres ali quanto o número que compareceu quando do assassinato do vestibulando II. Talvez mais.

Talvez fosse bom passar por aquilo logo, decidiu ela. Ao entrar na área de recepção, Laurie foi reconhecida de imediato. Microfones foram enfiados em seu rosto, junto com uma cacofonia de perguntas e os estalidos dos *flashes* das máquinas fotográficas. Laurie avançou em direção à porta interna sem dizer uma palavra. Um segurança uniformizado examinou sua identidade com foto antes de permitir a entrada de Laurie. Os repórteres não puderam persegui-la além dessa porta.

Tentando manter a compostura, Laurie foi diretamente à sala de identificação. Vinnie estava ali lendo o jornal. Calvin também estava na sala.

Laurie olhou de soslaio para o rosto do negro, que a olhou fixo, escondendo seus sentimentos. Os olhos deles pareciam duas bolas de mármore negro, perfeitamente emoldurados por seus óculos de armação metálica.

– O Dr. Bingham quer ver você – disse Calvin em tom insípido.

– Mas, por desgraça, só vai poder ver você depois que terminar de tratar desses repórteres. Ele vai telefonar para o seu gabinete.

Laurie gostaria de tentar explicar, mas não havia muita coisa que pudesse dizer. E Calvin não parecia interessado. Ele retornou ao trabalho que fazia quando Laurie entrou. Laurie decidiu verificar a relação de autópsias antes de dirigir-se a seu gabinete. O nome dela não estava na relação. Ela notou os três nomes que havia lido no jornal: Kendall Fletcher, Stephanie Haberlin e Yvonne André. Parecia que eram casos novos que se ajustavam à série de Laurie.

Laurie aproximou-se de Calvin.

– Imagino que saiba que eu gostaria de fazer as autópsias dessas overdoses – disse ela.

Calvin levantou a vista de seu trabalho.

– De minha parte, estou pouco ligando para as suas preferências. Mas o que importa é que você deve ir para o seu gabinete e esperar o telefonema do Dr. Bingham.

Embaraçada com aquela humilhação óbvia, Laurie olhou de soslaio para Vinnie; mas como sempre, ele parecia estar concentrado na página de esportes. Se ouviu a troca de palavras, não estava disposto a demonstrar.

Sentindo-se como uma criança banida para seu quarto, Laurie subiu para seu gabinete. Decidindo que também podia tentar terminar algum trabalho, sentou-se à escrivaninha e retirou algumas pastas. Estava prestes a começar quando sentiu a presença de alguém. Olhou para o vão da porta aberta e viu um amarfanhado Lou Soldano. Ele não parecia contente.

– De minha parte, quero agradecer a você por tornar minha vida miserável – disse Lou. – Não que eu já não estivesse sofrendo bastante pressão do comissário, antes de sua pequena revelação para a imprensa, mas ela só serviu para entornar o caldo.

– Eles distorceram o que declarei – explicou Laurie.

– Oh, claro! – disse Lou com sarcasmo.

– Eu não falei coisa alguma sobre a cobertura. A única coisa que falei foi que a polícia não acreditava que a história a envolvesse. Isso foi, na essência, o que você me falou.

– Eu sou o fuxiqueiro contra mim mesmo. Como se já não bastasse seu telefonema para Assuntos Internos, você tinha que ter certeza de me atingir mesmo.

– Aquele telefonema foi merecido – vociferou Laurie. – E por falar em telefonemas, você não poderia ter sido mais grosseiro quando telefonei ontem. Já estou farta de seu sarcasmo desembaraçado.

Laurie e Lou trocaram olhares fixos até que Lou interrompeu e desviou o olhar. Ele entrou na sala e sentou-se na cadeira habitual.

– O comentário no telefone foi infantil – decidiu ele. – Eu soube disso no mesmo segundo que o comentário saiu de minha boca. Desculpe. O problema é que tenho ciúmes do cara. Pronto, falei de novo. Você pode sair chutando por aí o que sobrou do meu ego, do jeito que quiser.

A raiva de Laurie diminuiu. Ela deixou a cabeça cair em suas mãos, com os cotovelos na escrivaninha.

– Eu sinto muito se lhe criei encrenca em seu trabalho – disse ela, esfregando os olhos. – Claro que eu não tinha essa intenção. Mas você sabe o quanto fiquei desesperada. Eu precisava fazer alguma coisa para poder me aceitar. Não poderia continuar vendo essas pessoas morrerem sem tentar algo.

– Você tinha alguma idéia da revolução que iria causar? – perguntou Lou. – E as conseqüências?

– Ainda não sei por completo – disse Laurie. – Eu sabia que haveria uma pequena explosão atômica com a minha história, caso contrário eu não teria contado. Mas eu não sabia a extensão. E não sabia que eles distorcem os fatos. Além disso, descumpriram a promessa de eu permanecer na condição de anônima. Ainda não vi meu chefe, mas pela maneira como o subchefe falou comigo a conversa não vai ser nada agradável. Talvez eu seja até demitida.

– Ele deve estar louco – disse Lou. – Mas não vai demitir você. Ele tem que respeitar seus objetivos, mesmo não concordando com seus métodos. Mas vai precisar esfriar muito a cabeça para isso. Nesse momento, ele não é um homem feliz.

Laurie concordou com um aceno de cabeça. Gostou de ser tranqüilizada de que não seria demitida.

– Bem, eu adoraria ficar por aqui para ver como as coisas acabam, mas preciso ir embora. Meu departamento também está

num alvoroço só. Mas eu tinha que dar um pulo aqui para tirar isso de meu peito. Fico contente por ter feito. Boa sorte com seu chefe.

– Obrigada – disse Laurie. – E também fiquei contente por você ter vindo.

Depois que Lou saiu, Laurie fez uma ligação para Jordan. Ela gostaria de ter um pouco de apoio moral, mas ele estava em cirurgia e sua volta ao consultório só era esperada para muito tarde.

Laurie estava instalando-se para trabalhar de novo quando alguém bateu na porta. Ela levantou a vista e viu Peter Letterman parado à sua frente.

– Dra. Montgomery? – disse Peter em tom de tentativa.

Laurie deu as boas-vindas e pediu que ele se sentasse.

– Obrigado – disse Peter. Ele sentou-se e seu olhar vagueou pelo gabinete. – Bonito lugar.

– Você acha?

– Melhor do que meu armário de guardar vassouras. De qualquer modo, não quero tomar muito de seu tempo. Só queria que soubesse que enfim pegamos um vestígio de agente contaminador ou pelo menos de um composto estranho na amostra de Randall Thatcher.

– É mesmo?! – exclamou Laurie, interessada. – O que encontrou?

– Etileno. Só um traço, já que o gás é muito volátil, e eu não consegui isolá-lo nos outros dois casos que testei.

– Etileno? Que coisa estranha. Não sei o que deduzir disso. Eu já ouvi falar do uso de éter como base livre, mas não etileno.

– A base livre está associada com o ato de fumar a cocaína, não com a droga tomada por via intravenosa da maneira que fizeram as pessoas de sua série. Além disso, mesmo quando a cocaína é fumada, o éter só é usado como solvente para a extração. Portanto, não sei por que apareceu o etileno. Pelo que sei, pode até ser um erro do laboratório. Mas como você estava muito interessada na possibilidade de algum agente contaminador, queria que ficasse sabendo logo.

– Se o etileno é tão volátil assim, por que não o procura nas amostras de Robert Evans? Como você determinou que ele morreu

muito rápido, talvez haja mais chance de encontrar o gás; isso se teve mesmo o etileno no caso.

– É uma boa idéia. Vou fazer uma tentativa.

Depois que Peter foi embora, Laurie ficou de olho fixo no vão da porta vazio durante alguns momentos. Dificilmente o etileno seria o tipo de agente contaminador que ela esperava. Ela pensava que o laboratório pudesse encontrar algum exótico estimulante do sistema nervoso central, como a estricnina ou a nicotina. Laurie não conhecia direito o etileno. Teria que pesquisar um pouco. Correndo os olhos no livro de farmacologia que ela e Riva mantinham no gabinete, Laurie não encontrou muita coisa sobre o gás. Decidiu ir averiguar na biblioteca do departamento no primeiro andar. Ao chegar lá, encontrou um longo artigo sobre o etileno em um velho livro de farmacologia. O etileno estava caracterizado com mais profundidade no livro mais velho, porque ele era usado como agente anestésico, muitos anos atrás. Nos últimos anos, o gás foi abandonado por ser mais leve que o ar e inflamável. Essas duas qualidades tornavam o gás perigoso demais para ser usado em salas de operação.

Em outro livro, Laurie descobriu que o etileno era usado por volta da virada do século, nas estufas de Chicago, para impedir que os cravos se abrissem. O etileno era colocado no gás que iluminava as estufas. Em um artigo mais positivo, Laurie leu que o gás era usado para acelerar o amadurecimento de frutas e na manufatura de certos plásticos, como o polietileno e a espuma de plástico.

Embora essa informação sobre os antecedentes fosse interessante, Laurie ainda não podia entender o motivo pelo qual o etileno fosse aparecer em casos de overdose e toxicidade de cocaína. Sentindo-se desanimada, ela recolocou os livros em suas respectivas prateleiras e retornou a seu gabinete, esperando não ter perdido o telefonema de Bingham. Talvez Peter estivesse certo: a descoberta do etileno foi o resultado de um erro do laboratório. Quando Lou retornou à Central de Polícia, entregaram-lhe uma pilha de mensagens urgentes de seu capitão, do comandante da região e do comissário de polícia. Era evidente que todo o oficialato estava num tumulto só.

Ao entrar em seu gabinete, Lou ficou surpreso por encontrar um detetive recém-nomeado, sentado com uma expressão de paciência na sua escrivaninha. O terno dele era novo, o que sugeria que apenas pouco tempo atrás ele se tornara detetive à paisana.

– Quem é você? – perguntou Lou.

– Oficial O’Brian – respondeu o polícia.

– Você tem algum sobrenome?

– Sim, senhor! É Patrick.

– Belo nome italiano.

Patrick deu uma risada.

– Em que posso lhe servir? – perguntou Lou, tentando decidir sobre a ordem com que responderia às mensagens.

– O sargento Norman Carver me pediu para dar uma passada aqui para tentar examinar as informações médicas que você tem, relacionadas com aqueles assassinatos. Sabe, todas aquelas pessoas que também eram pacientes do Dr. Jordan Scheffield. Ele acha que posso ser bom nisso, já que durante algum tempo fui aluno do pré-médico na universidade. Também trabalhei em hospital nos verões, antes de mudar para o cumprimento da lei.

– Parece sensato – disse Lou.

– Deparei com algo que pode ser importante – disse Patrick.

– Hein, hein – assentiu Lou.

Ele olhou as mensagens para telefonar para o comissário de polícia. Era essa a mensagem mais perturbadora. Ele jamais recebera um recado para telefonar para o comissário de polícia. Era o mesmo que um padre de paróquia receber um telefonema do papa.

– Todos os pacientes tinham diagnósticos diferentes – continuou Patrick – mas tinham um traço em comum.

Lou levantou a vista.

– Oh?

Patrick acenou com a cabeça.

– Todos tinham cirurgias marcadas. Todos iriam ter as córneas operadas.

– Está brincando?

– Falo sério.



Depois que Patrick foi embora, Lou tentou tirar algum sentido da informação. Ele ficara desapontado quando não conseguiu encontrar um vínculo comum entre as vítimas de assassinato, além do fato de serem todas pacientes de Jordan Scheffield. Mas agora, afinal de contas, talvez houvesse alguma coisa. Isso não podia ser simples coincidência.

Olhando para a pilha de mensagens telefônicas, Lou decidiu postergar as respostas das chamadas. Seria melhor que ele saísse para fazer o acompanhamento dessa nova informação. Afinal de contas, ele já sabia por que aqueles graúdos estavam telefonando. Queriam queixar-se pela falta de progresso nos assassinatos e, com toda probabilidade, aproveitar a oportunidade para encher-lhe os ouvidos com a história da série de overdoses de Laurie. Se houvesse uma chance de poder começar a solucionar o caso com aquela questão da córnea, o melhor seria que ele fosse atrás da coisa antes de falar com os mandachuvas.

Lou decidiu começar com o médico. Imaginou que, como sempre, o doutor o cozinharía, mas estava decidido a falar com o sujeito, com ou sem pacientes.

Mas quando Lou perguntou por Jordan, a recepcionista disse que ele estava em cirurgia no Geral de Manhattan e que tinha marcado muitos casos para esse dia. Ele só retornaria ao consultório lá pelo fim do dia.

Lou ponderou sobre as opções. Responder às mensagens urgentes ainda não seria sua escolha seguinte. Ele decidiu que a persistência era a virtude do dia; ele faria uma visita ao médico de olho, mesmo que isso significasse invadir a sala de operação. Havia testemunhado cerca de uma dúzia de autópsias nessa semana; poderia uma cirurgia ser muito pior?

– Mas que porra aconteceu? – berrou Cerino.

Angelo, Tony e o Dr. Louis Travino estavam sendo repreendidos. Estavam parados como alunos transviados diante do diretor da escola. Paul Cerino sentava-se atrás de sua gigantesca escrivaninha. Não tinha cara de contente.

Nervoso, o Dr. Travino enxugou a testa com um lenço de bolso. Era um homem calvo e gordo, com uma vaga semelhança com Cerino.

– Ninguém vai me responder? Qual é o problema com vocês? Fiz uma pergunta simples. Como essa história chegou aos jornais?

– Ele deu um tapa no jornal sobre a escrivainha diante dele.

– Está bem – disse quando ficou claro que ninguém estava disposto a se apresentar como voluntário. – Vamos começar do começo. Louie, você me disse que esse “gás de fruta” não seria detectado.

– É verdade – disse Louie. – Ele não foi. É volátil demais. Nada foi dito sobre o gás nos jornais.

– É verdade. Mas por que eles estão descrevendo essas overdoses como assassinatos?

– Não sei – respondeu Louie. – Mas não foi porque eles detectaram o gás.

– É bom que esteja certo. Acho que não preciso lembrar a você que venho cobrindo suas imensas dívidas de jogo. A família Vaccarro ficaria muito descontente com você, se de repente eu deixasse de ser pontual com a grana.

– Não foi o gás – reiterou Louie.

– Então, o que foi? Vou lhe dizer uma coisa, esse artigo me deixou com uma péssima sensação. Se alguém fez merda, cabeças vão rolar.

– Esse foi o primeiro sinal de encrenca – disse Louie. – Fora isso, tudo tem andado ótimo. E olhe para você, você está indo muito bem.

– Então, por que essa médica descobriu a verdadeira história? – perguntou Paul. – Essa Laurie Montgomery é a mesma garota que fofocou com Lou Soldano sobre o ácido que foi atirado em meu rosto. Quem é essa pirralha?

– É uma médica-legista do departamento de Manhattan.

– Você quer dizer como aquele personagem Quincy, que costumava passar na tevê?

– Bem, na vida real é um pouco diferente. Mas na essência é a mesma coisa.

– Então, como ela suspeitou de alguma coisa? Pensei que você tinha dito que não havia maneira de imaginar isso. Como essa tal de Laurie Montgomery adivinhou o que está acontecendo?

– Não sei. Talvez isso seja algo que deveríamos perguntar à Dra. Montgomery.

Cerino pensou na sugestão durante alguns momentos.

– Para dizer a verdade – concluiu – andei pensando na mesma coisa. Além disso, essa Laurie Montgomery poderia tornar-se um tremendo pé no saco se continuar a fazer o trabalho de detetive. Angelo, você acha que pode conseguir uma pequena entrevista com a pequena dama?

– Sem problema – disse Angelo. – Você quer a mulher, eu pego ela.

– Essa é a única coisa que acho que posso fazer – disse Paul.

– E depois que batermos um pequeno papo, acho que a melhor coisa que essa mulher tem a fazer é desaparecer. Quero dizer, por completo. Estou falando de ninguém, nada.

– O Montego Bay não vai partir logo? – perguntou Angelo.

– Isso mesmo – disse Paul. – Está para levantar âncora e zarpar em direção à Jamaica. Boa idéia! Está bem, leve-a ao cais. Quero que o Dr. Louie a interrogue.

– Não gosto de ter um envolvimento direto com esse tipo de coisa – replicou Louie.

– Vou fingir que não ouvi o que você disse – disse Paul. – Você está metido nessa operação até o pescoço. Portanto, não me venha com merda.

– Quando você quer que nos mexamos? – perguntou Angelo.

– Hoje à tarde ou à noite. Não podemos ficar esperando que as coisas piorem. O garoto Amendola não trabalha lá na morgue? Como é o nome dele? A tal família de Bayside.

– Vinnie – disse Tony. – Vinnie Amendola.

– É isso aí – disse Cerino. – Vinnie Amendola. Ele trabalha na morgue. Fale com ele, talvez ele ajude. Lembre a ele o que fiz pelo velho dele quando teve problema com o sindicato. E leve isto – apontou para o jornal. – Sei que a foto da doutora está no jornal. Use-a para ter certeza de que vai pegar a pessoa certa.

Depois que seus convidados saíram, Cerino usou o telefone digital para chamar o consultório de Jordan. Quando a recepcionista explicou que o médico estava em cirurgia, Cerino disse que queria que sua chamada fosse respondida dentro de uma hora. Jordan respondeu em quinze minutos.

– Não gosto do que está acontecendo – disse Jordan antes que Paul pudesse pronunciar uma palavra. – Quando conversamos sobre algum tipo de sociedade comercial, você me disse que não haveria problemas. Isso foi há dois dias e já está se formando um tremendo escândalo. Não gosto disso.

– Fique calmo, Doc – disse Cerino. – Todos os negócios têm suas dores de começo. Fique frio. Eu só queria ter certeza de que você não faria nenhuma estupidez. Algo de que se arrependesse.

– Você me envolveu nisso por meio de ameaças. É o mesmo tipo de tática de terror?

– Acho que é assim mesmo que você pode chamar. Depende de seu ponto de vista. De minha parte, pensei que estivéssemos falando de um homem de negócios para outro. Só queria lembrar que está lidando com profissionais como você mesmo.

O telefonema, quando ocorreu, foi de parte da secretária de Bingham. Ela perguntou se Laurie poderia ir ao gabinete do Dr. Bingham. Laurie respondeu "*é claro*".

A expressão de Bingham estava solene quando Laurie entrou em seu gabinete. Laurie podia ver que ele tentava manter a compostura, assim como ela tentava conter os nervos.

– Realmente não entendo você, doutora – disse Bingham enfim. Seu rosto estava duro, a voz firme. – Você cancelou minha diretiva, de maneira deliberada. Eu lhe adverti, em particular, para não ir aos meios de comunicação com suas opiniões; no entanto, você me desobedeceu de modo intencional. Devido a essa desconsideração proposital de minha autoridade, você não me deixa outra escolha a não ser pôr um fim em seu emprego aqui neste departamento.

– Mas Dr. Bingham...

– Não quero nenhuma desculpa ou explicação – interrompeu Bingham. – De acordo com o regulamento, tenho o direito de demiti-la segundo a minha vontade, já que você ainda está no primeiro ano de teste no emprego. Entretanto, se você requerer por escrito uma audiência sobre essa questão, não oporei resistência. Fora isso, nada mais tenho a lhe dizer, Dra. Montgomery. Isso é tudo.

– Mas Dr. Bingham...

– Isso é tudo! – berrou o Dr. Bingham. Os minúsculos vasos capilares que se enroscavam em suas narinas dilataram-se tornando todo o nariz um vermelho brilhante.

Depressa, Laurie levantou-se da cadeira com movimentos desajeitados e fugiu do gabinete de Bingham. Evitou de maneira consciente os olhares das secretárias administrativas que, sem dúvida, tinham escutado a explosão de Bingham. Sem se deter, ela subiu a seu gabinete e trancou a porta. Sentada na escrivaninha, olhou para o tampo desordenado. Estava chocada. Havia se convencido da impossibilidade de ser demitida; no entanto, foi isso o que aconteceu. Mais uma vez, Laurie se viu lutando contra as lágrimas e desejando ter mais controle sobre as próprias emoções.

Com dedos trêmulos, abriu a pasta de documentos e retirou todas as fichas que estavam dentro. Em seguida, embrulhou-as junto com seus pertences pessoais. Livros e esse tipo de coisas ela voltaria para pegar em uma data posterior. Tirou uma folha de resumo sobre a série de overdoses, que estava na gaveta central da escrivaninha, e colocou-a na pasta. Com o casaco vestido, o guarda-chuva debaixo do braço e a pasta na mão, Laurie fechou e trancou a porta.

Não saiu do prédio no mesmo instante. Em vez disso, desceu até o laboratório de toxicologia para encontrar Peter Letterman. Contou a ele que tinha sido mandada embora, mas que ainda estava interessada nos resultados de seus testes em relação à série de overdoses. Perguntou se ele se importaria se ela verificasse. Peter disse que não se importaria em absoluto. Laurie sabia que ele estava ansioso para perguntar sobre o que havia acontecido com Bingham, mas Peter não perguntou.

Laurie estava a ponto de sair quando se lembrou do teste que requisitara no laboratório de ADN, um andar abaixo. Estava interessada em saber sobre a amostra que retirara de sob a unha de Júlia Myerholtz. Laurie nutria a esperança de conseguir alguma coisa positiva, apesar de achar que nada seria encontrado. Para seu espanto, seu desejo tornou-se realidade.

– O resultado final vai demorar muito tempo para sair – explicou o técnico quando Laurie perguntou sobre o estado da amostra. – Mas tenho noventa e nove por cento de certeza de que as amostras são de duas pessoas diferentes.

Laurie ficou atordoada. Ali estava outra peça desconcertante do quebra-cabeça. O que isso poderia significar? Seria outra deixa que apontava para homicídio? Ela não sabia. A única coisa que conseguiu pensar foi em telefonar para Lou. Retornou a seu gabinete e tentou alcançá-lo, mas responderam que ele estava fora. A telefonista da polícia não sabia quando Lou voltaria e não tinha como entrar em contacto com ele, a menos que fosse uma emergência. Laurie ficou desapontada. Percebeu que também gostaria de contar a Lou que tinha sido demitida; no entanto, dificilmente ela poderia justificar isso como uma emergência. Agradeceu à telefonista e não deixou um recado. Tornou a trancar a porta.

Laurie pensou que seria melhor sair através da morgue. Por esse caminho, ela corria menos risco de se deparar com Bingham ou Calvin. Também tinha a oportunidade de evitar a imprensa. Entretanto, quando chegou ao andar da morgue, Laurie pensou em outra coisa que desejava fazer: obter os endereços e detalhes dos três casos que haviam chegado durante a noite. Sua única chance de talvez recuperar o emprego estava em provar suas alegações. Se pudesse fazê-lo, então pensaria em requerer a audiência que Bingham mencionou.

Laurie vestiu rapidamente as roupas de proteção e entrou na sala de autópsia. Como era habitual numa manhã de segunda-feira, todas as mesas estavam em uso. Laurie foi até a relação principal e viu que os três casos em que estava interessada tinham sido

designados para George Fontworth. Ela juntou-se à mesa dele. George e Vinnie já haviam iniciado o trabalho.

– Não posso conversar com você. – disse George. – Sei que parece loucura, mas Bingham desceu aqui para me contar que você foi demitida e que eu estava proibido de conversar com você. Se quiser, pode telefonar para minha casa hoje à noite.

– Só me responda uma coisa – pediu Laurie. – Esses casos são iguais aos outros?

– Acho que sim – disse George. – Este aqui é o primeiro, de modo que não sei ao certo quanto aos outros, mas pelo que folheei nas pastas, eu diria que são.

– Por enquanto a única coisa que quero são os endereços. Deixe-me ver os relatórios dos investigadores por um minuto, eu os devolverei num instante.

– Não sei o que fiz para merecer isso – disse George, revirando os olhos. – Mas faça rápido. Se alguém perguntar, vou dizer que você entrou aqui e pegou os relatórios quando eu não estava olhando.

Laurie pegou os documentos que queria nas pastas de George e voltou ao vestiário. Copiou os três endereços e colocou-os em sua pasta de documentos. Ao voltar à sala de autópsia, deslizou os relatórios para dentro das respectivas pastas.

– Obrigada, George.

– Eu nunca a vi – respondeu George.

Laurie retornou ao vestiário e devagar vestiu a roupa de passeio. Em seguida, com suas coisas na mão, ela atravessou a morgue, passou pela capela mortuária e a sala da segurança. No desembarcadouro da morgue havia várias camionetas fúnebres com a inscrição SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE E HOSPITAL pintada nos lados.

Caminhando por entre as camionetas, Laurie saiu na Rua 30. Era um dia cinzento, chuvoso, frio e úmido. Abrindo o guarda-chuva, Laurie começou a caminhar com passos pesados em direção à Primeira Avenida. No que lhe dizia respeito, aquilo era o nariz de sua vida.

Tony saltou do carro de Angelo. Estava no ato de bater a porta quando notou que Angelo não se mexera. Ainda estava sentado atrás do volante.

– Qual é o problema? – perguntou Tony. – Pensei que iríamos lá dentro.

– Não gosto da idéia de entrar no necrotério – admitiu Angelo.

– Você quer que eu vá lá dentro sozinho?

– Não. Gosto dessa idéia menos ainda – relutante, Angelo abriu a porta e saltou do carro. Pegou um guarda-chuva no chão do assento traseiro e abriu – o. Em seguida, trancou o carro.

Angelo perguntou por Vinnie Amendola na sala da segurança.

– Vá até a sala mortuária – disse o guarda. – Fica bem em frente, à sua esquerda.

Angelo desgostou tanto da morgue da cidade quanto pensou que desgostaria. O lugar tinha um aspecto feio e fedia. Não fazia três minutos que eles estavam lá e ele já não podia esperar a hora de ir embora.

Angelo perguntou de novo por Vinnie na sala mortuária. Explicou que o motivo era alguma coisa sobre o pai de Vinnie. O sujeito pediu que Angelo e Tony aguardassem ali; ele retornaria num instante acompanhado por Vinnie.

Cinco minutos depois, Vinnie entrou na sala mortuária com sua roupa de proteção verde. Parecia perturbado.

– O que houve com meu pai? – perguntou.

Angelo pousou o braço no ombro de Vinnie.

– Poderíamos conversar em particular? – perguntou ele. Vinnie deixou-se levar ao corredor.

Vinnie olhou dentro do olho de Angelo.

– Há dois anos que meu pai está morto – disse. – O que há com meu pai?

– Nós somos amigos de Paul Cerino – disse Angelo. – Recebemos a incumbência de lembrar a você que o Sr. Cerino ajudou seu pai uma vez com o sindicato. O Sr. Cerino gostaria que o favor dele fosse retribuído. Tem uma médica aqui chamada Laurie Montgomery...

– Já não está mais aqui – interrompeu Vinnie.



– O que você quer dizer?

– Ela foi demitida hoje de manhã.

– Neste caso, precisamos do endereço dela. Você poderia conseguir? E lembre-se que isso fica apenas entre nós. Tenho certeza de que não preciso soletrar esse pedido para você.

– Compreendo – disse Vinnie. – Esperem aqui, voltarei daqui a pouco.

Angelo sentou-se, mas não precisou esperar muito tempo. Vinnie retornou com o endereço e até o número do telefone de Laurie, com a rapidez prometida. Ele explicou que conseguiu a informação na relação de telefones.

Aliviado por estar saindo da morgue, Angelo quase correu para voltar ao carro.

– Qual é o plano? – perguntou Tony depois que Angelo ligou o carro.

– Nenhum tempo é melhor que o presente. Vamos agora para o apartamento da garota. Estamos nas proximidades.

Quinze minutos depois, eles estacionaram na Rua 19 e caminharam em direção ao prédio do apartamento de Laurie.

– Como vamos fazer a coisa? – perguntou Tony.

– Vamos tentar da maneira habitual. Usaremos nossos distintivos de polícia. Assim que a colocarmos dentro do carro, seremos homens felizes.

Na entrada do prédio de Laurie descobriram o número do apartamento pela caixa de correio dela. A porta interna não foi um obstáculo à altura de alguém como Angelo. Dois minutos depois, estavam no elevador, dirigindo-se para o quinto andar. Foram diretamente para a porta de Laurie e tocaram a campainha. Como não houve resposta, Angelo tocou outra vez.

– Ela deve ter saído para procurar outro emprego – disse Tony.

– Parece que tem um bocado de fechaduras – comentou Angelo, examinando a porta.

Os olhos de Tony saíram da porta e percorreram o minúsculo hall. No mesmo instante, seus olhos encontraram os de Debra Engler. Tony deu um tapinha no ombro de Angelo e sussurrou:

– Um dos vizinhos está olhando para nós.

Angelo virou-se a tempo de ver os olhos perscrutadores de Debra na porta entreaberta. Assim que seus olhos encontraram-se com os dela, Debra bateu a porta. Angelo pôde ouvir os cliques das fechaduras sendo fechadas.

– Droga! – sussurrou Angelo.

– Que devemos fazer?

– Voltar para o carro.

Alguns minutos depois, os dois estavam sentados no carro de Angelo, com plena vista para a entrada do prédio de Laurie. Tony bocejou. Contra a própria vontade, Angelo fez o mesmo.

– Estou exausto – queixou-se Tony.

– Eu também. Eu esperava dormir o dia inteiro hoje.

– Acha que devemos invadir o apartamento?

– Estou pensando nisso. Com todas aquelas fechaduras, a coisa pode demorar alguns minutos. E não sei o que fazer com aquela bruxa do outro apartamento. Você sacou a cara dela? Que tal acordar com ela na cama a seu lado?

– Esta gata aqui até que não é feia – disse Tony, olhando para a foto de Laurie no jornal. – Eu até que atacaria uma coisa como essa.

Lou serviu-se de outra xícara de café. Ele estava aguardando na sala de espera da ala de cirurgia do Hospital Geral de Manhattan, onde havia surpreendido Jordan em seu último encontro. Mas daquela vez Lou só precisou aguardar vinte minutos. Agora já estava ali havia mais de uma hora. Lou começava a duvidar da sabedoria de ter colocado essa esperada entrevista com Jordan na frente da resposta aos telefonemas dos superiores.

No momento em que Lou pensava em ir embora, Jordan entrou na sala. Foi direto a uma pequena geladeira e tirou uma caixa de suco de laranja.

Lou observou enquanto Jordan tomava um demorado gole. Esperou que Jordan se aproximasse do sofá para dar uma olhada no jornal que havia lá. Nesse momento, Lou falou:

– Jordan, meu garoto. Imagine só, eu vir até você entre todos os lugares que existem.

Jordan franziu a testa quando reconheceu Lou.

– Ah, não pode ser você de novo!

– Fico comovido com esses modos tão amigáveis. Devem ser todas essas cirurgias que você vem fazendo que o deixaram com esse humor tão afável. Segundo dizem; aproveite, faça a forragem enquanto o sol brilha.

– Que bom ver você de novo, tenente. – Jordan terminou o suco e atirou a caixa na cesta de lixo.

– Só um segundo – disse Lou. Ele levantou-se e bloqueou a saída de Jordan.

Lou teve a impressão definitiva de que Jordan estava sendo menos cooperativo do que durante o encontro anterior. Também estava mais perturbado. Por baixo da fachada brusca, não havia dúvida de que o médico estava muitíssimo nervoso.

– Tenho outras cirurgias a fazer – disse Jordan.

– Tenho certeza disso. O que me faz sentir um pouco melhor. Quero dizer, é bom saber que nem todos os seus pacientes com operação marcada tiveram morte violenta nas mãos de matadores profissionais.

– Do que está falando?

– Oh, Jordan, você é pura indignação. Mas eu apreciaria se você parasse de merda e dissesse a verdade. Sabe muito bem do que estou falando. Na última vez em que estive aqui, eu lhe perguntei se havia alguma coisa que aqueles seus pacientes assassinados tinham em comum. Como, por exemplo, se sofriam da mesma enfermidade ou algo parecido. Você ficou feliz em me dizer que eu estava errado. Mas o que deixou de me contar foi que todos estavam com data marcada para serem submetidos à cirurgia por suas habilidosas mãos.

– Isso não me ocorreu naquele dia.

– Claro! – disse Lou em tom sarcástico.

Ele tinha certeza de que Jordan estava mentindo; no entanto, ao mesmo tempo Lou não estava seguro de sua objetividade ao julgar Jordan. Como Lou admitira pouco tempo antes para Laurie, ele sentia ciúmes de Jordan. Sentia ciúmes da boa aparência do homem alto, de sua educação numa universidade de primeira

categoria, de seu passado de berço de ouro, do dinheiro dele e do seu relacionamento com Laurie.

– Isso só me ocorreu quando retornei ao consultório – disse Jordan. – Depois que olhei as fichas deles.

– Mas mesmo depois que descobriu esse fator de ligação, você deixou de me avisar. Nós vamos deixar isso de lado por enquanto. Minha pergunta agora é: como explica a coisa?

– Não posso – disse Jordan. – Pelo que posso dizer, trata-se de uma extraordinária coincidência. Nada mais, nada menos.

– Você não tem a menor idéia do motivo pelo qual esses assassinatos foram praticados?

– Nenhuma. E claro que espero e rezo para que não haja mais nada. A última coisa que quero ver é minha população cirúrgica diminuir de alguma forma ou modo, em especial dessa maneira tão selvagem.

Lou concordou com um aceno de cabeça. Conhecendo o que conhecia de Jordan, ele acreditava nessa parte.

– E quanto a Cerino – perguntou Lou após uma pausa.

– Como assim?

– Ele ainda aguarda uma outra operação. Pode haver alguma maneira de essa série de assassinatos estar relacionada com Cerino? Você acha que ele corre algum perigo?

– Imagino que qualquer coisa seja possível. Mas há meses que venho tratando Paul Cerino e nada aconteceu com ele. Não consigo imaginar que ele esteja envolvido ou especificamente corra perigo.

– Se você tiver alguma idéia, pode me chamar.

– Não tenha dúvida, tenente.

Lou saiu do caminho e Jordan atravessou as portas de vaivém e desapareceu de vista.

Laurie decidiu que mesmo que o trabalho resultasse em nada, se ela fracassasse e não achasse nenhuma informação útil pelo menos se manteria ocupada. E manter-se ocupada significava que ela não poderia demorar-se nessa situação: estava desempregada numa cidade que não era nem um pouco barata para se viver e talvez estivesse fora da medicina legal. Dificilmente, ela poderia

esperar uma recomendação de Bingham. Mas não iria pensar nisso naquele momento. Em vez disso, ela decidiu seguir em frente e obter mais informações para sua série. Havia mais três overdoses a serem investigadas. Como os corpos foram encontrados e se os mortos tinham sido vistos entrando em seus apartamentos na companhia de dois homens, naquela fatídica noite?

Numa hora, Laurie teve um grande sucesso no prédio do apartamento de Kendall Fletcher, e tudo pareceu familiar. Fletcher saíra para correr, mas retornara logo depois com dois homens. O porteiro não viu os dois homens saírem do apartamento. Várias horas depois do retorno de Fletcher, um morador anônimo telefonou para se queixar do barulho no 25 G. O morador receava que alguém pudesse estar machucado no interior do 25 G. O superintendente atendeu a chamada; foi então que houve a descoberta do corpo de Fletcher.

Laurie teve menos sorte na casa de Stephanie Haberlin. A mulher morava em um prédio de arenito pardo transformado, sem porteiro. Laurie decidiu deixar esse caso de lado por enquanto e dirigiu-se para a terceira e última residência.

Yvonne André morava em um prédio semelhante ao de Kendall Fletcher. Laurie fez uso de seu distintivo de médica-legista, da mesma maneira que fizera no prédio de Fletcher. O porteiro, que se apresentou como Timothy, ficou mais do que contente em ajudar. Da mesma maneira que no caso de Kendall Fletcher, a Senhorita André entrou no prédio junto com dois homens. Timothy não seria capaz de descrever os homens, mas tinha a nítida lembrança da entrada deles.

Quando Laurie perguntou quem tinha encontrado o corpo, Timothy respondeu que fora José, o superintendente. Laurie perguntou se poderia falar com ele. Timothy disse "*é claro*". E chamou um homem magro de uniforme de cor castanho-amarelada, que naquele momento consertava um móvel do salão de entrada. José reuniu-se a eles no mesmo instante e as apresentações foram feitas.

– Portanto, como foi que você encontrou o corpo? – perguntou Laurie.

– O porteiro da noite me chamou e pediu para eu examinar o apartamento de André.

– Deixe-me adivinhar. Um morador telefonou para o porteiro da noite, queixando-se de que barulhos estranhos estavam saindo do apartamento de André.

José e Timothy olharam fixo para Laurie, com surpresa e respeito.

– Ah – disse José com um sorriso. – Você andou conversando com a polícia.

– Em que lugar do apartamento você encontrou o corpo? – perguntou Laurie.

– Na sala de estar.

– Como estava o apartamento? Tinha alguma coisa quebrada? O apartamento estava de um jeito que parecia ter havido alguma luta?

– Realmente não olhei em volta. Não depois que localizei a Senhorita André. A polícia esteve aqui claro, mas ninguém tocou em coisa alguma. Você quer ver?

– Eu adoraria.

Eles foram diretamente para o apartamento de Yvonne, no quarto andar. José abriu a porta com a chave-mestra e deu um passo para o lado.

Laurie foi a primeira a entrar. Não dera nem cinco passos porta a dentro quando quase colidiu com uma mulher de meia-idade, vestida com elegância, que respondera ao barulho da chave na fechadura. A mulher estava bastante aturdida, mas sua aparência era de quem estivera chorando. Estava com um tecido na mão.

– Desculpe-me – disse Laurie, embaraçada. Estava horrorizada com o fato de o apartamento estar ocupado.

A mulher começou a dizer alguma coisa quando reconheceu José.

– Sinto muito, Sra. André – disse José. – Eu não sabia que a senhora estava aqui. Esta é a Dra. Montgomery, do Departamento de Medicina Legal.

– Quem é, querida? – Um homem alto e de cabelos grisalhos apareceu no vão da porta da cozinha.

– É o superintendente – conseguiu dizer a Sra. André. – E esta é a Dra. Montgomery, do Departamento de Medicina Legal.

– Do Departamento de Medicina Legal aqui de Manhattan? – perguntou o Sr. André.

– Certo – disse Laurie. – Sinto muito por essa terrível invasão. José sugeriu que eu desse um pulo aqui em cima. Eu não tinha a menor idéia de que vocês estariam aqui.

– Eu também não – apressou-se José a dizer.

– Está tudo bem – disse a Sra. André. Ela levantou o lenço para aplicá-lo com pancadinhas nos cantos dos olhos, enquanto olhava tristonha a sala de estar. – Nós íamos ver algumas coisas de Yvonne.

– Queira desculpar-me – disse o Sr. André. Ele girou de maneira abrupta e desapareceu em direção à cozinha.

– Posso voltar mais tarde – disse Laurie, dando um passo em direção da porta. – Sinto muito mesmo por sua perda.

– Oh, não vá – pediu a Sra. André, estendendo a mão para Laurie. – Por favor. Entre. Sente-se. Eu me sinto melhor conversando sobre isso.

Laurie olhou para José. Não sabia ao certo o que deveria fazer.

– Vou sair – disse José. – Se precisarem de alguma coisa, por favor, chamem.

Laurie queria ir embora. A última coisa que devia fazer era consolar os entes queridos dos mortos, mas não pensava que podia simplesmente afastar-se da mãe que ostentava uma óbvia consternação, agora que ela se abria. Com algumas apreensões, Laurie permitiu-se ser conduzida à sala de estar. A Sra. André sentou-se em uma poltrona de dois lugares. Laurie ocupou uma cadeira de lado.

– Você não pode imaginar o choque que isso foi para nós – disse a Sra. André. – Yvonne era uma filha tão boa e generosa, altruísta em excesso. Ela estava sempre dedicada a uma ou outra causa de caridade.

Laurie fez um aceno de cabeça por simpatia.

– Greenpeace, Anistia Internacional, NARAL. Diga qualquer nome de uma boa causa liberal, que há chances de Yvonne ter tido

participação ativa nela.

Laurie sabia que não precisaria falar muita coisa. Bastava apenas prestar atenção.

– Ela estava metida em duas causas novas. – A Sra. André deu uma risada melindrada. – Eram novas pelo menos para nós: direitos dos animais e doação de órgãos. É muita ironia que ela tenha morrido de ataque do coração. Acho que ela nutria verdadeiras esperanças de que alguns de seus órgãos fossem usados, algum dia, para um bom propósito. Oh, não em um futuro tão próximo, note bem, mas ela desejava muito não ser enterrada. Yvonne era muito inflexível em relação a isso; ela achava que era um terrível desperdício de recursos e espaço.

– Eu gostaria que mais pessoas pensassem como sua filha – disse Laurie. – Se pensassem assim, os médicos poderiam começar, de fato, a salvar mais vidas. – Ela queria tomar todo o cuidado para não contradizer a idéia da pobre mulher de que a filha morreria de ataque do coração, e não por causa de cocaína.

– Talvez você queira ficar com alguns livros de Yvonne – disse a Sra. André. – Não sei o que vamos fazer com todos eles. – Era claro que a mulher estava desesperada para conversar com alguém.

Antes que Laurie pudesse responder à generosa oferta, o Sr. André retornou à sala com gestos enraivecidos. Seu rosto estava corado.

– Walter, qual é o problema? – perguntou a Sra. André. Era evidente que o marido estava perturbado.

– Dra. Montgomery! – Falou de maneira atabalhoada, ignorando a esposa. – Por acaso sou membro do conselho diretor do Hospital Geral de Manhattan. Por acaso também conheço pessoalmente o Dr. Harold Bingham. Como já falei com ele antes sobre minha filha, fiquei muito surpreso quando você apareceu. Assim, telefonei para ele. Ele está no telefone agora e gostaria de ter uma palavrinha com você.

Laurie engoliu em seco, com alguma dificuldade. Ela levantou-se e passou pelo Sr. André, andando em direção à cozinha. Hesitante, pegou o telefone.



– Montgomery! – trovejou Bingham depois que Laurie atendeu. Ela teve que afastar o auscultador alguns centímetros do ouvido.

– O que, em nome de Deus, você está fazendo no apartamento de Yvonne André? Você foi demitida! Está me ouvindo? Mandarei prender você por estar se fazendo passar por funcionária municipal, se continuar com isso. Está entendendo?

Laurie estava prestes a responder, quando avistou um cartão de visita espetado em um quadro de avisos na parede atrás do telefone. Era um cartão de visita de um certo Sr. Jerome Hoskins, do Depósito de órgãos de Manhattan.

– Montgomery! – tornou Bingham a gritar. – Responda-me! Que droga você pensa que está fazendo?

Laurie desligou sem dizer nenhuma palavra a Bingham. Com a mão trêmula, ela pegou o cartão no quadro de avisos. De repente, as peças se ajustaram, e que quadro terrível e hediondo elas formaram! Laurie quase não conseguia acreditar; no entanto, a partir do momento em que tudo bateu, ela ficou sabendo que aquela verdade terrível e inexorável não podia ser refutada. Claro que a coisa a fazer era telefonar para Lou. Mas antes de fazer isso, havia um outro lugar que ela queria visitar.

# 15

## SEGUNDA-FEIRA, 16 e 15, MANHATTAN

Lou Soldano voltava à sala de espera da ala cirúrgica do Geral de Manhattan pela segunda vez naquele dia. Mas nessa visita não teria que esperar muito tempo. Dessa vez ele havia telefonado para o supervisor da sala de operações e perguntado quando o Dr. Scheffield terminaria a cirurgia. Lou calculara o momento de sua chegada de forma a pegar Jordan no exato momento em que este saísse.

Após aguardar menos de cinco minutos, Lou ficou contente em ver o bom médico quando ele atravessou a sala de espera, com passos largos e confiantes, indo em direção ao vestiário. Lou seguiu-o, chapéu na mão e capa impermeável sobre o braço. Ele manteve a distância até o momento em que Jordan atirou a camisa e calças de proteção manchadas no depósito da lavanderia. O plano de Lou era pegar o médico com as roupas de baixo, quando estivesse psicologicamente vulnerável. Lou acreditava que o interrogatório funcionava melhor quando o interrogado estava desequilibrado.

– Ei, Doc – chamou com voz suave. Jordan girou nos calcanhares. Era óbvio que o médico estava tenso. – Desculpe-me – disse Lou, coçando a cabeça. – Odeio incomodar, mas é que pensei numa outra coisa.

– Mas que droga você pensa que é? – vociferou Jordan. – O Columbo?

– Muito bem – disse Lou. – Não pensei que você tinha sacado isso. Mas agora que captei sua atenção, tem uma outra coisa que desejo lhe perguntar.

– Seja rápido, tenente. Estive metido aqui o dia inteiro e tenho um consultório cheio de pacientes infelizes. – Jordan foi até a pia e abriu a torneira.

– Quando estive aqui antes, mencionei que todos os pacientes que foram mortos estavam aguardando uma cirurgia. Mas deixei de perguntar pelo tipo de operação para o qual estavam marcados.

Quero dizer, me disseram que eles seriam submetidos a algum tipo de operação de córnea. Doc, me dê as informações. O que era mesmo que você iria fazer por aquelas pessoas?

Jordan, que estava reclinado sobre a pia, levantou-se. Pingava água de seu rosto. Ele cutucou Lou para o lado para chegar às toalhas. Ele pegou uma e com movimentos vigorosos enxugou a pele, fazendo-a brilhar.

– Eles iriam receber transplantes de córnea – disse Jordan depois de algum tempo, olhando-se no espelho.

– Que coisa interessante! Todos eles tinham diagnósticos diferentes, mas todos seriam submetidos ao mesmo tipo de tratamento.

– É verdade, tenente – disse Jordan.

O médico afastou-se da pia e foi até seu armário. Girou a roda denteada na fechadura de combinação. Lou seguiu-o como um cão.

– Eu pensava que diagnósticos diferentes requeressem tratamentos diferentes.

– É verdade que todas essas pessoas tinham diagnósticos diferentes – explicou Jordan. Ele começou a se vestir. – Mas a enfermidade fisiológica era a mesma. As córneas delas não estavam claras.

– Mas isso não é tratar o sintoma e não a doença?

Jordan parou de abotoar a camisa para olhar fixo para Lou.

– Penso que subestimei você. Na verdade, você tem toda razão. Mas muitas vezes, no que diz respeito aos olhos, é exatamente isso que fazemos. É claro que antes de realizar um transplante você tem que tratar a causa da opacidade. Fazemos isso para termos uma certeza razoável de que o problema não tornará a ocorrer no tecido transplantado, e com o tratamento adequado em geral não ocorre.

– Nossa Senhora! – disse Lou. – Talvez eu pudesse ter sido médico se tivesse freqüentado uma universidade da Ivy League como você.

Jordan voltou ao ato de abotoar a camisa.

– Esse comentário é bem próprio do personagem que você interpreta.

– De uma maneira ou de outra, não é surpreendente que todos os seus pacientes assassinados estivessem marcados para a mesma operação?

– Nem um pouco – disse Jordan enquanto continuava a se vestir. – Sou um super especialista. A córnea é a área de minha especialidade. Acabei de fazer quatro hoje.

– A maioria de suas operações são transplantes de córnea?

– Talvez noventa por cento. Talvez ainda mais, nos últimos tempos.

– E quanto a Cerino?

– A mesma coisa. Mas com Cerino farei dois procedimentos, já que ambos os olhos foram afetados de maneira igual.

– Oh! – disse Lou. Mais uma vez o médico estava esquivando-se das perguntas.

– Não me leve a mal, tenente. Ainda estou chocado e angustiado por saber que esses meus pacientes foram assassinados. Mas sabendo que esses pacientes foram mortos, não fico nem um pouco surpreso por saber que todos estavam na espera de transplantes de córnea. Como pacientes meus, isso deveria ser esperado quase que por definição. Muito bem, mais alguma coisa, tenente? – Jordan vestiu o paletó.

– Alguma coisa nos transplantes de córnea que essas pessoas esperavam as diferenciava dos outros receptores?

– Nada.

– E quanto a Marsha Schulman? Ela poderia estar associada às mortes desses pacientes?

– Ela não estava esperando nenhuma operação.

– Mas ela conhecia as pessoas.

– Marsha era minha principal secretária. Conhecia praticamente todo mundo que entrava no consultório.

Lou concordou com um aceno de cabeça.

– Agora queira desculpar-me, tenente, eu preciso, de fato, ir à sala de recuperação para examinar meu último caso. Foi bom vê-lo de novo. – Com isso, ele foi embora.

Lou retornou a seu carro, mais uma vez desanimado. Ficaria tão seguro de que havia atingido o fato crucial, quando Patrick

O'Brian entrou em seu gabinete para dizer que todos os pacientes mortos estavam à espera da mesma operação. Agora Lou achava que a informação era outro beco sem saída.

Lou arrancou com o carro e no mesmo instante atolou-se no trânsito da rua. A hora do *rush* era sempre mortal em Nova York, e em dias de chuva ficava pior ainda. Quando Lou olhou para a calçada, notou que os pedestres se moviam com mais velocidade que ele.

Com tempo para pensar, Lou tentou rever os fatos do caso. Ele passara por maus momentos ao enfrentar a personalidade do Dr. Jordan Scheffield. Deus, como ele odiava o sujeito. E não era apenas por causa de Laurie, apesar de também haver isso. O sujeito era tão presunçoso e tinha tantos ares de superioridade! Lou surpreendia-se com o fato de Laurie não ver isso.

De repente, o carro atrás de Lou bateu no dele. Lou atirou a cabeça para trás, depois para a frente. Num acesso de fúria, Lou puxou o freio de mão e saltou do carro. O sujeito do carro de trás também saltou. Lou ficou humilhado ao ver que o sujeito tinha pelo menos 110 quilos de sólidos músculos.

– Olha pra onde você está indo – disse Lou, balançando o dedo.

Ele deu a volta para examinar a traseira de seu Capriche. Havia um pouco de tinta do carro do outro no pára-choque do Capriche. Lou poderia ter bancado o tira durão, mas preferiu não fazê-lo. Poucas vezes ele bancava o tira durão; era preciso um esforço exagerado.

– Desculpe, cara – disse o motorista.

– Não houve nenhum dano – disse Lou e retornou ao carro.

Avançando centímetro por centímetro no tráfego, Lou girava a cabeça para a direita e a esquerda. Esperava não sofrer mais nenhum arranhão.

De repente, o brilho de uma idéia começou a tomar forma na sua cabeça. O fato de ter sofrido uma batida trouxe-lhe um certo senso. Como pôde não ter visto? Por um momento, Lou olhou fixo para um ponto no infinito, hipnotizado pela solução que se cristalizara de maneira tão repentina em seu cérebro. Estava tão

mergulhado nos pensamentos que o sujeito grandão atrás dele teve de buzinar para fazê-lo avançar.

– Puta merda! – exclamou Lou em voz alta.

Ele perguntava-se por que aquilo não lhe ocorrera antes. Todos os fatos pareciam encaixar-se de uma maneira hediondamente estranha. Pegou o telefone celular e tentou contatar Laurie no Departamento de Medicina Legal. A telefonista informou que ela havia sido demitida.

– O quê?

– Ela foi demitida – repetiu a telefonista e desligou.

Lou discou rápido o número da casa de Laurie. Ele se recriminou por não ter tentado telefonar para ela antes, a fim de descobrir o que acontecera quando Laurie encontrou-se com o chefe. Era óbvio que o encontro não fora bem.

Lou ficou desapontado ao ser atendido pela secretária eletrônica de Laurie. Deixou um recado para ela telefonar assim que possível para o gabinete dele, e se ele não estivesse lá, para a casa.

Lou desligou. Sentia muita pena de Laurie. A perda do emprego devia ter sido um choque tremendo para ela. Laurie era uma dessas pessoas que gostava do trabalho tanto quanto Lou gostava do dele.

– Lá está ela! – gritou Tony. E deu um empurrão em Angelo para acordá-lo.

Angelo sacudiu a cabeça, depois olhou com os olhos semicerrados pelo pára-brisa. Escurecera durante o curto tempo em que ele dormira. Angelo sentia-se tonto, mas pôde ver a mulher para quem Tony apontava. Ela estava a apenas três metros do prédio e se dirigia para a porta.

– Vamos lá – disse Angelo.

Ele saltou do carro, depois quase caiu de cara no chão. Sua perna esquerda havia ficado dormente na estranha posição que adotara ao fechar os olhos.

Tony estava bem à frente enquanto Angelo tentava correr com uma perna que mais parecia madeira do que ossos e músculos. No momento em que chegou à porta, sentia pregos e agulhas na perna,

da virilha para baixo. Ele abriu a porta para ver Tony conversando com a mulher.

– Queremos conversar com você lá na delegacia – Tony estava dizendo, tentando imitar Angelo.

Angelo pôde ver que Tony segurava o distintivo alto demais, de modo que Laurie Montgomery não pudesse ler o que estava escrito, caso decidisse fazê-lo.

Angelo puxou o braço de Tony para baixo e sorriu. Notou que Laurie era uma mulher tão bonita quanto Tony calculara pela foto.

– Gostaríamos de conversar com você apenas por alguns momentos – disse Angelo. – Pura rotina. Nós a traremos de volta aqui em menos de uma hora. Tem a ver com o Departamento de Medicina Legal.

– Não sou obrigada a ir a lugar nenhum com vocês.

– Imagino que você não queira fazer cena – advertiu Angelo.

– E nem sou obrigada a conversar com vocês.

Angelo podia ver que Laurie não iria ser uma garota fácil.

– Receio ter que insistir – disse ele com toda a calma.

– Nem sequer estou reconhecendo vocês. De que delegacia vocês são?

Angelo lançou um rápido olhar por cima do ombro. Não havia ninguém entrando no prédio. Seria preciso o uso de força naquela captura. Angelo olhou de soslaio para Tony e fez um pequeno aceno de cabeça.

Captando a mensagem, Tony enfiou a mão no paletó e sacou a Beretta Bantan. Ele apontou a arma para Laurie.

Angelo estremeceu quando Laurie soltou um grito ensurdecedor, que podia ter acordado até os mortos no distante Cemitério de Saint John, em Rego Park.

Com a mão livre, Tony estendeu o braço e agarrou Laurie pela nuca, com a intenção de levá-la à força até ao carro. Em vez disso, recebeu a pasta de documentos na virilha. Ele se dobrou de dor. Tão logo se empertigou, Tony apontou a arma para o peito da mulher e disparou dois tiros rápidos. Laurie caiu no mesmo instante.

O barulho dos tiros foi ensurdecedor. Tony não havia colocado o silenciador, por não saber que teria de usar a força. O cheiro de

cordite pairava no ar.

– Mas por que porra você atirou nela? – perguntou Angelo. – Nós tínhamos que levá-la viva!

– Perdi a cabeça. Ela acertou meus colhões com a maldita pasta!

– Vamos dar o fora daqui.

Cada um deles agarrou um braço de Laurie. Angelo abaixou-se e pegou a pasta. Em seguida, os dois semi-arrastaram, semi-carregaram o copo inerte de Laurie até o carro. Viva ou morta, ainda assim eles poderiam levá-la ao Montego Bay.

Com a maior rapidez possível, os dois enfiaram-na no assento traseiro do carro. Alguns pedestres olharam com desconfiança, mas ninguém disse coisa alguma. Tony entrou ao lado dela enquanto Angelo pulava no assento da frente e dava a partida no carro. Assim que o motor respondeu, Angelo disparou pela Rua 19.

– É melhor que ela não esteja sangrando no estofamento – disse Angelo, olhando pelo retrovisor. Ele pôde ver Tony lutando com o corpo. – Mas que porra você está fazendo?

– Tentando tirar a carteira de debaixo dela – disse Tony, depois resmungou. – Parece que ela deu um agarrão mortal na carteira, como se isso tivesse importância nessa altura.

– Ela está morta? – perguntou Angelo. Ainda estava furioso.

– Ela não se mexeu. Ah, peguei! – Ele ergueu a carteira como se fosse um troféu.

– Se Cerino me perguntar o que aconteceu – vociferou Angelo – serei obrigado a contar a ele.

– Desculpe – disse Tony. – Eu já lhe disse, perdi a cabeça. Ei, dê uma olhada nisso! Essa garota estava abonada! – E sacudiu um punhado de notas de vinte que arrancara da carteira.

– Trate de mantê-la fora de vista.

– Oh, não!

– Qual é o problema agora?

– Esta gata não é Laurie Montgomery – disse Tony, olhando um documento de identidade. – É Maureen Wharton, assistente de promotor público. Mas parece com aquela foto.



Tony inclinou-se para a frente e pegou o jornal com a foto de Laurie. Empurrou o cabelo de Maureen para o lado e comparou o rosto com a foto.

– Bem, é muito parecida – disse.

Angelo agarrou o volante com tanta força que o sangue esvaiu-se de sua mão. Ele teria que contar a Cerino sobre Tony, quer o chefe perguntasse ou não. Por causa de Tony, tinham liquidado a mulher errada, uma assistente de promotor público, para piorar as coisas. Aquele garoto estava deixando Angelo louco de raiva.

– Sou eu... Ponti – disse Franco. Ele telefonara para Vinnie Dominick. – Estou no carro indo para o túnel. Só queria que você soubesse que segui aqueles dois caras sobre os quais conversamos. Liquidaram uma mulher em plena luz do dia. É a maior loucura. Não faz nenhum sentido.

– Fico contente por você ter ligado – disse Vinnie. – Eu estava tentando contatar você. Aquele dedo-duro que você me apresentou, o tal amigo de um amigo da namorada de Tony Ruggiero acabou de me informar. Ele sabe o que estão fazendo. É inacreditável! Você jamais imaginaria.

– Quer que eu volte?

– Não, fique na cola desses dois. Estou de saída para ter uma conversa direta com algumas pessoas da família Lucia. Nós vamos bolar o que fazer. Temos que deter Cerino, mas de uma maneira que nos aproveitemos da situação.

Franco desligou o telefone. O carro de Angelo estava cerca de cinco veículos à frente. Agora que Vinnie sabia o que estava acontecendo, Franco ficou morto de vontade de saber.

Laurie formou uma concha com as mãos em torno dos olhos e pressionou-as contra a porta de vidro fechada do prédio de arenito pardo transformado, na Rua 55 Leste. Pôde divisar um lance de degraus de mármore que se erguiam até outra porta fechada.

Laurie deu alguns passos para trás a fim de avistar a frente do prédio. O edifício tinha cinco andares e uma frente em arco. O

segundo andar tinha paredes altas por onde saía luz. O terceiro andar também tinha luzes. Mais acima as janelas estavam escuras.

À direita da porta havia uma placa de bronze com os dizeres DEPÓSITO DE ÓRGÃOS DE MANHATTAN, HORÁRIO: Das NOVE ÀS CINCO. Como eram mais de cinco da tarde, Laurie compreendeu por que motivo as portas da frente estavam fechadas. Mas as luzes acesas no segundo e terceiro andares sugeriam que o prédio permanecia ocupado e Laurie estava decidida a falar com alguém.

Retornando à porta, Laurie tornou a bater tão alto quanto da vez em que chegou. No entanto, ninguém respondeu.

Olhando para a esquerda, notou uma entrada de serviço. Caminhou até a outra porta e tentou espiar dentro do prédio, mas nada viu. Estava totalmente escuro. Laurie voltou à porta principal e estava prestes a bater de novo quando notou algo que não vira antes. Havia uma pequena campainha de bronze abaixo da placa, parcialmente oculta da vista pela herá que subia pela fachada do prédio. Laurie apertou-a e aguardou.

Alguns minutos, depois o salão de entrada iluminou-se atrás das portas de vidro. Em seguida, a porta interna abriu-se e uma mulher com um vestido de lã, longo, apertado e sem adornos desceu os poucos degraus de mármore. Ela era obrigada a andar de lado, de tão apertado que o vestido era em torno de suas pernas. Parecia ter cinquenta e poucos anos. Seu rosto sem humor era austero e o cabelo estava penteado para trás, formando um coque apertado.

Ao chegar à porta, a mulher fez mímicas dizendo que estavam fechados. Para enfatizar a mímica, ela apontou repetidas vezes para o relógio.

Laurie respondeu com mímicas, indicando que queria conversar com alguém, fazendo a mão se mover como se estivesse manobrando uma marionete. Como não deu certo, Laurie tirou da bolsa o distintivo de médica-legista e mostrou-o, apesar das terríveis ameaças de Bingham quanto à prisão dela. Como o gesto não fez o milagre habitual, Laurie tirou da bolsa o cartão de visita que pegara no apartamento de Yvonne André e pressionou-o contra o vidro. Finalmente, a mulher abrandou e levantou o trinco da porta.

– Sinto muito, mas já fechamos por hoje – disse a mulher.

– Eu sabia disso – replicou Laurie, colocando a mão na porta – mas preciso falar com você. Só vou tomar alguns minutos de seu tempo. Sou do Departamento de Medicina Legal. Meu nome é Dra. Laurie Montgomery.

– O que você quer discutir?

– Posso entrar?

– Acho que sim – disse a mulher com um suspiro.

Ela escancarou a porta e permitiu a entrada de Laurie. Em seguida, trancou a porta atrás delas.

– Mas que coisa mais encantadora – disse Laurie.

A maior parte dos detalhes do prédio do século XIX tinha sido preservada quando o edifício fora transformado de residência particular para espaço público.

– Tivemos a sorte de ficar com o prédio – disse a mulher. – A propósito, meu nome é Gertrudes Robeson. – As duas trocaram um aperto de mão.

– Você se importaria de ir até meu gabinete?

Laurie disse que iria e Gertrudes a conduziu por uma elegante escadaria de estilo georgiano, que fazia uma curva em direção ao andar de cima.

– Aprecio a concessão de seu tempo – disse Laurie. – É muito importante.

– Sou a única pessoa presente. Estou tentando terminar um trabalho.

O gabinete de Gertrudes situava-se na parte da frente e era responsável pela luz que saía pelas janelas do segundo andar. Era uma sala grande com um lustre de cristal. Laurie perguntou-se vagamente pelo motivo de tantas organizações sem fins lucrativos terem decorações tão suntuosas.

Uma vez que se sentaram, Laurie foi direto à questão. Mais uma vez tirou da bolsa o cartão de visita que conseguira na casa de Yvonne e passou-o a Gertrudes.

– Essa pessoa é membro da equipe daqui? – perguntou Laurie.

– Sim, é – disse Gertrudes. Ela devolveu o cartão. – Jerome Hoskins é o encarregado de nossos esforços de recrutamento.

– O que exatamente é o Depósito de órgãos de Manhattan?  
– Eu gostaria de lhe dar nossos folhetos – disse Gertrudes – mas, na essência, somos uma organização sem fins lucrativos, dedicada à doação e redistribuição de órgãos humanos para transplante.

– O que quer dizer com “nossos esforços de recrutamento”? – perguntou Laurie.

– Tentamos conseguir pessoas que se registrem como doadores potenciais. O compromisso mais simples é o de apenas concordar que, em caso de acidente que resulte em morte cerebral, a pessoa estaria disposta a que seus órgãos apropriados fossem doados a um receptor necessitado.

– Se esse é o compromisso mais simples, o que seria um mais complicado?

– Complicado não é a palavra certa. Tudo é simples. Mas o passo seguinte é fazer com que o doador potencial tenha seu sangue e tecido classificados. Isto é valioso, sobretudo no caso de órgãos que se restabelecem, como a medula óssea.

– Como a sua organização faz esse recrutamento?

– Com os métodos habituais. Temos pessoas que fazem levantamento de fundos por caridade, campanhas por telefone, grupos de ativistas nas universidades, esse tipo de coisa. Na verdade é uma questão de espalhar a informação. Por isso é que é muito útil quando um receptor consegue chamar a atenção dos meios de comunicação como uma criança que precisa de um coração ou fígado.

– Você tem uma equipe grande?

– Na verdade, ela é bastante pequena. Nós usamos um bocado de voluntários.

– Quem responde aos seus apelos?

– Em geral, as pessoas com formação universitária, em especial aquelas que têm consciência cívica. Pessoas interessadas em questões sociais e dispostas a devolver algo à sociedade.

– Algum dia ouviu o nome Yvonne André?

– Não, acredito que não. Trata-se de alguém que eu devia conhecer?

– Acho que não. Ela está morta.

– Oh, meu Deus. Por que perguntou se eu a conhecia?

– Só por curiosidade. Poderia me dizer se Yvonne André era uma pessoa recrutada pelo Sr. Hoskins?

– Sinto muito. Isso é uma informação confidencial. Não posso revelar.

– Eu sou médica-legista – disse Laurie. – Meu interesse nisso não é informal. Conversei hoje com a mãe de Yvonne André, e ela me disse que a filha comprometeu-se com a sua causa antes de sua morte prematura. O cartão do Sr. Hoskins estava no apartamento dela. Não quero saber de nenhum detalhe, mas gostaria de saber se ela alistou-se em sua organização.

– A morte da Senhorita Yvonne André ocorreu em circunstâncias questionáveis? – perguntou Gertrudes.

– Bem, ela será declarada como morte acidental, mas há alguns aspectos na morte dela que me intrigam.

– Sabe, falando de maneira genérica, para os órgãos serem transplantados, o doador precisa estar em estado vegetativo. Em outras palavras, tudo deve estar vivo do ponto de vista fisiológico, menos o cérebro.

– Claro – disse Laurie. – Estou ciente desse requisito. Yvonne André não estava em estado vegetativo antes de sua morte. Mesmo assim, a condição dela em sua organização é algo que preciso saber.

– Espere um momento. – Gertrudes foi até sua escrivaninha e digitou algumas informações no terminal do computador. – Sim – disse ela. – Yvonne estava registrada. Mas isso é tudo que posso dizer.

– Apreciei o que você me afirmou. Mas tenho mais uma pergunta. Houve algum arrombamento nos gabinetes daqui no último ano?

Gertrudes revirou os olhos.

– Não sei, de fato, se tenho a liberdade de divulgar esse tipo de informação, mas imagino que esta seja uma questão de registro público. Você poderia ir verificar na polícia. Sim, há alguns meses houve um arrombamento aqui. Por sorte não levaram muita coisa e não houve nenhum vandalismo.

Laurie levantou-se da cadeira.

– Muito obrigada. Foi muito generosa com seu tempo. Realmente apreciei isso.

– Gostaria de levar um pouco de nossa literatura? – perguntou.

– Gostaria.

Gertrudes abriu um armário e retirou uma série de brochuras, que entregou a Laurie, que as guardou na pasta de documentos. Em seguida, Gertrudes acompanhou-a até a porta.

Saindo na Rua 55, Laurie caminhou até a Lexington para pegar um táxi e ir ao centro da cidade. Mandou que o motorista a levasse ao Departamento de Medicinal Legal. Com suas suspeitas reforçadas e a confiança renovada, ela desejava conversar com George Fontworth. Havia algo nos casos de overdose daquele dia, sobre o qual Laurie queria perguntar. Apesar de já passar das seis da tarde, ela achou que George ainda podia estar trabalhando. Em geral, ele trabalhava até mais tarde.

Mas, à medida que se aproximava do departamento, ela começou a se preocupar com a possibilidade de Bingham estar presente. Ela sabia que várias noites ele também trabalhava até mais tarde. Como consequência, Laurie instruiu o motorista a passar da Primeira Avenida para a Rua 30. Quando chegaram ao lado do desembarcadouro da morgue, Laurie mandou que o motorista entrasse. Foi bom ela ter feito isso. Lá estava o carro oficial de Bingham, uma das vantagens de ser chefe do Departamento de Medicina Legal.

– Mudei de idéia – gritou Laurie para o motorista do táxi através da tela de *plexiglas*. E deu o endereço de sua casa.

Com xingamentos numa língua que Laurie jamais ouvira, ele saiu pela entrada de carros da morgue e voltou à Primeira Avenida. Quinze minutos depois, estava na frente de seu prédio de apartamentos.

Ainda chovia, de modo que ela correu em direção à porta. Ficou surpresa ao descobrir que a fechadura da porta interna estava quebrada. Caso ninguém tivesse informado, ela teria que telefonar para avisar ao superintendente.

Laurie foi direto ao elevador. Não se deu ao trabalho de recolher a correspondência. Naquele exato momento, tinha uma coisa em mente: telefonar para Lou.

Quando as portas do elevador começaram a se fechar, Laurie viu uma mão enfiar-se na brecha para tentar impedir que as portas se fechassem. Laurie tentou apertar o botão para abrir, mas em vez disso apertou o de fechar. A mão recuou, as portas se fecharam e o elevador subiu.

Laurie estava abrindo as fechaduras de sua porta quando ouviu a porta de Debra Engler abrir-se atrás dela.

– Dois homens estiveram em sua porta – disse Debra. – Eu nunca os vi antes. Tocaram sua campainha duas vezes.

Embora não gostasse de ter Debra metida em seus assuntos, Laurie perguntou-se quem seriam os dois homens e o que poderiam querer. Foi difícil não pensar nos “dois homens” envolvidos em algo, a não ser no contexto relacionado com os casos de overdose, e esse pensamento fez com que um calafrio descesse por sua espinha. Laurie perguntou-se como eles teriam chegado até a sua porta, já que ela não estava em casa para abrir pelo interfone. A seguir, ela se lembrou da fechadura quebrada na segunda porta. Ela perguntou a Debra como era a aparência deles.

– Não dei uma boa olhada nas caras deles – disse Debra. – Mas não me pareceram gente boa. E como eu disse, eles tocaram sua campainha duas vezes.

Laurie virou-se para a porta e abriu a última fechadura. Ocorreu-lhe que se os dois homens tinham más intenções, eles podiam ter subido a escada de serviço e invadido seu apartamento pela porta dos fundos que dava na cozinha.

Laurie abriu a porta com um empurrão. A porta rangeu em suas dobradiças, com suas centenas de camadas de tinta. Do ponto em que se encontrava no hall, pareceu-lhe que o apartamento estava como ela deixara. Laurie não ouviu nada de anormal nem viu algo suspeito. Atravessou a soleira da porta, com passos cautelosos, pronta para fugir diante do menor som inesperado.

Pelo canto do olho, Laurie viu alguma coisa indo em sua direção. Soltando um pequeno grito inesperado que foi mais um

sussurro que um berro, Laurie soltou a pasta e levantou os braços para se defender. No momento em que a pasta atingiu o chão, o gato foi para cima dela, mas só por um segundo. No instante seguinte, ele saltou para a mesa da saleta de entrada e, com as orelhas grudadas na cabeça, partiu em desabalada fuga para a sala de estar.

Laurie ficou parada no vão da porta durante alguns segundos, as mãos agarrando o peito. Seu coração batia com tanta força como se ela tivesse jogado várias partidas de frescobol. Só após recuperar o fôlego foi que voltou para fechar a porta, trancando-a com uma miríade de fechaduras.

Laurie pegou a bolsa e foi para a sala de estar. O gato maluco saiu do esconderijo, saltou para cima da estante de livros e dali para cima da cortina da janela. Daquele ponto que lhe dava superioridade, o gato olhou para Laurie, com raiva jocosa.

Laurie foi diretamente ao telefone. A luz da secretária eletrônica estava piscando, mas ela não ouviu os recados. Em vez disso, discou o número do trabalho de Lou. Infelizmente, ele não atendeu. Laurie desligou e começou a discar o número da casa dele. Mas antes que pudesse terminar de discar, tocaram à campainha. Assustada, ela desligou.

A princípio, teve medo de ir até a porta e até mesmo de espiar pelo olho mágico. A campainha da porta soou uma segunda vez. Laurie sabia que precisava agir. Disse para si mesma que iria ver quem era. Não precisava abrir a porta.

Laurie foi até a porta, andando na pontinha dos pés, e espiou o hall. Dois homens que não reconheceu estavam parados diante da porta, os rostos deformados pela lente grande-angular que lhes dava uma corpulência exagerada.

– Quem é? – perguntou.

– Polícia – respondeu uma voz.

Uma sensação de alívio se espalhou em Laurie, enquanto ela começava a abrir as fechaduras. Teria Bingham levado a cabo a ameaça de mandar prendê-la? Mas ele não disse que faria isso, apenas disse que poderia fazer.



Após tirar a corrente da trava, Laurie deteve-se. Tornou a encostar o olho no olho mágico.

– Você tem uma identidade? – perguntou. Sabia muito bem que não devia confiar na palavra dos outros quando diziam o que eram.

Rapidamente, os dois homens mostraram distintivos de polícia na frente do olho mágico.

– Só queremos conversar com você por um momento – explicou a mesma voz.

Laurie recuou da porta. Apesar de no início ter ficado aliviada ao saber que os visitantes eram polícias, agora começava a se questionar. E se eles estivessem ali para prendê-la? Isso significava que eles teriam que levá-la à delegacia de polícia para fichá-la.

Ela seria interrogada, presa e talvez processada. Quem sabia quanto tempo isso poderia durar? Ela precisava conversar com Lou sobre questões muito mais importantes. Além disso, não havia dúvida de que ele poderia ajudá-la, caso Laurie fosse presa.

– Esperem um momento – gritou Laurie. – Tenho que vestir uma roupa.

Laurie foi diretamente para a cozinha e a porta dos fundos.

Tony trocou olhares com Angelo.

– Não devíamos ter dito para ela não se dar ao trabalho de se vestir? – perguntou.

– Cale o bico! – sussurrou Angelo.

O clique de peças metálicas velhas soou atrás deles. Tony virou-se para ver a porta de Debra Engler abrir-se numa brecha. Tony investiu contra a porta e bateu palmas, fazendo barulho, para assustar Debra. A tática deu certo. Debra bateu a porta. Eles ouviram cerca de uma dúzia de fechaduras sendo trancadas.

– Pelo amor de Deus! – sussurrou Angelo. – Qual é o problema com você? Não é hora de sair fazendo merda por aí.

– Não gosto daquela bruxa nos vigiando.

– Venha para cá! – ordenou Angelo.

Ele desviou o olhar de Tony, sacudindo a cabeça. Foi então que vislumbrou a silhueta de uma mulher passando como uma bala pela

porta de vidro fumê com marco de metal, indo em direção à escada de incêndio.

Angelo levou um segundo para perceber o que estava acontecendo.

– Vamos! – disse ele assim que percebeu. – Ela está descendo pela escada dos fundos.

Angelo correu para o poço da escada e abriu a porta com puxões. Tony passou correndo a toda velocidade. Ambos detiveram-se por alguns momentos no corrimão, olhando a suja escadaria abaixo que descia numa série de lances pequenos até o térreo, cinco andares abaixo. Podiam ver Laurie vários andares abaixo e ouviram o eco de seus saltos nas proteções de concreto puro.

– Pegue-a antes que ela chegue à rua – rosnou Angelo.

Tony partiu como um coelho, pulando de quatro em quatro degraus de cada vez. Aproximou-se rapidamente de Laurie, mas não conseguiu pegá-la antes que ela atravessasse a porta do térreo, que dava para o pátio dos fundos.

Tony chegou à porta antes que esta tivesse a chance de se fechar. Passou para o lado de fora e viu-se em um pátio dos fundos cheio de entulho e ervas daninhas. Pôde ouvir o eco dos passos de Laurie enquanto ela corria em desabalada carreira numa passagem estreita, que dava na rua. Tony saltou por sobre um pequeno corrimão e correu atrás dela. Laurie estava apenas a três metros de distância. Ele a pegaria num momento. Laurie sabia que não escapara sem ser notada e que o polícia estava atrás dela. Tinha ouvido quando desceram pela escada. Enquanto fugia, ela questionou a conveniência de ter agido assim. Mas como começara, não iria parar. Agora que fugira, estava mais decidida do que nunca a não ser apanhada. Sabia que resistir à prisão era um crime. E, além disso, o pensamento de eles serem polícias de verdade cruzou sua mente.

Enquanto galgava os últimos degraus para a rua, Laurie sabia que um de seus perseguidores já estava quase sobre ela. No topo da escada, encostado contra a parede do prédio, havia um conjunto de latas de lixo metálicas, velhas e amassadas. Num acesso de desespero, Laurie agarrou a borda superior de uma lata e jogou-a

para trás. A lata desceu os degraus, fazendo estardalhaço, caindo no chão da passagem que dava para o pátio dos fundos.

Vendo seu perseguidor tropeçar na lata e cair, Laurie rolou rapidamente o resto das latas até a borda da escada e arremessou-as com estardalhaço degraus abaixo. Alguns pedestres que passavam pela rua diminuíram o passo ao ver o espetáculo, mas ninguém parou nem disse nada.

Esperando que o perseguidor ficasse ocupado por alguns momentos, Laurie desceu correndo a Primeira Avenida. Elogiou a própria sorte quando o primeiro táxi que viu foi em sua direção e parou. Completamente sem fôlego, Laurie pulou para dentro do carro e gritou que queria ir para a Rua 30.

Enquanto o táxi acelerava no tráfego, Laurie receou olhar para trás. Também estava tremendo e perguntando-se o que faria agora. Enquanto pensava nas conseqüências da resistência à prisão, mudou de idéia quanto ao destino. Reclinou-se para a frente e disse ao motorista que desejava ir à Central de Polícia em vez da Rua 30.

O motorista não disse coisa alguma ao virar à esquerda para pegar a Segunda Avenida. Laurie recostou-se no assento e tentou relaxar. O peito ainda pesava.

Enquanto seguiam seu caminho ao sul da Segunda Avenida, Laurie mudou de idéia outra vez. Preocupada com a possibilidade de Lou não estar na Central, decidiu que o primeiro destino era melhor. Inclinando-se para a frente outra vez, disse isso ao motorista. Dessa vez ele praguejou, mas fez a volta para a esquerda a fim de retornar à Primeira Avenida.

Como fizera no táxi anterior, Laurie mandou o motorista pegar a 30 e entrar na área de desembarque da morgue. Ficou aliviada ao ver que o carro de Bingham tinha ido embora. Após pagar a corrida, Laurie entrou correndo na morgue.

Tony pagou ao motorista e saltou do táxi. O carro de Angelo estava onde haviam deixado, com Angelo atrás do volante. Tony entrou no carro.

– E então? – perguntou Angelo.

– Perdi a mulher – disse Tony.

– Isso está na cara. Onde ela está?

– Ela tentou me enganar. Mandou o motorista dar voltas. Mas fiquei atrás dele. Ela voltou ao Departamento de Medicina Legal.

Angelo reclinou-se para a frente e deu a partida no carro.

– Cerino não sabe o quanto estava certo quando disse que essa garota podia ser encrenca. Vamos ter que capturá-la no Departamento de Medicina Legal.

– Talvez seja mais fácil lá – sugeriu Tony. – Não deve haver muita gente a essa hora.

– É melhor a gente agir com mais tranquilidade do que agimos aqui – disse Angelo enquanto olhava para trás, antes de sair com o carro.

Subiram a Primeira Avenida em silêncio. Numa coisa Angelo tinha que dar a mão à palmatória para Tony: pelo menos ele foi rápido nos pés.

Angelo entrou na Rua 30 e desligou o motor. Não estava contente por voltar outra vez ao Departamento de Medicina Legal. Mas que outra escolha eles tinham? Eles não podiam dar mais nenhuma mancada.

– Qual é o plano? – perguntou Tony, ansioso.

– Estou pensando – disse Angelo. – É óbvio que ela não ficou muito impressionada com nossos distintivos de polícia.

Laurie sentia-se relativamente segura no prédio escuro e deserto do Departamento de Medicina Legal. Ela entrou em seu gabinete e fechou a porta. A primeira coisa que fez foi discar o número da casa de Lou. Ficou contente quando ele atendeu no primeiro toque.

– Fico contente por ouvir você – disse Lou no instante em que Laurie se identificou.

– Não tão contente quanto eu por encontrá-lo.

– Onde você está? Eu estava ligando para seu apartamento a cada cinco minutos. Se ouvir sua secretária eletrônica mais uma vez, vou gritar.

– Estou no meu gabinete – disse Laurie. – Houve um pouco de encrenca.

– Ouvi dizer. Sinto muito que tenha sido demitida. É decisão definitiva ou você vai ter uma audiência?

– É definitiva por enquanto. Mas não foi por isso que telefonei. Dois homens chegaram à porta de meu apartamento alguns minutos atrás. Eram polícias. Fiquei com medo e fugi. Acho que me meti numa baita encrenca.

– Polícias uniformizados?

– Não. Estavam à paisana. Ternos.

– Que estranho. Não consigo imaginar um de meus rapazes indo ao seu apartamento. Quais são os nomes deles?

– Não tenho a menor idéia.

– Não me diga que não perguntou os nomes. Isso é ridículo. Devia ter perguntado os nomes e números dos distintivos e telefonar para a polícia a fim de averiguá-los. Quero dizer, como sabe se eram polícias de verdade?

– Não pensei em pedir os nomes. Pedi para ver os distintivos.

– Corta essa, Laurie! – queixou-se Lou. – Você mora há muito tempo em Nova York para agir assim. Não devia acreditar nisso.

– Está bem! – vociferou Laurie. Ainda estava nervosa. A última coisa que precisava de Lou era um sermão. – O que devo fazer agora?

– Nada. Vou averiguar. Enquanto isso, se aparecer alguém, pergunte os nomes e números dos distintivos. Você acha que pode se lembrar disso?

Laurie perguntou se Lou tentava provocá-la de propósito. Tentou conservar a calma. Não era hora de deixar que ele a irritasse.

– Vamos mudar de assunto – disse ela. – Há uma coisa muito mais importante sobre a qual temos que conversar. Acho que tenho uma explicação para os meus casos de overdose e toxicidade de cocaína, e envolve uma pessoa que você conhece. Enfim, tenho provas que penso que você achará convincentes. Talvez você deva vir aqui agora. Quero mostrar-lhe alguns resultados preliminares de teste de ADN. É evidente que não posso me encontrar com você aqui à luz do dia.

– Que coincidência! Parece que ambos fizemos algum progresso. Acho que solucionamos meus casos de assassinatos ao

estilo das gangues. Eu queria mostrar a você.

– Como conseguiu solucioná-los?

– Dei uma passadinha para ver seu namorado, Jordan. Na verdade, eu o vi duas vezes hoje. Acho que ele está ficando de saco cheio de mim.

– Lou, você está tentando me irritar de propósito? – indagou Laurie. – Se assim for, você está fazendo um belo trabalho. Pela décima vez, Jordan não é meu namorado!

– Deixa pra lá – disse Lou. – Estou tentando chamar sua atenção. Veja, quanto mais tempo passo com aquele cara, mais penso que ele é repulsivo e desprezível, e isto vai além daquela merda do ciúme que admiti num momento de fraqueza. Não consigo imaginar o que você vê nele.

– Não telefonei para você para receber um sermão.

– Não consigo evitar. Você precisa de conselhos de alguém que se importe com você. Acho que devia parar de ver aquele cara.

– Tudo bem, papai, mantereis isso em mente – com isto, ela desligou o telefone.

Estava cansada do paternalismo condescendente de Lou e, por enquanto, não podia conversar com ele. Precisava de algum tempo para se acalmar. Lou conseguia ser irritante demais, em especial quando ela precisava de apoio, não de crítica.

O telefone começou a tocar quase no mesmo instante em que Laurie desligou, mas ela ignorou-o. Iria cozinhá-lo em fogo lento durante algum tempo. Abriu a porta do gabinete, desceu o corredor silencioso e pegou o elevador para ir à morgue. Àquela hora, a morgue estava abandonada, com a maioria da reduzida equipe noturna na pausa para o jantar. Entretanto, Bruce Pomowski estava na sala fúnebre. Laurie esperava que ele não soubesse de sua demissão.

– Desculpe-me – gritou Laurie do vão da porta.

Bruce levantou a vista do jornal.

– O corpo de Fletcher ainda está aqui? – perguntou ela.

Bruce consultou o livro de registros.

– Não – disse ele. – Saiu hoje à tarde.

– E quanto a André ou Haberlin?

Bruce consultou o livro outra vez.

– André saiu hoje de tarde, mas Haberlin ainda está aqui. A qualquer momento, o corpo vai sair para ir a algum lugar em Long Island. Está na entrada.

– Obrigada. – Laurie girou nos calcanhares para ir embora. Era óbvio que Bruce não sabia que ela saíra da folha de pagamento.

– Dra. Montgomery – gritou Bruce. – Peter Letterman esteve à sua procura antes e eu devia lhe dizer que subisse para vê-lo, caso eu topasse com você. Ele disse que era importante e que ficaria um pouco por aqui hoje à noite.

Laurie sentiu-se dilacerada. Desejava ver o corpo de Haberlin, pensando que um breve exame poderia muito bem fundamentar suas suspeitas. Ao mesmo tempo, não queria desencontrar-se com Peter, caso ele tivesse alguma coisa a lhe contar.

– Ouça – disse Laurie a Bruce. – Vou dar um pulo lá em cima para ver se Peter ainda está por lá. Não deixe o corpo de Haberlin sair até eu dar uma olhada nele.

– Está certo – disse Bruce com um aceno.

Laurie foi ao quarto andar e ao laboratório de toxicologia. Quando viu luz saindo pela porta de Peter, soltou um suspiro de alívio: Peter ainda estava lá.

– Pam, pam – disse Laurie em voz alta, detendo-se na porta. Não queria assustar Peter.

Peter levantou a vista de um comprido formulário contínuo de computador que estava examinando.

– Laurie! Estou contente em ver você. Tenho uma coisa que quero lhe mostrar.

Laurie seguiu Peter até a unidade de espectrometria de massa e cromatógrafo a gás. Peter pegou outra impressão de computador e entregou-a a Laurie, que a examinou, compreendendo pouca coisa.

– É de Robert Evans – disse Peter, orgulhoso. – Do jeito que você sugeriu.

– O que estou procurando? – perguntou Laurie.

Peter apontou com um lápis.

– Aqui – disse ele. – Isto é positivo para etileno, e é muito mais evidente do que no caso de Randall Thatcher. Não se trata de

nenhum erro do laboratório ou falso positivo. É verdadeiro.

– Que coisa esquisita – comentou Laurie.

Ela chegara a pensar, de fato, que a leitura de etileno no caso de Thatcher tinha sido um erro.

– Pode ser esquisito – disse Peter – mas é verdadeiro. Não há dúvida quanto a isso.

– Preciso de um outro favor – disse Laurie. – Você pode abrir o laboratório de ADN para mim?

– Claro. Quer que eu abra agora?

– Se não se importa.

Peter pegou as chaves e conduziu Laurie um lanço de escada abaixo, até o laboratório no terceiro andar.

Quando entraram, Laurie explicou o que iria fazer.

– Me mostraram o polaróide de um exame, mas era apenas um preliminar. Diz respeito ao caso de Júlia Myerholtz. É provável que você reconheça o nome.

– Sem dúvida. Examinei um bocado de amostras dela.

– Quero encontrar esse polaróide – disse Laurie. – Preciso de uma cópia dele. Não preciso de uma cópia fotográfica; uma cópia de xerox vai bem.

– Não tem problema – disse Peter. Ele sabia exatamente onde procurar. Uma vez que teve o polaróide na mão, Peter foi até a fotocopiadora. Laurie seguiu-o.

Enquanto a fotocopiadora aquecia, Peter olhou para a foto.

– É bastante óbvio que elas não combinam – comentou. – É isso que você esperava?

– Não – disse Laurie. – É um tiro no escuro.

– Interessante. Você acha que isso é importante?

– É de importância absoluta. Acho que isso significa que Júlia estava lutando pela vida.

– Você acha que ela ainda está lá dentro? – perguntou Tony. Ele estava mais inquieto que de costume. – Ela pode ter saído enquanto eu voltava até você. E se ela não está lá dentro, então vamos perder nosso tempo, sentados aqui como um par de idiotas.



– Você levantou uma boa questão. Mas antes de entrarmos quero ter certeza de que ela não chamou os tiras. Ainda não entendo por que ela se mandou, a não ser que ela tenha achado que não éramos tiras de verdade. Quero dizer, ela não é a típica cidadã cumpridora da lei? O que ela tem a esconder dos tiras? Não faz sentido, e quando alguma coisa não faz sentido significa que tem algo que não estou entendendo. E quando não entendo alguma coisa fico assustado.

– Meu Deus, você está sempre preocupado – disse Tony. – Vamos tratar de entrar lá, pegá-la e dar cabo dela.

– Tudo bem. Mas fique frio. E traga a maleta. Essa nós vamos ter que tocar de ouvido.

– Estou com você e não abro – disse Tony, ansioso.

Devido à caçada não consumada a Laurie, o apetite de Tony por ação afiara-se ao ponto do fio da navalha. Ele estava uma pilha de energia nervosa.

– Acho que é melhor colocarmos os silenciadores em nossas armas – disse Angelo.– Não dá para saber o que vamos encontrar. E vamos ter que trabalhar rápido.

– Genial! – exclamou Tony.

Com evidente excitação, ele sacou sua Bantan e atarraxou o silenciador. Demorou alguns momentos porque sua mão tremia de ansiedade prazerosa. Angelo lançou-lhe um olhar duro, depois sacudiu a cabeça, exasperado.

– Tente ficar calmo. Vamos lá!

Os dois saltaram do carro, atravessaram a rua correndo e passaram entre os dois rabeções. Correram curvados, tentando evitar o máximo possível a chuva miúda. Entraram pelo mesmo caminho que haviam percorrido á tarde, através do desembarcadouro da morgue. Angelo ia à frente. Tony seguia com a maleta preta de médico numa das mãos e a arma na outra. Numa tentativa de esconder a arma, ele a mantinha parcialmente dentro do paletó. Angelo já havia quase atravessado a porta da sala de segurança, quando alguém gritou lá de dentro:

– Ei, você não pode entrar aí!

Tony colidiu com Angelo quando seu parceiro deteve-se de maneira abrupta. Um guarda de uniforme azul estava sentado atrás da escrivaninha. À frente dele estava um jogo de paciência.

– Caras, aonde vocês pensam que vão? – perguntou ele.

Antes que Angelo pudesse responder, Tony ergueu a Bantan e mirou na testa do surpreso guarda. Ele apertou o gatilho sem um momento de hesitação. O projétil atingiu a testa do guarda, um pouco acima do olho esquerdo, de modo que o guarda tombou sobre a escrivaninha, a cabeça caindo com um baque surdo em cima do jogo de cartas. Tirando a poça de sangue que se formou no tampo da escrivaninha, qualquer transeunte poderia pensar que o guarda estava apenas dormindo em serviço.

– Mas por que porra você atirou? – grunhiu Angelo. – Podia ter me dado uma chance de conversar com ele.

– Ele ia criar encrenca para nós – disse Tony. – Você falou que teríamos de ser rápidos.

– E se ele tiver um parceiro? E se o parceiro voltar? Como é que ficamos?

Tony franziu a testa.

– Vamos! – disse Angelo.

Os dois espionaram na sala mortuária. Havia fumaça de cigarro no ar e uma guimba acesa no cinzeiro em cima da escrivaninha, mas ninguém à vista. Saindo da sala e avançando com cuidado na morgue, Angelo deu uma olhadela na pequena sala auxiliar de autópsia, usada para corpos em decomposição. A mesa de dissecação mal era vista à meia-luz.

– Este lugar me dá arrepios – admitiu.

– Em mim também – disse Tony. – Não é nem um pouco parecido com a casa funerária em que trabalhei. Olha o chão. Este lugar é nojento.

– Por que tem tantas luzes apagadas?

– Para economizar dinheiro? – sugeriu Tony.

Os dois chegaram ao gigantesco compartimento em forma de U onde estavam as geladeiras, em séries de quatro, cada qual com uma porta presa por pesadas dobradiças.

– Você acha que todos os corpos estão aqui dentro? – perguntou Angelo, apontando na direção da fileira de portas de geladeiras.

– Acho que sim. É igual àqueles filmes antigos, quando alguém precisava ser identificado.

– Mas os filmes não cheiravam como isso aqui. Para que porra servem todos aqueles caixões simples? Os caras estão esperando a peste bubônica?

– Sei lá – disse Tony.

Passaram pela enorme geladeira da entrada, dirigindo-se para a luz que saía das janelas das portas duplas que davam na sala principal de autópsia. Pouco antes de chegarem, as portas abriram-se e Bruce Pomowski saiu.

Todos recuaram, surpresos. Tony escondeu a arma nas costas.

– Caras, vocês me assustaram!

– O mesmo digo eu – replicou Angelo.

– Vocês devem estar aqui para pegar o corpo de Haberlin – disse Bruce. – Bem, tenho boas e más notícias. A boa notícia é que já está pronto. A má notícia é que vocês terão de esperar até que um dos médicos examine o corpo.

– Mas isso é péssimo – disse Angelo. – Mas enquanto esperamos aqui, você viu a Dra. Laurie Montgomery?

– Vi – respondeu Bruce. – Vi alguns minutos atrás.

– Pode nos dizer aonde ela foi?

– Ela foi para Toxicologia. – Ele estava ficando curioso e até um pouco desconfiado em relação àqueles dois homens.

– E onde fica Toxicologia? – perguntou Angelo.

– Quarto andar. – Bruce tentou lembrar se já vira aqueles dois em algum rabeção.

– Obrigado. – Angelo virou-se, acenando para Tony segui-lo.

– Ei, vocês não podem ir lá em cima – avisou Bruce. – E de que funerária vocês são?

– Da Spoletto – disse Angelo.

– Não é essa que eu estava esperando. Acho que é melhor eu dar um telefonema. Como vocês se chamam?

– Olha, não estamos procurando encrenca – disse Angelo.

– Só gostaríamos de conversar com Laurie Montgomery.  
Bruce deu um passo para trás e observou Angelo e Tony.

– Acho que vou chamar a segurança.

A arma de Tony apareceu e foi apontada para o técnico funerário. Bruce ficou congelado, olhando para o cano da pistola. Tony apertou o gatilho antes que Angelo pudesse dizer alguma coisa.

Do mesmo modo como acontecera com o segurança, o projétil atingiu a testa de Bruce. Por um segundo, ele balançou, depois desmoronou no chão.

– Droga! – rosnou Angelo. – Você não pode ficar atirando em todo mundo.

– Ele ia chamar a segurança, porra!

– E ele iria conseguir muita coisa fazendo isso – disse Angelo.

– Você já cuidou do segurança. Precisa aprender a se conter.

– Muito bem, minha reação foi exagerada. Mas pelo menos sabemos que a garota ainda está aqui. Sabemos até onde encontrá-la.

– Mas primeiro temos que esconder esse corpo. E se alguém aparecer por aqui? – Angelo olhou em volta. Seus olhos pousaram no compartimento das geladeiras. – Vamos enfiá-lo numa das geladeiras.

Com movimentos rápidos, Angelo e Tony começaram a inspecionar os compartimentos, procurando um que estivesse vazio. Em cada um deles, a primeira coisa que localizavam era um par de pés desnudos com uma etiqueta de papel-manilha presa no dedão.

– Isso é nojento – disse Angelo.

– Aqui tem um vazio – disse Tony e puxou a gaveta para fora.

Os dois retornaram ao corpo flácido de Bruce. Tony descobriu que o técnico ainda estava vivo e fazia barulhos estranhos quando respirava.

– Devo meter outra bala nele?

– Não! – vociferou Angelo. Não queria mais tiros. – Não é necessário. Ele não vai fazer muito barulho naquela geladeira.

Os dois arrastaram o corpo até a geladeira aberta e conseguiram levantá-lo até a gaveta.

– Durma bem – disse Tony, enquanto deslizava a gaveta para dentro e fechava a porta.

– Agora trate de esconder a porra da arma – ordenou Angelo.

– Está bem. – Tony enfiou a Bantan no coldre de ombro. Com o silenciador no cano, a coronha aparecia na lapela de Tony.

– Vamos até o quarto andar – disse Angelo, nervoso. – A coisa não está indo muito bem. Temos que pegar a mulher e cair fora daqui. Vai haver o maior pandemônio se alguém tropeçar nessa trilha de cadáveres que você está fazendo.

Tony pegou a maleta de médico e correu atrás de Angelo, que já se havia encaminhado para a escada. Angelo não queria correr o risco de topar com alguém no elevador.

Ao emergir no quarto andar, os dois viram que apenas uma sala estava iluminada. Imaginando que lá seria o laboratório de toxicologia, foram diretamente para a sala. Entraram com cuidado e encontraram Peter limpando parte do equipamento.

– Desculpe-me – disse Angelo – estamos procurando a Dra. Laurie Montgomery.

Peter virou-se.

– Você acabou de perdê-la – disse. – Ela desceu na morgue para examinar um corpo na geladeira da entrada.

– Obrigado – disse Angelo.

– Não há de quê – respondeu Peter.

Angelo pegou Tony pelo braço e puxou-o rápido para o corredor.

– Muito simpático de sua parte não dar um tiro nele – disse Angelo com sarcasmo.

Os dois retornaram pelo mesmo caminho, dirigindo-se à morgue, alguns andares abaixo.

Após verificar na sala mortuária e na sala principal de autópsia, Laurie desistiu de encontrar Bruce. Era provável que estivesse numa pausa. Laurie tencionava pedir ajuda a ele, mas decidiu examinar sozinha a entrada à procura do corpo de Haberman.

Antes de entrar no enorme refrigerador, Laurie calçou luvas de borracha. Fazendo força contra o peso da porta, ela abriu-a, entrou e acendeu a luz. O refrigerador da entrada estava quase do mesmo

jeito quando Laurie fora procurar Júlia Myerholtz. A maioria dos corpos nas prateleiras de madeira não tinha sido perturbada desde sua última visita. Os cadáveres nas macas representavam uma nova remessa. Infelizmente, havia mais corpos agora do que antes. Numa tentativa de ser metódica, Laurie começou a averiguar os corpos mais próximos da porta. Como de praxe, todos os corpos haviam recebido etiquetas de identificação. Laurie tinha de levantar os lençóis que cobriam os pés para verificar os nomes. Após verificar cada maca, ela empurrava-a para o lado a fim de poder trabalhar mais no interior do refrigerador.

No final, perto dos fundos da geladeira de entrada e após averiguar uma dúzia de corpos, Laurie encontrou a etiqueta em que estava escrito o nome Stephanie Haberlin. Ela morrera cedo demais; Laurie estava tremendo. Laurie tornou a cobrir os pés e manobrou a maca para chegar à cabeça do corpo. Em seguida, puxou o lençol para trás.

Laurie estremeceu com a visão. Ver o cadáver pálido de uma pessoa jovem nunca foi uma visão agradável. Não importava o tempo que Laurie trabalhasse em Medicina legal, jamais se acostumaria com essa parte de sua função. Com atípica relutância, Laurie estendeu o braço e colocou o polegar e o dedo indicador nas pálpebras superiores de Stephanie.

Hesitou durante alguns momentos, perguntando-se o que mais desejava: estar certa ou errada. Respirou fundo e levantou as pálpebras.

Laurie estremeceu pela segunda vez. Chegou a sentir as pernas bambas. Numa fração de segundo, suas suspeitas tinham sido confirmadas. Ela estava certa. Já não podia mais ser considerada uma coincidência. A mulher morta estava sem olhos.

– Sujeitinho medonho, medonho – disse em voz alta, por entre dentes que batiam. Como um ser humano era capaz de cometer um crime tão hediondo? Aquele esquema era realmente diabólico.

O clique ressonante da tranca do refrigerador chocou Laurie, tirando-a de suas meditações. Imaginando que fosse Bruce, ficou surpresa ao ver a entrada de dois estranhos, sendo que um deles carregava uma antiquada maleta de médico.

– Dra. Montgomery? – gritou o homem alto.

– Sim – respondeu. Ficou com medo de reconhecer aqueles dois como sendo os mesmos que haviam aparecido em sua porta.

– Queremos conversar com você no centro da cidade – disse Angelo. – Se importaria em nos acompanhar?

– Quem são vocês? – indagou, começando a tremer.

– Acho que isso não tem importância – disse o mais baixo enquanto começava a empurrar macas para o lado, com a mão desocupada. Ele estava cortando o caminho de Laurie. Angelo também começou a andar na direção dela.

– O que querem comigo? – perguntou Laurie, com o terror aumentando.

– Só queremos conversar – disse Tony.

Laurie estava presa na armadilha. Não tinha para onde correr. Havia caído em uma armadilha, um verdadeiro mar de macas carregadas de cadáveres. Tony já estava empurrando para o lado as duas últimas macas que havia entre eles.

Sem nenhum outro recurso, Laurie tirou a bolsa do braço e deixou-a cair no chão. Em seguida, andou até o lado da maca em que estava a cabeça de Stephanie Haberlin e agarrou os lados.

Gritando para alentar a própria coragem, Laurie começou a girar a maca de Stephanie, tentando, com todo desespero, aumentar a velocidade no espaço confinado. Ela apontou a maca diretamente para o surpreso Tony. A princípio Tony deu a entender que manteria sua posição. Mas quando Laurie acelerou seu esforço ele tentou sair do caminho.

Laurie arremessou a maca sobre Tony com força suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio e também fazer com que o corpo de Stephanie tombasse no chão. Por acaso, um rígido braço morto caiu sobre o pescoço de Tony, enquanto ele lutava para ficar de pé.

Não permitindo que o outro se recuperasse, Laurie agarrou outra maca e atirou-a contra a de Stephanie. Agarrou uma terceira e arremessou-a em Angelo, que escorregou no piso de lajotas, tentando evitar ser atingido, e desapareceu de vista por completo.

Tony lutou contra o abraço de Stephanie, empurrando o cadáver para longe dele. Estava preso entre as macas, que tentou

afastar enquanto sacava a arma. Tentou fazer mira, mas Laurie atirou mais uma maca contra as outras, fazendo com que ele perdesse o equilíbrio mais uma vez. Angelo lutou para se pôr de pé e tentou abrir um espaço para se levantar, empurrando outras macas na direção de Tony.

Tony disparou enquanto Laurie arremessava a última maca. O barulho, mesmo com o silenciador, foi ensurdecedor dentro do refrigerador isolado. O projétil passou sobre o ombro de Laurie enquanto ela avançava com passos desajeitados em direção à porta. Logo, ela se viu do lado de fora, batendo a pesada porta atrás de si. Com movimentos frenéticos, procurou uma trava para trancar o refrigerador da entrada, mas não havia nenhuma trava. Laurie não tinha outra opção a não ser sair em desabalada carreira. Não tinha avançado muito quando ouviu a porta do refrigerador abrir-se atrás dela.

Correndo com a maior velocidade que podia, Laurie dobrou o canto da sala mortuária. Como não viu ninguém seguiu para a sala da segurança. Entrou em disparada e gritou para o guarda adormecido.

– Socorro! – berrou. – Você tem que me socorrer. Tem dois homens...

Como o guarda não se mexeu, Laurie estendeu o braço em desespero e, às tontas, agarrou o ombro do guarda, puxando-o para a posição de sentado. Mas, para seu espanto, a cabeça do segurança caiu para trás, como uma boneca de trapo, arrastando cartas com ela. Horrorizada, Laurie viu o buraco de bala na testa do outro, seus olhos vazios e a espuma de sangue que gotejava de sua boca. Havia uma poça de sangue semi-coagulado no lugar onde a cabeça dele repousara na escrivaninha.

Laurie gritou e largou o guarda, que sucumbiu para trás na cadeira, a cabeça caindo e os braços flácidos balançando com os dedos quase tocando o chão. Laurie girou nos calcanhares para fugir, mas era tarde demais. O mais baixo dos homens entrou voando pela porta, segurando a pistola no alto, um sorriso demoníaco espalhado em seu rosto, como se fosse uma expressão



estupefata. Ele apontava a arma diretamente para Laurie. Naquela distância tão curta, ela podia ver parte do cano do silenciador.

O homem avançou na direção dela como em câmara lenta, até que a ponta da arma ficou a poucos centímetros do nariz de Laurie. Ela não se mexeu. Estava paralisada de terror.

– Não atire nela! – o outro homem, mais alto, gritou após aparecer de repente por sobre o ombro de Tony. – Por favor, não atire nela!

– Seria tão gratificante – disse Tony.

– Vamos lá – instou Angelo. – Gás nela!

Angelo colocou a maleta preta de médico no canto da escrivaninha. Com o pé, deu um empurrão na cadeira para tirá-la do caminho. O guarda morto rolou para fora da cadeira e caiu no chão. Em seguida, Angelo voltou ao corredor para olhar nas duas direções. Tinha ouvido vozes.

Tony baixou a arma. Era a única coisa que podia fazer para não disparar. Colocou a pistola no bolso do paletó, abriu a maleta preta e retirou o cilindro de gás e a sacola de plástico. Após inflar a sacola, ele foi até Laurie, que recuou contra a mesa.

– Vai ser um belo repouso – disse Tony.

Com os olhos arregalados de terror, Laurie ficou chocada quando Tony enfiou a sacola em sua cabeça. A força tombou-a em cima da mesa. Ambas as mãos se espalharam para apoiá-la. Nesse movimento, sua mão direita tocou num peso de papel de vidro. Laurie agarrou-o, girou-o por baixo da mão e atingiu a virilha de Tony.

Tony afrouxou o aperto na sacola de plástico enquanto, por reflexo, segurava a genitália. Após a recente briga com a pasta de documentos, Tony estava especialmente sensível nesse órgão.

Laurie aproveitou-se da dor que ele sentia para arrancar a sacola de plástico da cabeça. O cheiro do interior da sacola era doce, porém, enjoativo. Laurie afastou-se da mesa, passou em disparada por Tony, que ainda estava curvado, e depois por Angelo, que guarnecia o lado de fora da sala.

– Mas que droga! – gritou Angelo. E partiu atrás de Laurie.

Tony, quase recuperado, saiu mancando atrás de Angelo, carregando a maleta preta, a sacola de plástico e o cilindro de gás.

Laurie disparou pelo caminho por onde entrara, passando pela pilha de caixões de indigentes e pelo refrigerador da entrada. Esperava deparar com alguém da equipe da custódia; alguém que pudesse socorrê-la.

Quando viu a luz na sala principal de autópsia, ficou encorajada. Atravessou as portas de vaivém a toda a velocidade. Lá dentro, Laurie ficou excitada ao encontrar um homem esfregando o chão.

– Você precisa me ajudar! – disse, ofegante.

O zelador ficou chocado com seu súbito aparecimento.

– Tem dois homens me perseguindo – gritou Laurie.

Ela correu até a pia e pegou uma das enormes facas de autópsia. Sabia que não seria uma grande ajuda contra uma pistola, mas foi a única defesa em que conseguiu pensar.

O confuso zelador olhou para Laurie como se ela estivesse louca e, antes que pudesse dizer alguma coisa, a porta abriu-se pela segunda vez. Angelo entrou correndo com a arma na mão.

– Acabou! – grunhiu Angelo entre ofegos ásperos e esbaforidos.

A porta abriu-se outra vez atrás dele. Tony entrou investindo, segurando a maleta preta e a parafernália do gás com uma das mãos, a arma na outra.

– O que está acontecendo? – perguntou o zelador.

Seu choque tornara-se medo com a visão das armas. Ele agarrava o esfregão com ambas as mãos, como se estivesse preparado para usá-lo como arma.

Sem mais nenhuma provocação, Tony ergueu a pistola e atirou na cabeça do zelador, que cambaleou e sucumbiu. Tony se aproximou para alvejar o zelador pela segunda vez.

– É a garota que eu quero – berrou Angelo. – Esqueça o faxineiro. Gás nela!

Como tinha feito na sala da segurança, Tony inflou a sacola de plástico e se aproximou de Laurie.

Paralisada pelo choque de ter visto o zelador ser assassinado na sua frente, Laurie ficou temporariamente incapaz de resistência. A faca de autópsia deslizou de sua mão e se espatifou no chão.

Tony foi para trás dela e enfiou a sacola em sua cabeça. Após aspirar algumas vezes o gás doce do interior da sacola, Laurie levantou a mão como que para arrancar a bolsa de plástico. Mas os esforços foram feitos tarde demais. Seus joelhos cederam e ela caiu no chão, inconsciente.

– Corra lá fora e pegue um daqueles caixões de pinho – disse Angelo. – Seja rápido.

Alguns minutos depois, Tony retornou com um caixão, pregos e um martelo. Baixou o caixão ao lado de Laurie. Com Angelo na cabeça dela e Tony nos pés, ela foi colocada dentro do caixão; depois eles retiraram a sacola de plástico. Tony colocou a tampa e estava prestes a fechá-la com pregos quando Angelo sugeriu que fosse colocado mais gás no interior.

Tony enfiou o cilindro debaixo da tampa e tentou encher o caixão. Ele respirou rápido o gás. Puxou a mão para fora e fechou a tampa.

– Isso é tudo que consigo meter aí dentro – disse Tony.

– Espero que isso segure a mulher. Traga um daqueles vagões ali. – Angelo apontou para uma maca encostada na parede dos fundos.

Tony empurrou a maca enquanto Angelo pregava a tampa do caixão. Em seguida, os dois ergueram o caixão e colocaram em cima da maca. Tony jogou a sacola de plástico e o cilindro de gás dentro da maleta de médico e colocou esta em cima do caixão. Juntos, ele e Angelo empurraram a maca porta afora. Encaminharam-se para o desembarcadouro. Movendo-se a toda a velocidade, passaram pela sala mortuária, depois fizeram a volta e passaram pela sala da segurança.

Enquanto Tony aguardava na borda do desembarcadouro e se assegurava de que a maca não rolaria, Angelo foi verificar o interior dos rabecões. No primeiro encontrou as chaves na ignição. Correu de volta a Tony e disse que usariam o rabecão. Com a maior rapidez possível e usando as chaves para abrir as portas traseiras, os dois

enfiaram o caixão de Laurie na traseira do veículo. Angelo jogou as chaves na mão de Tony.

– Você a leva – disse Angelo. – Vá diretamente para o cais. Eu te encontro lá.

Tony entrou na frente do rabeção e deu partida.

– Saia com isso – berrou Angelo.

Com acenos frenéticos, ele orientou Tony enquanto este dava uma ré até a Rua 30. Mais uma vez, Angelo pôde ouvir vozes dentro da morgue.

– Vá andando – disse, dando um tapa na lateral do rabeção.

Ficou observando até Tony pegar a Primeira Avenida. Em seguida, correu a toda a velocidade para seu carro, ligou-o e foi atrás de Tony.

Assim que alcançou o rabeção, Angelo ligou para Cerino no telefone celular.

– Pegamos a mercadoria – disse.

– Genial – exclamou Cerino. – Traga-a para o cais. Vou ligar para o Doc Travino. Nós nos encontraremos lá.

– Não foi uma operação limpa – disse. – Mas parece que estamos limpos. Ninguém está nos seguindo.

– Tudo bem, já que você pegou a mulher – replicou Cerino. – E seu horário está perfeito. O Montego Bay parte amanhã de manhã. Nossa pequena médica vai fazer um cruzeiro.

# 16

## SEGUNDA-FEIRA, 20 e 55, MANHATTAN

Lou entrou no desembarcadouro da morgue e estacionou o carro ao lado. Havia apenas um rabeção na entrada, em vez dos dois habituais, de modo que poderia ter levado o carro até a entrada. Mas, imaginando que o outro rabeção logo retornaria, não quis ficar no caminho.

Colocou o distintivo no painel e saltou do carro. Lou queria chutar o próprio traseiro por ter dado estocadas em Laurie ao telefone. Quando aprenderia a se conter? As críticas a Jordan só haviam servido para deixá-la mais na defensiva em relação ao médico.

Realmente, dessa vez Laurie devia ter explodido. Lou compreendia por que motivo ela não atendera quando tornara a ligar, mas mesmo que estivesse enfurecida, achava que ela o chamaria. Como não havia ligado após uma hora, resolvera dirigir-se ao Departamento de Medicina Legal para conversar frente a frente com ela. Lou esperava que ela não tivesse partido.

Passou pela sala da segurança e olhou para dentro através da janela. Ficou meio surpreso ao constatar que não havia ninguém por lá, mas imaginou que o guarda da segurança estivesse fazendo suas rondas. Descendo mais no corredor, verificou a sala mortuária, mas ela também estava vazia.

Lou coçou a cabeça. O lugar parecia deserto. Reinava o silêncio da morte, pensou com uma risada. Olhou para o relógio. Não era tão tarde assim, e aquele lugar não devia ficar aberto 24 horas por dia? Afinal de contas, as pessoas morriam nas 24 horas do dia. Com um encolher de ombros, Lou caminhou até os elevadores e subiu ao andar de Laurie.

Assim que saiu do elevador, notou que ela não estava presente. A porta se encontrava fechada e a sala escura. Mas Lou não estava a ponto de desistir. Não por enquanto. Lembrou-se que Laurie dissera algo sobre alguns resultados de laboratório. Decidiu

verificar se podia encontrar o laboratório certo e, então, talvez Laurie. Desceu um andar de elevador, sem saber ao certo onde encontrar o laboratório apropriado. Viu uma luz acesa no final do corredor do quarto andar. Atravessou toda a extensão do corredor e espiou pela porta aberta.

– Desculpe-me – disse para um jovem de jaleco branco de laboratório, debruçado sobre uma das peças principais do pesado equipamento.

Peter levantou a vista.

– Estou procurando Laurie Montgomery – disse Lou.

– Você e todo mundo mais – respondeu Peter. – Não sei onde está agora, mas meia hora atrás ela desceu à morgue para examinar um corpo no refrigerador da entrada.

– Alguém mais esteve à procura dela?

– Sim. Dois homens que eu nunca tinha visto antes.

– Obrigado.

Lou agradeceu, virou em direção ao elevador e desceu o corredor à pressa. Não gostou de ouvir que dois estranhos tinham procurado Laurie, não depois do que ela dissera sobre os dois supostos policiais à paisana que foram ao seu apartamento.

Seguiu direto ao andar da morgue. Ao sair do elevador, ficou surpreso porque ainda não tinha visto uma alma, a não ser aquele sujeito do laboratório. Com preocupação crescente, desceu correndo o comprido corredor, em direção ao refrigerador da entrada.

O fato de encontrar a porta entreaberta só serviu para aumentar sua intranqüilidade.

Com medo crescente, empurrou a porta, abrindo-a por completo. O que viu foi muito pior do que poderia ter imaginado. Corpos estavam espalhados em desordem no interior do refrigerador. Duas macas estavam tombadas de lado. Vários dos lençóis que cobriam os corpos tinham sido puxados para o lado. Mesmo depois da experiência de alguns dias na sala de autópsia, Lou ainda não tinha estômago para aquilo. E o que quer que tivesse acontecido com Laurie, aquele campo de batalha coberto de corpos dificilmente seria um augúrio auspicioso.

Localizou uma carteira no meio dos destroços. Empurrando macas para o lado, ele pegou-a para examinar a carteira de identidade.

Abriu a carteira. A primeira coisa que viu foi a foto de Laurie na carteira de motorista. Ao sair correndo do refrigerador, a preocupação de Lou transformou-se em medo, em especial se estivesse correta sua teoria sobre os assassinatos. Com movimentos frenéticos, procurava alguém, qualquer pessoa. Sempre havia alguém à disposição na morgue. Vendo a luz na sala principal de autópsia, correu até ela e abriu as portas com um empurrão, mas ali também não havia ninguém.

Girou nos calcanhares e disparou de volta à sala da segurança para usar o telefone. Ao entrar na sala, viu no mesmo instante o corpo do guarda no chão. Os olhos vazios do guarda olhavam fixamente para Lou. Havia um buraco de bala na testa. Lou examinou a pulsação, mas não havia nenhuma. O homem estava morto.

Levantou-se, pegou o telefone e discou 911. Assim que a telefonista atendeu, identificou-se como sendo o tenente Lou Soldano e requisitou uma unidade de Homicídios para o necrotério da cidade. Acrescentou que a vítima estava na sala da segurança, mas que não poderia esperar pela chegada da unidade.

Bateu o telefone, correu até o desembarcadouro da morgue e saltou para dentro do carro. Ligou o motor, deu uma ré com os pneus cantando, deixando duas faixas de borracha na entrada de carros. Não tinha outra opção a não ser dirigir-se diretamente à casa de Paul Cerino. Era hora de pôr as cartas na mesa. Grudou a luz de emergência no teto do carro e chegou ao endereço de Cerino, no Queens, após 23 minutos de uma corrida de arrepiar os cabelos.

Subiu correndo os degraus da frente da casa de Cerino, levou a mão ao coldre de ombro e desabotoou a tira de couro que prendia o Smith and Wesson calibre 38, modelo Detetive Special. Tocou a campainha, impaciente. A julgar por todas as luzes acesas, alguém tinha que estar em casa.

Lou sabia que estava operando com um palpite que dependia de estar correta sua teoria sobre os assassinatos. Mas no momento

isso era tudo que tinha, e sua intuição lhe dizia que o tempo era de extrema importância.

Uma luz acendeu-se acima de sua cabeça. Em seguida, teve a sensação de que alguém o observava pelo olho mágico. Por fim, a porta foi aberta. Gloria estava parada na porta, usando um de seus vestidos caseiros simples.

– Lou! – disse Gloria em tom agradável. – O que o traz aqui?

Lou passou por ela e entrou na casa.

– Onde está Paul? – perguntou. E foi olhar na sala de estar onde Gregory e Steven viam tevê.

– Qual é o problema? – perguntou Gloria.

– Preciso falar com Paul. Onde ele está?

– Não está aqui. Tem alguma coisa errada?

– Uma coisa muito errada. Sabe onde Paul está?

– Não tenho certeza. Mas eu o ouvi falando no telefone com o Dr. Travino. Acho que ele disse algo sobre ir até a firma.

– Você quer dizer o cais?

Gloria concordou com um aceno de cabeça.

– Ele corre perigo? – perguntou Gloria. A angústia de Lou era contagiante.

Já estava a meio caminho porta afora. Gritando por cima do ombro, ele disse:

– Vou cuidar disso.

De volta ao carro, ligou o motor e fez uma larga curva em U no meio da rua. Ao acelerar, vislumbrou Gloria parada na soleira da porta, levando as mãos ao peito num gesto de ansiedade.

A primeira sensação de Laurie foi de náusea, mas ela não vomitou apesar de ter tido ânsias. Acordou por estágios, tornando-se pouco a pouco consciente do movimento e dos desconfortáveis solavancos e pancadas. Também tomou conhecimento da vertigem, como se estivesse girando, e de uma terrível sensação de falta de ar, como se estivesse asfixiando-se.

Tentou abrir os olhos, só para perceber com um terrível choque que já estavam abertos. Onde quer que se encontrasse, estava escuro como breu.



Quando ficou mais desperta, Laurie tentou mover-se, mas, ao fazê-lo, no mesmo instante, pernas e braços se chocaram com uma superfície de madeira. Explorando com as mãos, rapidamente determinou que estava dentro de uma caixa. Uma onda de medonha claustrofobia percorreu-a como um vento frio, quando percebeu que estava trancafiada num caixão de indigente! Ao mesmo tempo, a lembrança do que ocorrera no Departamento de Medicina Legal fluiu de volta com clareza endurecedora: a perseguição, aqueles dois homens horríveis, o guarda morto, o pobre zelador assassinado a sangue-frio. E, em seguida, outro pensamento horripilante ocorreu-lhe: e se eles estivessem planeando enterrá-la viva?!

Possuída pelo terror, Laurie tentou levantar os joelhos, fazendo pressão contra a tampa do caixão. Em seguida, tentou chutar, mas tudo foi em vão. Ou alguma coisa muitíssimo pesada estava em cima da tampa ou esta fora pregada com firmeza.

– Ahhhh – gritou Laurie quando o caixão chocalhou com força.

Foi então que percebeu que se encontrava em algum tipo de veículo. Tentou gritar, mas o único resultado disso foi ferir os próprios ouvidos. A seguir, tentou bater na parte de baixo da tampa com o punho, mas era difícil naquele espaço confinado.

O chocalhar parou de maneira abrupta. Também cessou a vibração do motor. Depois houve um barulho distante, como se as portas do veículo estivessem sendo abertas. Laurie sentiu o caixão mexer-se.

– Socorro! – gritou. – Não consigo respirar.

Ouviu vozes, mas não estavam falando com ela. Numa onda de pânico desesperado, tentou mais uma vez bater na parte de baixo da tampa enquanto debulhava-se em lágrimas. Não pôde conter-se. Nunca em sua vida estivera tão aterrorizada.

Laurie percebeu que a carregavam durante algum tempo. Odiou pensar para onde a estariam levando. Iriam realmente enterrá-la? Ouviria ela a terra caindo sobre a tampa?

Com um baque final, o caixão foi arriado. Mas não atingiu o chão. O barulho pareceu de madeira. Laurie arfava à procura de ar entre soluços, enquanto sua testa encheu-se de suor frio.

Lou não sabia ao certo onde ficava a Companhia Americana de Fruta Fresca, mas sabia que se situava na área do cais do Green Point. Tinha estado lá uma vez anos atrás e esperava lembrar-se do lugar.

Ao chegar ao distrito da zona portuária, tirou do teto a luz de emergência e desligou-a. Continuou pela Greenpoint até não poder mais seguir em frente; então, virou para o norte na West Street, enquanto o tempo inteiro esquadrihava os armazéns abandonados à procura de algum sinal de vida.

Começava a sentir-se desanimado e progressivamente desesperado, até avistar uma estrada com o nome de Java Street. O nome recordou-lhe algo. Pegou à esquerda nessa rua, aproximando-se mais ainda do rio. Um quarteirão abaixo havia uma cerca de correntes. Acima do portão aberto havia um cartaz com o nome da firma de Cerino. Vários carros estavam estacionados no outro lado do portão. Lou reconheceu um deles como sendo o Lincoln Continental de Cerino. Atrás dos carros havia um gigantesco armazém que se estendia sobre o cais. Acima e atrás do armazém, podia ver o topo da superestrutura de um navio.

Atravessou o portão e estacionou ao lado do carro de Cerino. Uma larga porta superior do armazém estava aberta. Lou pôde distinguir a traseira de um rabeção estacionado na escuridão do interior. Desligou o motor e saltou do carro. A única coisa que conseguia ouvir eram os guinchos distantes de algumas gaiotas.

Lou examinou sua arma, mas deixou-a no coldre. Foi na pontinha dos pés até a porta aberta e espiou para ter uma idéia melhor do rabeção. Ao ver a inscrição SECRETARIA DE SAÚDE E HOSPITAL em sua lateral, sentiu-se encorajado. Olhando em volta na escuridão do armazém, nada viu a não ser os vagos contornos de pilhas de bananas. Não havia ninguém à vista, mas na direção da extremidade do cais, para os lados do rio, talvez a cem metros de distância, pôde ver o brilho de uma luz.

Lou refletiu sobre a possibilidade de telefonar pedindo apoio. Um procedimento policial adequado requereria essa medida, mas ele receava não haver tempo. Precisava ter certeza de que Laurie não

corria perigo imediato. Uma vez que fizesse isso, poderia perder tempo e telefonar pedindo ajuda.

Evitando o corredor central através das bananas, avançou pela lateral até encontrar outro corredor, que dava para o cais lá fora. Lou avançou tentando, movendo-se na direção geral da luz.

Levou cinco minutos para chegar ao lado da luz. Com todo o cuidado, moveu-se de novo lateralmente até poder ver que a luz saía de um escritório com janela. Havia gente no interior. Reconheceu Cerino de imediato.

Aproximando-se centímetro por centímetro, Lou teve uma visão melhor do interior. O mais importante, viu Laurie. Ela estava sentada numa cadeira de espaldar reto. Lou pôde ver inclusive que sua testa brilhava de suor.

Sentindo que Laurie estava bem por enquanto, começou a retornar pelos mesmos passos, com toda cautela. Agora queria usar o rádio do carro para pedir apoio. Com todo o pessoal disponível no departamento, Lou não estava a fim de bancar o herói e invadir o local sem pedir licença.

De volta ao carro, Lou pegou o rádio da polícia. Estava prestes a falar quando sentiu a pressão de metal frio na nuca.

– Saia do carro – ordenou uma voz.

Lou virou-se devagar e levantou a vista para o rosto macilento de Angelo.

– Fora do carro!

Com gestos cautelosos, Lou recolocou o microfone no lugar e saiu no asfalto.

– De cara para o carro – ordenou Angelo.

Angelo revistou Lou, retirando a arma ao encontrá-la.

– Tudo bem – disse. – Vamos até o escritório. Talvez você também queira fazer um pequeno cruzeiro.

– Não sei do que vocês estão falando! – disse Laurie.

Ela estava tremendo. O caixão onde havia sido trancafiada estava ao lado. Laurie estava aterrorizada com a possibilidade de forçarem-na a voltar para o caixão.

– Por favor, doutora – disse Travino. – Também sou médico. Falamos a mesma linguagem. A única coisa que queremos saber é como você decifrou. Como adivinhou que aqueles casos não eram as overdoses do tipo comum que vocês recebem dia sim, dia não?

– Você deve estar pensando que sou outra pessoa – disse Laurie.

Ela tentava pensar, mas era difícil, com o terror. No entanto, ocorreu-lhe que a razão pela qual permanecia viva era porque estavam desesperados para saber como solucionara o caso. Em consequência, não queria contar para eles.

– Deixem essa mulher por minha conta – suplicou Tony.

– Se você não falar para o médico – disse Paul – serei obrigado a deixar que Tony faça à maneira dele.

Nesse momento, a porta do armazém foi aberta e Lou Soldano foi empurrado para dentro do escritório. Angelo seguiu atrás, segurando a arma junto ao corpo.

– Companhia! – disse ele.

– Quem é, Angelo? – perguntou Paul. O tapa-olho ainda estava sobre o olho operado.

– É Lou Soldano. Estava prestes a usar o rádio dele.

– Lou? – ecoou Cerino. – O que está fazendo aqui?

– Estava de olho em você – disse Lou. Olhando para Laurie, ele perguntou: – Você está bem?

Laurie sacudiu a cabeça.

– Tão bem quanto se poderia esperar – disse ela por entre as lágrimas.

Angelo pegou uma cadeira e colocou-a ao lado da de Laurie.

– Sente-se! – rosnou.

Lou sentou-se, os olhos colados em Laurie.

– Está machucada? – perguntou.

– Travino – disse Paul, furioso – todo esse negócio está ficando complicado demais. Você e suas grandes idéias. – Depois disse para Angelo: – Mande alguém lá fora para se assegurar de que Soldano está sozinho. E livre-se do carro dele. E, para ficarmos seguros, vamos supor que ele teve a chance de fazer a chamada antes de ser caçado por nós.

Angelo estalou os dedos para vários capangas de baixa hierarquia, que acompanhavam Cerino. No mesmo instante, os homens saíram do escritório.

– Quer que eu cuide do detetive? – perguntou Tony.

Paul descartou-o com um aceno.

– O fato dele estar aqui significa que sabe mais do que devia saber – disse. – Ele também vai no cruzeiro. Vamos ter que conversar com ele da mesma maneira que teremos de falar com a moça. Mas por enquanto vamos levá-los ao Montego Bay, e rápido. Prefiro que a tripulação veja o mínimo possível. O que você sugere?

– Gás! – disse Angelo.

– Boa idéia – aprovou Paul. – Tony, a vez é sua.

Tony deu um pulo com a oportunidade de se exibir na presença de Paul Cerino. Tirou da maleta um par de sacolas de plástico e o cilindro de gás. Assim que inflou a primeira sacola, amarrou-a e começou com a segunda, enquanto a primeira flutuava lentamente em direção ao teto.

Um dos capangas retornou e informou que não havia ninguém mais por perto, e que já haviam cuidado do carro de Soldano.

O súbito apito vibrante da sirene do navio Montego Bay fez todos estremecerem. O navio estava do outro lado da parede do escritório, que não tinha isolamento contra barulhos. Paul praguejou. Tony soltou a segunda sacola e escapou um pouco de gás na sala.

– Essa coisa nos faz mal? – perguntou Cerino, sentindo o cheiro do gás.

– Não – disse o Dr. Travino.

Na confusão, Laurie virou-se para Lou.

– Você está com os seus cigarros? – perguntou.

Lou fitou-a como se não houvesse compreendido direito.

– Do que está falando?

– De seus cigarros – repetiu ela. – Me passe os cigarros.

Lou enfiou a mão no bolso do paletó. Quando estava prestes a retirar a mão, outra mão agarrou-o pelo pulso. Era o gângster que informara sobre o carro de Lou. O bandido olhou fixo para Lou e puxou-lhe a mão para fora do paletó. Quando viu que Lou estava apenas segurando um maço de cigarros com fósforos sob o papel

celofane, ele soltou-lhe o braço e deu um passo para trás. Ainda desconcertado, Lou entregou os cigarros a Laurie.

– Você está sozinho? – perguntou Laurie num sussurro.

– Infelizmente – respondeu Lou com outro sussurro. E tentou sorrir para o bandido que segurara seu pulso. O sujeito ainda olhava fixo para ele.

– Quero que você fume um cigarro – disse Laurie.

– Sinto muito. No momento não estou interessado em fumar.

– Pegue! – vociferou Laurie.

Lou fitou-a, perplexo.

– Está bem – disse ele. – Seja como você quiser.

Laurie tirou um cigarro do maço e enfiou-o na boca de Lou. Em seguida, deixou os fósforos deslizarem para fora. Tirou um palito e levantou a vista para o gângster que os observava com tanta atenção. A expressão dele não havia mudado.

Laurie protegeu o palito de fósforo e riscou-o. Lou reclinou-se à frente, o cigarro entre os lábios. Mas Laurie não acendeu o cigarro. Em vez disso, usou o palito para pôr fogo em toda a caixa de fósforos. Uma vez que a caixa pegou fogo, ela atirou-a na direção de Tony e suas sacolas de plástico. No mesmo movimento, ela tombou para o lado da cadeira, arrastando um surpreso Lou nesse ato. Os dois tombaram juntos no chão.

A explosão resultante foi forte, sobretudo em volta de Tony e para cima, em direção ao teto onde o etileno que escapou formou uma camada e onde se posicionara a primeira sacola. O abalo da explosão estourou todas as janelas do escritório, assim como a porta e as luzes do teto, poupando apenas um abajur em cima da escrivaninha. Tony foi consumido pela bola de fogo. Angelo foi arremessado contra a parede, onde caiu sentado, com os tímpanos explodidos. Seus cabelos tinham sido queimados até o couro cabeludo e ele sofreu algum dano interno nos pulmões. Todos os outros foram nocauteados e no momento estavam caídos no chão, sem sentidos e superficialmente queimados. Alguns conseguiram ficar de quatro, mas gemiam e estavam tontos.

No chão, Laurie e Lou foram mais ou menos poupados, já que ficaram abaixo de qualquer camada de etileno, embora tivessem

sofrido algumas queimaduras sem importância e um pequeno dano no ouvido provocado pela forte detonação. Laurie abriu os olhos e soltou Lou.

– Você está bem? – perguntou ela. Seus ouvidos ainda zumbiam.

– Mas que droga aconteceu? – espantou-se Lou.

Laurie pôs-se de pé com movimentos desordenados. E puxou Lou pelo braço para levantá-lo.

– Vamos cair fora daqui! Mais tarde eu explico.

Juntos, os dois passaram por cima e em volta de pessoas que gemiam espalhadas no chão. Tossiam com a fumaça corrosiva. Do lado de fora da porta explodida do escritório, seus pés esmagaram o vidro espatifado. Viram, no final do corredor de bananas, uma lanterna elétrica bamboleando no escuro. Alguém estava correndo na direção deles.

Lou puxou Laurie para o lado, afastando-a do escritório e pegando a direção original por onde chegara. Enquanto se comprimiam atrás de uma pilha de bananas, os passos de corrida se aproximavam. Pouco tempo depois, outro *gangster* de Cerino parou ofegante na soleira do escritório. Durante alguns momentos ele ficou parado, com a boca aberta, assombrado. Em seguida, foi ajudar o chefe. Paul estava sentado no chão diante da escrivaninha, com as mãos na cabeça.

– É a nossa chance – sussurrou Lou.

Ele agarrou-se em Laurie enquanto voltavam em direção à entrada do armazém. A caminhada era lenta por causa da escuridão e pelo fato de desejarem se manter longe do corredor principal, para o caso de haver outros homens de Cerino na área.

Levaram quase dez minutos até poderem avistar o vago contorno da abertura da porta superior. Na frente dela estava a silhueta negra do rabeção da morgue. Ainda estava estacionado no mesmo lugar de quando Lou chegou.

– É provável que meu carro tenha desaparecido – sussurrou ele. – Vamos ver se as chaves estão no rabeção.

Aproximaram-se do rabeção, com cuidado. Lou abriu a porta do motorista e tateou ao longo da coluna do volante. Seus dedos

tocaram as chaves ainda penduradas na ignição.

– Graças a Deus – disse. – Estão aqui. Entre!

Laurie entrou no lado do carona. Lou já estava preparado atrás do volante.

– Assim que eu der a partida nessa coisa – sussurrou Lou apressado – vamos sair daqui rápido. Mas pode ser que não estejamos em segurança. Talvez haja tiros; portanto, que tal ir lá para trás e se deitar?

– Trate de ligar o motor – disse Laurie.

– Vamos – replicou Lou. – Não discuta.

– É você que está discutindo – vociferou Laurie. – Vamos embora!

– Ninguém vai a parte alguma! – disse uma voz à esquerda de Lou.

Com uma sensação de abatimento, Laurie e Lou olharam para a janela do lado de Lou. Havia uma série de homens de chapéus cobrindo os rostos, parados na escuridão. Uma lanterna elétrica foi acesa e brincou sobre o rosto de Lou, depois sobre o de Laurie. Os dois piscaram os olhos com o clarão.

– Fora do furgão – ordenou a mesma voz. – Os dois.

Com as esperanças destroçadas, Laurie e Lou saltaram. Não podiam ver os homens por causa da luz brilhante que os ofuscava, mas pareciam ser três.

– Vamos voltar ao escritório.

– Desanimados – ordenou a mesma voz.

Laurie e Lou pegaram o caminho de volta.

O cenário no escritório ainda era caótico. Pairava no ar uma fumaça densa. Um dos capangas ainda sentou-se na cadeira da escrivaninha de Cerino e ajudou o chefe a levantar-se do chão, as costas apoiadas na parede. Angelo continuava sentado no chão e um fio de sangue pingava do canto da boca. Estava com um ar desconcertado.

Uma lâmpada adicional fora acesa e agora a extensão dos danos era mais evidente. Laurie ficou surpresa com os danos causados pela explosão. O velho texto sobre quantidade de farmacologia não estava brincando: quando afirmava que o etileno



era inflamável queria dizer inflamável mesmo. Ela e Lou tiveram a sorte de não sofrerem danos mais sérios.

Laurie e Lou receberam os mesmos assentos de poucos minutos antes. Ao sentar-se, Laurie deu uma olhadela nos restos carbonizados de Tony. Fez uma careta e desviou o olhar.

– Meu olho dói – queixou-se Paul.

– Alguém aí, me ajude – gritou Cerino.

– Que está acontecendo? – disse ele. – Tem alguma coisa esquisita acontecendo.

– Não sei – sussurrou para Lou.

Laurie levantou a vista para os três homens. Eles eram diferentes, limpavam as unhas, ajeitavam gravatas. Laurie olhou na outra direção e viu o sujeito ir para o escritório, logo depois que ela e Lou saíram. Estava numa cadeira, com a cabeça apoiada nas mãos. Laurie ouviu o barulho de passos que se aproximavam. O som era como se a pessoa que se aproximava tivesse pontas metálicas nos saltos.

Lou viu feixes de várias lanternas elétricas balançando na direção deles.

Pouco tempo depois um homem bonito, moreno e bastante garboso chegou à porta explodida. Ele parou para inspecionar o cenário. Estava trajado com um casaco de *cashmere* escuro sobre um terno com tiras finas. O cabelo era penteado para trás a partir da testa.

– Meu Deus, Cerino! – disse ele com escárnio. – Que bagunça você fez!

Laurie olhou para Cerino. Cerino não respondeu; nem sequer se mexeu.

– Não posso acreditar – disse Lou.

Laurie girou a cabeça para o outro lado. Olhou para Lou e viu o choque estampado em seu rosto.

– Que está acontecendo? – perguntou.

– Eu sabia que tinha alguma coisa esquisita que estava rolando.

– O quê? – indagou Laurie.

– Ele é Vinnie Dominick.

– Quem é Vinnie Dominick?

Vinnie sacudiu a cabeça, examinando o que sobrara de Tony, depois foi até o lado de Lou.

– Detetive Soldano – disse Vinnie. – Sua presença aqui é muito conveniente. – Tirou um telefone celular do bolso do casaco e entregou-o ao detetive. – Imagino que queira contatar seus colegas para ver se eles têm a bondade de vir aqui. Estou certo de que a promotoria pública gostaria de ter uma longa conversa com Paul Cerino.

Em segundo plano, Laurie tomou conhecimento dos três homens que tinham montado guarda antes da chegada de Vinnie Dominick. Nesse momento, eles circulavam a sala, recolhendo as armas. Um deles levou a de Lou para Vinnie, depois de retirá-la de Angelo. Vinnie devolveu-a a Lou.

Sem conseguir acreditar no que via, Lou baixou o olhar para o telefone numa mão e a arma na outra.

– Vamos lá, Lou – disse Vinnie. – Faça sua chamada. Infelizmente tenho um outro compromisso, de modo que não poderei estar por aqui quando os homens de azul chegarem. Além disso, sou um cara mais ou menos tímido e não me sentiria confortável com toda a aclamação que a municipalidade iria querer lançar na minha direção, por eu ter salvado o dia. É óbvio que você sabe o que o Sr. Cerino andou aprontando, de modo que não vai precisar da minha ajuda. Mas, se não for assim, não hesite em me dar um telefonema. Tenho certeza que sabe como me contatar.

Vinnie começou a andar em direção à porta, acenando para seus homens seguirem-no. Quando passou por Angelo, virou-se de volta a Lou.

– É melhor chamar uma ambulância para o Angelo aqui – disse ele. – Não está com boa cara. – Em seguida, baixando o olhar para Tony, acrescentou: – O rabecão lá fora vai cair como uma luva para esse monte de merda de cachorro. – Com isso ele foi embora.

Lou passou a arma para Laurie enquanto usava o telefone celular para chamar o 911. Ele identificou-se para a telefonista e disse o endereço. Quando terminou, pegou o revólver de volta.

– Quem é esse tal de Vinnie? – perguntou Laurie.

– É o principal rival de Cerino – disse Lou. – Deve ter descoberto o que Cerino estava aprontando e essa foi a maneira dele entregá-lo à polícia. Muito eficiente, eu diria, já que estamos aqui para testemunhar. Também é uma maneira esperta de se livrar do concorrente.

– Você quer dizer que Vinnie sabia que Cerino estava por trás de todas aquelas overdoses? – perguntou Laurie; estava embasbacada.

– Do que você está falando? Vinnie deve ter calculado que Cerino estava matando pacientes que estavam na frente dele na lista de espera para o transplante de córnea de Jordan Scheffield.

– Oh, meu Deus! – exclamou Laurie.

– O que é agora? – perguntou Lou. Depois da noite que vinha tendo, não estava preparado para mais coisas.

– É duas vezes pior do que eu pensava – disse Laurie. – As overdoses de droga eram, de fato, homicídios para se conseguir olhos. Cerino mandava matar as pessoas que se alistaram no Depósito de Órgãos de Manhattan para doar órgãos.

Lou olhou de soslaio para Cerino.

– Ele é mais psicopata do que eu jamais poderia imaginar. Deus, ele estava operando nos dois lados do problema!

Cerino levantou a cabeça que estava apoiada nas mãos.

– O que eu devia fazer? Esperar como todo mundo? Eu não podia me dar ao luxo de esperar. Em meu ramo de negócios, no dia que não pudesse enxergar, corria o risco de ser morto. A culpa é minha, se os hospitais não têm um número suficiente de córneas?

Laurie deu um tapinha no ombro de Lou, que se virou para ficar frente a frente com ela.

– Tem uma estranha ironia nessa história toda – disse Laurie, sacudindo a cabeça. – Nós discutimos sobre que série era mais relevante do ponto de vista social e, por conseguinte, mais importante, se os seus assassinatos ao estilo das gangues ou se as minhas overdoses de gente rica, só para aprendermos que elas eram intimamente relacionadas. Elas eram apenas dois lados do mesmo negócio horrendo.

– Vocês não podem provar coisa nenhuma – resmungou Cerino.

– Oh, é mesmo? – disse Laurie.

# **EPÍLOGO**

## **JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 10 e 15,**

### **MANHATTAN**

Lou Soldano bateu os pés para tirar a neve úmida dos sapatos e entrou na morgue. Sorriu para o homem que se encontrava na sala da segurança, que não o interpelou, e foi direto ao vestiário. Rapidamente, trocou de roupa, vestindo as verdes, de proteção.

Detendo-se do lado de fora das portas da sala principal de autópsia, colocou uma máscara, depois entrou. Seus olhos viajaram de uma extremidade a outra, inspecionando o pessoal de cada mesa. No final, seus olhos localizaram uma figura conhecida que nem mesmo a bata volumosa, o avental e o capuz conseguiam ocultar.

Caminhou até a mesa e olhou para baixo. Laurie estava ocupadíssima com um cadáver gigantesco. Naquele momento, ela estava sozinha.

– Eu não sabia que vocês faziam baleias aqui – disse Lou.

Laurie levantou a vista.

– Oi, Lou – disse ela em tom animado. – Você se importaria em coçar meu nariz? – Ela girou, afastando-se da mesa e fechou os olhos enquanto Lou obedecia. – Um pouco mais embaixo. Ahhhh. Assim está bem. – Abriu os olhos. – Obrigada. – Então, voltou ao trabalho.

– Caso interessante? – perguntou Lou.

– Muito interessante. Supunham que era suicídio, mas estou começando a pensar que ele compete ao seu departamento.

Lou observou durante alguns minutos e estremeceu.

– Acho que nunca me acostumarei com seu trabalho.

– Bem, pelo menos estou trabalhando.

– É verdade. No entanto, para começo de conversa, você não devia ter sido demitida. Por sorte, as coisas têm uma maneira de se solucionar bem.

Laurie levantou a vista.

– Acho que as famílias das vítimas não pensam assim.

– É verdade. Eu só me referi em relação ao seu emprego.

– No final das contas, Bingham foi indulgente. Ele não apenas me devolveu o emprego, como também admitiu que eu estava certa. Bem, certa em parte. Eu estava errada em relação à idéia de um contaminante.

– Bem, você estava certa em relação à parte importante. As mortes não eram acidentais, eram homicídios. E sua contribuição não terminou aí. Na verdade, foi por isso que passei por aqui. Acabamos de conseguir uma indicação irrefutável contra Cerino.

Laurie empertigou-se.

– Meus parabéns!

– Ei, a façanha não foi minha. O crédito é seu. Primeiro, conseguiu comparar aquela amostra de pele sob a unha de Júlia Myerholtz com os restos mortais de Tony Ruggerio. Isto foi crítico. Em seguida, exumou uma série de corpos até comparar os dentes de Kendall Fletcher no antebraço de Angelo Facciolo.

– Qualquer médico-legista poderia fazer isso.

– Não sei não – disse Lou. – Em todo caso, confrontado com essa prova incontestável, Angelo fez um acordo para receber uma pena menor e incriminou Cerino. Era o que precisávamos. Daqui para frente, a coisa vai ser moleza.

– Você também atuou muito bem – disse Laurie. – Você conseguiu que a empregada dos Kaufman reconhecesse Angelo numa fila de suspeitos e Tony em uma série de fotos.

– Isso não seria forte o bastante para uma indicação. Ou mesmo que conseguíssemos uma indicação, não conseguiríamos uma condenação. Não de Cerino, com certeza. Mas, em todo caso, acabou.

– Tremo só de pensar que há pessoas como Cerino lá fora – disse Laurie. – O que é muito assustador é a combinação da inteligência com a sociopatia. Por mais abominável que toda essa história de Cerino tenha sido, ela teve alguns aspectos engenhosos. Imagine esses assassinos colocando as pessoas em geladeiras para preservar por mais tempo o tecido da córnea! Eles sabiam que nós

atribuiríamos erroneamente isso à hiperpirexia causada pela toxicidade da cocaína.

– A questão é que a ampla maioria das pessoas que joga segundo as regras e se submete às leis não percebe que há um grande número de pessoas que faz o contrário. Um lado ruim da indicação de Cerino é que Vinnie Dominick não terá oposição. Ele e Cerino costumavam manter-se sob controle. As atividades do crime organizado aumentaram no Queens com a partida de Cerino, não diminuíram.

– Agora que tudo acabou – disse Laurie – eu me pergunto por que demoramos tanto tempo para decifrar o que estava acontecendo. Quero dizer, como médica eu sabia que Nova York está atrasada no tempo com suas leis de Medicina legal e que há uma lista de espera por córneas. Portanto, por que não vi isso antes?

– Aposto que o motivo por você não ter visto foi porque a coisa era diabólica demais. É difícil para a mente normal pensar em tal possibilidade.

– Eu gostaria de poder me convencer disso.

– Tenho certeza que é verdade.

– Talvez.

– Bem, só queria que você ficasse sabendo sobre Cerino – disse Lou e ficou mudando de um pé para o outro com movimentos desajeitados.

– Fico contente por você ter me avisado.

Ela examinou-o. Lou evitou os olhos dela.

– Acho que é melhor voltar para meu gabinete. – Nervoso, ele olhou em volta, assegurando-se de que ninguém prestava atenção neles.

– Tem alguma coisa que você gostaria de dizer? – perguntou Laurie. – Está agindo de uma maneira suspeitosamente familiar.

– É isso aí – disse Lou, enfim fazendo contato de olho. – Você gostaria de sair para jantar hoje à noite, um jantar apenas social, nada de negócios?

Laurie sorriu daquela reprise da dolorosa falta de jeito no traquejo social de parte de Lou. Isso era inesperado, em especial agora que os dois haviam trabalhado juntos no caso Cerino e se

conheciam melhor. Em todos os outros aspectos, Lou era decidido e confiante.

– Poderíamos voltar a Little Italy – disse Lou em resposta à hesitação de Laurie.

– Você nunca dá muito aviso prévio às moças – comentou Laurie.

Lou encolheu os ombros.

– Isso me dá uma desculpa para mim mesmo, caso você recuse.

– Infelizmente, tenho planos.

– Claro – apressou-se Lou a dizer. – Que ingenuidade minha perguntar. Bem, cuide-se. – Lou virou com um movimento abrupto.

– Diga olá por mim a Jordan – gritou por cima do ombro.

Laurie sentiu um acesso de raiva enquanto observava Lou caminhar com passos largos em direção às portas duplas. Ela lutou contra a vontade de dar a ele uma resposta ríspida. Ele não tinha perdido a tendência de ser enfurecedor.

As portas da sala de autópsia se fecharam atrás de Lou, e Laurie voltou ao trabalho que tinha em mãos. Mas hesitou. Então, arrancando as luvas de borracha, a bata e o avental, Laurie saiu da sala de autópsia com passos firmes. O corredor estava vazio. Lou já havia desaparecido. Imaginando que ele estivesse no vestiário, Laurie foi direto ao lado dos homens.

Laurie pegou Lou na metade do processo de tirar a camisa de proteção, expondo o peito musculoso e cabeludo. Constrangido, ele abaixou a camisa.

– Fiquei ofendida com sua dedução de que estou vendo Jordan Scheffield – disse Laurie, com as mãos apoiadas nos quadris. – Você sabe muito bem que ele estava implicado nesse negócio todo.

– Sei que estava implicado – disse Lou. – Mas também sei que o júri de instrução não o indiciou. Também fiz questão de saber que o Conselho de Medicina não vai puni-lo, apesar de haver uma forte suspeita de que ele sabia do que estava acontecendo. Na verdade, algumas pessoas acreditam que Jordan discutiu o caso com Cerino, mas nada fez porque gostou do aumento do número de cirurgias



proporcionado pela coisa. Portanto, Jordan está solto, ganhando uma nota preta como se nada tivesse acontecido.

– E você acha que eu ainda estaria vendo Jordan nessas circunstâncias? – perguntou Laurie, incrédula. – Isto é um insulto.

– Eu não sabia. Você nunca o mencionou.

– Pensei que estivesse claro – disse Laurie. – Além disso, como trabalhamos juntos e muito próximos, você podia ter perguntado.

– Sinto muito. Talvez seja mais porque eu estivesse com medo de que você ainda o estivesse vendo. Lembre-se que admiti que sempre senti um pouco de ciúme dele.

– Jordan é a última pessoa de quem você devia sentir ciúme. Jordan seria um felizardo se tivesse um grama de sua honestidade e integridade.

– Eu gostaria de ter um grama da formação acadêmica dele – disse Lou. – Ou da sofisticação dele. Ele sempre me fez sentir como um cidadão de segunda categoria.

– A urbanidade de Jordan é superficial. O dinheiro é a única coisa pela qual ele sente um interesse de verdade. Para mim, o embaraço é que eu estava tão cega em relação a Jordan quanto ao que Cerino estava fazendo. Fiquei desconcertada com a cantada dele e com sua aparente autoconfiança. Não me deixei enganar pela fachada, mas nada pude fazer, apesar de você me falar diretamente.

– A culpa não é sua – disse Lou. – Você tem mais consideração do que eu tenho pelas pessoas. Você não é o sacana cínico que eu sou. Além disso, não trabalha com a deficiência de formação como eu.

– Você devia sentir orgulho de sua formação. É a fonte de sua honestidade.

– É isso aí. Mas ainda assim eu preferiria ter freqüentado Harvard.

– Quando eu lhe disse que tinha planos para hoje à noite, esperava que você sugerisse para sairmos amanhã de noite ou na semana que vem. Por mais prosaico que possa parecer, hoje à noite vou à casa de meus pais. Que tal você me acompanhar?

– Está brincando. Eu?

– Sim – disse Laurie, tomando gosto pela idéia. – Um dos subprodutos positivos de toda essa história com Cerino foi o fato do meu relacionamento com meus pais ter melhorado de maneira tremenda. Pela primeira vez, meu pai reconheceu que eu fiz algo que ele poderia relatar de um modo positivo e penso que amadureci e deixei de ser criança. Até parei de me rebelar. Acho que o fato de eu ter lidado com essa história permitiu que enfim eu chegasse a um acordo com minha velha culpa em relação à morte de meu irmão.

– Bem, está começando a parecer fora de minha alçada – disse Lou.

– Suponho que pareça bombástico e extremamente analítico – concordou Laurie. – Mas o fundamental é que a visita aos meus pais pode ser divertida. Nos últimos tempos eu os vejo mais ou menos uma vez por semana. E adoraria que você fosse junto. Gostaria que eles conhecessem alguém por quem sinto um verdadeiro respeito.

– Você está me gozando? – perguntou Lou.

– De maneira nenhuma – disse Laurie. – Na verdade, quanto mais penso na coisa, mais espero que você vá comigo. E se você se divertir, talvez esteja disposto a me levar a Little Italy amanhã à noite mesmo.

– Senhora – disse Lou – negócio fechado.

**FIM**

Este livro foi digitalizado pelo grupo **Digital Source**